

HOLGER KERSTEN

Jesus Viveu na Índia

A desconhecida história de Cristo
antes e depois da Crucificação



EDICIONAL VIDA

9ª EDIÇÃO

HOLGER KERSTEN
JESUS VIVEU NA ÍNDIA

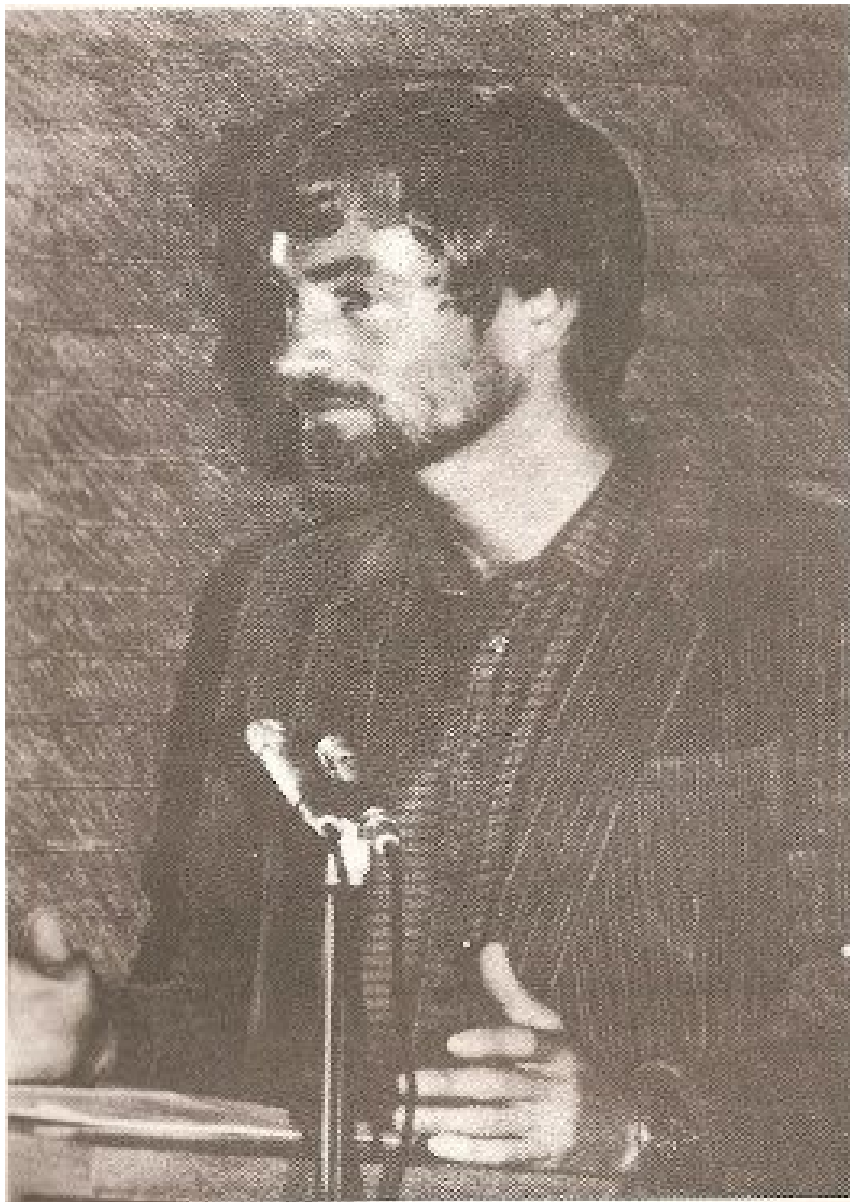
Jesus Viveu na Índia:

O que realmente sabemos sobre a existência histórica de Jesus, a partir da Bíblia e de algumas referências da época? Após cinco anos de intensa pesquisa, o teólogo alemão Holger Kersten chegou a essas impressionantes conclusões:

- **Com cerca de 13 anos de idade, Jesus entrou em contato com o budismo, adotando e ensinando seus princípios;**
- **A crucificação pôs fim à sua missão como Messias, mas não lhe tirou a vida. Sua morte foi apenas aparente.**
- **Após a "ressurreição", Jesus viveu na Índia até idade avançada.**

Seu túmulo está em Caxemira.

O autor percorreu todos os lugares históricos de Israel, Oriente Médio, Afeganistão e Índia, e assim recolheu dados e provas que divulga nesta obra fascinante, que vem provocando polêmica no mundo inteiro.



O AUTOR

Sumário

Prefácio	9
Introdução	11

CAPÍTULO 1 A Vida Desconhecida de Jesus

A Descoberta de Nicolai Notovitch	17
O Evangelho Aquariano	25
As Fontes Históricas	27
Os Evangelhos	29
O Testemunho de Paulo	34
Conclusões	36
Minhas Viagens pelo Himalaia	38

CAPÍTULO 2 Moisés e os Filhos de Deus

A Origem dos Hebreus	49
Manu — Manes — Minos — Moisés	52
Quem Era Moisés?	54
O Túmulo de Moisés em Caxemira	59
Da Conquista ao Exílio	63
Os Filhos de Israel	66
Caxemira E a "Terra Prometida"?	70
As Dez Tribos Perdidas de Israel	72
A Expansão do Budismo	78
Jesus Era um Judeu Ortodoxo?	83
Uma Comparação entre Buda e Jesus	85
A Influência do Pensamento Budista na Doutrina de Jesus	86

CAPÍTULO 3 A Sabedoria Oriental no Ocidente

A Estrela dos Magos	95
Quem Eram os Três Magos. Ou: Como Descobrir uma Encarnação	98
A Fuga para o Egito	104
Jesus Nazareno	105
Os Essênios: A Cristandade Antes de Jesus	110
Os Ensinamentos dos Essênios em Qumran	119

CAPÍTULO 4

O Segredo de Jesus	125	
A Reencarnação no Novo Testamento		128
Milagres — de Jesus e na Índia	132	
Krishna e Cristo	137	

CAPÍTULO 5 A "Morte" de Jesus

Julgamento e Sentença	141	
A Idade do Sudário	150	
Análise Científica do Sudário	161	
Ele Não Morreu na Cruz!	170	
A Ressurreição na Perspectiva Histórica		190
Paulo Encontra Jesus em Damasco	197	

CAPÍTULO 6 Após a Crucificação

Jesus Volta ao Oriente	201	
O "Verdadeiro" Jesus do Islã	215	
Jesus em Caxemira	218	
O Túmulo de Jesus em Srinagar	227	

CONSIDERAÇÕES FINAIS	237	
-----------------------------	-----	--

CRONOLOGIA

243/245

NOTAS	247	
--------------	-----	--

BIBLIOGRAFIA	251	
---------------------	-----	--

CRÉDITOS	263	
-----------------	-----	--

Prefácio

Por mera casualidade, em 1973 tomei conhecimento da teoria de que Jesus teria vivido na Índia. Não dei crédito, mas senti que não tinha opinião formada sobre o assunto e procurei acompanhar passo a passo a vida real de Jesus. Logo de início deparei com o problema da falta de fontes de informação ao alcance do pesquisador e que pudessem confirmar a existência histórica de Jesus. Quem de fato era esse homem? De onde

veio? Para onde foi? Por que parecia tão estranho e misterioso aos olhos de seus contemporâneos? O que, afinal, pretendia?

No curso de minhas pesquisas, cheguei finalmente à Índia, entrando em contato com pessoas profundamente interessadas na questão da presença de Jesus naquele país. Delas recebi um número incalculável de surpreendentes e valiosas informações, além de muito incentivo.

Neste livro procurei evitar um estilo demasiadamente acadêmico, para não impedir a compreensão do conteúdo simples e lógico do texto, mas sem perder de vista os detalhes. Muitas de suas declarações podem parecer ousadas e outras até improváveis. Esta obra abrirá um vasto campo de investigações em muitas áreas afins, impossível de ser esgotado pelo trabalho de um só indivíduo. Além disso, desafia as igrejas institucionalizadas a examinarem *ad absurdum* — se puderem — as teses nela contidas e a provarem o contrário. Será interessante acompanhar a reação das igrejas diante disso!

Meu desejo — e meu objetivo — não é minar o ponto de vista cristão, nem colocar o leitor diante de um amontoado de elementos de uma crença fragmentada. O mais importante é reencontrar a trilha que conduz às fontes, à eterna e central verdade da mensagem de Cristo, esfacelada pelas ambições profanas de organizações mais ou menos laicizadas, que se arrogam uma autoridade religiosa. Este livro, portanto, não proclama uma nova fé, mas apenas tenta abrir passagem para um futuro firmemente alicerçado nas verdadeiras fontes espirituais e religiosas do passado.

Não penses que estou inventando mentiras, Ergue-te e prova o contrário! A história eclesiástica, em sua totalidade, Não passa de uma trama de erro e de poder.

Johann Wolfgang von Goethe.

Holger Kersten, Freiburg im Breisgau, março de 1983

Levei mais de dois anos para realizar a versão inglesa de Jesus Viveu na Índia, uma obra que, na Alemanha, já está na sétima edição. Esta tradução foi revista e atualizada diversas vezes para conformar-se a

dados mais recentes. Fui informado de que meu estilo poderia estranhar a um leitor inglês; no entanto, minha única intenção foi apresentar com clareza minhas convicções sem atenuar os fatos. Sei que posso contar com a tolerância e a compreensão desse público. Sobretudo, considerando que a Inglaterra é um país onde um bispo (rev. David Jenkins, bispo de Durham) tem a coragem de discorrer, no sermão da Páscoa, sobre dúvidas pessoais a respeito do tradicional dogma da ressurreição do corpo de Cristo. (Daily Telegraph, 30 de março de 1985.)

H. K., setembro de 1986

Introdução

A emergência da ciência e da tecnologia foi acompanhada por uma rápida secularização do nosso mundo e por uma recessão religiosa. A glorificação do racionalismo e o desejo de encontrar uma resposta para cada aspecto da existência humana levaram, inexoravelmente, a graves perdas no campo da vida mística, religiosa e emocional, inclusive em termos de "humanidade". Dentre os responsáveis pelo aumento do abismo entre religião e ciência, fé e conhecimento, está a postura das igrejas institucionalizadas. Temendo perder influência nas esferas seculares, impuseram abusivamente sua autoridade no campo do conhecimento empírico. Este fato aprofundou ainda mais a necessidade de uma maior diferenciação no campo da autoridade. O cisma entre pensamento científico e fé colocou o homem moderno diante de uma dicotomia aparentemente intransponível. Os sentimentos espirituais se restringem cada vez mais com o crescimento do contingente daqueles que duvidam da verdade da mensagem de Cristo, e das discussões em torno da doutrina cristã. Até mesmo dogmas fundamentais sustentados pela tradição eclesiástica, como Deus, Cristo, Igreja e Revelação se transformaram em objeto de veementes debates entre leigos e teólogos, indistintamente.

Quando o cerne e a base dos ensinamentos religiosos não são mais aceitos como pura verdade, nem mesmo pela própria elite e direção da Igreja, o cristianismo tradicional caminha, indubitavelmente, para o seu fim. É

sintomática a realidade dos bancos vazios apontada por uma estatística de 1979: somente um em três cidadãos da República Federal da Alemanha concorda com os ensinamentos das igrejas cristãs, ao passo que 77% acham possível ser cristão sem pertencer a nenhuma igreja. Dentro dos segmentos da população consultada, a maioria não acreditava em Cristo como o "emissário divino" enviado por Deus. E isso ocorre porque as igrejas institucionalizadas, por medo, falharam, deixando de informar seus fiéis sobre os progressos no campo do cristianismo e de dar um enfoque histórico e crítico à religião. A insistência na interpretação literal da Bíblia e na cega observância dos dogmas propiciou o declínio do cristianismo eclesiástico, mesmo entre aqueles que não tinham uma postura frontalmente anti-religiosa ou anticristã.

Realmente, o que chamamos hoje de cristianismo tem pouco a ver com os preceitos de Jesus e as idéias que ele desejava difundir. O que temos atualmente seria melhor designado pelo nome de "paulinismo". Muitos princípios doutrinários não se conformam absolutamente com a mensagem de Cristo. São, na verdade, antes de tudo, um legado de Paulo, que tinha um modo de pensar radicalmente oposto àquele de Jesus. O cristianismo que conhecemos desenvolveu-se a partir do momento em que o "paulinismo" foi aceito como religião oficial. O teólogo protestante Manfred Mezger cita, a respeito, Emil Brunner: "Para Emil Brunner a Igreja é um grande mal-entendido. De um testemunho construiu-se uma doutrina; da livre comunhão, um corpo jurídico; da livre associação, uma máquina hierárquica. Pode-se afirmar que, em cada um de seus elementos e na sua totalidade, tornou-se, exatamente, o oposto do que se esperava". Por isso é válido questionar as bases que alicerçam a legitimidade das instituições vigentes. Uma pessoa que frequenta uma igreja cristã não pode deixar de assumir uma postura crítica, frente à proliferação de obscuros artigos de fé, e dos deveres e obrigações que a envolvem. Sem termos tido outros conhecimentos, e por termos crescido sob a única e exclusiva influência do estabelecido, somos levados a acreditar que, por subsistirem há tanto tempo, devem, necessariamente, ser verdade.

Um homem surgiu no horizonte sombrio, trazendo uma mensagem cheia de esperança, de amor e bondade, e o que a humanidade fez com isso? Transformou tudo em papel, verbosidade, negócio e poder! Será que Jesus quis que tudo isso fosse feito em seu nome? Dois mil anos transcorreram desde que o audacioso Jesus tentou, pela primeira vez na história da humanidade, libertar os homens do jugo oficial das igrejas, caracterizado

por burocracia, leis e figuras eminentes, por inflexibilidade, conflito em matéria de exegese, por hierarquia e sua reivindicação de autoridade absoluta, pelo culto, idolatria e sectarismo. Jesus queria uma comunicação direta entre Deus e a humanidade e nunca tencionou patrocinar ambiciosas carreiras eclesiásticas.

Hoje já não ouvimos diretamente a voz de Jesus em sua forma natural. Ela é mediada por especialistas privilegiados e pela arbitrariedade de um corpo profissional. Jesus foi gerenciado, mercadejado, codificado e virou livro. Onde a fé viva e verdadeira foi substituída por crenças mesquinhas e intolerantes, baseadas num racionalismo clerical, os mandamentos de Jesus, de tolerância e amor ao próximo, desapareceram, assomando, em seu lugar, o dogmatismo e o fanatismo. A luta pela supremacia de uma "fé verdadeira" exclusiva deixou um rasto de revezes, violência e sangue no caminho percorrido pelas igrejas. Luta sem tréguas, desde o tempo dos apóstolos até nossos dias, e que ainda constitui o maior empecilho à reconciliação entre os vários credos cristãos. O teólogo protestante Heinz Zahrnt escreveu: "Fiquei profundamente traumatizado em minha carreira de teólogo. Sinto-me aviltado, humilhado, insultado, desonrado, mas não por ateus, que negam a existência de Deus, nem por gente zombeteira ou incrédula, que, embora indiferente religiosamente, conserva no coração um sentimento de humanidade, mas sim por dogmatis-tas. Por eles e por seus pastores que seguem apenas a letra dos ensinamentos que consideram ser o único caminho para chegar a Deus. Fui ferido no ponto mais central, no ponto que, apesar de uma profunda melancolia, tem me mantido vivo: minha crença em Deus..."

A confiança no valor das experiências religiosas tende a decrescer com o desenvolvimento das capacidades intelectuais. A crença no racional e no provável ocupou o lugar reservado à fé luminosa e profunda como meio de captar a realidade. No processo de "amadurecimento" da sociedade moderna, o sentimento religioso é relegado ao âmbito do irracional, do improvável e, conseqüentemente, do irreal. Somente o pensamento lógico e a ação parecem determinar a realidade. À medida que cresce o nível educacional, as categorias transcendentais decrescem, deixando de ser objeto de experiências profundas. A principal causa desse equívoco é uma má interpretação do conceito de Deus. O divino não se coloca a uma distância utópica, mas dentro de cada um de nós, inspirando uma vida em harmonia com o Infinito e o reconhecimento de que nossa curta existência não passa de um momento da eternidade, da qual faz parte.

Durante séculos, o homem ocidental foi induzido a considerar-se uma criatura separada de Deus; e hoje, no "esclarecido" século 20, esse mesmo homem parece mais do que nunca incerto quanto às possíveis respostas às mais antigas questões sobre Deus e sobre o sentido da vida. Atualmente florescem em todo o mundo novos centros espirituais que, diante dessas questões, procuram oferecer uma solução não encontrada em uma igreja oficial intransigente. Está surgindo uma espécie de religião universal sincrética que se move na direção de uma plena auto-realização, através da contemplação, autoconhecimento e meditação em busca da iluminação religiosa e do entendimento místico-global da natureza cósmica que existe dentro de cada indivíduo.

O impulso decisivo para esse intimismo da religião nos veio, como sempre, do Oriente, e, sobretudo da Índia. A humanidade precisa, agora, "reorientar-se", no verdadeiro sentido da palavra; o Oriente é o berço de nossas mais profundas experiências.

Não devemos temer nem a morte de Deus, nem o declínio definitivo da espiritualidade e da moral. Ao invés, devemos aguardar a germinação da semente do espírito, a emergência do interior transcendental que até agora nos tinha sido prometido somente para depois da morte. Não devemos temer o fim da religiosidade, porque está se abrindo silenciosamente em nós a flor de uma consciência mística que não abrange apenas uma elite ou uns poucos "privilegiados", mas todo o contexto ecumênico de uma religião universal. A meta dessa religião não será um mundo "superficial" e transitório, nem colocará excessiva ênfase em aparências, mas se ocupará, inteiramente, em despertar uma espiritualidade baseada em valores transcendentais. Este é o verdadeiro caminho que nos "libertará do mal".

O conhecimento da verdade destrói todo o mal.

Como o sol que brilha num céu sem nuvens, o verdadeiro iluminado permanece firme, apartando os véus da ilusão.

Buda

Capítulo 1

A Vida Desconhecida de Jesus

A Descoberta de Nicolai Notovitch

Em 1887, o historiador russo Nicolai Notovitch¹, então com 29 anos, em uma de suas numerosas viagens ao Oriente, chegou a Caxemira, no norte da Índia, de cuja capital, Srinagar, pretendia alcançar o Ladakh pelo Himalaia. Tinha à disposição recursos suficientes para se equipar adequadamente, contratar um intérprete e dez carregadores, além de estar acompanhado de um criado particular. Após uma jornada cheia de aventuras, superando muitos desafios e provações com bravura, a caravana avistou o desfiladeiro de Zoji-la, a 3 500 metros de altitude, fronteira natural entre o "vale feliz" de Caxemira e a árida "paisagem lunar" de Ladakh.

Ainda hoje, o desfiladeiro de Zoji-la é a única via de acesso para se chegar, através de Caxemira, até aquela estranha e longínqua região. Notovitch escreveu em seu diário: "Quando deixei Caxemira senti um grande desânimo diante do contraste entre sua natureza exuberante e seu belo povo e as nuas e ásperas montanhas de Ladakh com seus rudes e imberbes habitantes". Em breve, porém, a população de Ladakh provou ser gente fraterna e "muito sincera" e, assim, Notovitch bateu, finalmente, às portas de um mosteiro budista, onde foi recebido com uma cordialidade maior, por exemplo, que aquela esperada por um muçulmano. Ao perguntar o motivo de ter sido recebido melhor que um islamita, ouviu esta resposta:

— Os muçulmanos nada têm em comum com nossa religião. Para falar a verdade, há pouco tempo, após uma vitoriosa campanha, eles coagiram um grande número de budistas à fé islâmica. Tivemos a maior dificuldade para reconduzir ao caminho real que leva ao Deus verdadeiro estes novos muçulmanos que haviam se desviado das trilhas do budismo. Os europeus diferem, essencialmente, dos muçulmanos. Não somente reconhecem o princípio fundamental do monoteísmo, como também respeitam Buda, e com isso se aproximam muito dos lamas do Tibete. A única diferença entre nós e os cristãos é que estes, após terem aceito os sublimes ensinamentos de Buda, afastaram-se dele, adotando seu próprio Dalai Lama. Só em nosso Dalai Lama se perpetua a graça divina, a majestade de Buda, sua visão transcendente e o poder de servir como intermediário entre o Céu e a Terra.

— Quem é esse Dalai Lama cristão de quem o senhor fala? — perguntou Notovitch. — Nós veneramos o "Filho de Deus", a quem

dirigimos as nossas mais fervorosas orações, junto ao qual buscamos refúgio e que intercedeu por nós, junto ao Deus Uno.

— Não, não é ao "Filho de Deus" que eu me refiro, Sahib! Nós também reverenciamos aquele que vocês adoram como o Filho de Deus. Porém não o consideramos realmente como um filho, mas como o ser mais evoluído entre os eleitos. Na verdade, Buda, como um ser meramente espiritual, encarnou-se na pessoa sagrada de Issa e, sem necessidade de recorrer à força, difundiu por todo o mundo os nossos mais elevados princípios religiosos. Gostaria de falar sobre o seu Dalai Lama terreno, que vocês chamam de "Pai da Igreja Universal". Foi um pecado muito grande, e espero que as ovelhas que tomaram esse falso caminho sejam perdoadas. Terminando, o lama voltou a rezar.

Notovitch compreendeu que ele aludia ao Papa e ousou ir além.

— O senhor está me revelando que um filho de Buda, Issa, escolhido entre todos, propagou vossa fé em todo o mundo. Quem é ele?

Diante desta pergunta o lama arregalou os olhos, encarou o visitante e disse algumas palavras que tocaram Notovitch. Em voz baixa, ele murmurou:

— Issa é um grande profeta, um dos primeiros que vieram depois dos sublimes Budas. E infinitamente maior que qualquer Da-lai Lama, porque faz parte da essência espiritual de nosso Senhor. Ele instruiu vocês, reconduziu as almas transviadas ao seio de Deus; tornou-os merecedores das graças do Criador e deu a todos os seres humanos a possibilidade de distinguir entre o bem e o mal. Seu nome e suas obras estão registrados em nossos livros sagrados.

A esta altura, Notovitch ficou bastante desconcertado pelas declarações do lama sobre o profeta Issa², seus ensinamentos, seu testemunho e suas referências a um Dalai Lama cristão, pois tudo isso recordava muito Jesus Cristo.

Pedindo ao intérprete que nada omitisse da resposta, perguntou ao monge:

— Onde estão esses textos sagrados e quem os escreveu?

— Os mais importantes escritos surgiram em várias épocas, na Índia e no Nepal, e podem ser encontrados aos milhares em Lhasa. Alguns dos grandes mosteiros possuem cópias desses textos. Essas cópias foram feitas por monges visitantes e doadas aos mosteiros, como uma lembrança do tempo que passaram junto ao nosso mestre-supremo, o Dalai Lama.

— O senhor então não possui nenhum documento original sobre o profeta Issa?

— Não, nenhum. O nosso mosteiro é pequeno e, desde a sua fundação, os nossos lamas reuniram apenas algumas centenas de escritos, enquanto os grandes mosteiros possuem milhares deles. Porém, essas são coisas sagradas, às quais o senhor nunca terá acesso.



Nicholas Notovich

Notovich decidiu que examinaria tais escritos em outra oportunidade. Dirigiu-se a Leh, capital do Ladakh e, dali, seguiu para Hemis, um dos mais famosos mosteiros da região, onde assistiu a uma das várias

festividades religiosas tradicionais que ali se realizam anualmente. Como convidado de honra, teve a oportunidade de obter uma série de riquíssimas informações sobre os usos e costumes dos monges. Com habilidade, conduziu a conversa para o tema de seu real interesse, e ficou sabendo que, de fato, existiam no mosteiro de Hemis escritos sobre o misterioso profeta Issa, com histórias incrivelmente parecidas com aquela de Jesus de Nazaré. Viu-se, porém, obrigado a adiar o curso de suas investigações, dado a grande dificuldade em localizar esses livros entre os milhares que ali existiam. Voltando a Leh, enviou presentes valiosos ao abade do mosteiro, na esperança de, num futuro próximo, examinar os escritos.

Já de regresso, nas proximidades de Hemis, sofreu um acidente e fraturou a perna direita, precisando permanecer entre os monges. Após insistentes pedidos, trouxeram-lhe dois livros de folhas soltas e amareladas pelo tempo. Durante os dois dias que se seguiram, o reverendo abade lia e Notovitch tomava nota dos versos, às vezes incompletos, que o intérprete traduzia. Mais tarde, ordenou-os cronologicamente e conseguiu unificar os textos esparsos em uma narrativa coerente.

Daremos a seguir um resumo desse documento extraordinário, baseado na sua tradução francesa.

Após uma rápida introdução, a antiga história do povo israelita e a vida de Moisés são narradas de maneira sucinta. Depois, o texto explica como o Espírito eterno resolveu se fazer homem a fim de nos mostrar, com seu exemplo, como alcançar a pureza moral e libertar a alma dos grilhões do corpo, atingindo a perfeição necessária para entrar no reino dos céus, que é imutável e regido pela felicidade eterna.

Foi assim: um menino divino nasceu no longínquo Israel, e foi chamado Issa. Em um dado momento, durante os primeiros catorze anos de sua vida, ele chegou à região de Sindh (ou Indo) em companhia de mercadores, "e se fixou entre os Arianos, na terra amada por Deus, com o propósito de aperfeiçoar-se e estudar as leis do grande Buda". O jovem Issa cruza a região dos cinco rios (Pundjabe)³, permanece algum tempo entre os "jainistas enganados" e prossegue para Jagannath, onde é recebido pelos sacerdotes de Brama, com grande alegria. Lá Issa aprende a ler e a interpretar os Vedas e passa a instruir as castas inferiores dos sudras, incorrendo no desagrado dos brâmanes, que sentiram sua posição e poder ameaçados. Após viver seis anos em Jagannath (Pu-ri), Rajagriha (Rajgir), Benares (Varanasi) e em outras cidades santas, foi obrigado a fugir da ira dos brâmanes, que se voltaram contra ele, enfurecidos, por ele ensinar que

as diferenças de valor entre pessoas de castas diversas não foram ordenadas por Deus.

Com a surpreendente e extraordinária proximidade entre o conteúdo dos textos encontrados por Notovitch e o Novo Testamento, a personalidade de Jesus ganha um destaque todo particular. O Issa dos textos de Notovitch se insurge contra os abusos do sistema de castas que nega às classes inferiores os mais elementares direitos humanos, justificando-se com as seguintes palavras: "Deus, nosso Pai, não faz diferença entre seus filhos, amando a todos igualmente". Ele questiona a rígida e desumana interpretação literal da lei, declarando que "a lei foi feita para indicar o caminho aos homens", e consola os oprimidos: "O juiz eterno, o eterno Espírito, que fez a alma-mundo, única e indivisível, julgará com severidade aqueles que se arrogam privilégios".

Quando os sacerdotes pediram a Issa que realizasse milagres para provar a onipotência de seu Deus, ele respondeu: "Os milagres de nosso Deus foram manifestados no primeiro dia da criação do mundo e se renovam a cada dia e a cada momento. Quem não tem capacidade para percebê-los, acha-se privado de um dos mais belos dons da vida". Ao questionar a autoridade da classe sacerdotal, ele assim se justifica: "Quando os povos não tinham ainda sacerdotes, eles eram guiados pela lei natural e conservavam a pureza de alma. Suas almas encontravam-se na presença de Deus e, para entrar em comunhão com Ele, não tinham necessidade da mediação de um ídolo ou de um animal, nem do fogo, como ocorre com vocês, que afirmam que o sol deve ser adorado, assim como os espíritos do bem e do mal. Eu, porém lhes digo que esses ensinamentos são abomináveis, porque o sol nada pode sozinho. Ele depende, única e exclusivamente, da vontade do Criador Invisível, a quem deve sua existência e que lhe deu a missão de iluminar a terra e aquecer o trabalho e a semente do homem".

Daí, Issa segue para o Nepal, através do Himalaia, onde, durante seis anos, dedica-se ao estudo das escrituras budistas. Os ensinamentos que ele começa a difundir são extremamente simples, cristalinos e, sobretudo, justos para com os fracos e oprimidos, aos quais revela a hipocrisia e a deslealdade da classe sacerdotal. Depois, rumando para o oeste, atravessa vários países, como um pregador itinerante, sempre precedido por sua famosa reputação.

Na Pérsia entra em choque com a classe sacerdotal que, uma noite, o expulsa, na esperança de que seja devorado pelas feras, mas a Providência

conduz o Santo Issa são e salvo até a Palestina, onde os sábios perguntam-lhe:

— Quem você é e qual seu país de origem? Nunca ouvimos falar de você e nem mesmo sabemos seu nome.

— Sou israelita — responde Issa. — No dia de meu nascimento, vi as muralhas de Jerusalém, ouvi os gemidos de meus irmãos escravizados e o pranto de minhas irmãs, condenadas a viver entre os gentios. Senti profunda dor ao saber que meus irmãos tinham se esquecido do Deus verdadeiro. Ainda criança, deixei o lar paterno para viver entre outros povos, mas, ao ter notícia do sofrimento de minha gente, retornei à casa de meus pais, para reconduzi-la à fé de nossos antepassados, uma fé que nos convida a sermos pacientes na terra para alcançarmos a mais completa e sublime felicidade no além.

Estas palavras coincidem com os ensinamentos dos evangelhos bíblicos e os confirmam.

Os dois manuscritos que o lama do mosteiro de Hemis leu em voz alta para Notovitch, selecionando os trechos que falavam de Jesus, constituíam uma antologia de vários textos tibetanos. Os originais tinham sido escritos em pali, uma antiga língua indiana, nos dois primeiros séculos de nossa era e preservados em um mosteiro próximo a Lhasa⁴ (lha + sa = lugar dos deuses). O mosteiro estava agregado ao Palácio Pótala do Dalai Lama.

Voltando para a Europa, Notovitch procurou entrar em contato com vários altos dignitários da Igreja para comunicar-lhes a incrível descoberta. O metropolitano de Kiev, sem maiores comentários, apressou-se a aconselhá-lo a não divulgá-la. Em Paris, o Cardeal Rotelli explicou que a publicação dos textos inflamaria os blasfemos, os escarnecedores e os protestantes, insistindo em dizer que sua publicação era ainda prematura. No Vaticano, uma pessoa de confiança do Papa deu sua opinião:

— Por que publicá-la? Ninguém lhe atribuirá grande importância e você granjeará muitos inimigos. Você é ainda muito jovem! Se é uma questão de dinheiro, poderíamos pagar uma quantia pelo seu tempo e trabalho gastos na obra.

Notovitch rejeitou a proposta.

Somente Ernest Renan, historiador da Igreja, crítico e orientalista, foi quem mostrou um vivo interesse pelas notas de Notovitch. No entanto, como membro da Academia Francesa, queria simplesmente utilizar esse material em seu próprio benefício, com o que Notovitch não concordou.

Finalmente o manuscrito foi publicado, mas sem causar muito impacto, porque a Igreja usa seu grande poder, influência e autoridade para impedir o questionamento da autenticidade de seus ensinamentos canônicos. Os críticos e céticos são condenados como ateus e heréticos, sendo amordaçados ou simplesmente repudiados. Notovitch não tinha meios de reunir material suficiente para provar cientificamente sua descoberta. Por conseguinte, não foi levado a sério.

Entretanto, hoje em dia as pesquisas fornecem dados suficientes para acreditarmos na presença de Jesus na Índia. Nenhuma fonte histórica confiável e nenhuma passagem do Novo Testamento faz menção à vida de Jesus no período que vai dos 12 aos

30 anos. Parece até que a vida de Jesus teve início somente depois de ter completado 30 anos e ser batizado por João. O único que toca no assunto é Lucas em um breve versículo: "E Jesus crescia em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens". (Lucas 2,52).

Os manuscritos que Notovitch descobriu não são os únicos documentos que atestam a passagem de Jesus pela Índia. Em 1908, foi publicado nos Estados Unidos um trabalho isolado, intitulado *O Evangelho Aquariano de Jesus Cristo**. O autor era um misterioso Levi. Este evangelho relata os anos vividos por Jesus na Índia e corresponde exatamente à história da *Vida do Santo Issa*.

O Evangelho Aquariano

Levi H. Dowling nasceu em 1844, em Belleville, no Ohio. Era filho de um pastor protestante de origem escocesa e galesa e, ainda muito jovem, entregou-se à contemplação dos aspectos mais profundos da vida. Começou a pregar com a idade de 16 anos, aos 18 era pastor de uma pequena comunidade e, aos 20, capelão do Exército americano. Mais tarde estudou medicina e, durante alguns anos, trabalhou como clínico geral, antes de se dedicar, inteiramente, ao estudo de obras espirituais. Quando ainda jovem, em uma visão, foi incumbido de construir a "Cidade Branca", que na verdade era uma convocação simbólica a escrever a crônica da vida de Jesus. Levi Dowling preparou-se durante quarenta anos para cumprir essa missão por meio da oração e da meditação.

Na única obra de Levi, *O Evangelho Aquariano*, encontramos dados referentes à vida de Jesus entre seus 12 e 29 anos. O livro recebeu esse

nome porque foi escrito pouco antes do início da Era de Aquário e, possivelmente, com a intenção de fazer uma ampla divulgação nessa "Nova Era".

Elihu, dirigente de uma escola profética, em Zoan, no Egito, disse há 2 000 anos: "O futuro pouco entenderá de pureza e amor, no entanto, não se perderá uma só palavra, nem um pensamento, nem qualquer ação importante. Tudo será conservado nas crônicas de Deus".⁵ Sintonizando-se com estas crônicas, conhecidas como *Documentos de Akasba*⁶, Levi, profundamente concentrado, recebeu nas horas quietas da noite, entre duas e seis da madrugada, a revelação de um novo e mais completo evangelho. *Akasha* conserva a memória universal, tão discutida pelos metafísicos. Quando o espírito do homem encontra-se em perfeita harmonia com o Espírito cósmico, ele entra, conscientemente, em sintonia com os *Documentos de Akasha*, que os mestres hebreus chamavam de *Livro das Memórias de Deus*.

Nos capítulos 6 e 7 do Evangelho Aquariano, Levi relata a presença de Jesus na Índia. Conta-nos que o nobre príncipe indiano Ravanna de Orissa⁷ encontrou e ouviu Jesus aos 12 anos no templo e que depois o levou para a Índia, para que pudesse aprofundar seus estudos. Jesus foi colocado na escola do templo de Jagannath⁸, onde estudou seriamente as leis de Manu e os Vedas. Como nas páginas de Nicolai Notovitch, Jesus surpreende seus mestres com suas inteligentes e profundas respostas e atrai sobre si a ira dos brâmanes por causa da postura crítica que o caracterizava.

Ele discorre sobre os conceitos de verdade, sabedoria, poder, entendimento, fé e humanidade. Exorta-nos a não nos atermos a ditos ou escritos de outrem, porque não é através de leis e tradições que se adquire o verdadeiro conhecimento. Toda a sabedoria que é expressa nestes textos apresenta-se sob a típica forma das parábolas e com uma força e extensão semelhante àquelas dos evangelhos.

O capítulo 7 do Evangelho Aquariano descreve a viagem de Jesus através do imenso Himalaia, até o Tibete, onde ele estuda os antigos manuscritos dos mestres no templo de Lhasa. Depois disso volta para a região do Sindh, passando por Lahore, e finalmente, de lá, volta ao Oriente Próximo.

Logicamente, o mundo moderno e "racional" dificilmente se impressiona com um texto como este do Evangelho Aquariano, por ter sido mediado por uma pessoa de fé. No entanto, os anúncios proféticos dos livros canônicos da Bíblia são geralmente aceitos sem discussão, talvez por causa

de sua antiguidade. Porém, é interessante frisar que o Evangelho Aquariano, em muitos pontos, coincide com os textos descobertos por Notovitch.

Se Jesus esteve mesmo na Índia, seremos obrigados a reformular completamente a idéia que fazíamos dele. Diante de 2 000 anos de história eclesiástica e de reflexão teológica, seria normal chegarmos à conclusão de que não existe mais nada a ser dito nesse campo, como se soubéssemos tudo a respeito de Jesus. Assim, a vida de "Jesus na Índia" seria somente fruto da fantasia. Não se pode facilmente abalar o que foi aceito por 2 000 anos como verdade absoluta.

Nestas circunstâncias, é de vital importância examinar as pesquisas modernas sobre a historicidade de Jesus para podermos determinar o que de fato é incontestável em tudo isso.

As Fontes Históricas

Nada no mundo causou tanto impacto, foi tema de tantas obras e suscitou discussões tão apaixonadas como Jesus de Nazaré. E, apesar disso, a personalidade do Jesus histórico nunca foi bem esclarecida pelos estudiosos. Foi somente em finais do século 18 que alguns teólogos mais destemidos passaram a estudar mais sistematicamente a vida de Jesus. A teologia protestante alemã foi quem mais se aprofundou no estudo objetivo, crítico e histórico da religião. Um dos maiores pesquisadores nesse campo foi o médico e teólogo Albert Schweitzer, que considerava o estudo sobre a vida de Jesus como o mais poderoso e ousado passo rumo a uma consciência religiosa independente. Hoje, é difícil para nós avaliar as complicações do parto que trouxe à luz a idéia que hoje temos da vida de Jesus. E, na opinião de Schweitzer, foram a insatisfação e até mesmo a revolta os fatores que mais contribuíram para o enfoque científico dessa questão. E conclui: "A pesquisa sobre a vida de Jesus converteu-se, afinal, em uma lição de honestidade para a Igreja e em uma inaudita e penosa luta em prol da verdade".

Contamos, atualmente, com cerca de 100 000 monografias sobre Jesus, mas, mesmo assim, os resultados desse esforço pouco contribuíram para aclarar sua figura histórica. As fontes disponíveis tendem a confirmar a irrefutável afirmação de que Jesus é o Messias e o filho de Deus e portanto devem ser consideradas mais como documentos de fé. São raros os

testemunhos realmente objetivos, mesmo entre as fontes leigas. Até hoje, os teólogos ainda não dataram precisamente o ano do nascimento de Jesus. É possível que tenha nascido sete ou quatro anos antes da data tradicionalmente reconhecida, durante o reinado de Herodes, que morreu quatro anos antes da nossa era cristã (4 a.C.). Os evangelhos ignoram quase totalmente a infância e adolescência de Jesus, um período extremamente importante na formação do caráter de uma pessoa. Quando narram sua vida pública, primam pela brevidade e pela ambigüidade. Os historiadores contemporâneos parece nunca terem ouvido falar de Jesus ou, pelo menos, não o consideram digno de menção. É difícil entender por que os historiadores silenciam sobre todos os milagres fantásticos e os fatos extraordinários citados nos Evangelhos.

*Tácito*⁹ (55-120 d.C) faz referência a um homem chamado Cristo, crucificado por Pôncio Pilatos, durante o reinado do imperador Tibério. Esta alusão, baseada principalmente em histórias que circularam no segundo século, foi feita pelo grande historiador romano em 117 d.C, aproximadamente noventa anos depois da crucificação. *Suetônio*¹⁰ (65-135 d.C.) e *Plínio, o Moço*¹¹ (61-114 d.C.) mencionam a seita dos cristãos, mas não dedicam uma única linha a Jesus Cristo. O historiador judeu *Flávio Josefo* publicou, por volta de 93 d.C, uma obra grandiosa, intitulada *Antiguidades Judaicas*, que cobre um espaço que vai desde a criação do mundo até a época de Nero, onde narra acontecimentos considerados mais importantes. Cita João Batista, Herodes e Pilatos; detalha, com minúcias, fatos políticos e sociais, mas não escreve uma só palavra sobre Jesus. No terceiro século, surgiu uma obra escrita por um cristão, intitulada *Testimonium Flavianum*¹², onde o historiador judeu Josefo aparece inesperadamente, narrando e confirmando os milagres e a ressurreição de Cristo. Os padres da Igreja, Justino, Tertuliano e Cipriano, nada sabiam a esse respeito e Orígenes¹³ nos lembra, repetidas vezes, que Josefo não acreditava em Cristo. O escritor Justo, judeu contemporâneo de Jesus, que vivia em Tiberíades, próximo a Cafarnaum, onde se diz que Jesus esteve por várias vezes, nos legou uma extensa crônica, partindo do tempo de Moisés e chegando até sua época, mas não diz absolutamente nada sobre Jesus. Um outro contemporâneo de Jesus foi Fílon de Alexandria, um erudito judeu que nos deixou cinco textos. Era um grande entendido em assuntos bíblicos e em seitas judaicas, mas também ele não menciona Jesus¹⁴. Podemos conhecer alguma coisa através da obra de Celso, um acirrado anticristão, porém ele nos passa simplesmente uma imagem

idealizada de Jesus. Seus escritos polêmicos nos fornecem algumas informações que serão, mais tarde, analisadas. Enfim, a única fonte disponível para a pesquisa histórica sobre a vida de Jesus seria a coleção dos textos do Novo Testamento.

Os Evangelhos

A palavra evangelho vem do grego *evangelion* e significa boas e alegres novas. O conceito já era conhecido bem antes que o cristianismo o aplicasse à mensagem de Jesus. O imperador Augusto, por exemplo, foi chamado de "salvador do mundo" e o dia de seu nascimento ficou conhecido como "o dia do evangelho".

O Novo Testamento contém quatro evangelhos, atribuídos a Marcos, Mateus, Lucas e João. Constituem uma seleção arbitrária dentre uma série de evangelhos que eram utilizados nas diversas comunidades e seitas do cristianismo primitivo. Os textos rejeitados eram chamados apócrifos e muitos deles foram destruídos, mas alguns daqueles que restaram lançam uma estranha e misteriosa luz sobre a personalidade de Jesus de Nazaré. A multiplicidade de interpretações ameaçou dividir as antigas comunidades cristãs em inúmeras facções e suscitar uma verdadeira revolução no seio do cristianismo. O romano Ammianus Marcellinus tece o seguinte comentário a respeito da situação: "Nem mesmo animais selvagens, sedentos de sangue, se lançariam uns contra os outros como muitos cristãos o fizeram contra seus irmãos na fé."¹⁵ Também Clemente de Alexandria, mestre da Igreja, viu nessa discordância o maior obstáculo à difusão da fé¹⁶. Celso, sincero crítico do cristianismo, escreveu, no século 2, que o nome "cristão"¹⁷ era a única coisa em comum que aqueles grupos apresentavam. Com toda essa gama desconexa de opiniões expressas sobre a vida, gestos e ditos de Cristo, alguns líderes da Igreja primitiva chegaram à conclusão de que a única maneira de evitar o caos que levaria à destruição dessas comunidades em conflito seria a colação de um grupo selecionado de textos aceitos por todos. Por volta de 140 d.C, Papias, um Padre da Igreja, tentou fazer essa colação, mas falhou devido à resistência das diversas comunidades. Foi com a ameaça da ira divina que no fim do século 2 Irineu conseguiu "canonizar" os quatro evangelhos, hoje considerados válidos para todos. Para isso ele sustentava que eles haviam sido escritos

por discípulos do próprio Jesus. Logicamente, isto não foi muito fácil. Ainda hoje é impossível determinar com exatidão quando e como surgiram esses evangelhos, uma vez que se desconhecem os originais e que não há indícios de que esses originais tenham, efetivamente, existido. Nem mesmo uma data aproximada lhes pode ser conferida, tal o grau de incerteza. Os resultados da última pesquisa realizada nessa área indicam que o evangelho de Marcos foi escrito pouco antes de 70 d.C; logo depois, o evangelho de Mateus; e o evangelho de Lucas, entre 75 e 80 d.C. Outros evangelhos surgiram pelo ano 100 d.C. Quanto ao evangelho de João, parece não ter sido escrito antes das primeiras décadas do século 2. Se Jesus foi crucificado em 30 d.C, os primeiros textos sobre sua vida só foram escritos após duas ou três gerações (com exceção das cartas de Paulo que merecem uma atenção especial).

Os Evangelhos de Lucas e Mateus parecem ter, em grande parte, derivado do evangelho de Marcos. Portanto, o evangelho de Marcos deve, seguramente, tê-los precedido.

O evangelho canônico, atribuído a Marcos, contém trechos não encontrados em Mateus ou Lucas. Eles foram substituídos por outras passagens, muitas vezes em contradição com Marcos, ou narrados de modo muito diferente, dando margem a suspeita de que tenham se baseado em uma fonte anterior a Marcos e que poderia tratar-se do primeiro esboço de seu evangelho.

Um grande número de teólogos acredita na hipótese de que, realmente, deve ter existido um documento original, se bem que, na opinião de Gunther Bornkamm, "seria inútil a reconstrução de um esboço original do evangelho de Marcos".

O evangelho de Mateus revela, claramente, a existência de um mistério a respeito de Jesus como o Messias. Jesus não se apresenta como o Messias e, de fato, chega a proibir seus discípulos que o façam (Marcos 8,30). No entanto, Jesus é retratado por Mateus como o cumprimento da religião mosaica e como o Messias anunciado pelos profetas. Há muito, os teólogos concordam que este evangelho se refere a Jesus simplesmente como a Revelação encarnada, e com isso devemos dizer que quem escreveu o evangelho de Mateus não era nem um historiador, nem um biógrafo muito preciso.

Embora o redator do evangelho de Lucas associe fatos históricos a fatos da vida de Jesus, não resulta, daí, uma biografia coesa. Neste caso, como no dos outros evangelhos, falta, devido à escassez de dados biográficos, um

alicerce histórico e cronológico, pois as antigas comunidades cristãs perderam logo os dados de fato sobre a vida de Jesus. A figura histórica de Jesus já havia sido relegada a um segundo plano, dando-se uma ênfase toda particular a sua figura religiosa. O evangelho de Lucas já parece sofrer menos a influência judaica que aquela greco-romana, pois nele Jesus não é mais descrito como um Messias nacional, mas como o Messias de todos os povos.

Em um dado momento, o evangelho de Lucas entra em contradição com os evangelhos de Marcos e Mateus: eles não mencionam o convite de Jesus a seus discípulos para permanecerem em Jerusalém, ao passo que Jesus lhes diz textualmente: "permanecei na cidade até que sejais revestidos da força do Alto" (24,49).

Também nos Atos dos Apóstolos, atribuídos a Lucas, encontra-se uma clara referência à presença dos discípulos em Jerusalém. O evangelista, sem dúvida, tenta mostrar que o cristianismo tinha como sede Jerusalém, apesar de naquela época já existirem comunidades cristãs em outros lugares. Ele apresenta o dia de Pentecostes como a explicação da existência de seitas cristãs fora da Palestina; nesse dia, de repente, aconteceu um milagre que deu aos apóstolos o dom de falar várias línguas estrangeiras, e com isso superou-se facilmente o problema da barreira idiomática.

O evangelho de João é, certamente, o último dos quatro documentos canônicos escritos sobre a vida de Jesus. Os antigos textos cristãos o mencionam pela primeira vez na metade do segundo século. Algumas linhas de um papiro em grego antigo, descoberto pelo historiador inglês Grenfell, provam que o evangelho de João não poderia ter sido escrito antes do começo do século 2. Trata-se de uma obra com conteúdo mais filosófico que, embora baseada nos três primeiros evangelhos, pode ser considerada como sua complementação. O Padre da Igreja Irineu atribui a João, discípulo favorito de Jesus, a autoria do evangelho, mas isto pode ser questionado, pois um simples pescador da Galileia dificilmente teria escrito sozinho uma obra que contém amplos conhecimentos de teologia, filosofia e do estilo epistolar grego.

O autor do evangelho de João apresenta todos os acontecimentos da vida de Jesus à luz de uma filosofia religiosa baseada nos ensinamentos de Cristo. Este fato, somado ao espaço de pelo menos oitenta anos entre a crucificação e a redação do evangelho, impede que uma pesquisa sobre a

vida do personagem histórico Jesus se apoie no evangelho de João como um ponto de referência.

Mais recentemente, uma obra chamada *Livro dos Ditos* assumiu um papel de grande importância em toda a literatura referente aos evangelhos (e na Igreja Luterana). Rudolf Bultmann acredita que esses ditos provêm das primeiras comunidades palestinas e que pertencem à mais antiga tradição cristã. Mas ele acrescenta: "Não sabemos com certeza se a antiga tradição oral foi utilizada textualmente por Jesus. É muito provável que esta época tivesse complicados antecedentes históricos. A tradição reúne as palavras do senhor, altera-lhes a ênfase e as amplia através de adições. Além disso, outros ditos lhe são acrescentados, de forma que muitas das palavras atribuídas a Jesus no *Livro dos Ditos* não lhe pertencem".

Atualmente, os historiadores têm meios de reconstituir, com minúcias, a vida de Pôncio Pilatos ou de Herodes, personagens que só se projetaram por causa de sua relação com Jesus Cristo. Informações sobre outras importantes personalidades contemporâneas ou anteriores a Jesus podem ser encontradas em abundância. No entanto, sobre a vida de Jesus até os 30 anos contamos com bem poucas e frágeis informações que não podem ser utilizadas como fonte de pesquisa. Ernst Kásemann, de Tübingen, um especialista no Novo Testamento, resumiu os resultados das pesquisas sobre a vida de Jesus com estas palavras: "É deprimente verificar quão pouco do que é narrado sobre Jesus no Novo Testamento pode ser considerado autêntico... A figura histórica de Jesus só pode ser reconhecida em algumas palavras do Sermão da Montanha, nas discussões com os fariseus, em algumas parábolas e em algumas outras narrativas"¹⁸.

"As autoridades na Bíblia ainda discordam entre si sobre quais citações" devem ser atribuídas realmente a Jesus. Em seu livro, *As Palavras Desconhecidas de Jesus*, o historiador eclesiástico Joaquim Jeremias aponta apenas 21 citações como insuspeitas¹⁹. E o teólogo e crítico Bultmann afirma: "O caráter de Jesus, a definição clara de sua personalidade e de sua vida, perdeu-se na noite dos tempos".²⁰

O Testemunho de Paulo

Os mais antigos documentos sobre Jesus são os escritos de Paulo. Ele provém de uma família judia religiosa, mas adquiriu a cidadania romana, pela qual seu pai teve que pagar um alto preço. Isto lhe permitiu mudar seu

nome judeu Saulo para Paulo. Pertencia à elite e foi educado dentro da rigorosa tradição farisaica. Recebeu uma vasta e esmerada instrução, conhecia muito bem a língua, a poesia e a filosofia gregas. Entre os 18 e 20 anos (após a crucificação de Jesus) foi a Jerusalém, onde se aprofundou no estudo da teologia, sob a orientação de Gamaliel I. Nessa época, ele era um zelota fanático, intolerante, inflexível, um observador da lei e ferrenho inimigo das primeiras comunidades, por constituírem um obstáculo à sua carreira de fariseu. Essa obstinação acabou levando-o a pedir permissão ao sumo sacerdote para perseguir os cristãos fora de Jerusalém. Achava que, com esse zelo excessivo, poderia impressionar os sacerdotes. Numa ocasião, perto de Damasco, foi arrebatado pelo fascínio que emanava de Jesus e de seus ensinamentos. Empolgado, percebeu a força da posição que ocupava e acabou sendo atraído pela possibilidade de tornar-se líder espiritual de um imenso movimento que se projetaria no futuro.

Como no caso de Jesus e dos apóstolos, existem pouquíssimas referências históricas sobre Paulo. Tudo que sabemos dele é através das cartas, que lhe são atribuídas, e dos Atos dos Apóstolos, textos estes adulterados no todo ou em parte ou compilados de outros fragmentos de textos. As Cartas a Timóteo, a Tito e aos Hebreus são totalmente questionáveis. A autenticidade das Cartas aos Efésios e aos Colossenses, assim como a Segunda Carta aos Tessalonicenses, é uma questão muito debatida.

O que conhecemos hoje como cristianismo não passa de uma vasta e artificial doutrina de regras e preceitos criados por Paulo, e que pode ser melhor designado pelo nome de "Paulinismo". O historiador eclesiástico Wilhelm Nestle, comentando a questão, diz que: "o cristianismo foi a religião fundada por Paulo, que substituiu o evangelho de Cristo por um evangelho sobre Cristo."²¹ Paulinismo, nesse sentido, significa desvirtuamento e mesmo falsificação dos verdadeiros ensinamentos de Jesus por Paulo. Há muito tempo os teólogos modernos e os estudiosos de história da Igreja vêm afirmando abertamente que o cristianismo da Igreja organizada, cuja questão central é a compreensão da salvação como fruto da morte e do sofrimento de Jesus, se apoiou em fundamentos incorretos. "Tudo o que há de bom no cristianismo provém de Jesus e tudo o que há de mau, de Paulo", escreveu o teólogo Overbeck²². Associando a morte do Unigênito de Deus à redenção de nossos pecados, Paulo retrocedeu às primitivas religiões semíticas, em que os pais deviam imolar seus primogênitos. Paulo também é o responsável pelos dogmas do pecado original e da trindade, posteriormente incorporados pela Igreja.

Já no século 18, o filósofo inglês Lord Bolingbroke (1678-1751) reconhecia, no Novo Testamento, duas religiões completamente diferentes: a de Cristo e a de Paulo²³. Kant, Lessing, Fichte e Schelling também faziam distinção entre os ensinamentos de Jesus e o de seus "discípulos". Um grande número de renomados teólogos modernos aceitam e defendem essa tese.

Paulo, o impaciente zelota, completamente diverso dos primeiros apóstolos, é considerado "um caso típico de intolerância" pelo teólogo Deissmann²⁴. Ele abriu um profundo abismo entre crentes e incrédulos, passando por cima de muitos dos ensinamentos de Jesus. Colocou Jesus num pedestal e o transformou no Cristo que Jesus nunca quis ser. Se quisermos, porventura, encontrar alguma veracidade dentro do cristianismo, teremos que rejeitar uma série de óbvias falsidades que foram consideradas intocáveis, e voltar aos verdadeiros e puros ensinamentos de Jesus e às questões essenciais da religião. No entanto, é fácil perdoar todas as interpretações de Paulo se considerarmos que, sem ele e outros dogmatistas, hoje não conheceríamos nenhum detalhe sobre Jesus. Sobre isso, o teólogo Grimm diz que: "Por mais enraizados que estejam tais conceitos no pensamento cristão, eles têm pouco a ver com o verdadeiro Jesus"²⁵.

Conclusões

Resta-nos agora analisar até que ponto as fontes conhecidas podem elucidar a historicidade de Jesus. Os manuscritos descobertos em Ladakh por Nikolai Notovitch podem, indubitavelmente, preencher uma importante, inexplorada e inexplicável lacuna na vida de Cristo. Entretanto, esta descoberta precisa ser bem fundamentada e corretamente apresentada para não ser interpretada como uma tentativa fantástica e repentina de lançar uma luz nas trevas que revestem a origem do cristianismo. Um retrato fiel de Jesus só pode ser obtido através de uma extensa e objetiva investigação histórica, livre do dogmatismo eclesiástico e apoiada nos melhores recursos da pesquisa moderna.

Como professor de religião cristã, tenho tido a oportunidade de verificar que um número cada vez maior de teólogos esclarecidos estão encontrando dificuldades em aceitar determinados "mitos" que lhes foram impostos, tais como o dogma da imaculada concepção ou da morte na cruz, seguida de

uma extraordinária ressurreição e ascensão do corpo de Cristo, sobretudo após ter descoberto (somente na universidade) alguns novos elementos a respeito da história dos textos bíblicos. Vêem-se forçados, de uma forma absurda, a calar sobre esses conhecimentos e a continuar a repetir as ingênuas histórias da Bíblia, como se fossem a verdadeira palavra de Deus. Mais recentemente, em 18 de novembro de 1965, a Igreja Católica Romana declarou na revisão de sua constituição dogmática (Vaticano II), seu mais solene e importante documento, que a Bíblia emana diretamente de Deus, o que faz dela um texto santo e canônico nas suas partes e na sua totalidade, escrito sob inspiração do Espírito Santo. "Tudo o que foi escrito pelos autores inspirados deve ser considerado como tendo sido escrito pelo Espírito Santo." A Bíblia, para a Igreja, é mestre confiável, infalível e fiel. Milhares de católicos recebem esse ensinamento e, como bem sabemos, a "fé", na Igreja Católica, é um elemento fundamental. Esta postura é particularmente penosa para aqueles que são os responsáveis pela divulgação dos dogmas da Igreja e que estão bem informados sobre o atual estado da questão. Crises pessoais e tragédias humanas são frutos que nascem, invariavelmente, desse conflito.

A direção da Igreja comete quase uma blasfêmia ao conferir autoridade "divina" a textos repletos de erros, omissões, contradições, falhas lógicas, falsas conclusões, equívocos, deficiências, distorções, mal-entendidos, confusões, perjúrios e mentiras óbvias.

O bispo anglicano John A. T. Robinson desafiou oficialmente toda a Igreja a expor seu ponto de vista em relação à Bíblia. Um amplo exame dos fundamentos da religião crista poderia redundar em uma reforma dogmática. A Igreja, porém, ainda parece esquivar-se de qualquer forma de esclarecimento e continua a tratar progressistas corajosos, tais como Küng, o teólogo de Tübingen, de uma forma medieval. E é esta mesma Igreja que exige, e espera de seus adeptos, correção, franqueza, honestidade e amor pela verdade. Isto é ou não é uma fraude? Mas qual a razão disso tudo? Será que a Igreja está interessada no bem-estar das almas dos homens, que só poderão se salvar respeitando o dogma da redenção, ou está simplesmente preocupada em preservar e manter o poder? A Igreja tem procurado, por todos os meios, evitar que o mistério que envolve Jesus seja elucidado, evitando que tenha sucesso qualquer tentativa racional de investigar o fenômeno Cristo.

A verdade sobre Jesus, e sobre o que ele realmente pregava, é mil vezes mais fascinante que todas as histórias inventadas a seu respeito.

Jesus, com certeza, não pregou a institucionalização de uma igreja organizada, reduto de arrogantes neofariseus, sediados na infalibilidade; nem a conversão, sob ameaça de morte ou de eterna danação. Ele nunca aconselhou nem autorizou ninguém a ocupar, na terra, importantes cargos divinos; nunca se considerou a encarnação de Deus; nunca perdoou pecados ou conferiu a outros esse dom, nem nunca prometeu a vinda e a permanência de um Espírito Santo fora dele. Também não pediu a seus discípulos que escrevessem um evangelho; se quisesse ele mesmo o teria feito. O que Jesus realmente desejava? E uma questão difícil de ser resolvida, pois a tradição o apresenta a nós simplesmente como uma figura de grande integridade moral e possuidora de profundos sentimentos humanos e espirituais.

Hoje, mais do que nunca, são atuais as palavras de Albert Schweitzer, pronunciadas em 1913: "O cristianismo moderno tem que encarar a possibilidade do passado histórico de Jesus ser revelado a qualquer momento."²⁶ E Rudolf Butmann acrescenta: "Eu não ficaria nem um pouco chocado se os ossos de Jesus fossem encontrados hoje!"²⁷

As "lacunas" que caracterizam essa época canonizada pelas crônicas da Igreja poderiam ser providencialmente resolvidas com uma viagem ao Oriente, que se tem demonstrado muito importante na compreensão dos atuais movimentos espirituais do mundo. Os muçulmanos sempre preservaram a história; isto, juntamente com os vinte séculos de acumulação de documentos hoje em acelerado processo de pesquisa, muito contribuirá para os esclarecimentos desses pontos omissos.

A alma de Jesus está intimamente ligada ao espírito que impregna a atmosfera característica da antiga Índia. Vamos, agora, ao encontro desse Jesus Oriental, pois *Ex Oriente Lux*, do Oriente vem a luz e a promessa.

Minhas Viagens pelo Himalaia

Em 1973, um semanário alemão²⁸ publicou uma reportagem sobre um professor que afirmava ter descoberto o túmulo de Jesus Cristo. O artigo trazia até fotografias do suposto túmulo, e esse professor declarava, abertamente, que Jesus não apenas tinha passado a juventude na Índia, mas que também tinha sobrevivido à crucificação e que, voltando para esse país singular, lá viveu como mestre itinerante, ou guru, até sua morte, em idade

avançada, tendo sido possivelmente enterrado em Srinagar, capital da Caxemira.

Essa foi uma revelação estarrecedora, e a revista que ousou estampá-la recebeu milhares de cartas indignadas e protestos veementes. Porém, o artigo despertou interesse em algumas pessoas de mente mais aberta, que sempre olharam com desconfiança para as pias histórias sobre a imaculada concepção, sobre a ressurreição e assunção de Jesus.

Ainda hoje, após dez anos, continuam a chegar cartas, com perguntas que não podem ser corretamente respondidas, porque a afirmação de que Jesus viveu na Índia não foi levada a sério, praticamente, em nenhum dos milhares de livros escritos sobre Jesus. Parece incrível que nenhum cético tenha-se colocado a questão do possível lugar em que Jesus foi sepultado. Ainda que possamos dar uma explicação aos milagres realizados por Jesus, o fato de seu corpo ter simplesmente desaparecido no ar e, segundo a Bíblia, ter sido levado para o céu, é inacreditável!

Cansado das respostas evasivas e insuficientes de meus professores sobre a figura histórica de Jesus, depois de ter completado meus estudos de professor de religião, decidi partir para a Índia e ver o que poderia descobrir por mim mesmo. Na primavera de 1979, voei para a Índia com escala no Egito e desembarquei em Bombaim. Segui por terra até Dharmasala, aos pés do Himalaia, onde reside o Dalai Lama desde sua fuga do Tibete em 1959. Pedi-lhe uma apresentação para o abade do mosteiro de Hemis, a fim de obter permissão para folhear o material escrito por Notovitch, há cerca de cem anos. Precisei esperar quatro dias para obter uma audiência, mas finalmente pude ter o documento desejado, assinado por Sua Santidade, o décimo - quarto Dalai Lama.

Dirigi-me a Caxemira onde me informaram que, dentro de alguns dias — isto é, entre o nono e o décimo - primeiro dia do quinto mês tibetano —, seriam encerradas as famosas peças de mistério, que tanto deleitaram Notovitch. O festival, chamado Cham ou Setchu, era uma homenagem ao santo profeta e budista Padmasambhava.

Hoje pode-se chegar de ônibus a Leh, capital de Ladakh, com relativo conforto, após uma viagem de dois dias através do Himalaia. Quando finalmente cheguei a Hemis, as festividades já tinham começado. Havia muita gente e, apesar de ter sido permitida a presença de estrangeiros há apenas cinco anos, havia muitos turistas ocidentais por lá. Não quis anunciar o motivo de minha visita naquela ocasião e, deixando Hemis, voltei a Leh. Regressei três semanas depois. Hemis é o maior, mais rico e

mais importante mosteiro de Ladakh. Seu nome deriva da palavra indiana *Hem* ou *Hen* (do sânscrito *Hima*, que significa neve, frio), de onde se pode concluir que a região já devia ter sido habitada antes da atual cultura tibetana.



O mosteiro de Hermis, situado a 4000 metros de altitude, no Himalaia, a 34 quilômetros de Leh, capital do Ladakh

Paciência e perseverança são duas virtudes que o estrangeiro deve cultivar nessas paragens, porque, a princípio, nos dão pouca atenção. Eu participava do convívio dos monges apenas na cozinha, que mais parecia o laboratório de um alquimista medieval, onde experimentei o chá de manteiga salgada. Ao anoitecer, um monge, com um gesto silencioso, levou-me até minha cela. Os dias seguintes passei praticamente sozinho, percorrendo os arredores ou explorando os corredores do mosteiro. Só reencontrava meus amigos quando a fome apertava. Na manhã do quarto

dia, um jovem monge apareceu em meu quarto e me fez sinal para segui-lo. E eu o segui, através de estreitos corredores e íngremes escadas de madeira, até o terraço do grande templo, onde os monges estavam reunidos ao redor de uma enorme mesa. Um deles, de meia-idade e aspecto solene, dirigiu-se a mim num inglês perfeito. Era Nawang-Tsering, secretário e intérprete do abade, que explicou que Sua Santidade, o Rimpoche Dungsey, soubera de meu interesse e desejava falar-me.

Enquanto aguardava, ouvi uma história curiosa, contada por Nawang-Tsering, a respeito do antigo abade de Hemis e chefe espiritual da seita tibetana Dukpa Kargyupa, dado como desaparecido depois da invasão comunista chinesa. O abade, que nessa ocasião estava mergulhado em profundos estudos no Tibete, sua pátria, não teve permissão para partir porque insistiu em levar os pais, que não queria abandonar naquele momento difícil. Algum tempo depois o governo comunista lhe proibiu qualquer correspondência e, segundo a última notícia que se teve dele, estava num campo de prisioneiros.

Quinze anos mais tarde foi oficialmente declarado morto e começou a ser procurado sob a forma de uma nova reencarnação. Seis anos após a data presumida de sua morte, os lamas encontraram em Dalhousie (Darjeeling) um menino de 2 anos, consagrado como Rimpoche Drugpa, em 1975, com a idade de doze anos. Este jovem tinha um mestre idoso, chamado Rimpoche Dungsey, que até a consagração do menino tinha dedicado todo o seu tempo ao estudo e à disciplina.

Durante minha estadia entre os monges, me chamou a atenção um homem alto, de aproximadamente 30 anos, que, por suas feições, não demonstrava ser tibetano, mas sim um ocidental. Descobri que era australiano. Interessando-se pelo meu trabalho de pesquisa, ofereceu-se para servir de intérprete, durante minha entrevista com o Santo Dalai Lama, que só falava tibetano.

Solene e já idoso, Sua Santidade me esperava, sentado na posição de Buda, sobre um pequeno trono numa sala magnificamente decorada. Diante dele, sobre uma mesa baixa, estava uma xícara de chá de prata ricamente decorada. Curvei-me diante dele com os braços cruzados, de acordo com o cerimonial, e fui convidado a me sentar no tapete à sua frente. Seus olhos vivos e brilhantes, cravados em um rosto enrugado, sorridente e adornado por uma rala barba branca, irradiavam bondade e sabedoria. Entreguei-lhe a carta de apresentação e procurei convencê-lo de quão importantes seriam aqueles textos para toda a cristandade.

Com um sorriso complacente, o sábio lama aconselhou-me a, antes, descobrir a verdade por mim mesmo, para depois querer endireitar o mundo. Naquele momento não consegui entender suas palavras. O australiano só traduziu uma parte daquilo que o lama me disse. Por fim, o Santo Lama me informou que os manuscritos que eu procurava não haviam sido encontrados.

Essa notícia caiu sobre mim como um raio. Desapontado e um tanto confuso, me retirei, com a forte impressão de que o mosteiro queria guardar para si, ainda por muitos anos, este segredo tão precioso.

Apesar disso, consegui reunir várias informações sobre Notovitch e os textos por ele descobertos, chegando até mesmo a uma fonte anterior.

Em 1854, bem antes da chegada de Notovitch a Hemis, uma senhora de nome Harvey já tinha falado sobre os escritos sobre Issa em sua obra, intitulada *Aventuras de uma Senhora na Tartaria, China e Caxemira* (Vol. II, pág. 136).

Sir Francis Younghusband, embaixador da Coroa Britânica junto à corte do Marajá de Caxemira, relata à página 214 de seu livro *O Coração de um Continente* o encontro que teve com Notovitch, no desfiladeiro de Zoji-la, e recorda que passaram a noite em um acampamento. Nessa ocasião Notovitch vinha de Caxemira, em viagem para Skardu.

Em 1890, o renomado hindologista de Oxford Max Müller (nascido em Dessau em 1823) quis tachar a descoberta de Notovitch de fraudulenta. Müller, que nunca esteve na Índia, declarou que, após consultar autoridades inglesas de Caxemira, foi informado de que não havia nada nos registros locais sobre a estadia de um europeu de perna quebrada em um dos mosteiros locais. Podemos perceber melhor o contexto intelectual de Müller, através de uma carta que ele enviou em 1876 a um amigo: "A Índia está muito mais preparada para receber o cristianismo que a Roma e Grécia do tempo de São Paulo (...) e gostaria de participar da missão destinada a destruir o pérfido sacerdócio indiano para abrir as portas da Índia aos ensinamentos cristãos."²⁹

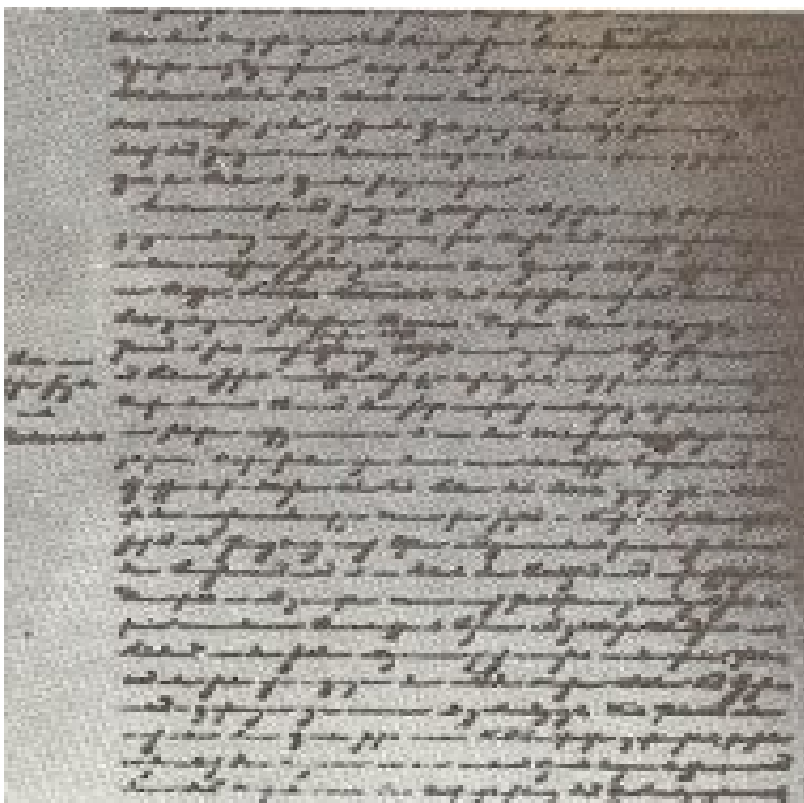
E quanto aos textos citados por Notovitch, há informação de que outras pessoas os folhearam, como por exemplo, o Swami Abhedananda, da Missão Ramakrishna de Calcutá que, em 1922, após ler *A Vida Desconhecida de Jesus*, partiu para Hemis. Cético diante da afirmação de Notovitch queria ver com os próprios olhos. Para sua surpresa, encontrou os referidos documentos e, sendo versado na língua pali, fez uma tradução

direta do texto. Mais tarde nos fala dessa descoberta, em seu livro de viagens *Kash-miri O Tibetti*, escrito em bengali.

Também o professor e artista russo Nicholas Roerich visitou, em 1925, o mosteiro de Hemis e fala desses documentos em sua obra *O Coração da Ásia*.

Lady Henrietta Merrick, em seu livro de viagens publicado em 1931, intitulado *No Teto do Mundo*, confirma a existência dos documentos.

Ainda no século 19, o Dr. K. Marx, grande conhecedor do Tibete, nos deixou um diário (*ver ilustração*), que foi encontrado em uma missão da Igreja Morávia em Leh, no qual comentava a visita que Notovitch fez ao mosteiro de Hemis.



Uma página do diário do missionário Dr. Max, onde se menciona o tratamento de uma dor de dente de Notovich.

Logo após meu retorno a Leh, procurei pela missão da Igreja Moravia, fundada em 1885 pela ordem dos irmãos leigos de Herrnhutter.

Alguns zelosos missionários cristãos tinham ido para o Tibete muito antes daquela data. Os monges capuchinhos residiram em Lhasa desde o século 14, na esperança de converter tibetanos ao cristianismo, esforço esse que, no entanto, não teve sucesso. Isto porque quando os missionários contaram que Cristo tinha se sacrificado na cruz pela redenção da humanidade e que tinha ressuscitado em seguida, os tibetanos acharam tudo muito natural e exclamaram entusiasmados: "E ele!"

Os pios budistas estavam totalmente convencidos de que Cristo era uma encarnação de Padmasambhava. Tratava-se da mesma pessoa.

Os missionários acabaram desistindo de converter a população, não por terem encontrado muita resistência, mas sim porque seus ensinamentos eram simplesmente interpretados como uma ulterior confirmação dos ensinamentos que foram proclamados por Sakyamuni, Padsambhava, e outros santos budistas³⁰. Atualmente, existem somente 185 cristãos entre toda a população de Ladakh.

Fui recebido pelo diretor da missão, o padre Razu, um tibetano, que, com muita cordialidade, durante um chá, contou-me a história da missão. Não pôde, porém, me mostrar o diário porque, três ou quatro anos antes, ele havia desaparecido misteriosamente. Nessa ocasião, uma delegação de Zurique passou por Leh, e o neto do renomado Dr. Francke (colega do Dr. Marx) hospedou-se, por um certo tempo, na missão. O amigável padre não sabia explicar como o livro tinha desaparecido, mas lembrou que o professor Hassnain, de Srinagar, havia fotografado suas partes principais quatro anos antes (*ver ilustração*). Hassnain foi quem forneceu ao repórter da revista *Stern* os dados que, em 1973, causaram tanta celeuma.

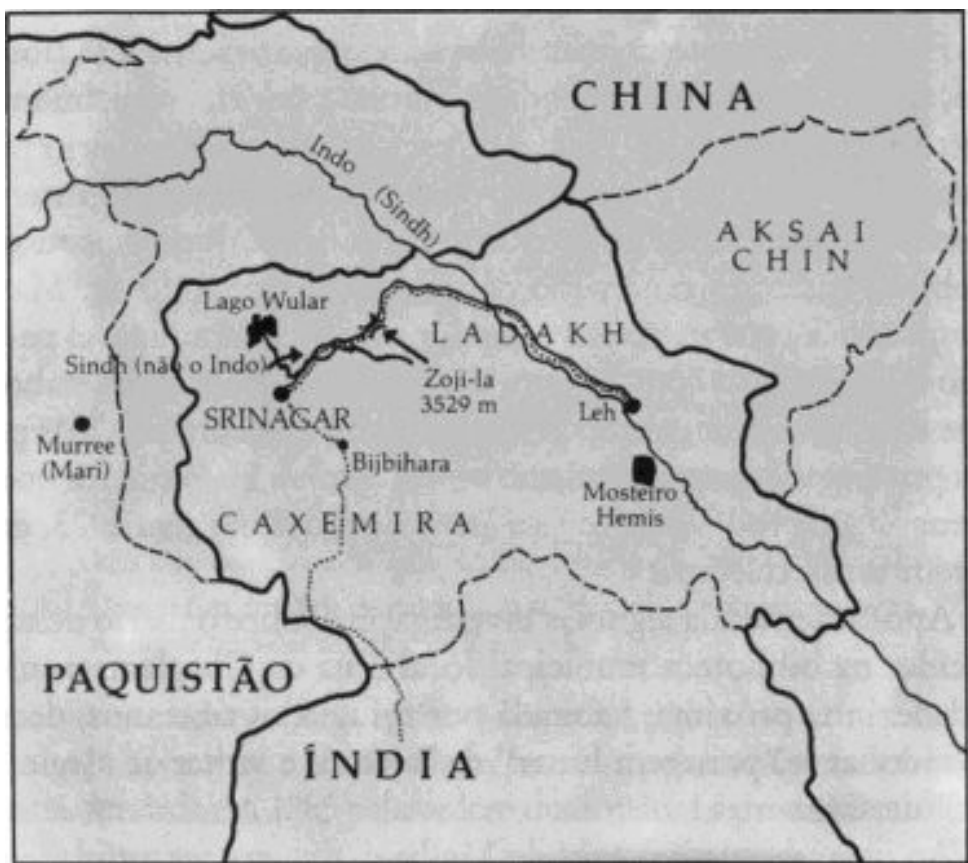
Após fazer ainda algumas investigações sobre o diário desaparecido, na biblioteca municipal local e na de Chaglamsar, uma cidadezinha próxima, habitada por refugiados tibetanos, decidi abandonar a "paisagem lunar" de Ladakh e voltar ao "vale feliz" de Caxemira.

Ao atravessar o vilarejo de Mulbek, tive a oportunidade de admirar, esculpido em uma rocha vertical de 12 metros de altura, um baixo-relevo de Maitreya, o salvador dos budistas, cujo advento foi profetizado por

Sakyamuni. O nome Maitreya parece corresponder ao aramaico *Meshia*, o messias que os judeus continuam a esperar como seu salvador.

Caxemira possui vales férteis, grandes e serenos lagos e rios de água límpidas, e por isso é chamada a Suíça da Índia. Construída aos pés do "Teto do Mundo" (Himalaia), rodeada por montanhas cobertas de vegetação, este paraíso, desde tempos imemoriais, atraiu gente de todas as partes, principalmente no período áureo da Caxemira, quando chegaram peregrinos de todo o mundo para estudar os ensinamentos do Buda Gautama, guiados pelos renomados mestres de Caxemira. Esta cidade é conhecida como o centro do budismo Mahayana e sede dos mais elevados valores espirituais e culturais. O fogo devastador do Islã varreu aquelas paragens deixando poucos vestígios dos grandes mosteiros, dos templos e das lições dos ascetas.

Apesar de sua idílica localização, Srinagar é uma cidade comercial, agitada e barulhenta. Rodeada de lagos, foi construída à margem esquerda do grande lago Dal (*dal* = lentilha) e é toda recortada por inúmeros canais que a fazem parecer uma Veneza do Oriente.



As províncias de Jammu e Caxemira no norte da Índia.

Uma parte considerável da população vive em casas flutuantes, que podem variar de simples "dongas" a verdadeiros palácios, ancorados às margens dos lagos, entre jardins também flutuantes, ou nos canais da cidade velha. Durante o tempo em que estive em Srinagar, morei num velho barco, em um pequeno lago, de onde eu podia tomar um "táxi" a remo para qualquer parte da cidade. Uma verdadeira frota de barcos dirigidos por comerciantes distribuía as mercadorias à população. Havia até um correio itinerante, que prestava serviços diários. Não é preciso salientar o encanto deste belo lugar, procurado por muitos turistas americanos e europeus que costumam passar longos períodos nessas casas flutuantes estudando sânscrito ou apenas aproveitando a agradável atmosfera.

De onde eu estava, podia chegar em dez minutos à moderna universidade de Caxemira, onde tinha à disposição extensa e interessante literatura no meu campo de estudo.

Foi nessa ocasião que conheci o professor Hassnain.

Ele era um erudito de fama internacional, doutor em hindologia e arqueologia, autor de vários livros, diretor do "Centro de Pesquisas de Caxemira para Estudos Budistas" e de todos os museus, coleções e arquivos de Caxemira, além de professor convidado, no Japão e Estados Unidos, e membro da Conferência Internacional da Pesquisa Antropológica, de Chicago. Mas, apesar de toda essa bagagem, era uma pessoa simples e afável. Depois de lhe falar sobre minhas intenções e planos, ele discorreu com grande entusiasmo sobre suas próprias pesquisas, adiando todos seus compromissos para o dia seguinte. Ao final de nosso encontro, convidou-me para visitá-lo em sua casa.

No curso de nossa conversa, falou-me de tudo que havia descoberto, nos últimos vinte anos, sobre a presença de Jesus na Índia. Grande parte de seu conhecimento derivava de uma obra pioneira, intitulada *Jesus no Paraíso Terrestre*, fruto de dez anos de trabalho de um advogado erudito chamado Al-Haj Khwaja Nazir Ahmad, e publicada em 1952, no Lahore.

Mas todos os acontecimentos históricos, todas as descobertas,



Srinagar vista do "Trono de Salomão", com suas casas e jardins flutuantes, ao longo das margens do lago Dal.

correlações e provas apresentadas são incompreensíveis e podem ser interpretadas como hipóteses absurdas, se não forem consideradas à luz das mais recentes pesquisas sobre a vida de Jesus. Até que se tenha em mãos uma prova irrefutável da historicidade de Jesus, é impossível afirmar se ele, em sua mocidade, esteve ou não na Índia, se sobreviveu à crucificação, se ocorreu ou não a ascensão, se voltou à Índia e lá morreu em idade avançada.

Sem essa fundamentação, qualquer pessoa criada dentro do cristianismo descartaria a possibilidade de Jesus ter vivido na Índia, talvez com um sorriso divertido ou complacente. E realmente difícil desvencilhar-se de uma tradição de 2 000 anos. Entretanto, embora essa tradição subsista há tanto tempo, isto não significa que, por isso, ela seja verdadeira ou completa.

Talvez pudéssemos começar observando mais de perto um fato que não se perdeu por entre mitos e lendas, na noite dos tempos, e que tem um grande

significado para a tese de que Jesus viveu na Índia: a presença de tribos judias no leste de Israel e mesmo em Caxemira. Antes disso, porém, voltando um pouco mais no tempo para ampliar o nosso contexto, queremos examinar a impressionante figura bíblica de Moisés, o grande profeta do Antigo Testamento.

Capítulo 2

Moisés e os Filhos de Deus

A Origem dos Hebreus

Na opinião de modernos pesquisadores, Abraão, patriarca dos hebreus, foi, realmente, um personagem histórico, que nasceu por volta de 1700 a.C, a quem o Deus Javé ordenou: "Sai da tua terra, da tua família e da casa de teu pai, para a terra que eu te indicarei". (Gênesis, 12,1). Qual a terra natal dos antepassados de Abraão? Blavatsky sustenta que as primeiras línguas semíticas derivam de corruptelas fonéticas da antiga língua indiana, o sânscrito. A palavra Adima, em sânscrito, quer dizer "a primeira pessoa" (*adi* significa primeiro de todos) e *Hava* ou *He-va* poderia significar "o que torna a vida completa" (*hava* significa oferenda sacrificial; *hevakin*, devotado a, absorto em). Em sua obra *A Doutrina Secreta*¹, H. P. Blavatsky escreve que os hebreus eram descendentes dos Chandalas, indianos de condição social humilde, que não pertenciam a nenhuma casta. Muitos deles eram ex-brâmanes que se refugiaram na Caldeia, em Aria (Irã) e no Sindh e que pertenciam aos a-brâmanes ou não-brâmanes, lá pelos idos de 8000 a.C Em um remoto período dessa história os a-brâmanes insurgiram-se contra a desumanidade do sistema de castas, mas nada puderam fazer contra a casta dominante dos brâmanes, e por isso precisaram emigrar. De acordo com o capítulo 29 do Gênesis, o filho de Abraão, Jacó, foi visitar Labão na terra dos "Filhos do Oriente". Além disso, no livro de Josué, está

escrito que o povo de Israel é originário do Leste (isto é, da região ao leste de Israel).

"Assim diz o Senhor Deus de Israel: Além do dilúvio habitavam outrora os vossos pais, Taré, pai de Abraão e de Nacor, e serviram a outros deuses. Porém, tirei vosso pai Abraão do outro lado do dilúvio e o conduzi às terras de Canaã, e multipliquei sua descendência e lhe dei Isaac."

(Josué 24,2-3)

Diversas passagens do Gênesis afirmam que a verdadeira pátria de Abraão situava-se em Harã. Segundo Gênesis 11,32, Abraão morava em Harã quando Deus lhe ordenou que partisse. Então Abraão disse ao seu servo mais velho: "irás à minha terra e à minha parentela e escolherás uma esposa para meu filho Isaac". (Gênesis 24). Geralmente supõe-se que Harã estivesse localizada na Baixa Mesopotâmia, hoje em dia conhecida como *Eski-Chârran*. Porém, no norte da Índia, existe uma pequena cidade chamada Harã, a poucos quilômetros ao norte de Srinagar, capital de Caxemira, onde existem restos de antigos muros que os arqueólogos atribuíram a um período muito anterior à Era Cristã. Apesar da impossibilidade de reconstruir a rota das tribos nômades, um estudo cuidadoso dos elementos de que dispomos nos leva a crer que, em 1730 a.C, os nômades, liderados por Jacó, tomaram o rumo do Egito.

Manetho, sacerdote e historiador egípcio, escreve: "Inesperadamente, um povo de origem humilde surgiu do Oriente, entrou corajosamente em nosso país e o dominou pela força, sem ter encontrado grande resistência". Alguns murais das câmaras mortuárias representam estes conquistadores como pessoas de pele clara e cabelos escuros.



Pinturas murais em um túmulo egípcio: um oficial egípcio recebe nômades semitas, pintados com uma cor de pele mais clara e com um perfil diferente daquele dos egípcios. Com um grupo como este, José chegou ao Egito.

No sétimo capítulo dos Atos dos Apóstolos, Santo Estevão nos conta, em poucas palavras, como Abraão, o patriarca dos judeus, foi impelido para a terra que o Senhor da glória lhe queria mostrar. Ele saiu "da terra dos caldeus, indo morar em Harã", viajando através da Mesopotâmia. É possível que as tribos nômades, lideradas por Abraão, tenham dado um nome familiar ao lugar onde temporariamente se estabeleceram, a noroeste da Mesopotâmia. Forçado pela fome, o grupo seguiu para o Egito, porque Jacó, o filho de Abraão, soubera que "havia trigo no Egito". Em breve, porém, foi obrigado a retornar à Palestina. Apesar das divergências que caracterizavam o relacionamento entre os filhos de Abraão, isto é, entre Isaac, Esaú e Jacó, com a geração seguinte, o clã se transformou numa tribo unida.

No tempo dos hiesos, os doze filhos de Jacó, abatidos pela fome, retornaram ao Egito, fixando-se, primeiramente, na província de Goshen. Vestígios de agrupamentos semíticos, datados dessa época, foram encontrados a nordeste do delta do Nilo.



Para começar, os hebreus se multiplicaram rapidamente, espalharam-se por todo o país, tornando-se ricos, poderosos e influentes. Porém, antes do fim da dinastia dos hiesos, em 1583 a.C, sua posição já tinha se deteriorado devido a conflitos intestinos.

Assim, podemos dizer que a palavra "hebreu" não significava originalmente um grupo nacional ou étnico, mas qualquer pessoa, sem direitos e sem teto permanente, cujo destino era servir aos egípcios, como mão-de-obra barata (mais tarde, foram condenados a trabalhos forçados), como se depreende das fontes que chegaram até nós, datadas dos séculos 13 e 14 a.C. O texto de Êxodo (1,11) narra que os antepassados dos israelitas foram obrigados a construir como escravos as cidades de Piton e Ramsés. Foi por essa época que as tribos semíticas, guiadas por Moisés, deixaram o Egito, rumo à terra de seus ancestrais, a terra abençoada que lhes havia sido prometida pelo Deus Javé.

Manu — Manes — Minos — Moisés

As coisas se tornam mais fáceis e claras se partirmos de algumas figuras representativas das principais linhas culturais do Oriente. No século 19, foi levantada a hipótese de certos paralelos. Assim, na Índia antiga, o legislador e político era conhecido pelo nome de Manu. No Egito, por Manes. Minos era o nome do rei de Creta que foi estudar no Egito as leis que ele pretendia introduzir na Grécia. O líder do povo hebreu que nos legou os dez mandamentos chamava-se Moisés. Manu, Manes, Minos e Moisés, dada a enorme influência que exerceriam na história da humanidade, estavam destinados a mudar a face do mundo. Todos os quatro estatuíram as leis que continuariam a ter força no futuro, alicerçando as sociedades sacerdotais e teocráticas. Todos procederam de acordo com um modelo arquetípico muito mais evidente que as meras semelhanças dos nomes e instituições que eles criaram.

Manu é uma palavra sânscrita que significa "um homem de qualidades excepcionais, um dispensador da lei". Os quatro nomes acima citados têm uma origem sânscrita comum.

Sempre, na aurora de todas as civilizações, surgem seres predestinados a grandes feitos, a conduzir as massas, a mover as engrenagens do progresso ou a governar. Ao invés de se deixarem dominar pela sede de poder que tanta atração exerce sobre pessoas incultas, preferem, como líderes

espirituais e culturais, usar do poder que lhes foi concedido, para viver em harmonia com o Ser Supremo que existe na consciência de todos os homens. Envolto por uma auréola de mistério, suas origens e suas vidas transformam-se em lendas. São chamados "profetas" ou "emissários de Deus" e reformulam as obscuras revelações do passado que só eles sabem interpretar. Em suas mãos habilidosas, toda a realidade pode ser transformada numa manifestação do poder celestial que eles têm condições de invocar ou aplacar. Magos da Índia e de Israel podiam, por exemplo, colocar uma serpente em estado catatônico, exibí-la como um cajado diante de todos e depois fazê-la voltar ao seu estado normal. Esse é, aliás, um truque muito popular no repertório dos faquires.

Os adeptos e intérpretes literais das leis de Manu, aliando-se a mais influente casta dos brâmanes e dos sacerdotes, desequilibraram a estrutura social dos Vedas, causando assim o declínio e a ruína de seu povo que, posteriormente, iria ser sufocado sob o corrupto domínio sacerdotal. Da mesma forma, aqueles que documentaram a tradição oral de Moisés, se apegaram, sobretudo, ao comportamento despótico de seus predecessores, quando no governo do povo de Israel (ou filhos de Deus).

Quem Era Moisés?

A etimologia do nome de Moisés é muito discutida. No Egito, *mos* significa simplesmente criança ou, literalmente, "nasceu" (p. ex. Tutmósis). De acordo com outra interpretação, baseada no hebraico, o nome deriva de *mo*, água, e *useb*, salvo, o que corresponde à lenda segundo a qual Moisés foi encontrado flutuando nas águas de um rio, dentro de um cesto de vime (Êxodo 2,10). Quanto ao Moisés histórico, é impossível estabelecer um quadro preciso dele; a própria tradição deixou muitas questões sem resposta, criando expectativa em torno do argumento. O Antigo Testamento prova que Moisés não poderia, absolutamente, ser o autor dos cinco livros que lhe são atribuídos. O Pentateuco é resultado de séculos de tradição oral e escrita, derivada de diversas fontes, como se deduz da variedade de estilo, das inúmeras repetições e contradições, e das incompatíveis variações de alguns princípios teológicos básicos. Mas,

apesar das sombras projetadas pelo passado, podemos afirmar com segurança que Moisés foi, de fato, um personagem histórico. E certo que ele cresceu na corte real e foi educado por sacerdotes, que era muito culto e que foi uma pessoa influente em todas as esferas de governo. Moisés utilizou-se de um sincretismo que somava à sua doutrina curiosas práticas mágicas, que combinava com elementos védicos e com elementos da idolatria egípcia. Sua intenção era proclamar a existência de um só Deus, o Deus de Israel, e pôr fim à adoração de todos os outros deuses. Para provar a vontade de Deus (na verdade, a sua) recorria a "milagres". Se a mitologia greco-romana foi descartada como fonte do cristianismo, não foi isso que aconteceu com os textos de Moisés, ainda que seja difícil reconhecer no Deus vingativo descrito por Moisés como um fogo devorador o mesmo Deus do Novo Testamento.

Quem se opusesse à sede de poder de Moisés era impiedosamente destruído. E era geralmente através do fogo que Moisés costumava defender suas convicções, ainda que conhecesse também vários passes de mágicas. Após sua exibição perante os magos egípcios (Êxodo 7 8-13), sua fama de grande feiticeiro chegou até a Grécia. Nos primeiros anos do cristianismo, surgiram alguns livros apócrifos completando o Pentateuco, e que atribuíam o conteúdo mágico desse documento a Moisés. Depois do nascimento de Cristo, foram divulgados o sexto e sétimo livros de Moisés que retomavam a tradição egípcia, apresentando uma série de palavras e preces mágicas, feitiçaria e textos de doutrinas secretas de diversas procedências.

Em 1928, Jens Juergens² publicou uma obra chamada *O Moisés Bíblico*, onde prova que os sacerdotes egípcios sabiam fabricar a pólvora há mais de 6 000 anos, e que a empregavam em fogos de artifícios e como uma espécie de luminária bengali. Uma outra informação vem do professor e arqueólogo inglês Flinders Petri, que na sua obra *Pesquisas no Sinai*, de 1906, nos mostra que Moisés não tinha autoridade somente sobre os templos egípcios, mas também sobre as minas reais do Sinai e, conseqüentemente, sobre a mina de enxofre, de "Gnefru", em atividade a partir do ano 5 000 a.C. Moisés tinha aprendido a fabricar pólvora nos livros secretos sacerdotais e sua composição, à base de enxofre, carvão e salitre, provou ser muito simples do ponto de vista técnico. Assim, quando seus súditos recusavam-se a obedecê-lo nas suas contínuas pregações (Êxodo 18,13ss), ele enviava um fogo devorador que os fazia curvar-se à

sua vontade. (Êxodo, 19,18; 24,17; 33,9; Deuteronómio 4,11; 4,24; 4,33; 4,36; 5,4; 5,5; 5,23; 9,3; 32,22).

Como representante do Deus do Fogo, Moisés exercia um grande poder, e quando o povo se negava a cumprir os sacrifícios exigidos, bastava uma simples demonstração do poder divino para que tudo voltasse ao normal. Veja-se, por exemplo, o incidente do Monte Sinai (Êxodo 19); a morte pelo fogo de 250 pessoas, após a rebelião de Coré (Números 16,1-35); e a morte dos milhares de outras em uma tempestade de fogo, por terem se insurgido contra Moisés (Números 16,36-50).

Os filhos de Aarão foram atingidos fatalmente por uma chama de fogo quando desobedeceram a vontade divina (Levítico 10,1-7); o próprio Moisés sofreu graves queimaduras resultantes, logicamente, de uma explosão e, por ter ficado com o rosto horrivelmente deformado, foi obrigado a cobri-lo com uma atadura especial (Êxodo 34, 29-35).

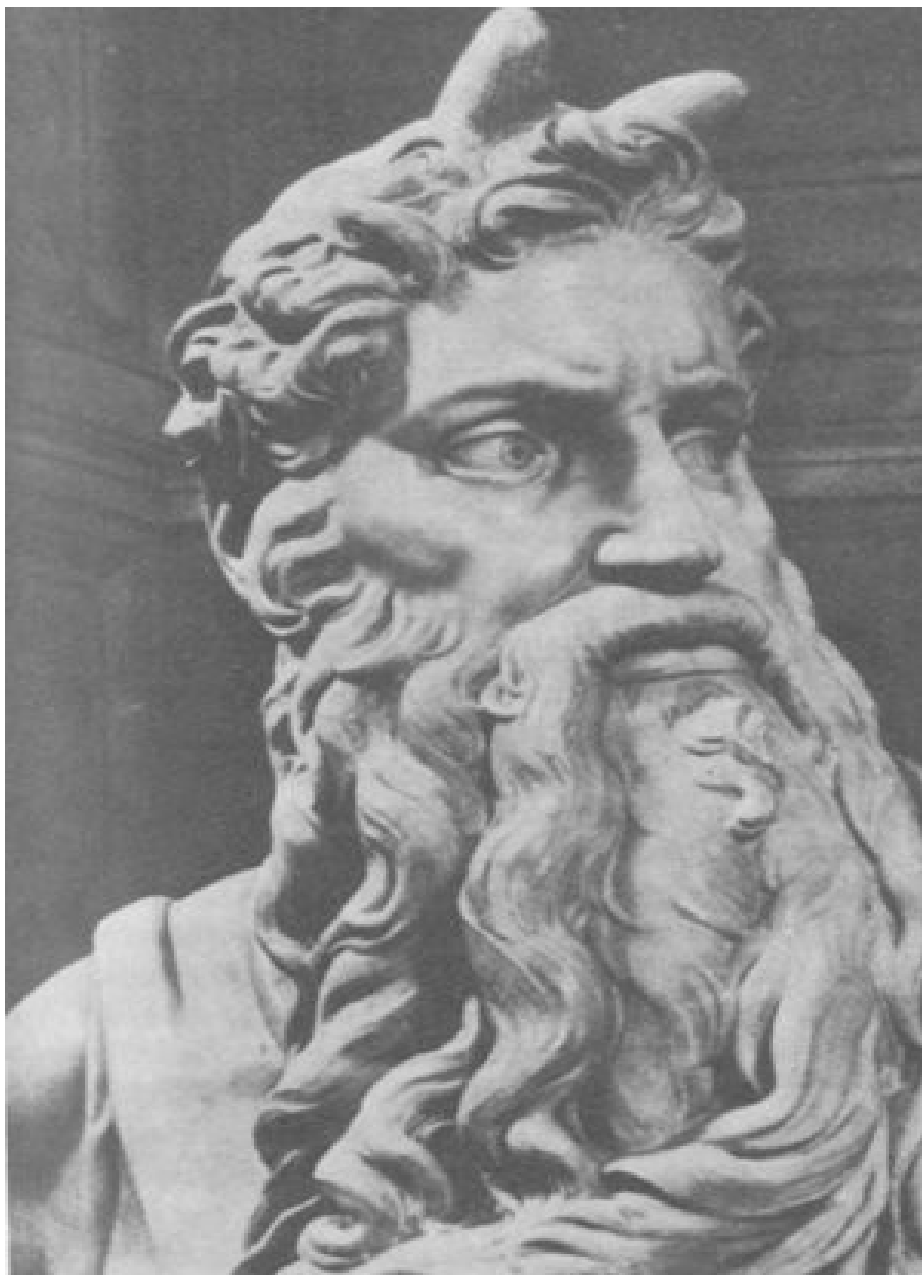
Moisés continua a ser considerado um grande legislador, porém, é fato sabido que os Dez Mandamentos nada mais eram que o resumo de leis que vigoravam entre povos do Oriente Próximo e da Índia, muito antes do nascimento de Moisés, e que eram comuns também na Babilônia, já há 700 anos. A famosa lei do rei babilónico Hamurabi (728-1686 a.C.), inspirada no Rig-Veda dos hindus, já continha todos os dez mandamentos.

A idéia de um Deus único, onisciente, invisível, pai do universo, ser de amor e bondade, pai de misericórdia da humanidade e da fé, já existia entre os Vedas e no nórdico Edda, bem antes de Moisés. Até mesmo Zoroastro era abertamente proclamado único.

O papiro de Prissa (mil anos antes de Moisés) narra as seguintes palavras que Deus disse, a respeito de si próprio: "Eu sou o uno invisível, oculto, criador do céu, da terra e de todas as criaturas. Sou o grande Deus inciado e único. Eu sou o passado e conheço o futuro. Sou a essência e a lei universal". No Egito, o princípio de unidade divina era considerado "indescritível" muito antes que Moisés falasse do "inominável". *Nukpu Nuk* significa "sou aquele que sou" (compara-se este texto com aquele de Êxodo 3,14: "Sou o que sou").

Hoje já não se duvida da existência de Moisés como personagem histórico. No entanto, suas proezas heróicas baseiam-se, em grande parte, em lendas muito mais antigas, como a lenda do deus Baco originalmente árabe. Baco, como Moisés, foi salvo das águas, cruzou o Mar Vermelho a pé enxuto e escreveu leis em tábuas de pedra, tinha exércitos guiados por colunas de fogo e emitia raios de luz pela testa.³

O Rig-Veda nos conta que Rama foi também um grande legislador e um poderoso herói. Há pelo menos 5 000 anos, conduziu seu povo através da Ásia, até a Índia, e pelo caminho fez surgir fontes no deserto (cf. Êxodo 17), apresentou a seu povo uma espécie de maná como alimento (cf. Êxodo 16) e dominou uma epidemia graças à *soma*, uma bebida sagrada chamada também "água da vida" da Índia. Finalmente conquistou a "terra prometida" (Índia e Ceilão) e invocou uma chuva de fogo contra o rei. Atingiu o Ceilão através de um banco de areia durante a maré baixa em uma localidade até hoje chamada "ponte de Rama". Como Moisés, Rama é descrito com raios de luz saindo da cabeça (os raios da iluminação; *veja ilustração*).



Moisés, com as protuberâncias em forma de raios, como Baco e Rama

Como Moisés, também Zoroastro (Zaratustra) tinha um fogo sagrado à sua disposição, com o qual ele podia realizar extraordinárias façanhas. De acordo com escritores gregos, como Exodus, Aristóteles e Hermundorius, Zoroastro viveu 5 000 anos antes de Moisés. Como Moisés, tinha sangue real, foi tirado de sua mãe e abandonado. Após completar trinta anos, tornou-se o profeta de uma nova religião. Deus, envolto em luz e anunciado pelo som de trovões, apareceu-lhe, sentado em um trono de fogo, na montanha sagrada de "Albordj" e, em meio às chamas, anunciou-lhe sua lei sagrada. Zoroastro e seus adeptos também se colocaram a caminho de uma distante "terra prometida" e, com a ajuda de Deus, atravessaram o mar a pé enxuto.

As narrativas judaicas, com que estamos mais familiarizados, começam com a emigração das tribos de Israel, sob a liderança de Moisés, partindo do Egito em busca de uma nova terra de liberdade.

Ainda não existe uma concordância sobre a localização da terra de Goshen (Gosen), onde os israelitas se reuniram inicialmente, mas parece ter sido à margem oriental do delta do Nilo. A Bíblia aponta para uma mudança de faraó nesse período. Este fato coincide com a expulsão dos hicsos no início da décima - oitava dinastia egípcia, sob Amósis I. A melhor rota para seguir rumo à Palestina seria pelo nordeste, partindo do Mar Vermelho. Esta rota, entretanto, estava sob o controle filisteu. Até hoje constitui um mistério o fato de Moisés não ter seguido pela estrada de Beersheba, que seria o local mais seguro para os israelitas. Moisés preferiu o sul, chegando no terceiro mês ao Monte Sinai, onde acredita-se, tenha acontecido a impressionante demonstração do Deus do Fogo de Moisés, Javé. Essa montanha é hoje conhecida pelo nome de "Jebel-Musha", que significa a "montanha de Moisés". Segundo a Bíblia, os israelitas permaneceram no Monte Sinai durante oito meses, de onde partiram em busca da terra prometida. Porém, esta tentativa falhou e o povo de Israel teve que se instalar no oásis de Cades, onde, ainda segundo a Bíblia, viveu durante quarenta anos (este número simboliza no entanto um período muito maior). A esta altura dos acontecimentos, Moisés compreendeu que não viveria o suficiente para guiar seu povo até o fim do caminho (ver Deuteronômio 31,1). Por isso promulgou as leis que deveriam ser consideradas como sagradas na terra prometida, deu instruções sobre o período de transição após a travessia do rio Jordão, cuidou dos últimos detalhes, fez um

discurso de despedida e, finalmente, com alguns companheiros, partiu para o paraíso, "onde corre o leite e o mel" (Deuteronômio 34,1-7).

Até hoje, ninguém sabe onde foi sepultado, o que é bem estranho, porque existe uma detalhada descrição do lugar:

"e Moisés subiu então das planícies de Moab para o monte Nebo, até o cume do Pisga... diante de Bet-peor..."

Parece impossível que o povo de Israel não tenha se preocupado em encontrar um lugar digno para sepultar seu grande profeta e salvador. Portanto, deve existir pelo menos algum vestígio dele... E, de fato, existe, mas não nas proximidades da Palestina, como seria de se esperar, mas sim no norte da Índia.

O Túmulo de Moisés em Caxemira

Encontramos na Bíblia cinco pontos de referência que nos levam ao túmulo de Moisés (cf. Deuteronômio 34): as planícies de Moab, o monte Nebo nas montanhas de Abarim, o cume do monte Pisga, Bet-peor e Hesebon. A "terra prometida" foi expressamente reservada para os filhos de Israel e não para todos os hebreus (Números 27,12). Esta terra deve se situar além do rio Jordão. Se fosse possível encontrar os lugares acima mencionados, também seria possível localizar a "terra prometida".

Literalmente, Bet-peor significa "lugar que se abre", como um vale, por exemplo, que se abre numa planície. O rio Jhelum, situado ao norte de Caxemira, chama-se "Behat" em persa, e a pequena cidade de Bandipur, situada onde o vale do Jhelum se abre para a vasta planície do lago Wular, chamava-se antigamente Behat-poor. Bet-peor transformou-se em Behat-poor, hoje Bandipur, na região de Tehsil Sopore, a 80 quilômetros ao norte de Srinagar, capital de Caxemira. A aproximadamente 18 quilômetros de Bandipur, existe o pequeno povoado de Hasba ou Hasbal, que parece ser a Hesebon mencionada na Bíblia (Deuteronômio 4,46), em conexão com Bet-peor e Pisga. Nos rochedos de Pisga (hoje Pishnag), já ao norte de Bandipur e somente a 1,5 quilômetro da cidade de Jamah Sharif, existe uma fonte famosa por suas qualidades medicinais. Na Bíblia, o vale e as planícies de Moab são chamados já de planícies de Moab, terra ideal para pastagens, a cerca de cinco já quilômetros ao norte do monte Nebo. O

monte Nebo, também conhecido como Baal Nebu ou Niltoop, ocupa um lugar de destaque na cordilheira de Abarim e oferece uma vista maravilhosa da cidade de Bandipur e de todo o planalto de Caxemira, sendo sempre mencionado no contexto de Bet-peor⁴. Como se vê, todos os cinco nomes encontram-se bem próximos uns dos outros.

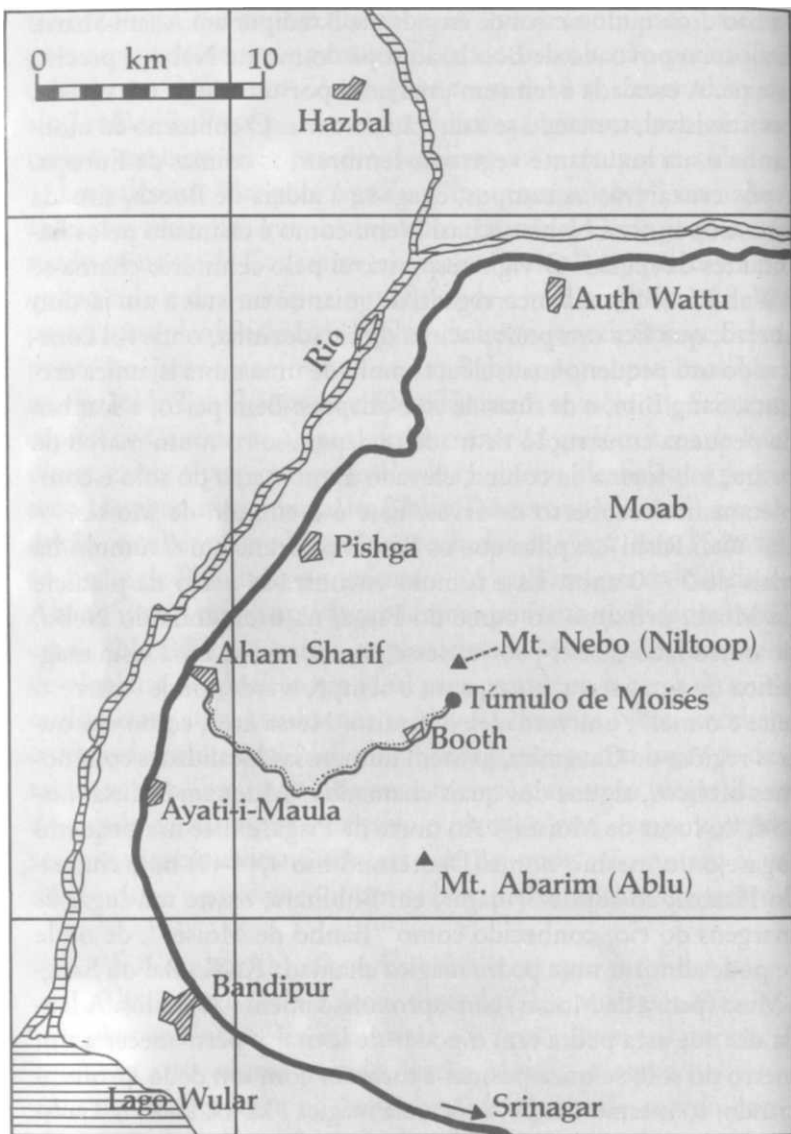
"E o senhor lhe disse: Esta é a terra que jurei dar a Abraão, a Isaac e a Jacó, dizendo: 'Eu a darei à tua descendência'. Eu a mostrei aos teus olhos; tu, porém, não atravessarás para lá. Então Moisés, o servo do Senhor, morreu ali, nas terras de Moab, de acordo com a palavra do senhor. E ele o sepultou no vale, na terra de Moab, defronte a Bet-peor; e até hoje ninguém sabe onde é a sua sepultura." (Deuteronômio 34,4-6).

São doze quilômetros de estrada, de Bandipur até Aham-Sharif. Dali até o povoado de Booth, ao sopé do monte Nebo, é preciso [r] a pé. A escalada é feita em uma hora por uma íngreme vereda, pouco visível, tomando-se a direção do oeste. O contorno da montanha e sua luxuriante vegetação lembram as colinas da Europa. Após cruzar vários campos, chega-se à aldeia de Booth, situada à base do monte Nebo ou Baal Nebu como é chamado pelos habitantes da região. O vigia responsável pelo cemitério chama-se "Wali Rishi" e está encarregado de guiar os turistas a um jardim aberto, que fica um pouco acima da cidadezinha, onde foi construído um pequeno mausoléu, túmulo de uma santa islâmica eremita, Sang Bibi, e de duas de suas adeptas. Bem perto, à sombra da pequena construção de madeira depara-se com um marco de pedra, sob forma de coluna, elevado a um metro do solo e completamente recoberto de ervas. Esse é o túmulo de Moisés.

"Wali Rishi" explica que os Rishis reverenciam o túmulo há mais de 2 700 anos. Esse túmulo encontra-se perto da planície de Moab, próximo ao cume do Pisga, na montanha do Nebo, do outro lado de Bet-peor e, nesse ponto, tem-se uma vista magnífica de uma terra florescente e sempre verde, onde "corre o leite e o mel", um verdadeiro paraíso. Nessa área, como em outras regiões de Caxemira, existem numerosas localidades com nomes bíblicos, alguns dos quais chamados "Muquam-i-Musa", isto é, "o lugar de Moisés". Ao norte de Pisga, existe um pequeno lugarejo do mesmo nome (Deuteronômio 4,44-49) hoje chamado Hasbal; ao sul de Srinagar, em Bijbihara, existe um lugar às margens do rio, conhecido como "Banho de Moisés", de onde se pode admirar uma pedra mágica chamada Ka-Ka-Bal ou Sang-i-Musa (pedra de Moisés) com aproximadamente 70

quilos. A lenda diz que esta pedra tem o poder de levitar e permanecer a um metro do solo se onze pessoas a tocarem com um dedo, pronunciando, ao mesmo tempo, a fórmula mágica "ka-ka, ka-ka". Tanto o numero onze como a Pedra representam as tribos de Israel.

Um outro lugar que recebeu a influência do nome de Moisés encontra-se perto de Auth Wattu (os oito caminhos), nas proximidades de Handwara Tehsil. Os rochedos junto à confluência dos rios Jhelum e Sindh (não o Indo), ao norte de Srinagar, perto de Shadipur, foram batizados com o nome de Kohna-i-Musa, "a pedra angular de Moisés". Acredita-se que Moisés tenha repousado sobre esta rocha. Ayat-i-Maula [*Aitmul* significa "o sinal de Deus"), a cerca de três quilômetros ao norte de Bandipur, é uma outra localidade onde se diz que Moisés descansou.



Esboço da área ao redor da sepultura de Moisés: o monte Nebo, as encostas de Pisga, as montanhas de Abarim (Ablu/Abul), Bandipur (Best-peor), Hazbal (Hesebon), Auth Wattu, Avat-i-Maula, Moab e Aham Sharif.

Da Conquista ao Exílio

Após a morte de Moisés, as doze tribos de Israel foram gradualmente se apossando da terra de Canaã e, sob a liderança de Josué, acabaram dominando-a totalmente no século 13 a.C, quando aconteceu a divisão da terra. O processo de aquisição e de adaptação à terra levou mais ou menos 150 anos. No cântico da Débora (Juízes 5,8) a população israelita foi estimada em 40 000 habitantes, governada por severos ditadores, os juízes, guiados pelas leis de Moisés. Porém, o poder dos juízes não durou o bastante para transformar aqueles nômades inquietos em um povo unido. Os israelitas precisavam de um rei que os conduzisse com pulso de ferro. Samuel, o último dos juízes, nomeou finalmente Saul, rei de Israel, no final do século 11 a.C. Porém, a almejada unidade de Israel só foi alcançada com Davi, por volta da primeira metade do século 10 a.C, tendo por capital Jerusalém. Durante o reinado de Salomão, filho de Davi, foi construído o célebre templo.

Salomão era mundialmente conhecido por sua sabedoria, porem os textos que lhe são atribuídos não são, certamente, de sua autoria. E pena não sabermos quais teriam sido seus mestres. , Helena Petrowna Blavatsky escreveu o seguinte em seu livro *Isis sem Mistérios*:

"Salomão, celebrado pela posteridade (conforme o historiador Flávio Josefo, em sua obra *Antiguidades*, Vol. VIII, Cap. 2 e 5) por suas artes mágicas, foi instruído na índia por Hiram, rei de Ofir, e provavelmente por Sabá. Seu anel, vulgarmente conhecido como o 'sinete de Salomão', famoso pelo seu poder exercido sobre espíritos e demônios nas velhas lendas populares, é também de origem indiana".⁵

A seguir Blavatsky faz referência ao capítulo da história natural de Travancore⁶, do livro do Dr. Mateer, *A Terra da Caridade*. Ao contar a história do nome de uma ave, o pavão, o autor lanca novas luzes sobre as sagradas escrituras. O rei Salomão enviou uma frota a Tarshish que retornou anos depois, carregada de "ouro, prata, marfim, macacos e pavões" (1 Reis 10,22).

A palavra usada na Bíblia Hebraica para pavão era *tukki*. Como antes de Salomão os hebreus não tinham uma palavra própria para designar esta bela ave, *tukki* seguramente derivou de *toki*, palavra que significa pavão em tâmil, língua falada no sul da Índia. Em hebraico a palavra que designa

macaco é *koph*, e em indiano é *kaphi*. O marfim era um produto que abundava no sul da Índia, enquanto o ouro provinha dos rios da costa ocidental da Índia (Karnataka ainda hoje produz 90% do ouro da Índia). Os navios de Salomão costumavam viajar para o Oriente. Além do "ouro, da prata, dos macacos e pavões", o rei Salomão e seu amigo Hiram trouxeram consigo um outro *souvenir* exótico: sua "magia" e "sabedoria".⁷

No primeiro livro dos Reis, lê-se que Salomão deu de presente a Hiram, rei de Tiro, vinte cidades, entre elas Kabul, que já fizera parte do grande império indiano. Na montanha que fica acima da cidade de Srinagar, existe um pequeno templo, chamado "Takht-i-Suleiman", o trono de Salomão. De acordo com uma inscrição, o "novo templo" foi reconstruído em 78 d.C. pelo rei Gopadatta (ou Gopananda) sobre as ruínas da antiga construção. A tradição nos diz que Salomão visitou a região (Caxemira) e que foi ele quem abriu um canal na montanha de Barethmooleh, para dar vazão à água que iria formar o lago Dal, e que construiu o Takht-i-Suleiman, isto é, o trono de Salomão⁸

(*ver ilustração*).

A população muçulmana local ainda conhece um outro nome de Caxemira: "Baghi Suleiman", o Jardim de Salomão. Quando Salomão morreu, por volta de 930 a.C, foi sucedido pelo seu filho Roboão. Logo após sua subida ao trono, estourou uma revolução comandada pelo efraimita exilado, Jeroboão, por causa dos altos impostos cobrados pela casa real. Em consequência dessa revolta, as tribos do norte se separaram do sul e o império de Salomão foi dividido em dois. As dez tribos do norte proclamaram Jeroboão seu chefe, e seu território ficou conhecido com o nome de Reino de Israel. As outras duas tribos do sul foram governadas pela casa de Davi e denominadas Reino de Judá. A inimizade entre elas persistiu por mais de 250 anos e, nos 400 anos



Takht-i-Suleiman, o Trono de Salomão, na montanha de Barehmooleh, restaurado em 78 d.C. pelo rajá Gopadatta de Caxemira

em que os hebreus estiveram no país, a população atingiu a cifra de 300 000 habitantes. Em todo o chamado Tempo dos Reis, estes dois reinos não conheceram a paz interna nem puderam evitar os ataques dos povos vizinhos. Na dinastia de Jehu (845-747 a.C), Israel foi ocupado pelos assírios liderados por Sargão II, durante três anos, e em 722 a.C. foi destruído quando da conquista de sua capital, a Samaria.

Judá ainda conseguiu sobreviver por cem anos como país vassalo, sujeito a tributos, até a tomada, à força, de Jerusalém pelos babilônios, sob o comando do rei Nabucodonosor, que em 587 a.C. destruiu a cidade e conseqüentemente o Estado de Judá. As duas tribos de Judá e Benjamin, que compreendiam o antigo reino de Judá, foram poupadas no ataque e mandadas por Nabucodonosor para o exílio, na Babilônia. Cinquenta anos mais tarde, em 535 a.C, Ciro II, rei da Pérsia, permitiu que metade dos exilados retornassem à terra natal.

Aqueles que tinham sido deportados do norte de Israel, 130 anos antes, tiveram um destino bem diverso. A maior parte da população, formada pelas dez tribos que foram expulsas pelos assírios, seguiu em direção do leste e nunca mais se soube nada sobre ela. "Assim, o povo de Israel nunca mais retornou a sua terra" (2 Reis 17,23). Na história, passou a ser conhecido como as dez tribos perdidas de Israel. No entanto, existem pistas incontestáveis de que as "tribos perdidas", após séculos de vida nômade e confusão política, chegaram à "terra prometida", à "terra dos antepassados", no norte da **índia**, onde vivem, até hoje, em paz.

Os Filhos de Israel

O Dilúvio ocorreu em Caxemira

De acordo com a genealogia bíblica, Abraão descendia diretamente de Noé, o eleito de Deus, o único que recebeu a graça de sobreviver, juntamente com sua família, ao dilúvio universal. As lendas bíblicas nada dizem sobre as origens do pai de Abraão, limitando-se a citar a árvore genealógica da humanidade até Noé e a catástrofe do grande dilúvio. Durante escavações na região do TjR, na Mesopotâmia, os arqueólogos encontraram uma camada de lama de três metros de espessura, onde constataram a presença de fósseis acima e abaixo desse depósito de lama

que prova a ocorrência de uma inundação local. Um documento em caracteres cu-neiformes, originário de Nínive, relata o fim da catástrofe:

"Toda a humanidade transformou-se em lama. A terra tornou-se tão plana como um teto".

Esta camada de lama tem sido usada como prova do dilúvio narrado pela Bíblia, e se enquadraria perfeitamente em seu contexto, se os arqueólogos não a tivessem datado por volta do ano 4000 a.C. Podemos afirmar, com certeza, que nessa época as tribos semíticas de pastores ainda não haviam chegado na região dos dois rios, uma vez que eles não poderiam, ao mesmo tempo, sobreviver ao dilúvio e servir de testemunha ocular da tragédia.⁹ A Bíblia deve estar falando de um outro dilúvio.

O Dilúvio faz parte de uma tradição universal, e é narrado na mitologia de vários povos. O mundo conheceu diversas idades do gelo e, assim, deve ter acontecido muitos dilúvios com causas diversas.

No conto épico sumério de Gilgamesh, descoberto na passagem do século, nas ruínas da antiga biblioteca de Nínive, escrito em cuneiforme sobre tabuinhas de argila cozida, o herói Utnapishtim sobrevive a um dilúvio. Utnapishtim é o Noé sumeriano, e o dilúvio é descrito como um ato arbitrário dos deuses. Nessa narrativa, como na Bíblia, um homem constrói uma arca, segundo a indicação dos deuses, e sobrevive ao dilúvio que destrói tudo à sua volta.

Alexander von Humboldt conta que esta lenda existe entre os peruanos e também na Polinésia, onde o herói é chamado Não.

Existem mais de duzentas narrações da lenda do dilúvio no mundo. Qual delas corresponde à narração bíblica?

Se considerarmos os Vedas indianos como as mais antigas revelações sobre a história da humanidade, seria lógico presumir que o dilúvio narrado pelos Vedas tenha sido o primeiro de todos. O dilúvio figura como uma lenda nas escrituras hindus, mas não possui uma conotação sagrada. O Mahabharata (O Grande Cântico) descreve o fato da seguinte maneira: De acordo com as predições do Senhor, o homem povoou a Terra e os descendentes de Adão e Hevas logo se tornaram tão numerosos e perversos que lhes foi impossível conviver em paz. Esqueceram-se de Deus e de suas promessas e até se rebelaram contra Ele. Diante disso, o Senhor (Brama) decidiu punir suas criaturas para que isso servisse de exemplo para as gerações vindouras. Ele procurou, entre todos, um homem

digno de ser salvo para a preservação e continuação da espécie e escolheu Vaivasvata, a quem confiou seus desígnios. As margens sagradas do rio Virim, Vaivasvata salvou um pequeno peixe e mais tarde descobriu que se tratava do avatar (encarnação de um deus) de Vishnu. O peixe informou ao justo homem que o fim do mundo estava próximo e que todos seus habitantes estavam condenados. Então, Vishnu, na forma de peixe, ordenou a Vaivasvata que construísse uma arca para abrigar-se com sua família. Quando a arca ficou pronta e Vaivasvata entrou nela com os seus, trazendo sementes de todas as plantas e um casal de cada espécie animal, as densas chuvas começaram a cair e os rios a transbordar. Então, um grande peixe com um chifre na cabeça se postou à proa da embarcação, e, naquele chifre, o santo homem amarrou uma ponta da vela. Então o peixe conduziu o barco através da tempestade até atracar intacto no pico do Himalaia (cf. Gênesis 6).

A duração do dilúvio coincide com aquela da narração de Moisés (quarenta dias).

O termo alemão usado para dilúvio universal, *Die Sintflut*, tem uma etimologia obscura. A opinião tradicional afirma que, na antiga língua clássica alemã, *Sint* significa simplesmente "dilúvio universal" e somente mais tarde transformou-se em *Sündflut*

o dilúvio do pecado —, uma acepção bem pouco satisfatória!

porém, existe uma explicação mais razoável. Sindh é simplesmente o antigo nome do poderoso rio Indo, que empresta seu nome a todo o subcontinente da Índia. Antigamente, a Índia compreendia uma extensão muito maior que aquela de suas fronteiras atuais, incluindo a Mongólia, o Tibete e a parte oeste do atual Irã. Na parte ocidental, o Sindh-Indo é o maior rio a ser cruzado para se chegar à Índia. O Indo corre na direção norte-sul, atravessa o Paquistão e deságua num formidável delta no mar da Arábia. "O outro lado do dilúvio", a terra natal de Abraão, pode muito bem situar-se do outro lado do Indo (cf. Josué 24,2-3), limite natural da Índia ocidental.

Atualmente, Sindh é o nome de uma província no vale do Indo, no sudeste do Paquistão, ao longo da fronteira do Pundjabe, a terra dos cinco rios, cuja capital é Karachi. Essa região possui 140 000 quilômetros quadrados e é muito fértil, devido às contínuas inundações.

Na Caxemira, no norte da Índia, encontramos um outro rio com o nome de Sindh, bem menos importante que seu irmão maior, o Indo, mas que pode talvez contribuir para elucidar o significado do termo *Sintflut*. Este rio

começa em Srinagar e corre para o norte, atravessando a paradisíaca região que Moisés contemplou do monte Nebo, antes de morrer. A nascente deste pequeno Sindh encontra-se perto da Gruta de Amarnath, lugar de grandes peregrinações durante o tempo da lua cheia, no mês de agosto. De acordo com a lenda, foi este o lugar escolhido pelo deus hindu Shiva para iniciar sua esposa, Parvati, nos mistérios da criação. Seguindo o curso do rio, após três dias de penosa viagem, chega-se ao vilarejo de Sonamarg, a 2 600 metros de altitude, de onde se divisa o "prado dourado" que Notovitch atravessou quando seguia para Ladakh, através do desfiladeiro de Zojila, a **mais** de 3 500 metros de altitude. O caminho ao longo do rio tem 84 quilômetros, unindo Sonamarg a Srinagar, através de velhas pontes de madeira e antigas aldeias rodeadas de verdes prados e árvores de damasco, peras e maçãs. Os batentes e os tetos das casas, artisticamente trabalhados em madeira, atestam a prosperidade da região. Quanto mais nos aproximamos de Srinagar, mais férteis se apresentam os fundos de vale. Depois do vilarejo de Kangan, o vale se abre em vastas planícies de arroz e campos de milho, que se estendem até Gandarbal, à margem esquerda do Sindh.

Em resumo, Caxemira dá a impressão de um vasto Jardim do Eden, com suas extensas áreas pantanosas e grandes lagos rasos, vestígios de um gigantesco dilúvio, ocorrido muito tempo atrás.

Caxemira é a "Terra Prometida"?

De acordo com a Bíblia, o Paraíso, sede da criação, situava-se no Oriente. "E o Senhor Deus plantou um jardim no Eden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara" (Gênesis 2,8). Em seguida, indica-se a posição do Jardim do Eden, citando quatro rios: "um rio saía do Eden para irrigar o jardim e de lá se dividia, formando quatro braços" (Gênesis 2,10). Na Mesopotâmia, geralmente considerada o Jardim do Eden, correm apenas dois grandes rios, como o próprio nome sugere.

Já o norte da Índia pode se orgulhar de ser, hoje, banhado por cinco grandes rios, todos afluentes do Indo (Sindh). Esta é a região do Pundjabe conhecida como a terra dos cinco rios. A partir de 1947, este lugar foi dividido entre a Índia e o Paquistão. Estes cinco afluentes da margem esquerda do Indo chamam-se, respectivamente, Jhelum, Chenab, Ravi, Beas e Sutlej. O Pundjabe foi o berço da mais antiga civilização indiana (a

cultura hindu data de 3000 a.C.) e em Caxemira os arqueólogos encontraram vestígios de uma civilização de 50 000 anos atrás.

Em 1983, o famoso historiador sírio prof. K. S. Salibi publicou na Alemanha um livro intitulado *A Bíblia Veio de Asir*. Nesta obra ele prova, com precisão científica, que a Palestina não poderia, jamais, ter sido o país de origem da história bíblica. Suas investigações lingüísticas o fizeram concluir que somente *alguns milhares de nomes geográficos citados pela Bíblia poderiam estar situados na Palestina* (pág. 35).

"Há mais de um século vem-se procurando sinais dos hebreus na Mesopotâmia, e também aqueles traços que possam indicar a rota de sua possível migração para a Palestina através do norte da Síria, mas nada foi encontrado" (pág. 35).

"A reconstituição do início da história dos judeus na Palestina não pode ser feita nem através dos textos canônicos da Bíblia hebraica, nem através de outras fontes."

Salibi também notou que não é possível encontrar na Palestina os animais e minerais mencionados no Velho Testamento.

Caxemira significa, na língua local, "Paraíso na Terra". Porém esta etimologia pode ser interpretada de diversas formas.

Kush foi um neto de Noé, cuja descendência deveria povoar a terra e dar nome aos lugares em que se estabelecesse. Segundo o texto narrativo da criação, "o nome do segundo rio é Gihon, o mesmo que atravessa toda a terra de Kush" (Gênesis 2,13). Todos os nomes mencionados na Bíblia sofreram modificações devido à grande variedade de línguas e às mutações lingüísticas. A palavra "Kush" da Bíblia poderia, facilmente, ter sido mudada para Kash, e "Mir" tem vários significados: em russo, "Mir" é o território de uma comunidade; em turco, "Mir" é um título honorífico e, em persa, "Mir" significa algo de valor, como uma pedra preciosa. Os descendentes de Noé e os territórios em que se estabeleceram são citados no capítulo 10 do Gênesis, que acrescenta: "e a fronteira dos cananeus se estendia... chegando a Lasa" (Gênesis 10,19). Lhasa, como já dissemos, é a capital do Tibete.

Outra interpretação deriva da palavra hebraica Kaser (também Kashir ou Kosher) que significa "perfeito", principalmente se aplicada a alimentos. Segundo a lei judaica (Levítico 11, Deuteronômio 14), só podiam ser consumidos animais sacrificados e sangrados de acordo com o ritual. As pessoas que se submetiam a tão estritas normas eram diferentes de todas as outras e eram conhecidas pelo nome de Kasher, assim como a terra em que

habitavam. Mais tarde, o termo Kasher deu origem à palavra Kashmir. Uma outra interpretação remonta ao nome de um santo "Kash-yapa", que parece ter vivido há séculos naquela região. "Kashyap", em sânscrito, quer dizer "tartaruga". Na cosmovisão dos antigos indianos, a Terra era representada pelo casco de tartaruga nadando. "Kashyap" era também o nome atribuído a Deus e a seu santo povo que habitava a terra. Os "filhos de Deus", conhecidos em hebraico como "Israel", são chamados "Kashyab" em sânscrito, enquanto "Kashyab-Mar", que significa "Terra de Deus", com o tempo transformou-se em Kashmir, ou melhor, Caxemira.

As Dez Tribos Perdidas de Israel

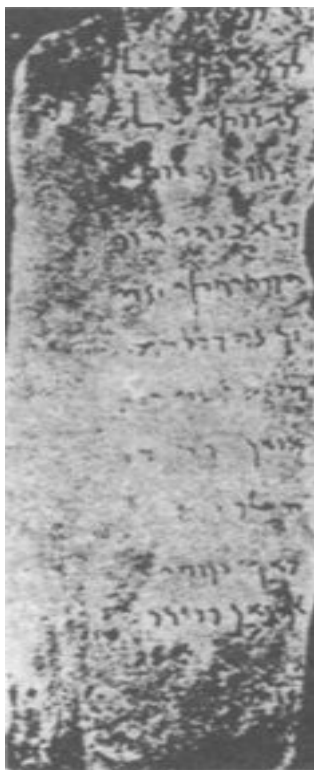
Foi somente com o colonialismo do século 19 que o Ocidente começou a se interessar pelos países do Oriente Médio. Nessa ocasião, começaram a aparecer surpreendentes notícias sobre tribos de origem judaica, fixadas no remoto norte da Índia.

O ministro Joseph Wolff, um erudito em leis e em teologia, diz em seu livro, em dois volumes, intitulado *História de uma Expedição a Bokhara, nos Anos de 1843-1845*¹⁰ que: "todos os judeus do Turquestão afirmam que os turcomanos são descendentes de Togarmah, filho de Gomer, mencionado no Antigo Testamento (Gênesis 10,3)". E continua: "Em Bokhara existem cerca de 10 000 judeus. O rabino-mor garantiu-me que Bokhara corresponde a Habore Balkh a Halag (2 Reis 17,6). Durante o reinado de terror de Gengis Khan todos os textos foram destruídos (...). Em Bok existem antigas lendas onde se narra que algumas tribos perdidas de Israel chegaram até a China. Eu interroguei os judeus particularmente sobre este importante fato".

"Alguns afeganes garantem ser descendentes de Israel", continua Wolff. "De acordo com estas narrações, Affghaun era sobrinho de Asaf, filho de Baraquias, que construiu o templo de Salomão. Os descendentes desse Affghaun foram levados para a Babilônia por Nabucodonosor por serem israelitas. Dali foram levados para as montanhas de Fores, no Afeganistão, e, mais tarde, forçados a se converter ao islamismo. Eles possuem o livro *Jtfajmooa Alansab*, uma coleção de genealogias escritas em língua persa." E acrescenta: "Fiquei surpreso ao saber que o Sargento Riley considerou os afeganes como um povo de origem israelita".

Finalmente, à página 56, Wolff escreveu: "Passei seis dias com os filhos de Rachad, Bani Arbal. Filhos de Israel, da tribo Dan, que vivem com Terim Hatramawl, também estavam lá".

Um estudioso francês, muito viajado, G. T. Vigne, membro



Pedra com inscrição aramaica encontrada em Sirkap, nas proximidades de Taxila

da Real Sociedade Geográfica, nos relata em seu livro *Uma Apreciação Pessoal de uma Viagem a Chuzin, Cabul, no Afeganistão*¹¹-, "O pai de Ermiah foi o pai dos afeganes. Era contemporâneo de Nabucodonosor, denominava-se Beni Israel e tinha quarenta filhos. Um seu descendente, da

trigésima-quarta geração, chamava-se Kys e foi contemporâneo do profeta Maomé".

Os doutores James Bryce e Keith Johnson, à página 25 de seu livro *Descrição Geográfica Detalhada*¹¹, ao citar o Afeganistão, ressaltam que os afeganes "remontam ao tempo do rei Saul de Israel e se autodenominam Ben-i-Israel".

Segundo A. Burnes, as lendas sobre Nabucodonosor confirmam que eles foram levados da Terra Santa para Ghore, a noroeste de Cabul, e que permaneceram israelitas até o ano de 682 d.C, quando o xeque árabe Khaled-ibn-Abdalla os converteu ao islamismo.

Existe muita literatura a respeito da fixação de hebreus no Afeganistão e territórios circunvizinhos. Um dos mais famosos livros do gênero, intitulado *As Tribos Perdidas*, é de autoria do Dr. George Moore¹³, que encontrou inúmeras inscrições hebraicas em sítios arqueológicos da Índia. Perto de Taxila, em Sirkap, hoje Paquistão, foi descoberta uma pedra com inscrições em aramaico, a língua falada por Jesus (*ver ilustração*).

Na metade do século 19, foi fundada uma sociedade na Inglaterra, com a precípua finalidade de descobrir a verdade sobre as dez tribos perdidas de Israel — a Sociedade Londrina de Identificação. A maioria dos trabalhos sobre este tema provém de autores dessa sociedade. Seria supérfluo enumerar todos os autores e todas as obras, cerca de trinta, que provam que o povo de Caxemira descende dos israelitas. Poderíamos citar os mais de trezentos nomes de tribos, cias, pessoas, cidades, regiões, Estados' e outros termos geográficos do Antigo Testamento, que têm uma relação lingüística com termos iguais ou similares aos encontrados em Caxemira e arredores.

Os habitantes de Caxemira são diferentes do povo indiano sob todos os aspectos. Denotam, na aparência, fisionomia, modo de ^vida, comportamento, moral, caráter, modo de vestir, língua, usos e costumes, uma origem tipicamente israelita.

O povo de Caxemira não usa gordura animal ou vegetal para fazer frituras ou assados. Como os israelitas, usam somente óleo. A maioria da população prefere peixe cozido, chamado "Pha ri", que é uma reminiscência do tempo em que viveram no Egito, antes do êxodo. "Lembramo-nos do peixe que comemos d graça no Egito" (Números 11,5).

As facas dos açougueiros de Caxemira têm a forma da típica

jjonie língua Caxemira	na	Nome bíblico	Referência bíblica
-------------------------------------	----	--------------	--------------------

Amal		Amai	1 Crôn. 7,35
Asheria			Asher Attai Baal Balah
Attai			
Bal			
Bala			

Nome língua Caxemira	na de	Nome bíblico	Referência bíblica
----------------------------	----------	--------------	--------------------

Bera		Beerah	1 Crôn. 5,6
Gabba		Gaba	Josué 18,24
Gaddi		Gaddi	Números 13,11
Gani		Guni	1 Crôn. 7,13
Gomer		Gomer	Gênesis 10,2

e assim por diante!

Localidades em Caxemira	Nome da Província	Nome bíblico	Referência bíblica
-------------------------------	----------------------	--------------	--------------------

Agurn	(Kulgam)	Agur	Provérbios 30,1 Gênesis 36,24
Ajas	(Srinagar)	Ajah	1 Reis 22,26
Amonu	(Anantnag)	Amon	
Amariah	(Srinagar)	Amariah	1 Crôn. 23,19
Aror	(Awantipur)	Balpeor	Números 25,3 Deuteronômio
Behatpoor	(Handwara)	Bet-peor	34,6 Gênesis 14,2
Birsu	(Awantipur)	Birsha	
Harwan	(Srinagar)	Haram	2 Reis 19,12

e assim por
diante!



Os perfis destes jovens mostram claramente a diferença entre as raças do norte da Índia. O moço de turbante, à direita, é de ascendência ariana; o jovem à esquerda é de ascendência semita.

meia lua dos israelitas e até o leme dos barcos (Antes) apresenta a típica forma de coração.

Os homens usam o mesmo e característico solidéu dos judeus (jarmulka) e a roupa das velhas de Caxemira (Pandtanis) é muito semelhante àquelas das velhas judias. Ambas usam cintos e mantilha. Como as jovens judias, as moças de Caxemira costumam se dar os braços e formar duas linhas, uma de frente para a outra, para dançar o "Roph", movimentando-se, com um determinado ritmo, para a frente e para trás.

Após dar à luz a uma criança, a mulher de Caxemira fica quarenta dias sem tomar banho e este é também um costume judeu.

Muitas das mais antigas sepulturas de Caxemira, encontradas em Haram, Rajpura, Syed Bladur Sahib, Kukar Nagh e Awantipura, estão voltadas para o oeste, enquanto as sepulturas islâmicas se colocam do norte para o sul. No cemitério de Bijbihara, considerado o lugar do banho e da pedra de Moisés, existe uma velha sepultura com uma inscrição em hebraico. A 65

quilômetros ao sul de Srinagar, a poucos quilômetros do "Banho de Moisés", eleva-se o templo de Martand. A despeito das figuras de várias divindades hindus esculpidas nas paredes externas desta antiga e magnífica construção, não é difícil perceber que se trata de uma obra bem diversa da arquitetura convencional indiana. De fato, tudo nela — o vestíbulo, os degraus, os pilares e o recinto sagrado — lembra um típico templo judeu.

Não poderia ser este o templo que um estranho mostrou ao profeta Ezequiel, durante o tempo do exílio na Babilônia (586-538)? Tudo leva a crer que sim, pois o templo de Martand está construído sobre "uma montanha muito alta", que Ezequiel desconhecia — o Himalaia —, e ao seu lado jorra uma fonte que corre para o rio Jhelum (cf. Ezequiel, capítulos 40-43).

A interligação existente entre o antigo Israel e Caxemira pode ser melhor demonstrada no campo da lingüística. A língua de Caxemira é diferente de todas as outras línguas indianas, originadas do sânscrito, ao passo que a de Caxemira sofreu uma grande influência do hebraico. Abdul Ahad Azad escreve: "A língua de Caxemira deriva do hebraico. De acordo com a tradição, no passado o povo judeu habitou estas paragens, e sua língua deu origem ao idioma hoje falado em Caxemira. Existem muitas palavras hebraicas que têm uma clara ligação com a da língua de Caxemira".¹⁴

Eu escolhi, **entre** muitos, alguns exemplos particularmente

notáveis:

Hebraico	Língua de Caxemira	Significado
Akh	Akh (-ui)	único
Ajal	Ajal	morte
Arah	Arah	serra
Asar	Asar	praga
Awn	Awan (on)	cego
Aob	Aob	vasto
Ahad	Ahad (ak)	um
Aaz	Aaz (az)	hoje
Ahal	Hal	cinto
Awah	Awah	acordo
Aosh	Aosh	lágrimas

e assim por diante!

A Expansão do Budismo

A expansão mundial do budismo, bem antes da era cristã, pode ser essencialmente atribuída à obra de um dos maiores governantes não só da Índia mas de todo o mundo. Trata-se do imperador Ashoka, uma das figuras de maior importância política, ética e intelectual de todos os tempos, que viveu de 273 a 232 a.C. Durante seu reinado ocorreu, na Europa, a primeira guerra entre Roma e Cartago. Tendo, em sua mocidade, conhecido de perto as atrocidades da guerra, o imperador condenou-a com firmeza e dedicou-se inteiramente aos ensinamentos pacifistas do budismo. Muitas de suas leis benéficas e decretos humanitários foram preservados até hoje em inscrições encontradas em templos e outras construções. Em um decreto, o imperador ordenou que todos os seres humanos fossem protegidos: "Todos os meus filhos. Assim como quero que meus filhos vivam felizes tanto na terra como no céu, o mesmo desejo a todos os homens".

Ashoka mandou erguer mais de 84 000 mosteiros budistas na Índia e, em todo seu imenso império, construiu hospitais inclusive para animais. Foi o patrocinador do Segundo Concílio Mundial do Budismo, realizado em Pataliputra, atual Patna, então capital do Império e que contou com a participação de milhares de monges. Seguindo os preceitos de Buda, organizou a expansão do budismo, contribuindo para a difusão do espírito da Índia nos mais longínquos países. Para isso contou com o trabalho missionário de sacerdotes enviados não somente a todas as cidades da Índia e do Ceilão, mas também à Síria, Grécia e Egito, através da Rota da Seda.

A divulgação da lei de Buda era uma das obrigações que o Buda Sakyamuni impusera a seus adeptos: "Ide, ó monges, e vagai sem rumo, em benefício e bem-estar de muitos, e, devotados à causa dos deuses e dos homens, não espereis a complacência do mundo. Que nenhum de vós percorra a mesma estrada. Ensinai o bem... não somente na sua letra, mas também no seu espírito. Apresentai a prática da vida religiosa na plenitude de sua pureza". Assim, estes monges e outros adeptos partiram, seguindo cada qual o seu próprio destino. Viviam como mendigos e de esmolas. Nada possuíam além da roupa do corpo. Suas vidas eram pautadas pela

renúncia a todos os bens materiais, mas esta renúncia não apresentava a mesma severidade ascética de outros movimentos. Ocupavam-se, sobretudo, na meditação sobre os ensinamentos de Buda, procurando libertarem-se progressivamente das paixões humanas. Colocar-se a caminho (pravrajya) era o principal requisito para fazer parte da comunidade; este era um gesto que simbolizava o abandono do lar e da vida leiga para entrar na ordem dos monges peregrinos (um outro significado da palavra pravrajya) e para viver uma vida sem um teto.

Para serem admitidos bastava assumir o hábito monacal amarelo, raspar a cabeça, e pronunciar três vezes uma palavra mágica. A idade mínima exigida era sete anos, idade em que Rahula, "o filho do sublime", entrou para a comunidade.

No momento da ordenação, o noviço tomava conhecimento das quatro regras fundamentais da vida monástica:

1. viver de esmolas;
2. vestir-se de trapos;
3. meditar sob as árvores;
4. curar suas próprias feridas com urina de vaca.

Todos os monges, sem exceção, levavam uma vida nômade. A tradição nos mostra Buda e seus adeptos cruzando, geralmente em grupos, toda a bacia do Ganges e ao mesmo tempo meditando e pregando os ensinamentos budistas, de cidade em cidade, de aldeia em aldeia.

Existe um interessante paralelo entre a vida dos discípulos de Buda e dos discípulos de Jesus. Jesus enviou seus discípulos para pregar a palavra de aldeia em aldeia, numa última e desesperada tentativa de ser compreendido pelo povo de Israel. Marcos (6,7-13) escreve: "Chamou os doze e começou a enviá-los, dois a dois, e lhes deu autoridade sobre os espíritos impuros. Recomendou-lhes que nada levassem para o caminho, a não ser um cajado; nem alforje, nem pão, nem dinheiro no cinto. Mas que andassem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas. E dizia-lhes: 'Onde quer que entreis numa casa, nela permaneçei até vos retirardes do lugar. E se algum lugar não vos receber, nem vos quiser ouvir, ao partirdes de lá, sacudi o pó que estiver sob os vossos pés, em testemunho contra eles. Em verdade vos digo, no dia do julgamento serei mais tolerante com Sodoma e Gomorra que com esta cidade'. Partindo, eles pregavam que todos se arrependessem; expulsavam muitos demônios e curavam muitos enfermos unguendo-os com óleo".

Aqui, como no budismo, não se fala em conversão forçada.

A salvação de muitos só pode ser alcançada pela pregação, como está escrito no capítulo 53 de Isaías. Em Singhaleseien foram encontrados documentos indicativos de que após o Concílio de Ha ram (hoje Harwan, perto de Srinagar), realizado no tempo de Kanishka, foram enviados missionários a Caxemira, Gandhara, Mahisamandala, Vanavasi, Yonaraththa (que significa "Terra dos Gregos") e ao Ceilão.

Casualmente, parece que o budismo, em essência bem menos político e muito mais flexível que o bramanismo, soube lidar com os vários grupos que penetraram e se radicaram na bacia do Indo, na bacia do Alto-Ganges e no Decão, tais como os gregos de Bactria, no século 2 a.C. e os citas e partos, no século 1 a.C. O grande conquistador Menander relacionou-se, pacificamente, com o monge budista Nagasena, em *Milinda-panha*. Os chefes citas, particularmente, fundadores das dinastias Kushan, converteram-se e foram grandes incentivadores do budismo. Kanishka, o mais famoso daquela dinastia, tornou-se um budista com um zelo que chegava a rivalizar com aquele de Ashoka.

O concílio de Haram foi um exemplo para o seu tempo. De acordo com várias fontes, ele foi realizado durante o governo de Kanishka, em Caxemira, na segunda metade do século 1 d.C. Como sucedeu o Concílio de Pataliputra, durante o reinado de Ashoka, parece que ele contou somente com os monges budistas da comunidade monástica de Sarvastivadin, particularmente numerosa no noroeste da Índia. Apesar da contribuição pessoal de Kanishka nessa ocasião, é provável que a ordem Sarvastivadin de Caxemira tenha julgado necessário submeter seu Tripitaka (a "cesta tripla" do ensinamento) a uma séria inspeção, para discutir as tendências reformistas divergentes que tinham nascido dentro da comunidade. O resultado de tudo isso dificilmente pode ser conhecido por causa das contradições das fontes.

Jesus Era um Judeu Ortodoxo?

O fato de Jesus poder ser considerado como a perfeita encarnação do ideal que floresceu na Índia com o budismo Mahayana é de singular importância. Mesmo nos pequenos detalhes, ele apresenta as características do Bodhisattva ideal delineadas no século 3 a.C, quando o budismo abandonou o intimismo dos monges Hinayana, para tornar-se uma religião popular e universal. A existência terrena de um Bodhisattva é totalmente determinada por sua missão de salvador, destinado a introduzir todas as almas no caminho reto da redenção dos sofrimentos humanos.

Apesar de todas as tentativas feitas no sentido de obscurecer a verdadeira origem dos ensinamentos de Jesus, e apesar da rigorosa canonização dos evangelhos, ainda encontramos mais de "cem passagens" claramente enraizadas na antiga tradição budista.

Antes, porém, de entrarmos nesta questão, é preciso salientar que Jesus nunca foi o judeu ortodoxo tradicional, como é geralmente apresentado. O modo com que ele encarava a morte, a família, as mulheres e as crianças, é exemplo de quanto diferia da religião judaica tradicional.

Jesus é considerado o responsável pela demitização de tudo aquilo que era considerado sagrado na cultura judaica. É o que acontece, particularmente, no que se refere à morte e à família. Em quatro versículos sucessivos, Lucas nos mostra que Jesus colocava a liberdade e o amor acima dos impecáveis costumes e ritos fúnebres: "Disse a outro: 'Segue-me'. Mas este respondeu: 'Senhor, permite-me ir primeiro enterrar meu pai'. Mas Jesus replicou: 'Deixa que os mortos enterrem os seus mortos; quanto a ti, vai

anunciar o Reino de Deus' " (Lucas 9,59-60). Também as relações familiares assumem uma importância secundária: "E um outro disse-lhe ainda: 'Senhor, eu te seguirei, mas permite-me primeiro despedir-me dos que estão em minha casa'. Mas Jesus lhe respondeu: 'Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o reino de Deus' " (Lucas 9,61-62). Sempre que os ensinamentos de Jesus tocavam em questões de família, acabavam ferindo os sentimentos judeus, como ressaltou o judeu Montefiore. "Se alguém vem a mim e não odeia seu próprio pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs... não pode ser meu discípulo." (Lucas 14,26-27). "Aquele que ama seu pai ou mãe mais do que a mim, não é digno de mim; e aquele que ama seu filho ou filha mais do que a mim, não é digno de mim." (Mateus 10,37). "Estando ainda a falar às multidões, sua mãe e seus irmãos estava do lado de fora procurando falar-lhe. Jesus respondeu àquele que o avisou: 'Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?' E, apontando para os discípulos, disse: 'Aqui estão minha mãe e meus irmãos.'" (Mateus 12,46-49). Este verdadeiro Jesus, em nome de quem foram realizadas tantas "cruzadas em prol da família", precisou fugir do cerco de sua própria família que tentava sufocá-lo. Mateus, o evangelista dos judeus, cita ainda uma outra passagem de Jesus, que nunca tinha sido formulada e que escandalizou os judeus: "Com efeito vim contrapor o homem ao seu pai, a filha à sua mãe e a nora à sua sogra". E, antecipando Freud, prosseguiu: "Em suma: os inimigos do homem serão os seus próprios familiares" (Mateus 10,35-36). Atualmente, existe uma crença muito difundida de que o posicionamento negativo de Jesus, diante da sacrossanta estrutura das relações familiares, constituiu, dentro do contexto cultural de seu tempo, um fenômeno sem precedentes. Mas não é este, precisamente, o ensinamento que conduz à total renúncia ao egoísmo e à autocomplacência, tanto em pensamento como em ação? Para ser digno da salvação o homem deve se desapegar de todas as tendências pessoais e individualistas e superar a barreira dessas limitações egoísticas. Enquanto o homem não for capaz de se libertar das paixões e desejos terrenos, continuará sujeito ao ciclo das reencarnações. Jesus dava pouca importância aos ditames inúteis, vazios e inexpressivos da legislação judaica. O expresso desprezo pelas leis do sábado acabou conduzindo-o à cruz.

Uma Comparação entre Buda e Jesus

Antes de sua descida, Buda existia como ser espiritual entre as divindades celestiais. De livre e espontânea vontade, desceu à terra para o bem dos homens. Como o Cristo bíblico, ele nasceu de maneira miraculosa. Foi anunciado por anjos como o salvador e profetizaram à sua mãe: "Venturosa, Rainha Maya, exulta e sê feliz, pois o filho ao qual deste à luz é santo!"

Existe, também, um Simeão budista. O velho santo Asita profetizou o nascimento de Buda, de forma semelhante àquela com que o velho e santo Simeão profetizou a vinda do Messias. Instruído por Deus, o profeta, pouco antes de sua morte, toma o recém-nascido nos braços e, cheio de felicidade, diz: "Esta criança é incomparável, o mais proeminente entre os homens... Ele atingirá o mais alto grau de iluminação; ele, que tem a capacidade de ver o que há de mais puro, ele, que tem compaixão dos homens, moverá a roda dos ensinamentos. Sua religião se espalhará por toda a parte".

Simeão, também, toma a criança em seus braços e diz: "Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque meus olhos viram tua salvação, que preparastes em face de todos os povos, luz para iluminar as nações, e glória de teu povo, de Israel" (Lucas 2,29-32). Mesmo os mais cautos eruditos estão convencidos de que estas palavras derivaram diretamente do budismo.

Na escola, o príncipe se mostra entendido em todos os tipos de escritos. Faz uma curta viagem, perde-se e é encontrado em profunda meditação. Aqui existe uma óbvia analogia com Jesus, aos 12 anos, encontrado no templo pelos seus pais discutindo com os escribas.

Mais ou menos com a idade de 30 anos, isto é, com a mesma idade de Jesus, Buda inicia sua carreira espiritual. Durante um jejum e penitência, é tentado pelo mal da mesma forma como Jesus o foi pelo diabo, após quarenta dias e quarenta noites de abstinência. No Oriente é comum uma história que atribui a Zoroastro uma semelhante tentação, que também aparece na saga dos santos cristãos.

Como Jesus, Buda perambula com seus discípulos, na mais completa pobreza, expressando-se através de máximas, imagens e parábolas. Como o Cristo bíblico, também Buda tem doze discípulos. Seus primeiros seguidores são também dois irmãos, exatamente como aconteceu com Jesus. Os primeiros seguidores de Buda estão sentados sob uma figueira

(um símbolo do Budismo) quando são chamados. Jesus também encontra um dos seus primeiros apóstolos sob uma figueira. Ambos têm um discípulo favorito e um traidor. E, como Judas, também o traidor de Buda, Devadatta, encontra um triste fim ainda que tenha falhado na realização de seu plano.

Com a mesma violência com que Jesus critica os fariseus, os ortodoxos seguidores da Tora, Buda critica a ritualística legislação dos brâmanes, os ortodoxos seguidores dos Vedas. "Membros de uma casta erudita, os sacerdotes exibem sua colocação de máximas, mas andam de braços dados com o mal." Jesus se dirige aos fariseus de forma semelhante: "Atam fardos pesados e difíceis de carregar, e põe-nos aos ombros dos homens, mas eles nem com o dedo os querem mover" (Mateus 23,4-5). Da mesma forma com que Buda estigmatiza os brâmanes — "Embora vos preocupeis tanto com a aparência externa, por dentro não passais de um bosque inculto" —, Jesus desmascara os hipócritas fariseus: "Sois semelhantes a sepulcros caiados, que por fora parecem belos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundície" (Mateus 23,27). Assim como Buda condena o sacrifício de sangue dos brâmanes, Jesus condena o sacrifício dos judeus. E, como Buda, também Jesus reprova os banhos cerimoniais e as noções superficiais de pureza e impureza.

A Influência do Pensamento Budista na Doutrina de Jesus

A grande afinidade existente entre os ensinamentos éticos de Buda e de Jesus é bem conhecida. Ambos proíbem matar, roubar, mentir e ter relações sexuais ilícitas. Ambos mandam respeitar os mais velhos. Ambos louvam a paz interior. Ambos querem o mal com o bem, e recomendam amar os inimigos, não acumular riquezas supérfluas, e optar pela misericórdia em vez do sacrifício. Existem muitos paralelos que podem ser traçados e inúmeras passagens que coincidem, quase literalmente. Buda e Jesus apresentam-se como "Filho do Homem", e ambos eram chamados de "Profeta", "Mestre" e "Senhor". As denominações de Buda, "Olho do Mundo" e "Luz Inigualável", correspondem àquelas de Jesus: "Luz do Mundo" e "Luz Verdadeira".

O conhecimento que Buda tinha de si mesmo e de sua missão é muito próximo àquele de Cristo. Assim diz Buda: "Eu conheço Deus e seu reino e o caminho que conduz a ele. Eu o conheço tão bem como alguém que

tenha penetrado no 'brahmaloka' (reino de Deus) e lá tenha nascido". Ou ainda: "Aqueles que acreditam em mim e me amam serão certamente recebidos no paraíso. Aqueles que acreditam em mim serão salvos". Em São João, as palavras são incrivelmente similares: "Quem ouve minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna..." (João 5,24). E mais: "Quem crê em mim, viverá" (João 11,25).

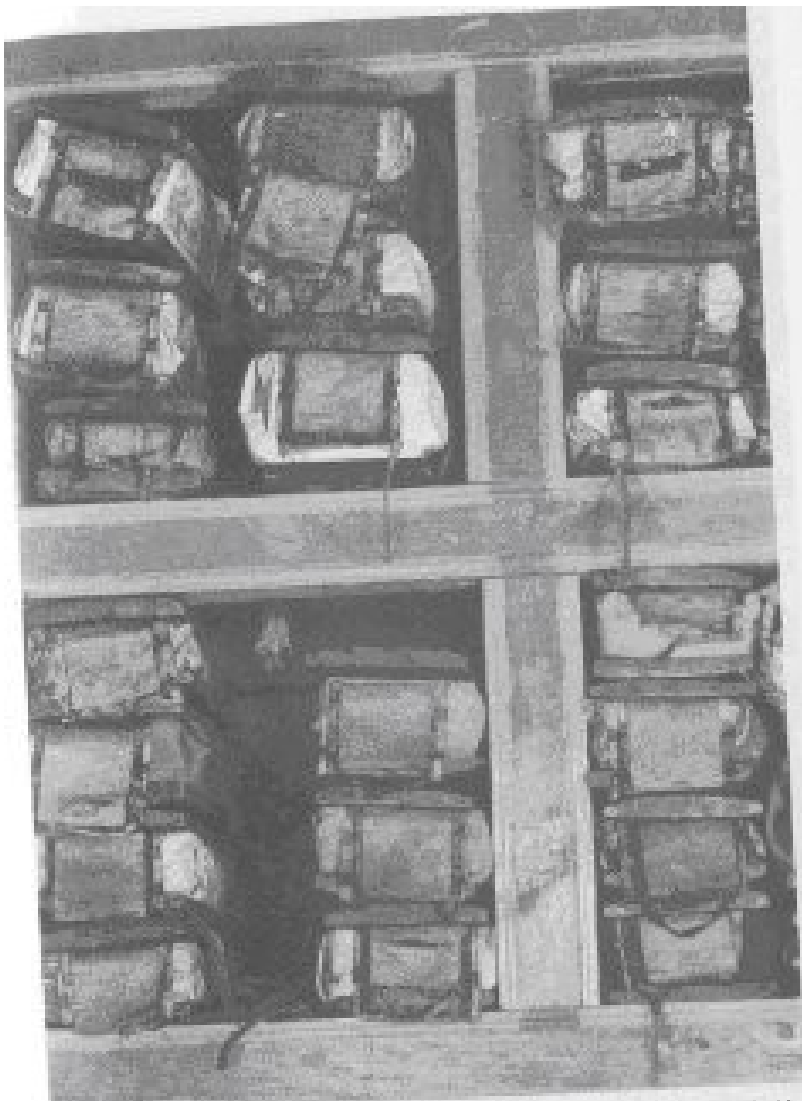
Buda diz a seus discípulos: "Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça". Por sua intercessão acontecem milagres, os doentes são curados, os cegos voltam a ver, os surdos ouvem, os aleijados começam a andar. Ele cruza o rio Ganges, como Jesus cruzou o lago de Genesaré. E, se os discípulos de Jesus fazem milagres, o mesmo aconteceu com os discípulos de Buda. Antes de São Pedro, também um discípulo de Buda andou sobre as águas; nesse episódio Pedro afunda quando sua fé começa a ser abalada e o mesmo acontece com o discípulo de Buda ao despertar de uma profunda meditação sobre seu mestre. São Pedro foi salvo pelo Senhor; o discípulo de Buda, pela renovação de sua confiança no Mestre. É claro que o Novo Testamento importou esses particulares de fora, uma vez que o fenômeno de caminhar sobre as águas era totalmente estranho aos judeus, ao passo que era muito comum na Índia.

Buda, como Jesus, nunca realizou milagres para provocar sensacionalismo. E por isso que Buda diz a um iogue que, após 25 anos de mortificação, conseguiu atravessar um rio, sem nem menos molhar os pés: "Você realmente perdeu seu tempo, porque, por apenas uma moeda, o barqueiro o atravessaria em seu barco". Porém, mais tarde, no budismo Mahayana, o milagre passou a ocupar um lugar de relevo, como entre os cristãos e os muçulmanos. Em todas as religiões, as massas estão mais inclinadas à magia, aos milagres e garantias materiais que à essência espiritual, ao *ethos*. Querem que as coisas aconteçam para eles, não dentro deles.

A esta altura, gostaria de apresentar um dos mais surpreendentes paralelos entre as escrituras hindus e o Novo Testamento: a parábola da viúva pobre. Nos textos budistas é costume que pessoas abastadas façam generosas doações a uma congregação religiosa. Uma pobre viúva, entretanto, não possuía mais que duas moedas. É tudo que tem, mas mesmo assim o dá com prazer. O sacerdote, diante de tão nobre atitude, a louva, deixando de mencionar a contribuição dos outros. E este é o paralelo que encontramos no evangelho de São Marcos: "E, sentado frente ao Tesouro do Templo, Jesus observava como a multidão lançava o dinheiro nos cofres; muitos ricos depositavam grandes quantias. Chegando uma pobre viúva, lançou

duas pequenas moedas, no valor de um quadrante. E, chamando a si os discípulos, lhes disse: 'Em verdade eu vos digo que esta pobre viúva lançou mais do que todos os que ofereceram moedas ao Tesouro. Pois todos os outros deram do que lhes sobrava; ela, porém, na sua penúria, ofereceu tudo o que tinha, tudo o que possuía para viver' " (Marcos 12,41-44).

Além da correspondência da idéia básica, mencionemos agora a extraordinária semelhança entre as duas situações: em ambos os casos, trata-se de uma mulher, de uma mulher pobre; a de uma oferta feita na igreja em meio a gente rica; ambas as mulheres dão tudo o que tinham, isto é, duas moedas; ambas são louvadas por um observador e o sacrifício delas é muito mais apreciado que as doações dos ricos. E logicamente, por ser mais recente, o texto bíblico depende daquele budista.



Os livros da biblioteca do mosteiro consistem em folhas soltas, envolvidas em seda colorida, com proteções de madeira.



Acima: As escavações em Harã, 12 quilômetros ao norte de Srinagar

Abaixo: Planície próxima à cidade de Bandipur (Behat-poor), onde o vale se abre em direção do lamacento lago Wular.





Acima: A Sepultura de Moisés e o guardião ou Walo Rishi, cujas fições são tipicamente judias



Acima: “Banho de Moisés” em Bijbihara (46 quilômetros ao sul de Srinagar) com um leão de pedra com aproximadamente 5000 anos de idade.

Abaixo: A “Pedra de Moisés” ou kA-Ka-Bal, sobre a qual Moisés teria exibido seus poderes mágicos.



As analogias entre o budismo e o cristianismo continuaram depois da morte de seus fundadores. Mitos e lendas idealizaram estes personagens. Buda e Jesus foram endeusados e colocados acima de todos os deuses. Surgiu uma busca, sem limites, de milagres. Em ambos os credos, a princípio não existe uma igreja organizada mas apenas uma comunidade de simpatizantes. Logo nasceu uma disputa doutrinal entre os sthaviras e os mahasanghikas, isto é, entre conservadores extremistas e adeptos progressistas, dentro das maiores comunidades budistas, semelhante à luta entre judeus cristãos conservadores e gentios cristãos progressistas. Em ambos os casos, reuniu-se um concílio de discípulos, um em Jerusalém e outro em Rajagriha. E, assim com os budistas ortodoxos estabeleceram seus dogmas no Concílio de Pa-taliputra (241 a.C), cerca de 250 anos após a morte de Buda, os ortodoxos cristãos determinaram os seus no Concílio de Nicéia (325), 300 anos após o desaparecimento de Jesus.

Capítulo 3

A Sabedoria Oriental no Ocidente

A Estrela dos Magos

No segundo capítulo do evangelho de Mateus está escrito: "Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que vieram Magos do Oriente a Jerusalém, perguntando: 'Onde está o rei dos judeus recém-nascido? Com efeito vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo'" (Mateus 2,1-2).

Se naquela noite tivesse acontecido de fato algum fenômeno astrológico extraordinário, estaria devidamente registrado nos documentos da época. Além disso, se tivesse realmente surgido alguma constelação especial naquela ocasião, seria hoje detectada com facilidade por computadores. João Kepler, pesquisando sobre isso, levantou a hipótese de que a membros das comunidades cristãs primitivas). Este fenômeno astronômico

acontece a cada 794 anos e todos os que o assistiram ficaram impressionados pelo espetáculo oferecido pela proximidade desses planetas, que, resplandecendo no céu noturno, parecem uma dupla estrela de grande brilho¹. Em 1925, o orientalista Paul Schnabel conseguiu decifrar uma pedra com inscrições cuneiformes, encontrada no observatório de Sippar, no Eufrates, de 2 000 anos atrás, e que descrevia, com exatidão, o fenômeno astronômico ocorrido no ano 7 a.C., isto é, a grande conjunção de Júpiter e Saturno, na constelação de Peixes².

Em fins do ano 8 a.C, Júpiter e Saturno tornaram-se visíveis do lado do ocidente, após o crepúsculo. Nesse momento Júpiter localizara-se na constelação de Aquário e Saturno, na de Peixes, a uma distância de 16 graus um do outro. Em fevereiro do ano 7 a.C, ambos desapareceram e, por diversas semanas, permaneceram ofuscados pelos raios do sol. Os astrólogos orientais julgaram que deveria ter algum significado aquela primeira aparição de Júpiter, acontecida na aurora do décimo-terceiro Adaru do ano 304 do império Selêucida, que, pelos nossos cálculos, deveria tratar-se do dia 16 de março do ano 7 a.C. Eles observaram que Júpiter aproximou-se pouco a pouco de Saturno e que no final do mês de Airu (19 de maio do ano 7 a.C), os planetas se encontraram. A conjunção, em que Júpiter e Saturno se mantiveram a 21 graus de Peixes, separados por apenas um grau de inclinação e exatamente com o mesmo azimute, iria se repetir ainda duas vezes no mesmo ano, a 3 de outubro e a 5 de dezembro.

Ambos eram visíveis do entardecer ao amanhecer e alcançavam a maior intensidade de brilho ao atingir o meridiano, por volta de meia-noite. Quando o sol se punha no ocidente, os planetas surgiam no oriente e quando eles desapareciam no ocidente, surgia a aurora no oriente. No começo do ano, estes planetas surgiam com o sol e, no final do ano, desapareciam com ele. Durante todo o ano eles ficavam visíveis, nunca se afastando um do outro mais de três graus. Este espetáculo na constelação de Peixes só se repetiria daí a 800 anos.

No evangelho de Mateus, a estrela é mencionada apenas três vezes. Os Magos dizem "... pois vimos sua estrela no oriente..."

No texto grego original, encontramos urna referencia ao *anato-le*. Os lingüistas descobriram que a palavra *anatole*, no singular, tinha um significado astrológico muito especial. Designava o nascimento heliaco de uma estrela, isto é, seu surgimento a leste, a um certo ponto do horizonte,

um pouco antes do sol. Empregada no plural, a mesma palavra tem conotação geográfica, e indica o Oriente. De fato, os três reis magos seguiram a aparição celestial na direção leste-oeste.

A segunda referência do evangelho de Mateus a este fenômeno também apresenta, no grego, um significado especial: "Então Herodes mandou chamar secretamente os magos e procurou certificar-se com eles a respeito do tempo em que a estrela tinha aparecido" (Mateus 2,7). Em astronomia, o verbo "aparecer" era empregado para designar a primeira aparição de uma estrela nascente. De acordo com a crença popular da época, no momento em que nascia uma pessoa, nascia também uma estrela sua no céu. A pergunta de Herodes indicava que o nascimento de Jesus deveria ter ocorrido algum tempo antes do aparecimento da estrela. Segundo o calendário babilônico, Júpiter apareceu no crescente do último mês do ano 304 do império selêucida. O ano de 305 (6 a.C.) começou no mês primaveril de Nisan, que marcava o início do Ano-novo judeu. Quando os magos chegaram a Jerusalém, Júpiter já deveria estar no segundo ano de sua conjunção com Saturno, e assim Jesus teria nascido provavelmente no ano 7 a.C, tendo na ocasião quase dois anos de idade. De acordo com a lenda, teria sido, talvez, este o motivo que levou Herodes a matar todas as crianças de até dois anos de idade.

O que atraiu esses misteriosos sábios do leste (nesse caso a palavra grega *anatole* estaria no plural), levando-os a enfrentar os percalços de uma longa e penosa viagem que poderia ter durado meses, ou até anos? Na realidade, de onde vinham e por que perseveraram com tanto afincio na busca de um menino? Sozinha, a teologia não consegue dar nenhuma resposta a estas questões e à identidade dos três magos.

Quem Eram os Três Magos.

Ou: Como Descobrir uma Encarnação³.

No texto grego original, os sábios eram designados pelo nome de *magoi* (magus se refere a um sacerdote persa zoroastrista; é daí que se originam nossos termos *mágico*, *magos*). Quem acrescentou, pela primeira vez, a palavra "reis" aos magos da história bíblica foi Cesáreo de Aries, no século 6. No século 9, foram batizados com os nomes de Gaspar, Melquior e Baltasar. As fontes não determinam, com exatidão, o número de magos que chegaram a Belém. O número três pode estar relacionado talvez com os presentes, e vem do tempo de Orígenes⁴. Eram, logicamente, profundos

conhecedores da magia, versados em astrologia e certamente não eram pobres.

A história de uma estrela que paira exatamente sobre um mísero estábulo, onde estava uma criança recém-nascida, não passa de pia imaginação. É muito provável que a criança de quase dois anos, ao ser encontrada e visitada, estivesse sob guarda de pessoas que sabiam da origem divina do menino. Estas pessoas não gozavam, obviamente, da simpatia de Herodes, pois, quando o rei foi informado da presença dos magos, ficou muito preocupado e "com ele toda Jerusalém". Se esta criança estava destinada ou não a ser o prometido Salvador das seitas secretas de Qumran, isto é, dos nazarenos ou essênios, será uma questão a ser discutida posteriormente neste livro. Hoje, sabemos que o mosteiro de Qumran, ao lado do Mar Morto, ficou abandonado por dez anos, porque seus habitantes foram banidos por Herodes, o Grande. Esta pode ser uma das causas do ódio do rei que o levou a ordenar a morte das crianças.

No evangelho apócrifo dos Nazarenos⁵, deparamos com a seguinte passagem:

"Quando José olhou, percebeu que muitos peregrinos o acompanhavam em direção à gruta; e ele disse: 'Levantar-me-ei e irei ao seu encontro'. E, saindo, José disse a Simão: 'Parecem profetas! Olhe!, estão continuamente olhando para o céu e consultando-se entre eles. Parecem estrangeiros, pois têm uma aparência diversa da nossa; suas vestes são ricas e a cor da pele, escura. Usam capuz na cabeça e seus mantos parecem muito macios. Também suas pernas estão cobertas. Olhe!, eles pararam e estão me olhando; agora estão se movendo novamente e vêm em minha direção' ".

Será possível que a seita proibida tivesse algo em comum com seus irmãos na Índia, ou com as tribos perdidas da Casa de Israel? É muito difícil provar, com as fontes que temos em mãos, se os magos vieram diretamente da Índia. No entanto, é surpreendente constatar o quanto a história dos três sábios se assemelha aos textos que narram a crença de que, ainda hoje no Tibete, muitos altos dignitários budistas podem ser redescobertos em novas encarnações. A forma antiga e tradicional de efetuar essa busca é descrita nos textos do Dalai Lama⁶, que fala de sua própria "descoberta", ainda menino, e também no livro do austríaco Heinrich Harrer⁷, que passou sete anos na corte do deus-rei em Lhasa. É uma narrativa fascinante, que oferece argumento para fazer uma comparação entre tradições cristãs e orientais, e por isso faremos algumas considerações mais detalhadas sobre isso.

Pouco depois de falecer, em 1933, o décimo-terceiro Dalai Lama forneceu algumas pistas sobre a época e lugar em que ocorreria sua próxima encarnação. Morto, seu corpo foi colocado voltado para o sul, na tradicional postura de Buda, mas um dia seu rosto amanheceu voltado para o oriente e, em um pedestal de madeira, situado a nordeste do relicário em que ele se encontrava, nasceu, misteriosamente, um fungo em forma de estrela.

Diante desses indícios os principais lamas procederam a um ritual mágico, no qual interrogaram um monge em estado de transe, com a missão de agir como oráculo (bem ao modo dos antigos templos gregos). O monge apontou com um gesto na direção do oriente, e nesse momento surgiram extraordinárias formações de nuvens ao norte de Lhasa. Depois disso, durante dois anos, não foi dado nenhum outro sinal. A um dado momento, o regente teve a inspiração de fazer uma viagem ao lago sagrado de Lhamoi Latso, perto do Cho Khor Gyal, a 145 quilômetros de distância. De acordo com a crença tibetana, o futuro pode ser visto espelhado nas águas claras desse lago de montanha. Após dias de preparação através da meditação, o regente teve uma visão em que aparecia um mosteiro de três andares, com teto dourado, ao lado de uma pequena fazenda chinesa, com frontões lindamente decorados e cobertura com telhas verdes. Em seguida, apareceram as três letras tibetanas Ah, Ka e Ma. Registrou e conservou tudo em segredo. Cheio de confiança e profundamente grato pelas instruções divinas, retornou ao seu palácio em Lhasa e começou os preparativos para a busca.

Sem os importantes pronunciamentos e cálculos dos astrólogos, nenhum passo decisivo poderia ser tomado. Em 1937, várias expedições partiram de Lhasa à procura de um menino divino, seguindo a indicação dos presságios celestiais. Cada grupo compunha-se de lamas nobres e sábios (pois o fato dizia respeito a uma única teocracia), que endossavam os distintivos de seus altos cargos. Eles traziam servos e ricos presentes, muitos dos quais tinham pertencido ao falecido. Os presentes representavam um gesto de veneração do Dalai Lama e também um teste para verificar a identidade da nova encarnação. Em teoria, a pessoa que procuravam poderia ter reencarnado a milhares de quilômetros de seu último lar; e, no caso do décimo-quarto Dalai Lama, a busca ultrapassou as fronteiras do Tibete central, chegando até o distrito do Amdo na região de Dokham, sob administração chinesa. Havia muitos mosteiros naquela área,

porque Tsong Kapa, o reformador do lamaísmo, havia nascido ali. A expedição encontrou muitos meninos, mas nenhum deles correspondia à descrição dos presságios. Finalmente, em pleno inverno, o grupo chegou ao mosteiro de Kumbum, próximo à aldeia de Taktser, um mosteiro de três andares, com teto dourado, ao lado de uma encantadora fazendola com uma casa coberta de telhas verdes e com frontões entalhados. Isto coincidia exatamente com a visão do regente.

Dois eminentes lamas disfarçaram-se de criados, e um jovem monge de senhor, e entraram na casa, acompanhados de dois funcionários do mosteiro local. Eles tinham se disfarçado para camuflar o verdadeiro motivo dessa visita, evitando assim alvoroços desnecessários para inspecionar o lugar em paz. Os dois eminentes lamas (um dos quais era o Rimpoche Kewtsang, que vivia em Lhasa, no mosteiro de Sera) foram levados para a cozinha, por serem criados, enquanto o jovem monge foi recebido no salão. As crianças da família estavam brincando na cozinha e, assim que o Lama Rimpoche sentou-se, um menino de 2 anos de idade veio correndo e saltou no seu colo. O reverendo monge estava usando o rosário do falecido Dalai Lama e o menino, dando sinal de reconhecê-lo, quis arrancá-lo à força, como se o quisesse para si. O lama prometeu dar-lhe as contas se adivinhasse de quem eram. O menino imediatamente respondeu "Sera-Aga", que, no dialeto da região, queria dizer "o lama de Sera". A habilidade que o menino demonstrou em reconhecer um lama disfarçado em criado já causou admiração, mas o fato de ter adivinhado que o lama viera de Sera surpreendeu os monges, apesar de estarem acostumados, por tradição, a fatos miraculosos. Então o lama perguntou ao menino qual o nome do seu senhor, e ele respondeu: "Lobsang". De fato, o servo chamava-se Lobsang Tsewang.

Os nobres monges passaram o dia todo observando a criança, e foram obrigados a se controlar para não demonstrar o profundo respeito que tinham por ela, pois estava convencidos de que tinham finalmente encontrado a reencarnação que procuravam. No dia seguinte partiram, pois queriam trazer toda a expedição. Quando os pais da criança viram aquela pomposa procissão de altos dignitários aproximar-se de seu humilde lar, compreenderam que seu filho devia ser uma encarnação. No vizinho mosteiro de Kumbum, tinha falecido um lama, e os camponeses acreditavam que um de seus filhos pudesse ser a reencarnação desse lama e, de fato, o primogênito desse casal já havia sido submetido a um teste neste sentido.

É muito comum que uma reencarnação, ainda criança, lembre-se de pessoas e coisas que participaram de sua vida anterior, sendo até capazes de recitar trechos de escritos que nunca tinham aprendido. No tranqüilo isolamento do Tibete, temos muitas provas desse fato. Já no Ocidente, tais acontecimentos são raramente divulgados pela imprensa, pois os ocidentais não acreditam na possibilidade de reencarnação.

Os quatro chefes "Bonpos" da delegação de Lhasa procederam, a seguir, aos testes prescritos. Primeiramente ofereceram ao menino dois rosários pretos quase idênticos, um dos quais pertencera ao décimo-terceiro Dalai Lama. Sem hesitar, a criança escolheu o verdadeiro, colocou-o ao redor do pescoço e começou a dançar alegremente na sala. O menino foi submetido ao mesmo teste, com vários rosários preciosos. Em seguida, os membros da delegação lhe apresentaram dois tambores ritualísticos. Um deles era grande e decorado com ouro, enquanto o outro, que fora do Dalai Lama, era muito simples. O menino escolheu o mais simples, que começou a tocar em perfeita harmonia com o cerimonial. Finalmente, mostraram-lhe dois bastões, e ele primeiro tocou no errado, mas hesitou e, depois de observar novamente os dois, acabou escolhendo o que pertencera ao deus-rei. O Rimpoche explicou aos presentes, surpresos com a indecisão do menino, que o primeiro bastão havia também sido usado, durante algum tempo, pelo décimo-terceiro Dalai Lama e que mais tarde ele o tinha presenteado ao Lama Kewtsang.

Com este exemplo, podemos traçar um paralelo entre a apresentação dos objetos preciosos do deus-rei falecido e os dons trazidos do Oriente e oferecidos pelos magos a Jesus. É claro que a criança já deveria ter atingido uma determinada idade para poder ser submetida a um teste de tal natureza.

A apresentação dos objetos foi complementada pela interpretação das três letras que o regente havia visto refletidas nas águas do lago. Ficou entendido que a primeira letra "Ah" correspondia a Amdo, nome da localidade em que haviam encontrado o menino. As duas letras "Ka" e "Ma" poderiam significar o pequeno mosteiro Ka(r)ma Rolpai Dorje, erguido em uma montanha acima da aldeia de Taktser, onde o Dalai Lama permaneceu por algum tempo, ao regressar de uma viagem à China. A visita do décimo-terceiro Dalai Lama emocionou toda a região e, entre os aldeões abençoados pelo deus-rei, estava o pai de sua futura encarnação, na época apenas com nove anos. Além disso, observou-se que o décimo-terceiro Dalai Lama havia contemplado aquela pequena fazenda, onde

mais tarde renasceria atraído pela beleza e pela serenidade do local. E conta-se ainda que o Dalai Lama teria deixado um par de botas no pequeno mosteiro, o que poderia ser interpretado simbolicamente.

Depois de todas estas provas, os delegados estavam convencidos do êxito de sua missão: eles haviam encontrado a verdadeira encarnação. Enviaram a Lhasa, via China e Índia, uma mensagem cifrada com os detalhes da descoberta, e receberam ordens de agir com a maior discrição para que o menino não caísse nas mãos dos chineses, uma vez que a busca tinha sido efetuada em seu território.

O governador da província, Ma Pufang, foi informado de que o menino seria levado para Lhasa por ser considerado um dos possíveis sucessores do falecido Dalai Lama. Ma Pufang pediu, a princípio, 100 000 dólares chineses para autorizar a transferência, mas, após o recebimento dessa importância, pediu mais 300 000 dólares. No entanto, a delegação quis evitar que os chineses soubessem que eles tinham descoberto o verdadeiro deus-rei, por temer que, diante dessa revelação, a China insistisse em mandar suas tropas "para protegê-lo" na viagem até Lhasa.

O paralelo com o que ocorrera em Jerusalém mais uma vez se evidencia: o divino menino teve que sair às escondidas do país, para fugir de Herodes, o governador romano da província. "Quando Herodes viu que tinha sido ludibriado pelos magos, ficou muito irado." (Mateus 2,16).

Por questões de segurança, toda a correspondência entre Amdo e Lhasa era feita através de mensageiros, o que requeria muitos meses. Portanto, passaram-se mais dois anos até que a caravana da delegação partisse para Lhasa carregando o menino e sua família. Levaram meses para cruzar a fronteira tibetana onde eram aguardados por um ministro de Estado e sua comitiva, que con firmariam a escolha do novo Dalai Lama através de uma carta do regente. Foi só então que os pais do menino compreenderam que seu filho era o novo soberano do Tibete.

A Fuga para o Egito

Depois que os sábios do Oriente descobriram o menino Jesus nas proximidades de Jerusalém, José, o pai, recebeu a seguinte ordem divina: "Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e fica lá até que te avise, porque Herodes vai procurar o menino para o matar" (Mateus 2,13). Na fuga, tomaram provavelmente o caminho de Beersheba, via

Hebron, e dali cruzaram o deserto até chegar ao Mediterrâneo. Nessa época, cerca de 1 milhão de judeus vivia no Egito, sendo que somente em Alexandria havia 200 000. Esse país tinha sido por tradição um refúgio para os judeus e ali existiam núcleos muito bem constituídos, com sinagogas, escolas e tudo mais que um estrangeiro pudesse precisar para se sentir bem.

O infanticídio narrado nos evangelhos não é lendário, e foi confirmado num documento da época, escrito durante a vida de Jesus, por membros da seita dos essênios, que eram provavelmente alvo das ofensivas de Herodes e que por isso precisaram entrar na clandestinidade em seu próprio país. "O sucessor era um rei insolente e inimigo da classe sacerdotal, uma pessoa ímpia e audaciosa. Matou velhos e jovens, e todos o temiam" (Ass. Mois. 6,22).

O professor Hassnain afirma que existiram escolas missionárias budistas em Alexandria, muito antes da Era Cristã. Eram conhecidas com o nome de Viharas que, segundo o dicionário sânscrito-chinês, significa um lugar que é "ao mesmo tempo uma academia, uma escola e um templo destinado ao estudo e à prática do budismo. As Viharas eram construídas em sândalo vermelho (chandana) e contavam trinta e dois aposentos, com uma altura de oito talas [espécie de árvore]; cada uma delas possuía um jardim, um parque, uma piscina e um salão de chá bem mobiliado e decorado com tapeçarias e equipado com camas, colchões, provisões e todos os confortos necessários"⁸. É muito possível que Jesus tenha sido iniciado desde criança nos conhecimentos da filosofia oriental, por mestres budistas, em Alexandria. Isto ajudaria a compreender por que Jesus pôde encantar com sua sabedoria os doutores do templo de Jerusalém, quando tinha apenas 12 anos. "E todos os que o ouviam ficavam extasiados com sua inteligência e com suas respostas" (Lucas 2,47).

Naquela época, aos 12 anos, os jovens eram geralmente prometidos em casamento. Jesus foi uma exceção à regra e pôde assim prosseguir seus estudos na pátria de seus verdadeiros antepassados espirituais — a Índia.

Jesus só pôde regressar com segurança à sua terra natal anos depois da morte de Herodes, o odiado usurpador. Isto ocorreu um pouco antes da Páscoa, no ano 4 a.C. "Quando Herodes morreu, eis que um anjo do Senhor manifestou-se em sonho a José, no Egito, e lhe disse: 'Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel; pois os que atentavam contra a vida do menino já morreram'. Ele se levantou, tomou o menino e sua mãe, e entrou na terra de Israel. Mas, ouvindo que Arquelau

era rei da Judéia em lugar de seu pai Herodes, teve medo de ir para lá (Arquelau foi governador ou etnarca da Judéia e Samaria de 4 a.C. a 6 a.C, isto é, até os 12 ou 13 anos de Jesus). Tendo recebido um aviso em sonho, partiu para a região da Galileia e foi morar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que foi dito pelos profetas: 'Ele será chamado Nazareno'." (Mateus 2,19-23).

Jesus Nazareno

Em quase todos os manuscritos gregos, Jesus recebe o cognome de "Nazareno", geralmente traduzido erradamente por "Jesus de Nazaré". Assim, em muitas edições, Paulo ouve uma voz que lhe diz: "Eu sou Jesus de Nazaré, a quem seguirás". Porém, os manuscritos gregos não contêm tal expressão. A versão correta, que encontramos na Bíblia de Jerusalém, é a seguinte: "Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem seguirás".

Existiria, por acaso, alguma razão para essa alteração? Se quisermos chamar Jesus de acordo com seu lugar de origem, deveríamos chamá-lo "Jesus de Belém" (nenhuma fonte indica Nazaré). O evangelho de São Marcos diz que seus discípulos viviam no mar da Galileia (lago de Tiberíades), provavelmente em Cafarnaum. A Bíblia Luterana indica apenas que "ele voltou para casa", mas isso significaria viajar mais 40 quilômetros.

Nos Atos dos Apóstolos, os primeiros cristãos são denominados Nazarenos, e Jesus é citado seis vezes como "o Nazareno".

No evangelho de São João, Natanael, um aspirante ao apostolado, perguntou ao apóstolo Filipe: "De Nazaré pode vir algo de bom?" Nessa pergunta está implícita a dificuldade em entender como pudesse vir de um lugar tão pequeno e insignificante (nessa época não deveria possuir mais que algumas cabanas) alguém dotado de profunda cultura e elevada educação.

O *Dicionário Greco-Alemão sobre os Escritos do Novo Testamento e Outros Textos Literários Cristãos Primitivos* (1963) admite abertamente a impossibilidade de se estabelecer um nexo entre as palavras "Nazareno" e "Nazaré".

Os epítetos Nazareno (*nazarenos*), Nazireu (*nazoraios*) e Nazorene (*nazorenos*) eram utilizados para denominar Jesus, como se fossem sinônimos e todos eles ligados à localidade de Nazaré. Foi este mal-

entendido que levou à falsa designação "Jesus de Nazaré". Já em 1920, M. Lidzbarski provou em sua obra *Liturgias Mandeanas* que, por razões de cunho etimológico, "Nazareno" não pode derivar do nome da cidade de Nazaré. Fora do evangelho de Mateus, Nazaré não é citada em nenhum outro lugar e não devia passar de um pequeno lugarejo. Jafa, que estava apenas 3 quilômetros a sudoeste de Nazaré e que tinha sido destruída pelos romanos em 67 d.C., é mencionada na Bíblia como pertencente à tribo de Zabulón, enquanto o nome Nazaré não é citado.

A palavra "Nazareno" deriva da palavra aramaica *nazar*, que significa vigiar, observar ou confessar. Em sentido figurado pode também significar jurar ou colocar-se a serviço de Deus. Usado como nome, significa um diadema, o símbolo usado na cabeça de um ungido. *Assim um "nazareno" era alguém que observava ou celebrava os ritos sagrados.* "Nazaria" era um ramo dos essênios (os Therapeutae ou curadores) e, como os ebionitas, constituíam provavelmente uma das primeiras comunidades cristãs e todos eles eram citados no Talmud como "nozari". Todas as seitas gnósticas (*gnosis* = conhecimento) praticavam a "magia"; seus adeptos eram iniciados que levavam uma vida ascética, dedicada à comunidade, dentro do espírito das virtudes divinas. É possível que as várias formas do título em questão encontre sua explicação no fato de uma comunidade ter-se dividido em vários grupos que, apesar de terem conservado a origem etimológica comum, adotaram diferentes interpretações do ensinamento e, conseqüentemente, estilos diferentes de vida. Encontramos traços da denominação nazareno no Antigo Testamento e, por isso, sua origem pode ser localizada no período pré-cristão.

Na opinião de John M. Robertson, Sansão era um nazireu (Juízes 13,5-7); não permitia que lhe cortassem o cabelo e não bebia vinho, e levava portanto uma vida ascética. Os "não-ascéticos" denominavam-se nazarenos, para diferenciarem-se dos ascéticos **nazireus** .

Jesus não pode ser classificado como membro de nenhum desses grupos porque, evidentemente, recusou subordinar-se a qualquer código de leis humanas. Optou pelo mesmo caminho de Buda, que consistia em fazer a coisa certa no momento certo. A grande distância geográfica da Índia tinha aumentado o abismo que separava os filhos dos mesmos pais espirituais que viviam segundo os princípios da filosofia budista na Índia e seus irmãos que residiam em Israel. Jesus, dentro desse contexto, poderia ser descrito como um reformador enviado para restabelecer a unidade de fé entre as "ovelhas perdidas", que necessitavam de apoio emocional e

espiritual, em sua luta contra os conquistadores romanos, saduceus, fariseus e judeus ortodoxos.

Jesus era aquela personalidade divina tão esperada nos tempos de turbulência. Foi saudado por dois discípulos enviados por João Batista, com as seguintes palavras: "És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar um outro?" (Mateus 11,3).

João Batista (*Johanán*) era um asceta nazareno e um profeta, homenageado na Galileia com o epíteto de "Salvador". O historiador Flávio Josefo descreve Batista como "um homem de bem, merecedor de respeito pela prática da virtude e da justiça social, pela fidelidade a Deus e por batizar os judeus. Anunciava que assim Deus os favoreceria, porque seu batismo era realizado para curar fisicamente e não para perdão dos pecados — o perdão dos pecados deveria ser um pressuposto alcançado através de uma vida justa. Multidões, atraídas por essas palavras, reuniram-se ao redor de João..."¹⁰

O ritual da imersão em água provém da Índia, onde continua a ser diariamente praticado pelos hindus com o mesmo fervor de séculos atrás. É uma tradição quase tão velha quanto a própria "Sabedoria Oculta". O rito batismal se distancia da tradição judaica, particularmente com respeito ao sacrifício de sangue, baseado na premissa de que os pecados serão perdoados com derramamento de sangue. A cerimônia da purificação simbolizava a renúncia à matéria e o renascimento do espírito em um corpo puro. O segundo Livro das Leis de Manu, que trata dos sacramentos, contém os seguintes preceitos: antes de cortar o cordão umbilical, deve-se jogar água benta sobre o recém-nascido, e depois dar a ele, em uma colherinha de ouro, uma mistura de mel e manteiga pura e passar sal sobre sua língua. Durante todo o tempo da cerimônia devem ser recitadas orações sagradas. (Esta prática é ainda hoje observada em toda a Índia.)

O Atarvaveda nos diz: "Quem não for lavado após o nascimento com a água da remissão do Ganges, durante as invocações sagradas, estará sujeito a vagar pelo tempo que viveu na im-pureza" ("vagar" se refere às punições sob a forma de reencarnações ou de vida espiritual).

No caso de João, o rito batismal parece ter sido um sinal de pertença a uma certa comunidade que tinha se separado dos não-iniciados através de vários sacramentos culturais próprios. Isto mostra que os nazarenos constituíam uma seita independente que emergiu com os Mistérios de um determinado credo. E seitas misteriosas que agem sigilosamente foram sempre objeto de suspeita e perseguição por parte das autoridades. Paulo deparou-se com a

mesma hostilidade, quando foi julgado pelo governador Félix por ter sido acusado pelo orador Tertulo de indivíduo pestífero, instigador de sedições entre os judeus e cabeça da seita dos nazi-reus (Atos 24,5).

De acordo com Plínio e Josefo, a seita nazarena existia às margens do Jordão e à margem oriental do Mar Morto, há cerca de 150 anos antes do nascimento de Jesus. Os nazarenos usavam cabelos longos como João Batista, assim descrito por Mateus: "João usava uma roupa de pêlo de camelo, e um cinturão de couro em torno dos rins" (Mateus 3,4). Um patricio romano, chamado Len-tulo, descreveu a figura de Jesus em uma carta ao senado romano. Ela constitui um dos textos apócrifos sobre Jesus e o descreve com cabelos soltos e encaracolados, caindo nos ombros em ondas e repartido ao meio, segundo o costume dos nazireus.

A palavra *nazar* é encontrada também nos dialetos da Índia. *Nas* significa associar-se com; *nasa* significa nariz, embora seja também usada, em ioga, para designar o ponto de concentração entre as sobrancelhas, o *nasaanta*.

Em indostano, *nazar* significa visão interior ou sobrenatural; *nazar cand* significa fascinação e é uma expressão usada na magia e no mesmerismo; e *nazaran* é a palavra utilizada para "contemplar" ou "ter uma visão"¹¹. Atualmente é muito difícil descrever a seita dos nazarenos, devido à exiguidade de elementos disponíveis. Seria impossível determinar as diferenças entre o pensamento de Jesus Nazareno e o de seus contemporâneos ortodoxos, não fosse o grande número de informações recentemente descobertas sobre os essênios, que pouco divergiam dos nazarenos, e que eram claramente influenciados pelos ensinamentos de Buda e dos Vedas. Uma das diferenças, por exemplo, é que os essênios usavam somente água pura, ao passo que nazarenos (e Jesus) usavam óleo (voltaremos a falar sobre isso).

No século passado, os estudiosos familiarizados com os textos dos essênios chegaram à conclusão que a comunidade de Jesus era simplesmente uma ramificação dos essênios. O historiador judeu H. Graetz chegou a chamar o cristianismo de "essenismo com influência estrangeira".¹² Até então, os essênios eram conhecidos apenas através do testemunho indireto de historiadores antigos. O filósofo judeu Filon de Alexandria (aprox. 13 a.C. — 43 d.C.) chamava-os de "Atletas da virtude" e Josefo dedicou-lhes quase um capítulo inteiro (11,8) de sua obra *A Guerra Judaica*. Tanto um como outro estimam a comunidade essênica em cerca de quatro mil "homens de uma moral excelente, que viviam por todo o país". O historiador romano Plínio, o Velho também faz menção a esta seita.

No entanto, a abrangência do ensinamento da seita dos essênios permaneceu obscura até a descoberta dos famosos manuscritos de Qumran, no Mar Morto. A constatação de que os ensinamentos dos essênios anteciparam aqueles de Cristo nos levou a encará-lo sob uma luz diferente.

Os Essênios: a Cristandade Antes de Jesus

No verão de 1947, um jovem beduíno deparou-se com a entrada de uma gruta quando procurava uma cabra de seu rebanho, entre os rochedos ao longo do Mar Morto. Curioso, entrou e viu-se diante de uma série de ânforas de barro seladas, em meio a uma pilha de cacos de cerâmica. Na esperança de encontrar um tesouro, abriu as ânforas, mas ficou desapontado ao notar que dentro estavam apenas alguns malcheirosos manuscritos em pergaminho. Quando o famoso arqueólogo William F. Albright viu os manuscritos em 1948, disse que se tratava da mais importante descoberta de manuscritos de nosso tempo. Ele os datou do século 1 a.C. e não duvidou absolutamente de sua autenticidade.

No decorrer dos anos seguintes, pesquisadores na área de Qir-bet Qumran encontraram mais de dez grutas com numerosos manuscritos, alguns dos quais ainda não foram totalmente traduzidos ou interpretados. Porém, dos documentos examinados emerge uma verdade incontestável, a semelhança entre os ensinamentos de Jesus e aqueles dos essênios. De fato, comentou-se que os essênios deveriam ser considerados os verdadeiros precursores do cristianismo primitivo, dada a identidade de temas teológicos e de instituições religiosas. Tudo isso confirma a *existência de uma cristandade, anterior a Jesus*.

Sete manuscritos encontrados na primeira gruta estão expostos atualmente no "Templo dos Manuscritos" do Museu de Israel, em Jerusalém. O mais extenso é o "Manuscrito de Isaías e de São Marcos" (conhecido como 1 QIs). O livro completo do profeta Isaías contém 54 colunas escritas em hebraico. Dentre os documentos encontrados, este é o mais antigo (data aprox. de 150 a.C), e apresenta uma incrível semelhança com outros antigos manuscritos bíblicos descobertos. Além deste, foram encontrados fragmentos de um segundo manuscrito de Isaías (1 QIIs) e um comentário ao Livro do Profeta Habacuc (1 Qp Hab).

Entretanto, a mais importante descoberta se refere a um pergaminho com quase dois metros de comprimento, que traz as regras da seita religiosa. Hoje esse documento é conhecido pelo nome de *Serek Hayyahad*, suas

palavras iniciais, que significam "Regra da Comunidade" ou "Manual de Disciplina", *Manuale Disciplinae* (1 QS). A primeira parte trata do "Vínculo de amor eterno" que une os membros da comunidade a Deus. A segunda parte descreve "os dois espíritos na natureza do homem", o espírito de luz e de verdade e seu oposto, o espírito do erro e das trevas (no Budismo: conhecimento e ignorância). As regras da ordem apresentam em seguida uma detalhada descrição das condições necessárias para fazer parte da comunidade, das punições por violação, e finaliza com um longo hino de louvor e de agradecimento.

Um segundo manuscrito encontrado (que pode ter sido enrolado ou costurado) traz as regras sobre o celibato dos monges. O documento foi intitulado "Regra da Assembléia" (1 QSa), e dirigia-se aos membros leigos casados da comunidade.

O budismo também faz distinção entre monges (em pali: bhikk-hu) e leigos (upasaka), e isto manifesta uma proximidade entre os essênios e as antigas comunidades budistas.

Todos os membros da seita essênia recebiam os ensinamentos e normas da comunidade a partir dos 11 anos. Jesus parece ter chegado a Jerusalém (vindo do Egito?) mais ou menos com essa idade e nesse momento desapareceu e não foi mais visto até os 30 anos. Naquele tempo os homens só podiam casar-se depois dos 20 anos e com 25 passavam a ter voz e vez na comunidade. Com 30 anos podiam aspirar aos mais altos postos, mas sempre sujeitos a prestar obediência aos sacerdotes e anciãos da comunidade. O prestígio dependia da importância do cargo e da capacidade de cada um. Esperava-se dos funcionários que servissem à comunidade até uma idade bem avançada.

No final do documento há uma descrição da distribuição dos lugares em uma ceia escatológica festiva — a mesma questão que foi objeto de discussão entre os discípulos de Jesus, durante a Santa Ceia (cf. Lucas 22,24).

Um outro pergaminho, muito danificado, contém hinos bíblicos e essênios. Todos os quarenta hinos começam com as palavras "Te louvo, Senhor", e por isso são chamados "Hodayot" — "Cânticos de Louvor" (1 QH).

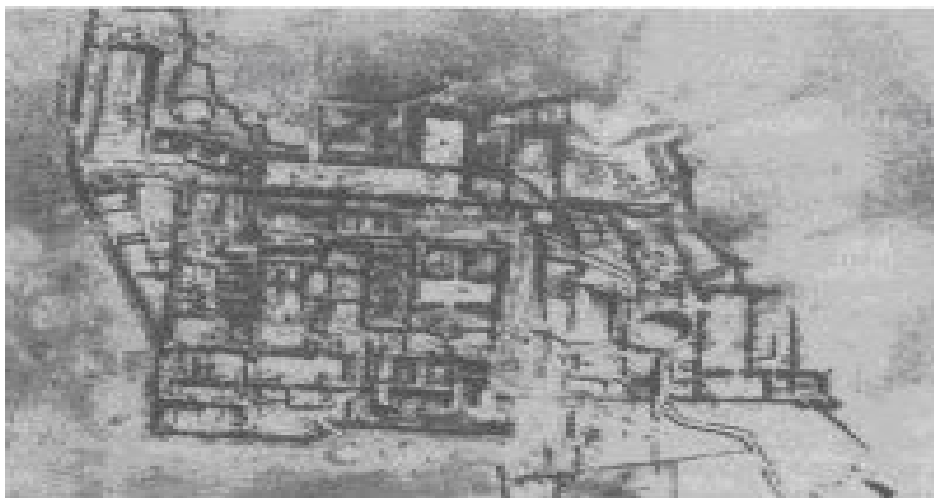
As escrituras descobertas eram, evidentemente, restos de documentos abandonados (talvez casualmente) que tinham sido encontrados em séculos anteriores. Orígenes, por exemplo, mencionou que uma tradução dos Salmos tinha sido encontrada, com outros documentos, em uma ânfora, perto de Jericó. O patriarca nestoriano de Bagdá/Silencia, Timóteo I, morto

em 823 d.C, fala, em uma carta, da descoberta de documentos hebraicos em uma gruta nas proximidades de Jericó, dizendo que parte deles estava escrito em uma linguagem cifrada e que muito tinha sido discutido a respeito de uma "Nova Aliança" (termo usado mais tarde por Lutero para designar o "Novo Testamento") e de um misterioso "Mestre de Justiça".

Na sua *Historia Naturalis*, Plínio, o Velho faz referência a um mosteiro que ele tinha visto em um lugar ao norte de Invade, à margem ocidental do Mar Morto, e que chamou de Mosteiro Essênio. Assim descreveu seus habitantes: "... gente solitária e diferente das demais, sem mulheres, que haviam renunciado ao amor terreno e que viviam pobremente sob as palmeiras". (V, 17).

A menos de um quilômetro de distância da gruta onde os primeiros pergaminhos haviam sido descobertos, erguem-se algumas ruínas, há séculos conhecidas pelo nome de "Qirbet Qumran" (Ruínas de Qumran) que acreditava-se tratar de uma fortaleza romana. Em 1951, Lancaster Harding, do Departamento Administrativo Jordânico de Antiguidades, e o Pe. Roland de Vaux, diretor do Instituto Teológico dos Dominicanos em Jerusalém, deram início às primeiras escavações naquela área. Encontraram algo que superou, de longe, suas expectativas: o próprio Mosteiro de Qumran, onde, provavelmente, teriam sido escritos aqueles extraordinários pergaminhos. Em cinco anos de trabalho, os arqueólogos descobriram uma grande instalação protegida por muralhas, dotada de uma edificação central quadrada, várias outras construções, um grande refeitório, uma piscina ritual, treze poços e uma complicada rede de abastecimento de água. Eles descobriram um cemitério só de homens, com mais de mil sepulturas, e um "scriptorium", com mesas de madeira e tinteiros, onde seguramente foi redigida grande parte dos manuscritos. Hoje sabemos que esse mosteiro era habitado já no século 8 a.C, tendo sido evacuado durante o período do exílio de Babilônia e somente reocupado no segundo século (aprox. em 175 a.C). Flávio Josefo descreve o modo de vida dos monges: "Eles desprezavam o dinheiro e repartiam com tal equidade os bens que ninguém possuía nada mais que o outro. Quem quisesse entrar para a ordem tinha que entregar todos seus bens à comunidade, de forma que, entre eles, não havia nem riqueza, nem pobreza, mas todos usufruíam como irmãos da propriedade comum. Não adotavam a unção com óleo, e, se porventura um dentre eles era ungido contra a própria vontade, procurava, o quanto antes, se lavar. Para eles, a

pele livre e natural era considerada tão importante quanto roupas brancas e limpas" (Flávio Josefo, *Guerra Judaica* II, 8,3).



Fotografia aérea das escavações do mosteiro de Qumran.

Há muita semelhança entre esta descrição dos essênios, as regras dos mosteiros budistas e o estilo de vida de Jesus. Como os monges budistas, que nada possuíam além de sua roupa e algumas poucas coisas, Jesus também nada possuía e ensinava indo de um lugar para outro, exortando seus discípulos a integrarem a comunidade através do "Ato de partida para o aberto" (Pali: *pabbajja*); isto é, a deixarem os pais e a casa paterna (*agara*), símbolo do laicismo, e abraçar a vida de monges itinerantes sem teto (*anagara*), pois só assim se libertariam das preocupações terrenas e estariam em condições propícias para meditar profundamente nos ensinamentos, desvencilhando-se, pouco a pouco, dos grilhões das paixões humanas. Porque "é mais fácil um camelo (fio de pêlo de camelo) passar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no reino dos céus" (Mateus 19,24).

As respostas de Jesus às perguntas de seus discípulos servem de paradigma e apelo para que o homem procure se libertar de todos os laços terrenos: "Então chegou-se a ele um escriba e disse: 'Mestre, eu te seguirei para onde quer que vás'. Ao que Jesus respondeu: 'As raposas têm tocas, e as aves do

céu,inhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça'. Outro dos discípulos lhe disse: 'Senhor, permite-me ir antes enterrar meu pai'. Mas Jesus lhe respondeu: 'Segue-me e deixa que os mortos enterrem seus mortos' ". (Mateus 8,19-22). No evangelho de São Lucas, encontramos a resposta que Jesus deu a um terceiro discípulo na mesma ocasião: "Outro disse-lhe ainda: 'Senhor, eu te seguirei, mas permite-me primeiro despedir-me dos que estão em minha casa'. Jesus, porém, lhe respondeu: 'Quem põe a mão no arado e olha para trás, não é apto para o reino de Deus' " (Lucas 9,61-62).

Uma regra interessante do budismo é aquela que proibia a unção, pois, para Buda, isto chamaria uma demasiada atenção para o corpo, estimulando o ego. Mas certamente a seita dos nazarenos não era obrigada a seguir tais severas imposições.

A alusão a uma veste branca é muito importante para a análise crítica dos importantes acontecimentos sobrenaturais que cercam a história de Jesus. Alguns filósofos iluministas do século 18 tacharam a crucificação e a ressurreição de um espetáculo inteligente forjado pelos essênios, e alguns deles aventaram a hipótese de que o jovem vestido de branco que informou as mulheres sobre a ressurreição diante do túmulo vazio era um deles, pois o branco era a cor usual de suas vestes. Há cem anos atrás, cogitou-se que Jesus poderia ser filho de um essênio a quem Maria tivesse se entregado em um momento de êxtase religioso. A criança teria sido entregue à tutela da Ordem, o que, segundo Josefo, era uma prática muito comum entre os essênios (ver a respeito a obra de Albert Schweitzer, *História da Pesquisa sobre a Vida de Jesus*). Surgiram versões ainda mais extremadas, derivadas do esforço de fanáticos judeus em difamar as primeiras comunidades cristãs.

Em 1831, August Friedrich Gfrörer, vigário de Stuttgart e professor no seminário de Tübingen, escreveu: "A Igreja Cristã surgiu da comunidade dos essênios e desenvolveu seu pensamento; e sem suas regras seria difícil compreender sua organização".

A palavra essênio vem do siríaco *basen*, que quer dizer "piedoso". Segundo uma outra versão, teria derivado da palavra aramaica *assaya*, que significa médico, curandeiro (o que corresponderia ao *Therapeutae* dos gregos). Muitos monges que se dedicaram com extrema devoção às práticas ascéticas da oração e da contemplação alcançaram enorme desenvolvimento extra-sensorial, tanto no campo da ação, como da percepção, de forma semelhante aos iogues e faquires da Índia.

O total silêncio sobre os essênios no Novo Testamento — que teriam sido tão significantes em número quanto os saduceus e fariseus, que Flávio Josefo estimou em cerca de quatro mil — parece ter sido proposital.

Algumas considerações geográficas provam que Jesus não poderia ter ignorado o mosteiro de Qumran. O lugar onde foi batizado por João, às margens do rio Jordão, em uma cerimônia que lhe permitia ingressar na comunidade dos moderados nazarenos, distava apenas sete quilômetros do mosteiro. A óbvia ligação entre o lugar do batismo e Qumran torna-se mais evidente quando se vê com os próprios olhos a proximidade dos dois lugares no deserto montanhoso. De Qumran, pode-se ver com nitidez, a 15 quilômetros, a montanha onde Jesus foi tentado pelo demônio durante o retiro de quarenta dias que fez depois de seu batismo (Lucas 4,1-13).

João vivia nesse deserto, possivelmente nas grutas de Qumran, e talvez tenha sido este o lugar em que Jesus fez seu retiro. Em seus escritos, os habitantes de Qumran costumavam referir-se a essa região como "O deserto". Segundo Marcos (1,13), "Jesus esteve no deserto quarenta dias... e vivia entre as feras, e os anjos o serviam". Também entre os essênios falava-se em anjos; entre eles existia uma ampla doutrina secreta (oral) sobre anjos, na qual eles exerciam o papel de mensageiros.

Consideremos alguns aspectos da vida de Jesus, dentro do contexto da prática essênica. Se, realmente, Jesus esteve em retiro, em uma gruta perto de Qumran, deveria ter existido algum contato com o mosteiro, onde talvez se costumasse chamar os monges de "anjos".

Flávio Josefo, no capítulo em que trata dos essênios (*Guerra Judaica* 11,8), escreveu: "A admissão à seita não era imediata. O postulante devia, antes, passar um ano fora do mosteiro, vivendo a vida ascética de seus membros e levando consigo apenas um pequeno machado, um cinto e um manto branco. Se ele passasse nessa prova de moderação, teria feito um passo a mais para ser admitido na comunidade, já podendo participar dos ritos de purificação da consagração, mas não das refeições comuns" (11,8,7).

Este mesmo procedimento é seguido em nossos dias, no Tibete. Antes de um simples monge ser consagrado e tornar-se um lama (isto é, "excelso") ele deve submeter-se a um curso completo de aprendizagem e a vários testes. Deverá residir fora da comunidade por algum tempo, em local onde goze de máxima tranqüilidade, a fim de consagrar-se, exclusivamente, à mística e à contemplação. O mosteiro de Hemis, em Ladakh, como todos os outros grandes centros lamaístas, possui, no topo de uma alta montanha,

a uns cinco quilômetros da sede, um edifício bem menor e bem mais austero. Ali, os aspirantes entram em profunda meditação em suas celas particulares e recebem da mão de ajudantes, apenas um pouco de comida duas vezes por dia.

No ano 31 a.C, um terremoto destruiu Qumran. Ainda hoje pode-se ver sinais dele. O nível do terreno, em alguns pontos, apresenta um desnível de quase meio metro.



A tentação de Jesus no Deserto (por A. D. Thomas).

O mosteiro de Qumran, que após o terremoto permaneceu desabitado por quase trinta anos, só foi reativado e reanimado no tempo do nascimento de Jesus.

Além das sepulturas, no mosteiro foram encontrados também restos de animais, como bois, cabritos, ovelhas, bezerros e cordeiros conservados dentro de recipientes de argila, o que nos leva a crer que os essênios valorizavam os produtos dos animais domésticos, mas não os comiam, talvez por considerarem, como os budistas, uma atrocidade tirar a vida de quem quer que seja. Os monges cultivavam campos e pomares e numerosos dados confirmam a existência de uma plantação de palmeiras, sob as quais os essênios descansavam, como nos conta Plínio, o Velho. Fílon nos relata que a comunidade dedicava-se, também, à criação de abelhas, o que faz lembrar o tipo de alimentação de João Batista.

É possível estabelecer a idade cronológica do mosteiro com extraordinária precisão, mediante o exame das quatrocentas ou mais moedas ali encontradas. Várias datam da época da ascensão de Arquelau ao trono da Judéia, que em 4 a.C. assumiu o lugar de Herodes, seu pai. A lacuna que existe na série de moedas anteriores a essa data nos leva a crer que o mosteiro só voltou a ser habitado no período de Arquelau. Esta ausência foi causada pela perseguição de Herodes, que possuía um palácio de inverno, situado apenas a doze quilômetros do mosteiro. Após a morte de Herodes, os monges retornaram e iniciaram a reconstrução do mosteiro, que continuaria ativo até o início da guerra entre judeus e romanos em 68 d.C. O terreno mostra evidências de um final violento: uma camada de cinza sugere que o mosteiro tenha sido destruído pelo fogo.

Os Ensinamentos dos Essênios em Qumran

Os membros da comunidade essênica de Qumran não se apresentam com um nome específico em seus livros sagrados, mas com várias designações como "A comunidade santa", "Os pobres", "Os eleitos de Deus", "Homens de bem" e mais comumente como "Filhos da Luz". A espiritualidade dos essênios foi além do que a lei judaica prescrevia, e eles acabaram se afastando de tal forma dela que hoje se questiona se devem ou não ser considerados uma seita judia.

Os Cânticos de Louvor encontrados em Qumran anunciam as "Boas Novas" (*evangelion*) aos pobres, na plenitude da compaixão de Deus, e o

desejo dos essênios de serem "Os arautos das boas novas". Os essênios queriam fazer um pacto com Deus (Novo Testamento) que eles denominaram "A Nova Aliança", aquela que foi estabelecida mais tarde por Jesus. A Nova Aliança deveria durar "do dia da ascensão do Único Mestre até a vinda do Messias de Aarão e de Israel".

Um fato surpreendente é que os essênios de Qumran não rezavam voltados para o templo de Jerusalém, como prescrevia a lei judaica, mas, em suas três orações diárias, olhavam para o leste, para o nascente. Flávio Josefo diz que os essênios "não pronunciavam antes de o sol nascer nenhuma palavra que não fosse sagrada, mas dirigiam ao sol algumas antigas orações..." Esta afirmação mostra claramente que, para os essênios, o sol era um símbolo da Divindade. Um dos salmos de Qumran enfatiza esse aspecto em seus hinos de louvor a Deus: "E, como uma verdadeira Aurora, você apareceu diante de mim ao despontar do dia". E ainda: "Você surgiu ao amanhecer diante de mim, com todo seu poder".

As regras da comunidade exigiam que o fiel fizesse uma oração de manhã e à noite. Os discípulos de Pitágoras, de Crotona, como os brâmanes da Índia e os adeptos da gnose, de Hermes Trismegisto, influenciados por Pitágoras, obedeciam ao mesmo ritual. Tanto a direção em que era feita a oração — o leste — como o símbolo do sol, nos recordam o Templo do Sol em Martand, na Caxemira.

É interessante notar que os essênios não se baseavam no calendário do templo de Jerusalém — o calendário lunar —, mas tinham seu próprio meio de calcular o tempo. Adotavam o calendário solar, muito mais preciso, e em uso desde os primórdios pelos brâmanes. Esse calendário só foi introduzido no Império Romano no tempo de Caio Júlio César, e até hoje não é aceito pelos judeus. No calendário de Qumran, os dias santos, diversamente da prática oficial judaica, caem sempre no mesmo dia da semana¹³.

A divisão do ano em quatro estações também não faz parte da tradição judaica. Os antigos gregos só tinham duas ou três estações, até que Pitágoras introduziu, ao que indica por influência da Índia, a nova divisão do ano em quatro estações.

Uma outra questão é aquela que se refere às origens espirituais e filosóficas dos essênios. Como os sábios hindus e os filósofos gregos, eles acreditavam que a alma era imortal e que o espírito é mais forte que o corpo, sua prisão temporal. Jesus acrescentou um novo elemento a esta crença quando falou na ressurreição da carne. Logicamente, ele não se

referia à ressurreição do corpo humano, mas simplesmente à reencarnação, transmigração da alma de um corpo para outro, sempre no rumo de uma maior purificação até alcançar um estado de grande evolução espiritual que culminaria na total libertação dos ciclos da vida terrena e na encarnação em um ser divino, isto é, o fim da "Samsara", descrita nos Upanixades, e um dos pontos fundamentais de todas as religiões da Índia. Pitágoras, Orfeu, Empédocles, Platão e os neo-platônicos, entre outros, acreditavam como os essênios na metempsicose (uma palavra do grego antigo). Este conceito continuou a ser usado pelos gnósticos e por algumas seitas islâmicas, e é um elemento integrante da teosofia e da an-troposofia clássicas.

Já no século passado, os pesquisadores reconheceram a influência do budismo na doutrina dos essênios¹⁴. Os essênios também tinham uma doutrina do Carma, que dava aos homens de entendimento a possibilidade de mudar sua própria vida ou de continuar a pecar e serem condenados no Dia do Juízo. Acreditavam no apocalipse e aguardavam a vinda iminente do Reino de Deus.

Após demonstrar os vários pontos de contato entre os ensinamentos de Jesus e o dos essênios, é justo que também apontemos as divergências. Com seu extraordinário espírito de tolerância, Jesus parece injetar uma vida nova nos hábitos e costumes austeros dos essênios: "Ouviste o que foi dito aos antigos... Eu, porém, vos digo..." (Mateus 5,21-48). De acordo com a lei judaica, quem violasse o sábado, apesar de ter sido advertido, seria condenado à morte. Sobre este tema existe uma semelhança entre Qumran e o evangelho, mas, enquanto o documento de Damasco proíbe matar pelo não cumprimento do sábado, no evangelho de São Mateus, Jesus vai além: "Porque o filho do homem é Senhor também do sábado..." (Mateus 12,8).

A diferença fica clara na posição que Jesus assume frente aos inimigos: ele manda amar os inimigos, enquanto os essênios podiam odiar seus inimigos. Na verdade os habitantes de Qumran procuravam manter-se distantes do resto do mundo, pois tinham consciência de pertencer a uma elite espiritual. Jesus, ao contrário, saiu ao encontro dos pecadores, procurando ajudar os que necessitavam. Salientava que havia sido enviado para trazer ao redil "a ovelha perdida da casa de Israel". Opôs-se expressamente a qualquer tipo de egoísmo religioso, assim como às reivindicações separatistas de qualquer instituição que se arvorasse em detentora da "única" verdade.

O uso que Jesus fazia do óleo ou do bálsamo também era diverso daquele dos essênios. Jesus apresentava-se como "O Ungido" (*Chrestos*) e isso já era suficiente para distanciá-lo dos essênios. Nos antigos ritos, a unção tinha propósitos mágicos, como servir de proteção contra demônios, curar doenças físicas e espirituais. A unção era também usada para proteger o corpo de um adepto e vinculá-lo à divindade sob cuja guarda se encontrava. Celsus conta que os gnósticos ofitas possuíam um sinete que transformava qualquer pessoa em "Filho do Pai", desde que se pronunciasse as seguintes palavras: "Foi ungido com o bálsamo branco da árvore da vida" (Orígenes, *Contra Celsum* VI, 27). E no evangelho apócrifo atribuído a Filipe, lemos: "A árvore da vida está no centro do Paraíso, como a árvore de óleo, da qual é extraído o óleo da unção (crisma); este crisma é a fonte da ressurreição" (Nag Hammadi Codex II 3; 121,15-19).

Se refletirmos sobre a última encarnação do espírito livre em um corpo divino, dentro desse contexto, veremos quão decisivo foi esse novo elemento que Jesus, como ungido, acrescentou aos ensinamentos das várias seitas essênias. Segundo Irineu, a unção era uma cerimônia destinada à libertação do "perfeito" e muito mais importante que o batismo. As pessoas eram geralmente unguidas sobre a cabeça, de preferência na frente, algumas vezes sob a forma de uma cruz. A tradição da unção remonta à Índia védica, onde os ascetas (Sadhus) e os religiosos de várias seitas podem ser ainda reconhecidos pelos traços brancos, em horizontal (Shiva) ou em vertical (Vaishnava), feitos na testa com uma mistura à base de óleo e cinza sagrada (vibhuti) ou pó.

Nos primeiros tempos do cristianismo não é difícil reconhecer traços de crenças gnósticas, sobretudo nas cartas de Paulo e, em particular, na Carta aos Efésios (que pouco lembra seu estilo). Esta influência pode ser encontrada também no evangelho de São João, nos trabalhos de Clemente de Alexandria, de Orígenes e de seus adeptos. Foram poucos os documentos gnósticos originais que chegaram até nós, porque as instituições eclesiásticas, sedentas de poder, destruíram completamente os escritos considerados "heréticos". Entre os textos que sobreviveram estão a Testes Sophia (*Testes* em grego significa fé e *Sofia*, sabedoria), os livros de Jeú e os textos da biblioteca copta de Nag Hammadi, compilados no século 4 d.C. e redescobertos em 1945, de forma similar à descoberta dos famosos pergaminhos do Mar Morto.

A essa altura de nossa pesquisa já reunimos um convincente dossiê de dados que comprovam a proximidade entre o mundo asiático, Jesus e a Igreja primitiva. No entanto, algumas das provas mais impressionantes e diretas podem ser encontradas no Novo Testamento, no exame da vida de Jesus e de suas palavras, o que faremos a seguir.

Capítulo 4

O Segredo de Jesus

Qualquer tentativa de descrever a figura histórica de Jesus pode ser comparada ao esforço despendido para detectar uma partícula atômica e determinar o teor positivo ou negativo de sua carga. A partícula, em si mesma, não é visível a olho nu, mas durante a experiência podemos distinguir certos traços que correspondem ao vestígio de partículas maiores em movimento. Se conseguirmos remontar à sua origem comum, poderemos calcular a força necessária para mover a partícula. E assim poderemos reformular e descrever a causa invisível. No caso de Jesus, enfrentamos dois obstáculos. O primeiro é que a Igreja destruiu tudo que pudesse servir à reconstrução dos fatos históricos ligados à vida de Jesus; segundo, durante toda a vida Jesus foi obrigado a guardar em segredo sua real identidade, para não cair em mãos inimigas. A sua vida está envolta em um véu de mistério que dá margem a muita especulação.

Toda essa ambigüidade nos conduz, afinal, a um sentimento de total resignação. A idéia que fazemos da natureza e da personalidade de Jesus se baseia não tanto em uma biografia devidamente documentada em um conhecimento à luz da história, mas em uma concepção que transcende a própria história (e que, não obstante, chegou até nós através da história). Invariavelmente esbarramos nos limites do que é natural e compreensível.

Todas nossas dúvidas, em última análise, se resumem à mesma questão fundamental, já proposta pelos contemporâneos de Jesus: "Quem é este homem?" (Marcos 4,41).

A razão de tantas interpretações sobre Jesus está ligada à natureza de sua figura histórica nem sempre transparente e que tornou-se objeto de invulgares e acirradas discussões. A exortação de Jesus ao silêncio, a incapacidade de seus próprios discípulos o entenderem, as palavras efêmeras do Filho do Homem, muito contribuíram para criar um clima dialético. Ele parecia estranho e enigmático e não demonstrava grande necessidade de se fazer compreender pelo grande público. Muitas vezes pediu a seus discípulos que se calassem. No evangelho, Pedro admite que Jesus "lhes proibiu severamente de falar a alguém a seu respeito" (Marcos 8,30). A mesma exigência de silêncio encontramos nos casos de curas de Jesus; em numerosas passagens Jesus proíbe aqueles a quem curou de espalhar a notícia de sua cura. Despediu um leproso curado com as seguintes palavras: "Não digas nada a ninguém" (Marcos 1,44). E, aos que estavam presentes quando ressuscitou a filha de Jairo: "Ordenou-lhes expressamente que ninguém viesse a saber" (Marcos 5,43). Jesus enviou de volta ao lar o cego de Betsaida, a quem tinha restaurado a visão, recomendando: "Vai para tua casa; e, se entrares na aldeia, não diga nada a ninguém" (Marcos 8,26). Apesar desses cuidados, a notícia de seus milagres espalhou-se por toda a região. Por exemplo, após a cura do surdo-mudo: "Jesus os proibiu de contar o que acontecera". Mas, quanto mais o proibia, tanto mais eles o proclamavam" (Marcos 7,36).

Jesus exigiu silêncio até dos demônios que nele reconheciam a Deus (cf. Mc 1,25 e 5,7). Ele "não consentia que os demônios falassem, pois eles sabiam quem era ele" (Marcos 1,34). "Os espíritos imundos assim que o viam caíam a seus pés e gritavam: 'Tu és o Filho de Deus!' E ele proibiu-lhes, severamente, que o tornassem manifesto" (Marcos 3,11-55).

Portanto, os discípulos, os que tinham sido curados e até os demônios estavam proibidos de manifestar seus feitos, e expressamente compelidos a guardar silêncio sobre eles. "Não queria que ninguém soubesse" (Marcos 7,24; 9,30).

E, como dissemos, essa regra se aplicava também a seus discípulos. Parece que existia um grande abismo entre Jesus e seus discípulos, pois não conseguiam compreendê-lo. É o que se nota nas constantes expressões de desagrado e ira de Jesus a respeito dessa incompreensão. Por exemplo, quando a barca é sacudida pela tempestade, ele pergunta a seus discípulos:

"Por que estais tão temerosos? Ainda não tendes fé?" (Marcos 4,40). Ou depois da multiplicação dos pães: "E Jesus, percebendo, disse: 'Por que pensais que é por não terdes pão? Ainda não entendeis e nem compreendeis? Tendes o coração endurecido? Tendes olhos e não vedes, ouvidos e não ouvis? Não vos lembrais?' " (Marcos 8,17-18). "E disse-lhes: 'Nem assim compreendeis?' " (Marcos 8,21).

Quando os discípulos tentaram, sem sucesso, curar um menino possuído por um espírito mudo, Jesus os admoestou com veemência: "Ó, geração incrédula! Até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Trazei-o a mim" (Marcos 9,19). Podemos deduzir deste questionamento que Jesus sempre considerou transitória sua estadia na Palestina e que ansiava por retornar um dia (à Índia).

A primeira aparição de Jesus em público é realmente intrigante. Como se pode admitir tamanha recepção a um homem de origem plebéia se, até a idade de 30 anos, ele tivesse sido um simples carpinteiro como seu pai, sendo, portanto, uma criatura conhecida da população local? A entusiástica acolhida que recebeu do povo da Palestina sugere que retornava de um lugar longínquo após um período de longa ausência, trazendo novos conhecimentos e práticas extraordinárias, como a habilidade em fazer milagres e curar os doentes. Esta hipótese explicaria melhor a pergunta do nazareno João Batista: "És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar um outro?" (Mateus 11,3).

A Reencarnação no Novo Testamento

Em diversas passagens do Novo Testamento encontramos claras referências à reencarnação. Essas passagens, porém, são raramente comentadas e, de um modo geral, mal interpretadas. A crença na reencarnação constituía um dos dogmas das comunidades cristãs primitivas, mas depois foi considerada herética e banida da teologia cristã no Segundo Concílio de Constantinopla em 553 d.C. O Antigo Testamento traz trechos que evidenciam a fé na metempsicose. Friedrich Weinreb cita, no livro de Jonas, um exemplo de reencarnação punitiva, sob forma animal, e a reencarnação de Nimrod. Weinreb explica o conceito judeu da alma divina "Neshamá" como sendo o espírito divino que existe, igualmente perfeito, em todos os homens e do qual emerge, de tempo em tempo, um ou outro traço característico'.

A famosa enciclopédia alemã *Konversationslexikon*, de Meyer, *

datada de 1907, continha a seguinte passagem sobre o tema "A Reencarnação no Talmud Judeu": "Os judeus, no tempo de Cristo, acreditavam na transmigração da alma. Os talmudistas pensavam que Deus havia criado um número limitado de almas judias, que renasceriam enquanto houvesse judeus, com ocasionais reencarnações punitivas, sob a forma animal. Todas apresentar-se-iam purificadas no dia da ressurreição e viveriam no corpo dos justos na terra prometida". (Vol. 18, pág. 263).

De fato, o Antigo Testamento termina com a profecia da reencarnação de Elias (como tinha sido pressagiado por volta de 870 a.C): "Eis que vos enviarei Elias, o profeta, antes que chegue o Dia do Senhor, grande e terrível" (Malaquias, 3,23).

Alguns séculos mais tarde, um mensageiro anuncia a Zacarias o nascimento de um filho: "Disse-lhe porém o anjo: 'Não temas, Zacarias, porque foi ouvida a tua oração; e Isabel, tua mulher, vai te dar um filho, a quem porás o nome de João. Terás alegria e regozijo, e muitos se alegrarão com o seu nascimento. Pois ele será grande diante do Senhor; não beberá vinho nem bebida embriagante; desde o ventre de sua mãe, ficará pleno do Espírito Santo e converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. Ele caminhará à sua frente com o espírito e o poder de Elias, a fim de converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, para preparar ao Senhor um povo bem disposto' ". (Lucas 1,13-17).

Jesus, mais tarde, respondeu expressamente aos discípulos que perguntavam se João Batista era Elias: "Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulheres, não surgiu nenhum maior que João Batista, e no entanto o menor no reino dos céus é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus sofre violência, e violentos se apoderam dele. Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. E, se quiserdes dar crédito, ele é o Elias, que deve vir" (Mateus 11,10-14).

Nunca soubemos em que lugar João Batista passou sua juventude. Só contamos com a ligeira referência do evangelho de São Lucas: "O menino crescia e se fortalecia em espírito e vivia nos desertos, até o dia em que se manifestou a Israel" (Lucas, 1,80).

E possível que João tenha sido reconhecido como a encarnação de um espírito altamente evoluído e que, portanto, tenha sido educado na Índia. Se é este o caso, a frase "preparando o caminho do Senhor" poderia ter uma outra interpretação além daquela figurativa.

Em outra passagem do Novo Testamento, Jesus perguntou a seus discípulos: " 'Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?' E eles

responderam: 'Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros, ainda, que é Jeremias ou um dos profetas!' Então lhes perguntou: 'E vós, quem dizeis que eu sou?' Simão Pedro, respondendo, disse: 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo' " (Mateus 16,13-16). E os discípulos lhe perguntaram, dizendo: " 'Por que razão os escribas dizem que é preciso que Elias venha primeiro?' E Jesus, respondendo, disse: 'Certamente terá de vir para restaurar tudo. Eu vos digo, porém, que Elias já veio, mas não o reconheceram. Ao contrário, fizeram com ele tudo quanto quiseram. Assim também o Filho do homem irá sofrer da parte deles' " (Mateus 17,10-13).

Então, de acordo com o evangelho, o próprio Jesus confirmou que a alma de Elias reencarnara em João. Elias tentara fazer do monoteísmo a religião oficial e ensinou que Deus não se manifesta sob a forma de violência e destruição, mas como um "suave murmúrio", no labor silencioso, na indulgência. Elias era um típico monge peregrino, coberto de farrapos, alimentando-se milagrosamente e fazendo milagres, como a multiplicação da comida e a ressurreição dos mortos. Tinha autorização para ungir outros, como um enviado, e atraiu um grande número de adeptos. Finalmente desapareceu de uma forma misteriosa (ascensão) e, durante três dias, foi procurado em vão por cinquenta homens.

Os seguidores de Jesus sabiam que ele era uma encarnação, mas incertos sobre quem teria sido na vida anterior, começaram a refletir. Jesus nunca os esclareceu diretamente sobre isso, mas confirmou o ponto de vista de seus discípulos, encorajando-os em sua busca: "Quem dizeis que eu sou?" No trecho em que Jesus cura o cego de nascença, os discípulos perguntam: "Mestre, quem pecou, este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?" A idéia de que alguém pudesse ter nascido cego por causa de um pecado anterior só poderia partir da premissa de uma vida anterior e de um subsequente renascimento. A questão também sugere, implicitamente, o sublime conceito de Carma, pelo qual os atos da vida anterior de uma pessoa determinam seu novo destino.

No terceiro capítulo do evangelho de São João, surge, clara, a noção da reencarnação. Quando Jesus encontrou o chefe judeu chamado Nicodemos, dirigiu-lhe as seguintes palavras: "Em verdade, em verdade, te digo, quem não renascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus". Nicodemos, que nada sabia sobre o renascimento, pergunta-lhe atônito: "Como pode um homem nascer, sendo já velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?" Jesus respondeu: "Em verdade, em verdade, te digo, quem não renascer da água e do Espírito não pode entrar

no reino de Deus" (João 3,3-5). Esta resposta sugere, naturalmente, o nascimento final na vida espiritual pura, após muitas passagens terrenas. Em 1900, o americano James Morgan Pryse fez uma lista dos trechos do Novo Testamento, em que se encontra implícita a doutrina da reencarnação². De acordo com Pryse, os ensinamentos de Jesus reafirmavam a sabedoria dos antigos filósofos e os princípios fundamentais do mundo antigo.

O reconhecimento de que o princípio espiritual da vida humana e o princípio espiritual do universo (microcosmo e macrocosmo) são essencialmente os mesmos, significa que todos os elementos, forças e processos são inerentes no homem, tanto num sentido material como divino. Esta compreensão do mundo implica a harmonia espiritual de todos os seres e a unidade absoluta entre a Natureza e Deus. Enfatiza a presença contínua de Deus no tempo e no espaço em cada partícula do universo. Em seu aspecto físico, o homem é uma manifestação do espaço indiferenciado, ilimitado e eterno, da Unidade divina que se materializou através das idades, em todas as várias formas de vida. O primeiro e verdadeiro Ser é, foi e será perpetuamente imutável. Em contraposição, a natureza e o universo estão em contínua transformação — em estado de devir.

Assim, a alma ou espírito do homem é imperecível, estando sujeito à seqüência de causa e efeito, em suas contínuas encarnações. Para se libertar do ciclo dos renascimentos e, finalmente, retornar à condição divina, o homem precisa ter consciência desse fato e transcender o campo material em que atua. Após uma série de reencarnações, o Carma da existência terrena é superado e, em estado de pureza absoluta, o ser intrínseco e espiritual se funde na Unidade eterna. E esta, em síntese, a doutrina original da reencarnação.

É possível transcender os estreitos limites da existência física ainda na terra, e compreender a própria natureza divina através do estudo, da percepção, da profunda meditação, da disciplina e da renúncia.

A forma de atingir esse objetivo vem exposta no evangelho de Mateus: "Portanto, sede perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito" (Mateus 5,48). Porém, o caminho da perfeição é feito de muitas reencarnações, através das quais o homem evolui, até, finalmente, despertar para a Verdade do Filho de Deus e viver como Jesus viveu. "Crede-me: eu estou no Pai e o Pai em mim. Crede-o, ao menos, por causa dessas obras. Em verdade, vos digo: quem crê em mim fará as obras que eu faço, e fará até maiores do que elas..." (João 14,11-12).

Milagres — de Jesus e na Índia¹

Considerados isoladamente, os milagres realizados por Jesus parecem, à primeira vista, únicos no gênero e sem precedentes. De fato, os povos sempre acreditavam na existência de poderes sobre-humanos, sobrenaturais e inexplicáveis ocultos por trás de fenômenos extraordinários, espetaculares, indecifráveis, que tanto podem ser úteis e benéficos como perigosos e malditos. Desde a evolução das primeiras formas de culto das religiões primitivas, o homem sempre se interessou por tais fenômenos inexplicáveis. As habilidades mágicas de Jesus foram pouco mencionadas pelos historiadores da época, porque nesse tempo abundavam magos, curandeiros, fazedores de milagres e charlatões. Jesus se diferenciava deles por não buscar fama ou ganho.

As histórias de milagres narradas no Novo Testamento, quase trinta, são em grande parte derivadas das teologias das comunidades locais, e portanto não verificáveis sob um ponto de vista histórico. Porém as passagens que falam de Jesus como exorcista são mais antigas e certamente eram conhecidas durante a vida de Jesus.

Por milhares de anos, jamais se pensou em questionar a veracidade dos milagres. As primeiras dúvidas surgiram quando o mundo, e tudo que o rodeia, passou a ser objeto de análise científica. Até o século 17 ninguém havia tentado explicar à luz da razão as ações milagrosas descritas nos evangelhos. No entanto, os racionalistas estão preparados para aceitar apenas fenômenos de acordo com a lei natural, e considerados válidos do ponto de vista científico. Milagre é um fenômeno incompreensível e inexplicável. A cada dia, os tecnólogos descobrem novas leis na natureza e no universo e decifram questões que, um dia antes, eram insolúveis e assombrosas. Os teólogos definem os milagres cristãos como "a suspensão da lei natural pelo próprio Deus".

Os ocultistas, ao contrário, não acreditam na suspensão da lei, mas sustentam que os acontecimentos milagrosos estão sujeitos a leis muito mais complexas, ainda não descobertas nem descritas. Tudo que acontece no universo está vinculado a uma lei e pode ser explicado. Os assim chamados poderes miraculosos do iniciado ou adepto podem ser simplesmente atribuídos a um conhecimento profundo das leis que governam o mundo interior da consciência. Tanto no Antigo como no

Novo Testamento, o conceito de "milagre" é desconhecido; no entanto, eles falam sobre "sinais", "poderes" e sobre "os grandes feitos de Deus". Por exemplo, a palavra hebraica *el* (elohim), cuja origem provém da raiz semítica *alah*, a denominação do sagrado poder da magia, identifica-se com o conceito de Deus.

A mesma relação existe nas línguas indo-germânicas. A palavra sânscrita *brahmán* pode ser ligada à raiz *brh*, que significa ser forte, iluminar.

Os milagres de Jesus parecem ter-se voltado sobretudo para a cura dos doentes, dos possessos e dos defeituosos. Porém, realizou outros, como a transformação da água em vinho, a multiplicação dos pães, a ressurreição dos mortos; tornou-se invisível e andou sobre as águas.

Tanto os textos sobre milagres do Novo Testamento como outros sobre fatos históricos da vida de Jesus encontram paralelos e modelos literários no Oriente. Plínio conta que o médico grego Asclepiades (nascido em 124 a.C.) fazia curas extraordinárias. Tácito e Suetônio descrevem as curas realizadas pelo imperador Vespasiano. Até os primeiros apóstolos tinham poder de curar doentes e de fazer outros milagres e, no século 1 d.C, Apolônio de Tyana fez milagres semelhantes e ainda maiores. A busca de antigas histórias nesse campo nos conduz, inevitavelmente, aos lendários milagres de Krishna, narrados na literatura védica. Krishna é o salvador hindu e o oitavo avatar de Vishnu. Vishnu é uma palavra que vem do sânscrito *vis* e quer dizer penetrar; ela indica a segunda pessoa da trindade hindu (Trimurti), formada por Brama, Vishnu e Shiva. No Rig-Veda, Vishnu não é descrito como um deus encarnado, mas como a manifestação da energia solar. Um avatar (do sânscrito *ava* = para baixo, e *tri* = atravessar) é uma pessoa que foi tocada pela luz do espírito divino e que representa, por isso, uma encarnação divina. O grande ser divino transcendeu o ciclo dos renascimentos, mas apesar disso encarnou-se na simples forma de um corpo mortal, pois movido por compaixão quis ajudar a humanidade a alcançar a salvação.

A história do nascimento, da infância e da vida de Krishna contém passagens e até detalhes idênticos às narrativas do Novo Testamento (o infanticídio é um exemplo). Krishna e Cristo foram aqueles que mais se destacaram em matéria de milagres nas Sagradas Escrituras. Bhagvan Dass dividiu os milagres de Krishna³ em sete categorias:

1. Profecia;
2. Telepatia;

3. Multiplicação de pequenas quantidades de alimentos e outras coisas;
4. Ubiquidade;
5. Cura de doentes pela imposição das mãos;
6. Ressurreição dos mortos;
7. Destruição do demônio.

Sempre existiram, no mundo, pessoas dotadas de poderes sobrenaturais, curandeiros e profetas famosos. Porém, a Índia é o país do milagre por excelência. Sri Yukteswar, em sua obra intitulada *A Ciência Sagrada*, define o sentido da existência como a aspiração do homem a unir-se a Deus. Considera esse desejo como "essencialmente igual àquele da natureza em relação ao único ser real, Deus, o pai poderoso e o supremo guru do universo". Esse raciocínio nos leva à conclusão inevitável de que todas as coisas são compostas da mesma essência. Isto significa que o próprio Deus, aparentemente múltiplo, por expressar sua essência de múltiplas formas está em todo lugar e em todas as coisas. A Bíblia descreve este princípio no verso 6 do Salmo 82: "Vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo". No evangelho de São João, Jesus responde aos judeus que o acusavam de querer passar por Deus: "Não está escrito em vossa lei, eu disse, vós sois deuses?" (João 10,34).

Este mesmo conceito está claro no trabalho de Yukteswar⁴. Ele explica que os santos, após terem vencido a matéria, encontram seu Deus ou salvação em si próprios e não no mundo exterior. Estes homens-deuses acabam controlando a vida e a morte, e quase se tornam criadores do mundo, capazes de tudo. Atingiram o oitavo nível ascético (Aiswaryas), que lhe concede os seguintes poderes:

1. Anima — reduzir o tamanho dos objetos;
2. Mahima — ampliar o tamanho dos objetos;
3. Laghima — imprimir leveza aos objetos;
4. Garima — aumentar o peso dos objetos;
5. Prapti — realizar o que se quer através de "Apti";
6. Vasitwa — dominar todas as coisas através de "Vasa";
7. Prakamyā — realizar todos os desejos através da própria força de vontade;
8. Ishitwa — torna-se Isha (= Senhor) de todas as coisas.

Quando os discípulos de Jesus não conseguiram exorcizar um espírito imundo, Jesus dirigiu-se a eles e disse sem rodeios: "Em verdade vos digo: se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: transporta-te daqui para lá e ele se transportará, e nada vos será impossível" (Mateus, 17,20).

O fenômeno da levitação foi uma tradição constante, dentro e fora da Igreja. Duzentos e trinta santos católicos foram dotados, em maior ou menor grau, da habilidade de levitar.

No século passado, o médium Daniel Douglas Home em diversas ocasiões convenceu centenas de espectadores de que podia "voar". Entre esses espectadores havia gente famosa, como Thackeray, Bulwer Lytton, Napoleão II, Ruskin, Rosetti e Mark Twain. Tais apresentações repetiram-se por quarenta anos, e sua autenticidade foi sempre reconhecida.

Em seus artigos sobre as mais variadas formas de fenômenos, Francis Hitching⁵ citou mais de 25 casos de levitação. Mesmo num recente passado, existem exemplos a respeito. Os adeptos da Meditação Transcendental do Yogi Maharishi asseguram que quase todos podem aprender a levitar, desde que sejam seguidas, estritamente, as instruções do mestre. Fotografias de adeptos levitando circularam, como prova disso, na imprensa mundial.

A levitação parece resultar de um extraordinário controle do peso sobre as funções corporais através da concentração e da meditação, ou da suspensão temporária da gravidade, em momentos de êxtase religioso.

Estes são pequenos milagres, que podem, evidentemente, ser realizados com fins lucrativos, satisfazendo um público sedento de sensacionalismo. Os verdadeiros grandes mestres certamente não se prestariam a isso.

O indiano Sai Baba realiza milagres e diz (como Jesus) que todas as pessoas possuem, dentro de si, um poder divino, que pode ser desenvolvido mediante treino e uma vida consciente. Quem usá-lo para semear o mal, colherá o mal. Quem se servir desse poder em benefício próprio, perde-lo-á. Esses poderes, às vezes, têm sido limitados no tempo e nos seus efeitos, porque exercitados sem bondade, sabedoria ou piedade.

Hoje, como há séculos, o milagre continua a ser o meio mais legítimo de levar a divina mensagem ao incrédulo e ao materialista.

Quase tudo o que foi dito sobre Jesus encontra paralelo nas antigas lendas indianas. O desconhecimento generalizado das semelhanças existentes

entre a tradição cristã e indiana pode ser, em parte, atribuída à falta de conhecimento que os europeus têm do sânscrito dos antigos textos. Recentemente, está surgindo interesse no mundo ocidental por suas traduções.

Nenhuma das conhecidas encarnações de Deus seriam consideradas legítimas aos olhos dos incrédulos, sem milagres e sinais celestiais. Todos os filhos de Deus precisam demonstrar aos célicos sua origem divina através de suas características sobre-humanas.

Na trindade indiana, o filho de Deus chama-se Krishna, nome que tem a mesma raiz que Cristo (H. P. Blavatsky sempre adotou a pronúncia mais aproximada "Christna"). "Cristo" é uma palavra derivada do grego *chrestos* e significa "ungido com óleo". A palavra Cristo remonta ao sânscrito Krsna (Krishna quer dizer "o que tudo atrai") que, em linguagem coloquial, pronuncia-se "Krishto". "Krishto" significa "atração". Este ser, capaz de tudo atrair, é a mais alta personificação de Deus.

A tradição brâmane conta o seguinte a respeito de Krishna: "Três pessoas emergiram do sereno e eterno Deus, sem perturbar sua unidade. Brama é o pai (Zupitri), o Deus criador de todas as coisas; Krishna é o Filho de Deus, o verbo encarnado, que desceu à terra para ser o pastor de todos os povos. Shiva é o Espírito Santo, a terceira pessoa, que governa as leis eternas da vida e da evolução, inseparável de todos os seres vivos e de toda a natureza..."

Krishna é a oitava encarnação do filho de Deus, Vishnu, que encarnou-se, também, sob outras formas. Em um desses renascimentos foi Buda Gautama (Sakyamuni/Sidarta), considerado como a nova encarnação de Vishnu.

Krishna e Cristo

Vishnu, de acordo com as mais antigas fontes, apareceu sob a forma de homem em 4 000 a.C. à virgem Devanaki (= mulher criada para Deus) que pertencia à casa real. Devanaki caiu em êxtase, ofuscada pelo espírito de Deus, que uniu-se a ela em divino e majestoso esplendor. Devanaki concebeu uma criança. Uma profecia no Atharva-Veda narra o acontecimento da seguinte forma: "Bendita és tu, Devanaki, entre todas as mulheres, e bem-vinda seja entre os sagrados Rishis. Fostes escolhida para a obra da salvação... Ele virá com uma coroa de luz e o céu e a terra se

encherão de júbilo... Virgem e mãe, nós te saudamos, como a mãe de todos nós, pois dará a luz ao nosso salvador, a quem darás o nome de Krishna". No Bhagavad-Gita, o rei de Mathura foi avisado, em um pesadelo, de que a filha de sua irmã, Lakshimi, teria um filho que seria mais poderoso que o próprio rei. A virgem Devanaki e seu filho recém-nascido esconderam-se no campo em companhia de alguns pastores, escapando milagrosamente aos soldados a quem o rei havia ordenado matar todos os recém-nascidos do sexo masculino.

O Atharva-Veda conta esta mesma história de modo diferente. O rei Kansa de Mathura viu uma estrela cadente e consultou um brâmane sobre seu significado. O sábio homem disse que o mundo havia se tornado cruel, e que Deus se compadecera do homem, dominado pela cobiça e pelo pecado, enviando à terra um salvador. A estrela era Vishnu, encarnado no ventre de sua sobrinha, Devanaki, que, um dia, desagruaria a humanidade de todos os seus crimes, guiando-a por novos caminhos. Enraivecido, o rei ordenou a morte do brâmane e de todos os meninos recém-nascidos.

Existem muitas versões sobre a juventude de Vishnu e muitos poemas exaltando suas qualidades e poderes. Assim como o menino Jesus nos evangelhos apócrifos, o menino Krishna realizava todo tipo de milagres. Foi assim que ele conseguiu sobreviver à armadilha que seu tio Kansa lhe preparou. Em uma ocasião, uma serpente esgueirou-se para dentro de seu leito, a fim de estrangulá-lo, mas foi morta pelas próprias mãos do menino (cf. o mito do jovem Hércules). Mais tarde, Krishna venceu a serpente de muitas cabeças, Kalia, e obrigou-a a deixar o rio Yamu-na. Os atos heróicos desse extraordinário menino indiano encheriam volumes inteiros. Com 16 anos, deixou a companhia da mãe para divulgar sua doutrina por toda a Índia. Condenava a corrupção do povo e dos príncipes e dizia ter vindo ao mundo para redimir o homem do pecado original, para exorcizar os espíritos imundos e restaurar o reino do bem. Superou tremendas dificuldades, lutou, sozinho, contra exércitos inteiros, realizou toda a sorte de milagres, ressuscitou os mortos, curou leprosos e aleijados, restituiu a visão aos cegos e a audição aos surdos.

Rodeou-se, finalmente, de discípulos que cuidaram dele com o maior desvelo e que deveriam continuar sua obra. De toda parte acorria gente para ouvi-lo e admirar seus milagres. Era reverenciado como a um Deus e reconhecido como o verdadeiro redentor, prometido pelos profetas.

De tempo em tempo, afastava-se do seu grupo, deixando seus discípulos a sós, para testá-los, e regressava somente nos momentos de dificuldades. O

alastramento do movimento desagradou os detentores do poder que, em vão, tentaram reprimi-lo.

Krishna, como Cristo, não desejava propagar uma nova religião, mas simplesmente renovar a já existente, libertando-a de seus odiosos abusos e impurezas. Seus ensinamentos, como aqueles de Jesus, apresentavam-se sob a forma de aforismos e parábolas poéticas. Tudo que disse foi registrado no Bhagavad-Gita, que expõe, de maneira clara, a moralidade pura das elevadas concepções de Krishna. Ele exige de seus discípulos o amor ao próximo, a dignidade, o auxílio aos pobres, a prática de boas ações e a fé na infalível misericórdia do Criador. Manda pagar o mal com o bem, amar os inimigos e proíbe a vingança. Ele consola os fracos, condena a tirania e auxilia os desafortunados. Vive na pobreza e dedica-se aos desamparados e oprimidos. Não tem vínculos pessoais e defende a castidade. Como Jesus, Krishna leva uma vida de peregrino mendicante.

Krishna também passa por transformações. O filho de Deus se manifesta a Arjuna, um de seus discípulos favoritos, sob muitas formas divinas, dizendo-lhe: "Quem fizer algo por minha causa, quem se dedicar inteiramente a mim, quem se libertar do mundo da matéria e do ódio aos seres, virá a mim" (Bhagavad-Gita, décimo-primeiro canto).

A lenda de Krishna, provavelmente, constitui a mais remota fonte ligada à figura mística de Jesus. Semelhanças com as lendas de Dionísio (aprox. séc. 7 a.C.) são igualmente surpreendentes. Não foram, porém, somente as grandes culturas da Grécia e de Roma que influenciaram o cristianismo. O antigo Irã, com suas figuras de salvadores e visões escatológicas e apocalípticas, também exerceu uma grande influência sobre a religião cristã. As figuras de maior destaque na religião persa foram Zaratustra e Mitrás, homens-deuses que reformularam as rígidas tradições religiosas. Antes de Zaratustra, a concepção religiosa do Irã oriental era praticamente idêntica àquela da antiga Índia.

Capítulo 5

A "Morte" de Jesus

Julgamento e Sentença

A confusa situação política ao tempo de Jesus foi marcada por acontecimentos dramáticos. Herodes, o Grande (37-4 a.C.) enfrentou tumultos e rebeliões durante todo o tempo de seu reinado. Os "ladrões" que combatiam Herodes eram patriotas fanáticos, que usavam de todos os meios disponíveis para abalar o jugo romano. Flávio Josefo nos fala sobre o líder rebelde Judas da Galileia, cujo "bando de ladrões" deveria ser, na verdade, composto de pessoas religiosas, empenhadas na defesa da fé de seus antepassados, conta a influência estrangeira (*Guerra Judaica* 18, I 1 e 6). Entre os grupos rebeldes estavam os fariseus, os saduceus, os recabitas e os essênios, que gozavam da vantagem de estarem organizados em uma Ordem e de contarem com uma elite, os nazireus ou nazarenos. Enquanto os saduceus e fariseus pactuaram com os sucessores de Herodes, chegando até mesmo a aceitar cargos no governo, os recabitas rejeitaram as mudanças que os romanos queriam lhes impor, e continuaram a viver, como seus antepassados, em tendas, fora dos muros das cidades.

Como vimos, quando o filho de Herodes, Arquelau, foi afastado do poder, os essênios e nazarenos parecem ter voltado do exílio, em Alexandria; em todo o caso, foi por esta época que o mosteiro de Qumran foi reativado.

Porém, nesse mesmo período, durante o reinado de Herodes Antipas, teve início, com o apoio secreto dos essênios, uma cruenta fase de guerrilhas, contra o domínio romano. Em contraposição aos fariseus e saduceus, que acabaram por se integrar no sistema, o comportamento dos essênios e dos nazarenos não foi tão obsequioso e complacente. Após a morte de Herodes, o Grande, o país conheceu uma sucessão de crises.

Nestas circunstâncias, muitos ansiavam por um Messias que restaurasse o império de Davi e Salomão e libertasse a terra dos odiados intrusos.

De acordo com os evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas, o período de vida pública ativa de Jesus durou apenas um ou dois anos. No evangelho de São João, encontramos mencionadas apenas três Páscoas em Jerusalém

das quais Jesus teria participado, e isto equivaleria, então, a dois ou três anos. Durante esse período, Jesus cruzou diversas vezes as fronteiras das províncias palestinas, fugindo ao poder e jurisdição locais. Por que voltou a Jerusalém e se entregou a seus algozes continua um mistério, sujeito apenas a conjeturas.

Quando o Nazareno entrou em Jerusalém, foi recebido em triunfo e celebrado como o rei que viera instaurar o reino de Deus.

De acordo com a tradição cristã, o reino de Deus equivale à redenção em um nível puramente espiritual, que só pode ser obtida graças à misericórdia divina. O povo de Jerusalém aguardava, com ansiedade, algo bem mais terreno. O messianismo judaico previa a construção do reino de Deus sob a forma de um novo, depurado e poderoso Estado de Israel. Jesus deveria, como um novo Davi, liderar o Estado de Israel, e romper o jugo romano. A resposta de Jesus, a essas esperanças, está registrada no evangelho de São Lucas: "Nem se poderá dizer: ei-lo aqui. Ei-lo ali!, pois eis que o reino de Deus está dentro de vós" (Lucas 17,21).

A entrada de Jesus na cidade de Jerusalém foi um gesto de provocação sem precedentes. Até esse momento, a oposição mantinha-se como um movimento secreto, cujos membros nunca se haviam mostrado em plena luz na área de jurisdição romana. Uma semana antes da grande festa de Páscoa dos Judeus, Jesus decidiu abandonar seu refúgio nas montanhas de Efraim e, acompanhado de seus discípulos, dirigiu-se primeiramente a Jericó, de onde seguiu para a capital, a uns quarenta quilômetros de distância (João, 11,54).

O evangelho de Marcos relata esta dramática decisão: "Estavam a caminho subindo para Jerusalém. Jesus ia à frente deles. Estavam assustados e acompanhavam-no com medo. Tomando os doze novamente consigo começou a dizer o que estava para acontecer: 'Eis que estamos subindo para Jerusalém e o Filho do Homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte, e o entregarão aos gentios, zombarão dele e cuspirão nele, o açoitarão e o matarão, e três dias depois ele ressuscitará' " (Marcos 10,32-34).

Cinco dias antes da grande festa, chegaram a Jerusalém. Jesus entrou na cidade montado em um jumento, em sinal de humildade, e foi recebido com grandes ovações pela multidão. Mais tarde esta acolhida se degeneraria em um trágico equívoco. "E, quando entrou em Jerusalém, toda a cidade se alvoroçou, dizendo: 'Quem é este?'. " (Mateus 21,10). As fortes declarações de Jesus e, em particular, os reais e concretos conflitos

acontecidos no templo, dificilmente podem ser interpretados como alegorias. O apelo de Jesus à multidão poderia ser muito bem encarado como um grito de guerra: "Não julgueis que vim trazer paz à terra; não vim trazer a paz, mas a espada" (Mateus 10,34). Ou: "Vim trazer fogo à terra, e como desejaria que já estivesse aceso!" (Lucas 12,49).

O primeiro gesto de Jesus em Jerusalém foi um forte e ousado ataque à autoridade, como nunca tinha acontecido. No templo, Jesus censurou com veemência os guardiães da lei, diante de um grande número de entusiastas peregrinos (Mateus 23). De acordo com os evangelhos, Jesus expulsou do templo os vendilhões e cambistas. Claro, tamanha afronta aos responsáveis por aquele recinto sagrado não podia ser simplesmente ignorada. Existia o real perigo de um levante popular. "Os chefes dos sacerdotes e os escribas ouviram isso e procuravam um modo de o matar, eles o temiam, pois toda a multidão estava maravilhada com o seu ensinamento" (Marcos 11,18).

Dada a possibilidade de distúrbios e insurreições durante os dias festivos, Pilatos e sua corte (quinhentos legionários) havia acabado de chegar de Cesaréia, para intervir em caso de necessidade. Tais acontecimentos são apenas mencionados nos evangelhos. No evangelho de Marcos, lemos que Barrabás havia sido aprisionado "com outros amotinadores que em uma revolta haviam cometido um homicídio" (Marcos 15,7). E neste evangelho lemos ainda que os chefes dos sacerdotes e os escribas procuravam como prender Jesus por meio de um ardil para matá-lo. Mas diziam: "Não durante a festa, para não haver tumulto entre o povo" (Marcos 14,1-2). Se Jesus devia morrer, a ordem do dia era fazê-lo depressa, mas com toda cautela. Os fariseus foram os primeiros a tentar incriminar Jesus em um debate público. Perguntaram-lhe se era lícito pagar o imposto a César. Se respondesse negativamente, seria acusado de alta traição; Jesus, porém, esquivou-se ao ardil, com um toque de mestre (cf. Marcos 12,14-17). Os saduceus, então, tentaram ridicularizar sua doutrina da reencarnação, mas Jesus, novamente, soube se defender (Marcos 12,19-27).

A data exata da Paixão ainda constitui um problema a ser resolvido. Nos evangelhos não se encontra nenhum indício sobre o mês ou ano em que ocorreu. Calcula-se que tenha sido entre 30 e 33 d.C. Embora todos os evangelhos concordem que Jesus teria sido crucificado numa sexta-feira, não existe consenso sobre o dia do mês. De acordo com os sinóticos, isto é, com os três primeiros evangelhos do Novo Testamento (Mateus, Marcos e Lucas), Jesus celebrou a ceia da Páscoa com seus discípulos numa quinta-feira. No calendário judeu, a quinta-feira era o décimo-quarto dia de Nisa,

dia em que se comia o cordeiro pascal. Na sexta-feira seguinte, o décimo-quinto dia de Nisa, comemorava-se o primeiro dia santo das festas judaicas de Pessah-Matsot. E quase inconcebível que Jesus tenha sido preso e interrogado perante o Sinédrio (composto de 71 cidadãos judeus) nessa noite santa. Tal violação das leis sagradas, por parte de seus próprios defensores, seria inaceitável.

No texto gnóstico de João, deparamos com uma alternativa plausível. Lemos aí que a Santa Ceia não fazia parte da grande festa de Páscoa judaica, e que Jesus foi crucificado no décimo-quarto dia de Nisa. Assim sendo ele deve ter comemorado a Santa Ceia sem o pão ázimo e sem os talheres prescritos pelo ritual, porque só podiam ser obtidos, como ainda hoje, no dia imediatamente anterior à Páscoa, chamado dia da Preparação. Esta versão parece bem lógica, mas devemos acrescentar que Jesus não se sentia obrigado a seguir tais costumes ligados à lei judaica.

A escolha do lugar onde se realizou a Última Ceia manifesta uma influência essencial. "Logo que entrardes na cidade, encontrareis um homem levando uma bilha de água. Segui-o até a casa em que ele entrar." (Lucas 22,10). Recordemos no entanto que naqueles dias, em Jerusalém, a tarefa de carregar água cabia somente às mulheres. Nessa referida casa as regras tradicionais da Lei pareciam não serem seguidas com muita rigidez. E, de fato, a ceia não transcorreu de acordo com o rito judeu: não foi consumido o cordeiro imolado, e sim pão, como os essênios, que eram, por tradição, vegetarianos. No evangelho apócrifo dos Ebionitas, Jesus responde a seus discípulos que lhe perguntam onde deveriam preparar a ceia de Páscoa: "Não desejo comer carne com vocês nesta Páscoa!" (Epifânio, Haer. 30,20-4).

Diante disso, novamente nos defrontamos com o problema que tanta dificuldade causou aos exegetas, e que ainda não foi satisfatoriamente resolvido: como determinar a data da Última Ceia. O problema se torna bem mais simples se considerarmos que os essênios tinham seu próprio calendário, através do qual organizavam suas festas (cf. página 120). Diversamente do calendário oficial, o ano do calendário solar dividido em 364 dias e 52 semanas era sempre igual. O dia do Ano-novo caía sempre numa quarta-feira na primavera. Por isso, a Páscoa essencial era sempre celebrada numa quarta-feira, no décimo-quarto dia de Nisa, dois dias antes da Páscoa dos judeus. Portanto, o texto de João está correto ao afirmar que Jesus foi crucificado no décimo-quarto dia de Nisã, pois está se referindo ao calendário oficial, segundo o qual a crucificação aconteceu um dia antes

da Páscoa. Todos os acontecimentos da Paixão ocorreram em três dias e podem ser, lógica e conclusivamente, estabelecidos. Na terça-feira à noite a Última Ceia, prisão no Getsêmani/primeiro interrogatório diante de Anás, a negação de Pedro. Na quarta-feira, pela manhã, início do julgamento no Sinédrio conforme a lei religiosa, interrogatório das testemunhas na presença do sumo-sacerdote Caifás; durante a noite, Jesus é mantido sob custódia e maltratado na prisão de Caifás. Na quinta-feira de manhã, o Sinédrio se reúne para anunciar o julgamento, Jesus é interrogado por Pilatos, depois, por Herodes Antipas; pernoita na prisão da guarnição romana. Na sexta-feira, o julgamento político prossegue na presença de Pilatos; flagelação, coroação de espinhos, condenação e crucificação mais ou menos à sexta hora (meio-dia).

Algo muito estranho aconteceu no momento em que Jesus, após a ceia, foi preso pelos guardas do templo: "Então, Simão Pedro, que trazia uma espada, tirou-a e feriu um servo do sumo-sacerdote, decepando-lhe a orelha direita. O servo chamava-se Maleo. Jesus disse a Pedro: 'Embainha tua espada. Deixarei eu de beber o cálice que o Pai me deu?' " (João 18,10-11). Por que Pedro trazia uma espada?

O Sinédrio (= assembléia) era a mais alta corte, destinada ao julgamento das questões religiosas do povo judeu, mas que, antes do domínio romano, se encarregava também das questões políticas. Este tribunal era composto por sumos-sacerdotes, anciãos e escribas, perfazendo um total de 71 membros. Quem presidia a Corte Suprema era o sumo-sacerdote Caifás (= inquisidor). Entre os anciãos que faziam parte da assembléia, estava José de Arimatéia, um rico e influente dono de terras, que, segundo Lucas, votou contra a decisão de condenar à morte o Nazareno (Lucas 23,50-51). Após um minucioso interrogatório, Caifás propôs a seguinte questão crucial: "Eu te conjuro, pelo Deus vivo, que nos declare se tu és o Cristo, o Filho de Deus" (Mateus 26,63). Quando Jesus respondeu-lhe: "Tu o disseste", Caifás interpretou como uma confirmação. De acordo com a lei judaica, assumir as prerrogativas de Deus era blasfêmia, e a punição era a pena capital. A execução era realizada por lapidação, após o que a Lei prescrevia pendurar o cadáver a uma árvore. A execução de Jesus ocorreu diversamente porque o Sinédrio, em data recente, havia recebido de Roma ordem de não condenar ninguém à morte sem o consentimento do procurador romano, e de não se reunir em assembléia fora dos limites do templo. Os julgamentos deveriam se realizar durante o dia (da aurora ao crepúsculo!). Se a convocação do Sinédrio e os trâmites a ela referentes

acontecessem à noite, todo o processo, desde o início, seria considerado ilegal. No evangelho de Lucas, encontramos a confirmação de que a sessão se realizou durante o dia (Lucas 22,66). A assembléia anunciou o veredicto na manhã seguinte, uma terça-feira. "Chegada a manhã, todos os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo convocaram um conselho contra Jesus, para o entregarem à morte. Assim, amarrando-o, levaram-no e entregaram-no ao governador Pilatos." (Mateus 27,1-2).

Pilatos, desde o primeiro momento, parece ter se oposto à condenação de Jesus. "Tomai-o vós romanos, e julgai-o conforme a vossa Lei." (João 18,31). Não vendo culpabilidade em Jesus, procurou convencer os judeus para que o libertassem e, quando viu que era inútil seu esforço, num gesto simbólico, lavou as mãos (Mateus 27,24). Pilatos, na tentativa de salvar Jesus, que considerava um justo, remeteu o caso a Herodes Antipas, o tetrarca da Galileia, que, naqueles dias, se encontrava em Jerusalém. Diante de Herodes, Jesus não disse uma palavra e foi reenviado a Pilatos que, a pedido do povo, instigado por Caifás, ordenou a condenação do Nazareno.

Algumas das contradições e ocorrências intrigantes, descritas nos evangelhos, podem ser facilmente esclarecidas, se for aceita a nossa sugestão de que o Nazareno fazia parte da "Nova Aliança" do movimento essênio, como um "Observador de Ritos" (cf. página 107). Com isso podemos entender por que Jesus foi perseguido pelos judeus ortodoxos e por que foi julgado perante um tribunal político.

As fontes que temos à nossa disposição, por mais insuficientes que sejam, nos habilitam a explicar, de forma satisfatória, os acontecimentos que envolveram a figura histórica de Jesus, tal como aqui a enfocamos.

' As dúvidas que surgiram, a partir das versões populares sobre a morte, ressurreição e a ascensão do corpo de Jesus, são mais difíceis de serem resolvidas. Não existem dados que elucidem por que Jesus foi declarado morto poucas horas após a crucificação, apesar de suas pernas não terem sido quebradas, como aconteceu a seus companheiros, e, como era hábito, para diminuir a tortura, sem o que ela poderia se prolongar por até cinco dias. Pilatos ficou muito surpreendido quando lhe reclamaram o corpo: "Pilatos ficou admirado de que ele já estivesse morto..." (Marcos 15,44).

Ninguém assistiu à ressurreição — pelo menos, não sabemos de ninguém que reivindique tê-la presenciado. Tudo que conhecemos sobre a ressurreição emana de um ato de fé. Quando se fala em ressurreição,

argumenta-se de forma retrospectiva, baseando-se apenas na interpretação do que podia ter acontecido¹.

A questão foi colocada da seguinte forma: crer ou não crer na ressurreição de Jesus. Após dois mil anos seria impossível iluminar um passado tão remoto, se... se não contássemos com um extraordinário elemento de prova que nos permitiu estudar, detalhadamente, os fenômenos que cercam a ressurreição com o auxílio dos mais modernos testes que a tecnologia coloca à nossa disposição. Este elemento de prova é o sudário de linho, encontrado na sepultura de Jesus. "E quando já era tarde, sendo dia da Preparação, isto é, a véspera de sábado, veio José de Arimatéia, ilustre membro do Conselho, que também esperava o reino de Deus. Ousando entrar onde estava Pilatos, pediu o corpo de Jesus. Pilatos, porém, ficou admirado de que ele já estivesse morto e, chamando o centurião, perguntou-lhe se fazia muito tempo que morrera. Informado pelo centurião, cedeu o cadáver a José, o qual, comprando um lençol, desceu-o, enrolou-o no lençol e o pôs num túmulo, que fora talhado na rocha. Em seguida, rolou uma pedra, fechando a entrada do sepulcro. Maria Madalena e Maria, mãe de Jesus, observavam onde ele fora posto." (Marcos 15,42-47).

Outros evangelhos nos fornecem mais informações. Mateus e Lucas observam que José era rico; Mateus e João dizem que ele fora discípulo de Jesus (segundo Lucas, ele esperava a vinda do reino de Deus) e João acrescenta que sua adesão permanecera em segredo.

Lucas mostra como José de Arimatéia discordou do conselho e dos atos dos outros judeus. Mateus, Lucas e João confirmam o pedido e (Mateus e João) a entrega do corpo de Jesus, por Pilatos. Mateus e Lucas se referem a um lençol para o corpo de Jesus. Mateus diz que o lençol era limpo e João fala em panos de linho. Tanto Lucas como João nos contam que o sepulcro era novo e que, até então, estivera vazio. Mateus declara que o local pertencia a José. Lucas descreve Jesus sendo depositado no sepulcro entalhado na rocha e José rolando uma grande pedra à sua entrada.

O lençol aqui mencionado foi conservado até nossos dias, estando, atualmente, em Turim. É um documento autêntico que registrou prodigiosamente um dos mais importantes momentos da história mundial. Trata-se de um documento quase fotográfico.

O famoso sudário de Turim tem 4,36 metros de comprimento por 1,10 de largura e revela, com incrível clareza, a imagem de um homem flagelado. Metade do lençol mostra o corpo visto de costas e a outra metade o corpo

visto de frente. É fácil distinguir a cabeça, o rosto, o peito, os braços, as mãos, as pernas e os pés, ali impressos em cor sépia e, em alguns pontos, em cinza. Traços de sangue são detectados em cor rosa pálido.

Ao contemplar o sudário pela primeira vez, os olhos do observador sentem-se atraídos para duas linhas verticais pretas, que se abrem em grandes losangos. Estas manchas são vestígios de um incêndio e apresentam uma tonalidade diferente por terem sido restauradas com linha de cor mais clara. O formato peculiar que apresentam deriva do fato de o sudário ter sido dobrado em 48 partes e guardado em um relicário de prata, na capela de Chambéry, na França, em 1532, onde quase foi destruído pelo fogo. Quando, devido ao calor, o recipiente de prata começou a derreter, deixou as marcas geométricas no tecido dobrado (*ver ilustração*). Se a figura estampada nesse lençol é realmente a de Jesus em pessoa, e se isto está provado, estamos diante não somente de uma curiosidade científica, mas também da única prova científica que servirá de apoio para podermos responder à debatida questão: Jesus ressurgiu dos mortos?

A Idade do Sudário

Uma primeira dificuldade é entender como um tecido pôde ser conservado tão bem durante quase dois mil anos. No entanto, existem numerosas peças de linho, consideravelmente mais velhas, e bem melhor conservadas, que o sudário de Turim. Encontramos exemplos bem conservados no Museu Nacional Egípcio, do Cairo, no Museu Egípcio de Turim, assim como nas seções de egiptologia dos museus de Londres, Paris, Berlim, Hildesheim etc., que exibem espécimes datados de 3 500 e até 5 000 anos atrás. O clima seco do Oriente Próximo é muito propício à preservação de tecidos e pergaminhos. A substância vegetal que os estrutura é, principalmente, a celulose, molécula de grande estabilidade.

A palavra *sinдон*, usada pelos sinóticos, designa um grande pano de linho. O sudário é de linho, tecido em uma trama de três por um, formando o desenho de uma espinha de peixe. No tempo de Jesus, essa tessitura era rara e dispendiosa, requerendo uma técnica já mais apurada. Os únicos exemplares que restam desse tipo de material foram tecidos no primeiro século, e provêm da Síria, então província romana, da qual a Palestina fazia parte naquele período da história.

Quando, em 1973, o professor Raes, da Universidade de Gent, na Bélgica, submeteu o pano do sudário a um microscópio eletrônico, descobriu fios de algodão em sua trama, um material que ainda não era produzido no Oriente Próximo no tempo de Jesus. A Síria e a Mesopotâmia o importavam da Índia, e, ocasionalmente, o empregavam na tecelagem, ainda que para o processamento do algodão fossem necessários teares especiais.

Hoje, existe um teste muito simples para determinar a idade de qualquer substância orgânica: medir a quantidade de isótopo radioativo de carbono, o carbono 14. Tudo que vive e respira absorve carbono do ar que será utilizado em suas estruturas. A medida que a vida orgânica cessa, o carbono radioativo vai diminuindo. Após 5 730 anos, ainda persiste metade do carbono 14 radioativo original. A medição dos níveis do isótopo de carbono e cálculos feitos com o emprego da "meia-vida" (tempo que leva para a metade do isótopo do carbono se desintegrar) permite-nos determinar a idade de uma descoberta arqueológica com uma margem de erro de aproximadamente 10%. Para isso precisa-se de uma quantidade de material, porém ele deve ser completamente destruído em um processo de combustão. Logicamente está fora de cogitação danificar a mais sagrada relíquia da Cristandade para esse fim. De qualquer forma, em um teste dessa natureza, teríamos um erro aproximado de 200 anos por tratar-se de um objeto com, presumivelmente, dois mil anos.

O método do botânico e criminologista suíço dr. Max Frei permitiu-lhe descobrimentos sensacionais através da análise do pólen. Com a ajuda de fita adesiva, o dr. Frei colheu amostras de 10 a 20 cm em doze pontos diversos da superfície do sudário. Examinando-as com um microscópio eletrônico, teve a grata satisfação de notar, além da poeira e das fibras, a presença de 1 a 4 grãos de pólen por cm². Grãos de pólen medem de 0,0025 a 0,25 mm, e por isso não são, geralmente, identificáveis a olho nu. Porém, esses grãos tão pequeninos são protegidos por uma dupla camada, cuja composição química, ainda hoje, não foi totalmente determinada. A película externa é tão resistente que, em certas circunstâncias, o pólen pode sobreviver intacto por milhares de anos. É fantástico saber que se trata daquele pozinho fino e amarelo que nos é tão familiar na primavera; o fato é que os pequenos grãos do pólen de cada espécie vegetal têm uma individualidade distinta que nos permite dizer, com facilidade, de que planta provém cada um deles. Num artigo que publicou em 1976, sobre sua pesquisa, Frei declarou que podia identificar 49 tipos de plantas de onde

poderiam provir os pólenes encontrados no sudário. Muitas delas existem nos locais onde ele esteve guardado ao longo da história, como, por exemplo, no Líbano, onde cresce o famoso cedro (*cedrus libani*). A sensação causada por tal descoberta reside no fato de terem sido detectados onze tipos de plantas não existentes na Europa, e que pertencem à família das halófilas do Oriente Próximo. As halófilas só crescem em solos dotados de alto teor de salinidade, como ocorre na região do Mar Morto. Entre eles foram encontradas algumas espécies típicas do deserto, como a tamarix, a suaeda e a artemísia.

Por termos tido notícia do sudário a partir do século 14, alguns pesquisadores levantaram a hipótese de que o linho fora tecido na França, nessa época. Sabemos também que, após essa data, o sudário só circulou na França e na Itália. A análise do pólen provou que o linho estivera na Palestina antes de entrar na Europa. E, mais ainda, alguns tipos de pólen identificados no sudário podem ser encontrados em grande concentração nas camadas sedimentares do mar da Galileia, que datam do tempo de Jesus.

Grãos de pólen de outras oito variedades de plantas eram características das estepes da Ásia Menor, particularmente da região em torno de Edessa (hoje Urfa, na Turquia). Naquele momento o dr. Frei dificilmente poderia avaliar o alcance dessa sua descoberta.

Devemos muito do que sabemos sobre as origens do sudário às magníficas pesquisas do historiador inglês Ian Wilson², que, utilizando os vários dados à sua disposição, pôde provar que o sudário é o "Retrato" de Edessa, citado pela tradição desde o primeiro século e que passou a ser conhecido, a partir do século 6, com o nome de "Mandyllion". A história completa do sudário reserva momentos de grande emoção. Na verdade, a realidade pode ser mais extraordinária que a fantasia!

De acordo com o evangelho apócrifo dos hebreus, utilizado pelos Nazireus, Jesus, após a ressurreição, entregou o sudário descrito nos evangelhos a um "servo dos sacerdotes"³. Presume-se que essa pessoa não fosse inimiga de Jesus, ou, pelo menos, alguém que não desejasse sua morte. E mais provável que tenha recebido tão inestimável presente em recompensa por algum especial favor prestado.

Por volta de 325 d.C, o bispo Eusébio de Cesaréia escreveu em sua *Historia Ecclesiastica* que o rei de Edessa (Abgar V, Uk-kama, isto é, o Negro, que governou de 9-46 d.C.) enviou um mensageiro a Belém para convidar Jesus a vir a Edessa para curá-lo de uma doença crônica. Eusébio

faz referência a uma correspondência entre Jesus e Abgar que ele encontrou no arquivo do rei de Edessa e que traduziu do sírio antigo, isto é, do aramaico, para o grego. De acordo com essa correspondência, Jesus não pôde fazer essa viagem, mas mandou em seu lugar um arauto das Boas Novas, um dos setenta discípulos mencionados no evangelho de São Lucas (Lucas 10,1). Esse discípulo tinha um nome grego, Tadeu, e não deve ser confundido com o apóstolo. Em sírio chamava-se Addai. Jesus o enviou a Abgar com um misterioso retrato. Com o extraordinário poder que emanava daquela imagem, o rei ficou curado instantaneamente, convertendo-se em seguida à doutrina de Jesus.

Em 1850, vários antigos manuscritos sírios foram encontrados em um mosteiro próximo a Wadi el-Natrum (Vale Natron) no baixo deserto egípcio, que confirmam vários elementos da história de Abgar. Todas as passagens são unânimes em concordar que, após o extraordinário milagre, Addai/Tadeu fez um sermão em Edessa e muitos cidadãos, seguindo o exemplo do rei, aderiram à "Nova Aliança".

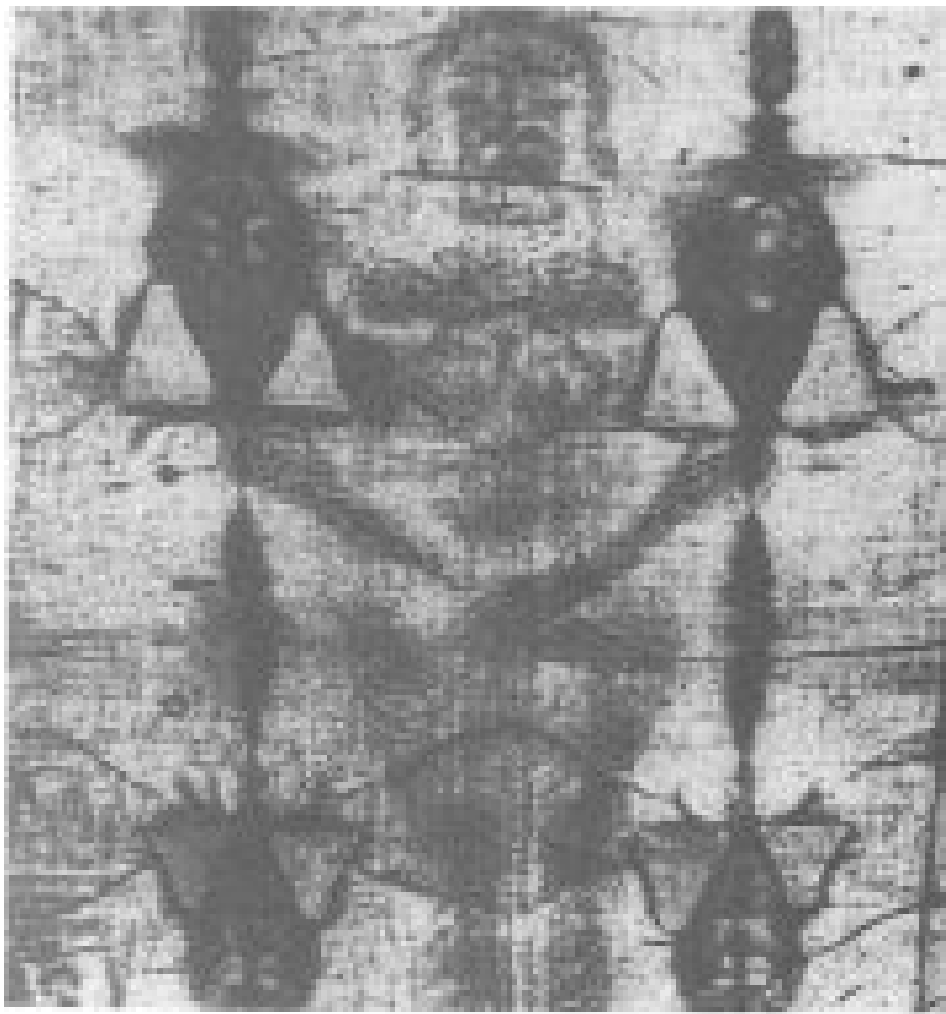
Naquele tempo, um lençol fúnebre era considerado como coisa "impura" e por isso é fácil entender por que foi chamado de "Retrato".

Nos *Acta Thaddaei*⁴ a palavra empregada para designar o lençol é *tetradiplon*, e significa "dobrado quatro vezes". Se o lençol, com mais de quatro metros de comprimento, for dobrado três vezes ao meio, sofre uma sensível redução, passando a medir cerca de meio metro, colocando em destaque justamente o retrato de Jesus. Se guardado e exibido desta forma, o verdadeiro tamanho do *shroud* passa despercebido e provavelmente despertou pouco interesse, devido à ausência dos contrastes de tonalidade nas impressões do resto do corpo.

Em 57 d.C, o segundo filho de Abgar, Manu VI, subiu ao trono de Edessa e, voltando ao paganismo, perseguiu impiedosamente a nova comunidade edessiana. Nesse período o sudário desapareceu e não mais se ouviu falar dele durante algum tempo. Porém seu destino, após esse fato, pode ser visualizado em detalhes, na *História do Retrato de Edessa*, escrita em 945 d.C, na corte do imperador bizantino Constantino Porphyrogenetos. Esta versão conta que o sudário foi escondido em um nicho hermeticamente fechado, acima da porta ocidental da cidade de Edessa, e que foi encontrado somente em 540 d.C, quando as muralhas tiveram que ser reparadas, devido aos estragos causados por uma enchente catastrófica, ocorrida em 525 d.C. Não houve dúvidas de que se tratava do lençol original que, de acordo com a tradição, havia sido entregue ao Rei Abgar.

Logo em 544 d.C, o bispo Eulálio declarou que a imagem ali impressa era *achairopoietos*, isto é, não pintada por mãos humanas⁵.

A pintura redescoberta foi levada para uma "grande igreja", a catedral de Hagia Sophia, onde foi guardada e trancada a chave com todo cuidado, num relicário de prata. A partir desse momento, o sudário começou a ser chamado "Mandylion", e foi reputado tão sagrado e valioso que era exibido apenas nos dias santos mais importantes. Uma crônica do sudário do século 10 relata que Abgar tinha fixado a imagem do rosto a uma moldura



A figura completa de Jesus (foto de Enrie, 1931, Turim)

revestida de ouro. Curiosamente, várias representações deste quadro anterior ao século 13 mostram a imagem de Jesus montada sobre um suporte retangular, aparentemente coberta com uma proteção que apresentava apenas uma abertura circular para exibir a imagem. Essa descrição corresponde exatamente ao formato do sudário "dobrado quatro vezes". Além disso, na história da arte, um quadro nunca havia sido

colocado até então em uma moldura que tivesse uma largura maior que sua altura.

O jesuíta Werner Bulst acredita que a palavra "Mandylion" deriva do árabe *mindil*, que significa toalha⁶. Na minha opinião, pode haver uma conexão com o termo sânscrito *mandata*, que, na Índia Antiga, significava círculo e que era usado para designar uma figura mística de forma circular. Os budistas tibetanos foram os primeiros a utilizar as mandalas como representações simbólicas de uma experiência religiosa. Elas simbolizam uma determinada relação cósmico-espiritual e são usadas na meditação para ajudar a estabelecer a união com a divindade. A raiz da palavra mandala é também encontrada no grego e no latim.

De qualquer modo, as alterações na iconografia de Jesus são comuns a partir do século 6. Antes do reaparecimento do sudário, Jesus era representado como um mestre da verdade bem semelhante aos antigos filósofos, como um pastor, ou idealizado como um Apolo jovem e imberbe — e aqui a juventude é tomada como símbolo do divino. Quando o Mandylion começou a ser cultuado, os quadros de Jesus passaram a ter uma grande semelhança com a imagem circular do sudário. Era como se os cristãos estivessem diante do verdadeiro retrato de Cristo. A partir daí, os quadros de Jesus começam a apresentá-lo de frente, com olhos grandes e abertos, barba e cabelos longos partidos ao meio, nariz comprido, maduro em idade e com um disco luminoso por trás da cabeça. Embora pareça não existir um texto original que descreva a aparência pessoal de Jesus, a partir do século 6 ele foi retratado de forma tão consistente que não há quem não o reconheça! E, portanto, com toda razão que Wilson considera a imagem de Edessa, o Mandylion, o verdadeiro retrato de Jesus, que serviu de modelo para todos os outros.



Jesus como um Apolo adolescente (obra do início do século 3). O autêntico Mandylion com o retrato de Jesus ainda não era conhecido nessa época.

Em 943 d.C, o exército bizantino sitiou Edessa e, em troca de duzentos prisioneiros e do compromisso de poupar a cidade, exigiu que lhe entregassem o Mandylion. Para salvar vidas humanas, o povo concordou com a condição, garantindo a preservação de sua cidade e ainda recebendo do imperador doze mil peças de prata. Segundo fontes da época, o povo de Edessa tentou, por duas vezes, fazer a entrega de uma mera reprodução do sudário, porém Abramios, o bispo da cidade vizinha de Samosata, incumbido de levar a santa relíquia ao Imperador Romanus, em Constantinopla, não ficou satisfeito enquanto não recebeu o terceiro sudário.

Numerosas fontes confirmam que, em 944 d.C, o sudário chegou a Constantinopla, para grande alegria de seus habitantes, e lá permaneceu por 250 anos, na Capela de Pharos.

Em 1203 d.C, o cruzado francês Robert de Clari escreveu contando que havia visto o sudário na Igreja de Santa Maria de Blachernai, em Constantinopla: "... o 'sydoine', no qual Nosso Senhor foi envolvido, é exposto toda sexta-feira em posição vertical para que a imagem de Nosso Senhor possa ser contemplada com clareza".⁷ Portanto, o lençol fora exibido integralmente e esta é a prova de que o Mandylion e o Sindon são, na verdade, uma coisa só.

Em abril de 1204, os cruzados que acamparam em Constantinopla saquearam a cidade, destruindo tudo que encontraram pela frente. Roubaram objetos valiosíssimos e não pouparam nem mesmo os tesouros e santas relíquias cristãs. Nessa confusão, o sudário desapareceu, e só foi localizado 150 anos mais tarde, na França, entre as propriedades da família *De Charny*, que o apresentou pela primeira vez no Ocidente. Por essa época, vários "mandylions" circularam por Roma, Gênova e Paris. Tratavam-se de cópias de pintores, que não tinham a pretensão de serem o sudário original. A "Toalha de Verônica" é uma dessas cópias



O rosto de Jesus (foto de Enrié, 1931, Turim).

e seu nome provém de *Vera-Icon* (verdadeira imagem), que foi um dos epítetos do Mandylion.

Em fins do século 13, correu o boato de que os membros da Ordem dos Cavaleiros do Templo, os Templários, que haviam financiado a quarta cruzada, adoravam um "ídolo" misterioso em suas sessões secretas. Adorar imagens constituía sacrilégio e, em 1307, Filipe, o Belo, da França, servindo-se desse rumor como desculpa, acusou os Templários de heresia para erradicá-los do solo francês. Muitos textos da época e os protocolos dos tribunais de Inquisição confirmam que o "ídolo" dos Templários era uma imagem afixada sobre uma placa. Tratava-se de um retrato em tamanho natural muito pálido e descolorido, da cabeça de um homem, cuja barba partia-se ao meio, como a dos Templários, "e que era venerado pelos Cavaleiros como 'a face desvelada de Deus'".

Em algumas de suas instituições, foram preservadas cópias do ídolo. Uma dessas cópias, muito detalhada, foi encontrada em 1951, em Templecombe, Somerset, em uma propriedade que pertencera à Ordem.

Em março de 1314 os dois últimos dignitários da Ordem foram queimados como hereges em Paris, apesar de protestarem, até o fim, sua inocência e fé no cristianismo. Um deles era o Grão-Mestre da Ordem, Jacques de Molay, e o outro o Mestre da Normandia, Geoffroy *de Charny*. Apesar das buscas intensivas, os perseguidores não foram capazes de descobrir o "ídolo" dos Templários.

Alguns anos mais tarde, o sudário reapareceu como propriedade de um Geoffroy de Charny que, de acordo com a genealogia, era o sobrinho-neto do homônimo Cavaleiro do Templo. Diante de tanta perseguição, é perfeitamente compreensível que os De Charny não saibam explicar como o sudário chegou às mãos da família. Foram acusados, pelos dois bispos de Troyes, Henri de Poitiers e Pierre d'Arcis, de terem exibido uma falsificação na Igreja Colegiada de Lirey. Embora os bispos nunca tivessem visto o sudário, tomaram, por diversas vezes, medidas contra sua apresentação pública. Após uma série de intrigas contra a família, Margareta de Charny conseguiu tirar o sudário da França, e legá-lo ao piedoso duque Luís de Savóia, sendo bem remunerada por isso. O duque indenizou os cônegos de Lirey com 50 francos em ouro.

Em 1502, o sudário foi levado para a capela do castelo de Cham-bery, onde, em 1532, foi quase destruído por um incêndio que deixou suas marcas no tecido. E em 1578, foi finalmente enviado a Turim, onde fez parte do patrimônio da Casa de Savóia.

Análise Científica do Sudário

O sudário foi exposto mais uma vez em 1898, por ocasião do cinquentenário da nação italiana. Nessa ocasião, o fotógrafo amador Secondo Pia, depois de várias tentativas, conseguiu fotografar o sudário pela primeira vez na história. Ao revelar as placas de vidro, em sua câmara escura, fez uma descoberta sensacional: o negativo mostrava aquela que deveria ser a imagem real de Jesus. O rosto que conhecemos como sendo aquele do retrato de Jesus do Sudário de Turim surgiu da inversão do claro e do escuro, ainda que as manchas de sangue provoquem um pouco de confusão, por aparecerem, no negativo, como pontos luminosos. Este fato em si prova que a figura impressa no sudário não provém da mão habilidosa de um artista qualquer. Somente técnicas muito avançadas poderiam permitir a realização das impressões que encontraram no sudário. O negativo da fotografia tirada por Pia foi o ponto de partida para a discussão da autenticidade do linho. Fotografias mais recentes, tiradas por Giuseppe Enne em 1931, reafirmam não existirem sinais indicativos de que a figura do sudário tenha sido pintada. Estas novas fotografias, mais aperfeiçoadas, permitiram que se fizesse uma série de novas observações:

1. O corpo, visto no sudário, está nu. De acordo com a lei romana, os criminosos eram castigados e executados nus. Uma representação artística de Jesus, nu, seria sempre considerada uma blasfêmia imperdoável.

2. Está bem nítida a imagem de uma pessoa pregada na cruz e não simplesmente amarrada a ela com tiras de couro, como era também usual. A crucificação era uma punição freqüente, e por isso não se pode provar que aquele corpo seja o de Jesus. Entretanto, considerando que o primeiro imperador cristão, Constantino, aboliu esta pena tão desumana, o sudário só pode ser anterior a 330 d.C.

3. O estilo da barba e do penteado usado pelo homem estampado no sudário, não sendo adotado em nenhum lugar do Império Romano, com exceção da Palestina, sugere fortemente que o condenado era membro da seita nazarena e que pertencia à comunidade essênia.

4. O sudário apresenta sinais evidentes das seis principais estações da Via Sacra, descritas nos evangelhos. Em primeiro lugar, médicos especialistas diagnosticaram grave inchaço sob o olho direito e outros

ferimentos faciais, evidentemente causados pelo cruel tratamento infligido pelos soldados romanos.

5. Em segundo lugar, notam-se pequenas mas bem nítidas marcas de forma arredondada, atrás e na frente do corpo. Ao todo são noventa marcas. De forma que sabemos não só quanto golpes foram desferidos, mas também que o açoite empregado foi o "flagrum" romano, um tipo especial de flagelo, dotado de três tiras de couro, em cujas extremidades atavam-se pares de pequenas esferas de chumbo ou de osso.

6. A terceira estação da Via Sacra é reconhecida pelos ferimentos dos ombros, obviamente causados por um forte peso, o que indica que a vítima deve ter mesmo carregado uma cruz.

7. A quarta estação se nota nas listas irregulares de sangue que aparecem na parte anterior e posterior da cabeça, provocadas pela coroa de espinhos. Não se trata, porém, de uma coroa redonda, como ilustrada pela maioria dos artistas, mas de um gorro inteiriço que cobria toda a cabeça, semelhante às coroas orientais. Um falsário teria simplesmente reproduzido uma coroa de espinhos convencional.

8. A quinta estação — a fixação por cravos à cruz — apresenta-se visível no sangue que escorreu dos pulsos e dos pés. A direção tomada pelo fluxo maior de sangue indica que os braços estiveram estendidos em um ângulo de 55 a 65 graus. Uma das mais surpreendentes informações coletadas do sudário é que os cravos foram pregados, não na palma das mãos, como todos os artistas pintaram, mas nos pulsos. O cirurgião francês Bardet demonstrou que a palma da mão jamais suportaria o peso de um corpo crucificado, que pesasse mais que 40 quilos. Simplesmente se rasgaria, acompanhando os ossos do metacarpo. Que falsário saberia disso?

8. A sexta estação reconhece-se pelo corte de 4,5 cm, aberto no lado direito, entre a quinta e a sexta costelas, por onde teria corrido muito sangue. Isso confere com o texto do evangelho de São João que fala num ferimento de lança do qual fluiu, em profusão, "sangue e água".

10. Tanto o fêmur como a barriga da perna não mostram sinais de grandes feridas, sugerindo que as pernas, de fato, não foram quebradas. Estes dados enumerados demonstram que não se trata de uma vítima qualquer da crucificação. Tantas provas coincidentes com as passagens do evangelho só poderiam dizer respeito a uma única pessoa! O jesuíta e historiador Herbert Thurston, a princípio convicto de que o sudário não passava de uma farsa, escreveu: "...Se esta não é a figura de Cristo, foi

copiada da imagem verdadeira. Nunca ninguém apresentou tantas características coincidentes juntas"⁸.

Um exame ainda mais minucioso, empregando a mais moderna aparelhagem científica, só foi possível depois de 1969, quando o cardeal de Turim, Pellegrino, incumbiu alguns cientistas, acompanhados por dignitários da Igreja, de encarregarem-se da análise sistemática e científica do sudário. O grupo inicialmente compunha-se de onze especialistas. No transcorrer dos anos seguintes, as descobertas foram tão incríveis que institutos, universidades e a própria NASA se interessaram pelo lençol.

Até 1969, toda a pesquisa dependera unicamente de fotografias tiradas do sudário. Nesse ano, pela primeira vez o sudário foi objeto de exame direto durante dois dias. Guardou-se absoluto sigilo a respeito dessa comissão e sua tarefa. O nome de seus membros só foi conhecido em 1979. Os primeiros resultados foram um tanto limitados, foram tiradas várias fotografias coloridas e partes do sudário examinadas em microscópio, sob luz natural e ultravioleta. O relatório final recomendava uma série completa de testes científicos e a retirada de pequenas amostras para futuras análises.

O rei da Itália Umberto II de Savóia, então legítimo proprietário do sudário, acedeu, do exílio, aos pedidos dos especialistas e, em 1973, durante três dias, a santa relíquia foi sistematicamente examinada e testada. Em seguida ele foi apresentado ao vivo em um programa de televisão, diante de mais de um milhão de espectadores, a quem o Papa Paulo VI dirigiu um discurso.

Alguns anos antes, um sindonologista alemão havia publicado uma série de artigos declarando que o sudário provava, sem sombra de dúvida, que Jesus não estava morto quando foi removido da cruz. Hans Nader (também chamado Kurt Berna ou John Reban) anunciava, em alta voz, que um corpo morto não continuaria a sangrar da forma com que o corpo do sudário de Turim sangrou⁹. Nader alega ter tido em 1947 uma visão, na qual Jesus lhe apareceu e o autorizou a revelar ao mundo que, na crucificação, havia ocorrido uma morte aparente, uma espécie de coma, da qual ele despertou ao terceiro dia. A divulgação das referidas pesquisas e fotografias do sudário deu finalmente a Nader a oportunidade de provar sua teoria e a grata satisfação de conhecer vários cientistas inclinados a apoiá-la. Os defensores dos dogmas da Igreja, claro, discordaram de tais teses.

Para o teólogo fundamentalista professor Werner Bulst, as alegações de Naber não passam de mera fantasia. Naber foi acusado de incompetência e de falta de preparação e tino científico¹⁰. No entanto a intenção era evitar que o grande público viesse a conhecer suas teses. O próprio Vaticano interveio dando explicações e condenando Naber, que, daí em diante, ameaçado e desacreditado, acabou arruinado física, mental e financeiramente.

Porém, as dúvidas levantadas por ele esclareceram-se afinal, diante dos últimos resultados divulgados em 1973. Hoje é muito fácil detectar a presença de sangue, por menor que seja, através de teste com reações químicas efetuadas em modernos e bem equipados laboratórios. O método mais usado é o da "reação de peróxido": qualquer quantidade de pigmento vermelho do sangue — hemoglobina — em contato com peróxido de hidrogênio, isto é, com água oxigenada, desprende oxigênio provocando a oxidação da benzidina química, que é incolor, dando origem a uma cor azulada. A hemoglobina e o complexo heme, resultante de sua decomposição, constituem moléculas muito estáveis, que podem continuar a reagir normalmente por séculos. Vários fios, retirados de diversas manchas de sangue do sudário examinadas na Itália por dois laboratórios independentes, deram um resultado surpreendente — todos os testes foram negativos. Evidentemente, o que parecia ser sangue não o era. Vestígios de sangue nos pés de Jesus, após ele ter sido removido da cruz, bastariam para provar a perda de sangue e confirmar a teoria de Nader. No entanto seria bem menos problemático admitir que o sudário foi obra de um engenhoso falsificador do que aceitar que Jesus, ao descer da cruz, estivesse ainda vivo.

A notícia da "falsificação" espalhou-se por todo o mundo, após a publicação do relatório da comissão, em 1976. O que, entretanto, não se tornou público, foi o fato de não ter sido apontada nenhuma substância que pudesse ter sido usada nessa falsificação. As autoridades também deixaram de mencionar que o heme, embora geralmente estável, perde essa qualidade quando exposto a uma alta temperatura, como ocorreu no incêndio de 1532. Na presença do calor, ele se decompõe, não podendo, portanto, ser identificado.

O problema da autenticidade das manchas de sangue só foi respondido satisfatoriamente muitos anos depois das investigações de 1973. Em 1978, ocorreu o quarto centenário da presença do sudário em Turim e, para comemorar a data, o sudário foi exposto ao público.

De 28 de agosto a 8 de outubro, mais de três milhões de peregrinos contemplaram e veneraram a mais valiosa relíquia da cristandade, que exhibe a autêntica imagem de Jesus. Na tarde do último dia de exibição, o tecido foi retirado de seu envoltório blindado e estendido sobre um banco. Em uma sala do Palazzo Reale, contíguo à catedral, dois grupos de cientistas estavam aguardando para dar início a um programa de pesquisas que deveria durar duas semanas. De um dos grupos, predominantemente europeu, fazia parte Giovanni Righi, especialista em microscopia, de Turim; Baima Bollone, patologista de Milão; Luigi Gonella, físico de Turim, e Max Frei, criminologista de Zurique. O outro grupo era formado por 25 americanos, especialistas em fotografia, espectroscopia, radiografia, tecnologia de computação, química orgânica, e física, equipado com um extraordinário arsenal de instrumentos sofisticados, alguns dos quais especialmente desenvolvidos para a projetada análise do sudário.

Nos catorze dias que se seguiram, um grande número de negativos, de fotografias especiais, ilustrações e tabelas de dados foram preparados, para posterior avaliação com a ajuda de possantes computadores na América, de acordo com extensos e elaborados procedimentos. O processamento de todo esse material ainda não terminou. A partir de 1980, muitos informes não definitivos foram publicados, sobretudo em revistas científicas¹¹.

Em um primeiro momento, o sudário foi dividido em seis seções quadriculadas para fazer um levantamento espectral e foto-métrico. Cada seção foi cuidadosamente fotografada, com o emprego de vários tipos de filtros. Os negativos, então, serviram de base para uma série de experimentos óticos. Nos laboratórios fotográficos da NASA, os valores tonais (claro-escuro) foram digitados, isto é, convertidos em linguagem computadorizada, permitindo a obtenção de uma excelente nitidez no retrato. Pequenos detalhes, invisíveis a olho nu, foram facilmente detectados. O método tornou possível a elaboração de uma figura tridimensional em tamanho natural. Se se tratasse de uma farsa, a proporcionalidade não teria sido conseguida. Com base no relevo, foi possível determinar o verdadeiro peso e medida de Jesus: *aproximadamente 1,80 metro de altura e 79 quilos de peso.*

Os valores tonais permitiram determinar a distância entre o corpo e o linho em todos os pontos. A impressão mostrava-se mais escura nos lugares onde se deu um contato direto, e mais clara onde a distância era maior (daí o efeito "negativo"), o que levou os pesquisadores a concluir que havia

uma relação direta entre a imagem do sudário e as distâncias entre o sudário e o corpo, e que a impressão deve ter, de alguma forma, surgido do contato com o corpo. Isso confirmaria as especulações anteriores a respeito da origem das marcas do sudário. Um estudo das fibras com microscópio eletrônico revelou que a imagem não foi produzida por nenhuma partícula de substância detectável, mas que as próprias fibras do sudário estão escurecidas na superfície em que assoma a figura.

Uma das experiências que se fez com o lençol foi submetê-lo à análise espectral radiofluorescente, que veio provar a autenticidade das manchas de sangue. Neste teste, expôs-se brevemente parte do linho à ação de raios X, provocando radiação e fluorescência. Cada molécula torna-se luminosa sob a influência de forte energia aplicada de maneira adequada e por isso a estrutura atômica de uma substância pode ser determinada por meio de seu respectivo espectro fluorescente. As manchas revelaram significativa quantidade de ferro, componente característico do sangue. A presença do ferro foi suficiente para que o químico americano dr. Walter McCrone declarasse perante a imprensa mundial, durante o Encontro Anual da Associação Americana para o Progresso da Ciência, que o Sudário de Turim não era autêntico, porque, de acordo com sua interpretação, o ferro encontrado nas manchas era uma indicação de que se usara tinta contendo óxido de ferro. Mas ele se esqueceu que tintas à base de óxido de ferro não eram conhecidas antes do século 14 d.C, e além do mais nunca vira o sudário pessoalmente. Essa opinião precipitada foi refutada pelo resultado de uma experiência diferente, em que partículas do sudário foram tratadas com hidrazina e vapor de ácido fórmico e a seguir expostas a raios ultravioletas. Nessas condições, moléculas de porfirina assumem cor vermelho forte. A porfirina resulta de um estágio do complexo heme e é sinal evidente da presença de sangue, mesmo que o próprio complexo tenha sido destruído pela ação de forte calor. Este método de fotografia fluorescente à base de raios ultra-violetas revelou, a seguir, a existência de dois tipos diferentes de restauração nos locais atingidos pelo fogo. Em 1532, o sudário sofreu a ação do calor do incêndio ocorrido na capela do Palácio de Chambéry.

A fluorescência avermelhada nas partes chamuscadas comprova a escassez de oxigênio, outros sinais de chamuscaduras demonstram uma fluorescência de coloração diferente, sugerindo uma segunda exposição ao fogo, e desta vez uma exposição direta ("a hipótese radioativa" de McCrone pode ser facilmente descartada diante desta prova).

Muitos sindonologistas achavam que a imagem estampada no sudário resultara de uma espécie de radiação sobrenatural; o corpo de Jesus, quando envolvido no lençol, teria irradiado uma energia extraordinariamente intensa, que, com seu calor, estampou a impressão de todo o corpo no tecido. A ausência de brilho nos contornos do corpo exclui a teoria de radiação de calor; e, mais ainda, qualquer tipo de radiação de alta energia teria queimado diretamente a camada mais exposta do tecido e, no entanto, a imagem só é visível na superfície do sudário. Como então se produziu a imagem?

Depois da descoberta de Secondo Pia, em 1898, do fenômeno positivo-negativo, surgiu um número impressionante de teorias mais ou menos fantásticas em resposta a essa questão. Experiências têm provado que existem meios bem simples, lógicos e naturais de obter uma impressão como a do sudário de Turim. Os resultados de testes efetuados por cientistas americanos mostra-ram que a causa dos diferentes tons na coloração sépia da imagem foi uma alteração na estrutura química da celulose do linho. Em laboratório, foi possível criar as mesmas diferenças de coloração decompondo-se a celulose do linho através de vários agentes oxidantes. Imagens oxidadas vão se tornando com o tempo cada vez mais distintas.

Em 1924, o biólogo francês professor Paul Vignon alcançou grande sucesso com suas experiências sobre a "teoria vaporográfica". Vignon provou que um corpo suado, ao ser depositado sobre um lençol de linho embebido em uma mistura de óleo fino e tintura de aloés (*aloé medicinalis*) produz a mesma coloração que se vê no sudário, devido à decomposição de elementos químicos do suor, que, libertando vapores de amônia, acaba provocando um processo de oxidação na celulose. A coloração apresenta-se mais forte nos pontos de contato entre o corpo e o linho, e mais fraca quando este contato é menor (o que explica por que a impressão se assemelha a um negativo fotográfico). Vignon explicou que a impressão sobre o linho é, antes de mais nada, causada pelo vapor de amônia, resultante da perda de ácido úrico e de compostos de enxofre. A solução de aloés e mirra, absorvida pelo linho, reage em presença dos vapores de amônia e segue-se, daí, a formação de carbonato de amônia, cujos vapores colorem as fibras do tecido"com a ajuda da atmosfera úmida que se forma entre a pele e o linho. Isto acontece de acordo com a proximidade entre o corpo e o linho. A cor das manchas de sangue, um pouco mais escuras, resultou de uma mais forte reação química, O

evangelho de São João menciona que durante os preparativos para o sepultamento de Jesus, foi usada uma grande quantidade de aloés. "...Ele veio e retirou o corpo de Jesus. E veio também Nicodemus, aquele que procurava Jesus à noite, trazendo cerca de cem libras de uma composição de mirra e de aloés. Tomaram então o corpo de Jesus e o envolveram em panos de linho com os aromas, como os judeus costumam sepultar." (João 19,38-40).

Embora convincentes, as experiências de Vignon, quando foram apresentadas em 1933, sofreram duras críticas, devido ao fato de que o sal e o calor necessários à evaporação e a formação de uma reação química não existiriam, na quantidade desejada, em um corpo morto. No entanto, ficou estabelecido que em condições de umidade misturas de aloés e mirra podem, efetivamente, criar uma impressão permanente de um corpo sobre um tecido. As experiências mostraram que o processo pode acontecer em apenas 45 segundos, produzindo uma leve impressão semelhante à imagem positiva de um negativo fotográfico.

Uma vez estabelecida a origem vaporográfica das impressões, imaginaríamos que não houvesse mais motivos para continuar as especulações nesse campo. Porém, a Igreja rejeitou três pontos dessa teoria:

a) De acordo com o ritual judeu, um corpo a ser sepultado tem que ser lavado e purificado, antes de ser embalsamado. As marcas de sangue, portanto, desapareceriam.

b) Se o corpo estivesse fortemente envolvido no lençol, de acordo com as normas prescritas, teriam surgido impressões falhas, distorcidas, alterando completamente a imagem. (Este argumento pode ser rejeitado sem maiores problemas, porque o linho endurece quando molhado, impedindo a formação de pregas ao redor do corpo, pois apenas o tocaria em algumas partes mais proeminentes.)

c) Cadáveres não suam, nem emitem calor — esse argumento arrasou a teoria de Vignon, resultado de 46 anos de pesquisa. Claro, cadáveres não suam, mas, se Jesus estivesse ainda vivo, a febre provocada por seus ferimentos o faria suar, de maneira profusa!

Ele Não Morreu na Cruz!

A história nos conta que a sentença de morte nos tribunais romanos se consubstanciava nas palavras *ibis and cruce*, que significam "subirá a cruz". A crucificação era a forma mais ignominiosa e brutal de morrer. Essa pena não era aplicada a cidadãos romanos, mas, nos países dominados, era a maneira popular de converter um povo rebelde em súditos pacíficos e obedientes ao jugo romano. A prática da crucificação era desconhecida entre os judeus; em caso de pena de morte usavam a lapidação, decapitação, estrangulamento e fogueira. Porém, segundo a lei mosaica, um blasfemo, quando já estava quase morto, podia ser pendurado a uma árvore, "pois aquele que é suspenso é um maldito por Deus" (Deuteronômio 21,23). A crucificação não podia, nunca, ocorrer no sábado. Entre judeus, o sábado tem início na tarde do Dia de Preparação, que foi o dia da crucificação.

Os romanos, para evitar problemas, costumavam tolerar, na medida do possível, os usos e costumes religiosos judeus, e foi por isso que a execução foi realizada às pressas, para que terminasse antes do cair da tarde. Para intimidar outros rebeldes e agitadores, era sempre angustiante, dolorosa e prolongada.

Se todo o peso do corpo da vítima fosse suportado apenas pelos pulsos, a morte sobreviria após cinco ou seis horas de gradual sufocação e não de perda de sangue, pois nessa posição a respiração torna-se tão difícil que o corpo não receberia oxigênio suficiente para sobreviver. A fim de evitar uma morte rápida, assentavam os pés do condenado numa espécie de suporte horizontal à cruz, para que ele pudesse sustentar seu corpo, enquanto agüentasse. Os ferimentos nos pés da vítima do sudário não provam que tivesse tido um tal apoio; mas o cravo, por si, teria sido suficiente para evitar a asfixia. Na arte ortodoxa grega, o crucifixo apresenta sempre um apoio para o pé. Muitas vezes, um pequeno assento de madeira era colocado atrás do condenado para diminuir a dor mas também para prolongar a agonia. Séneca, o filósofo da corte de Nero, escreveu em uma de suas cartas: "A vida dos condenados a esse tipo de morte se esvai gota a gota" [*Epistulae* 101,14].

Segundo os evangelhos, Jesus foi pregado à cruz na "sexta hora ou meio-dia, e morreu na "nona hora", ou três da tarde. Ao anoitecer (o evangelho de São Lucas faz notar que uma estrela tripla anunciava o começo do sábado), às seis horas da tarde, o corpo, considerado morto, foi retirado da cruz. Se a narração dos evangelhos estiver correta, Jesus estaria "morto" há, pelo menos, três horas.

Era costume colocar sob os pés dos crucificados o nome e o motivo da condenação, para conhecimento de todos. Segundo a tradição, no caso de Jesus a tabuleta dizia em latim, grego e aramaico que se tratava de "Jesus, nazareno, rei dos judeus". As representações artísticas da crucificação mostram apenas uma abreviatura do texto latino "Jesus, Nazarenos, Rex Iudaeorum", INRI. Evidentemente uma das acusações contra Jesus residia no fato de ele ser um nazareno!

Parece ainda menos provável que Jesus tivesse morrido após três horas, porque o Nazareno (ao contrário dos essênios) não era um asceta. (Cf. Mateus 11,19: "Veio o Filho do Homem que come e bebe, e dizem: 'Eis aí um glutão e bebedor de vinho...' ".) Jesus dificilmente poderia ser descrito como uma pessoa magra e fraca, pois pesava 79 quilos.

A morte dos outros dois homens crucificados com Jesus é expressivamente descrita no evangelho de São João: "Como era a Preparação, os judeus, para que os corpos não ficassem na cruz durante o sábado — porque esse sábado era um grande dia! —, pediram a Pilatos que lhes quebrassem as pernas e fossem retirados. Vieram pois os soldados e quebraram as pernas do primeiro e depois do outro, que fora crucificado com ele" (João 19,31-32). O texto dá a entender que os dois "ladrões" morreram asfixiados dentro de poucas horas, por não poderem se sustentar, devido às pernas quebradas. "Chegando a Jesus, e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas..." (João 19,33).

A razão para a morte aparente de Jesus pode ser encontrada um pouco antes, nos versículos 27 e 30: "Estava ali um vaso cheio de vinagre. Fixando, então, uma esponja cheia de vinagre num ramo de hissopo, levaram-na à sua boca. Quando Jesus tomou o vinagre, disse: 'Está consumado!' E, inclinando a cabeça, entregou o espírito".

Resta saber se foi o vinagre que levou Jesus a entregar imediatamente o espírito; ou se foi uma outra substância qualquer. O vinagre tem o mesmo efeito estimulante temporário que os sais aromáticos e era muito usado para reanimar os condenados às galés, e para dar energia aos feridos. Com Jesus, deu-se justamente o contrário: assim que aspirou ou experimentou o "vinagre", pronunciou suas últimas palavras e entregou o espírito. Esta reação é inexplicável, em termos fisiológicos.

Era comum entre os judeus dar a um homem condenado à morte vinho temperado com mirra ou incenso, a fim de amenizar-lhe a dor com o efeito narcótico dessas substâncias. No Talmud dos judeus, encontramos a seguinte passagem: "Aquele que caminhava para a execução recebeu um

copo de vinho, com um pequeno pedaço de incenso, para que ficasse inconsciente". (Sanh. 43a). Os soldados romanos toleravam o uso de bebidas narcóticas, e foi um deles que ajudou a dar a bebida a Jesus (cf. Mateus 27,48; Marcos 15,36; Lucas 23,36; João 19,29). Porém, todos os evangelhos falam em *vinagre* e não em vinho. A palavra latina para vinagre é *acetum*, que vem de *acidus*, e significa ácido, azedo, e de *acere*, ser ácido, ser azedo.

Existe ainda uma outra interpretação. O culto persa de Mitras incluía o "sacrifício de Haoma", semelhante à sagrada comunhão dos cristãos. O professor Seydel escreve: "O ritual do sacrifício de Haoma era idêntico aos usuais sacrifícios persas pelos mortos. Pequenas hóstias, do tamanho de uma moeda, eram oferecidas e consumidas juntamente com a bebida de Haoma. Haoma era, originalmente, o suco extraído da planta do soma, *asclepias acida*, com a qual os arianos védicos aspergiam o fogo sacrificial. Era considerada símbolo da vida divina, uma bebida dos deuses e a bebida da imortalidade..."¹² Na Índia a sagrada bebida do soma permitia que as pessoas familiarizadas com a droga ficassem aparentemente mortas por vários dias, despertando depois em um estado de euforia que durava também vários dias. Em tal estado de êxtase religioso, podia manifestar-se uma consciência mais elevada, dotada de novos poderes de percepção. A *asclepias acida* e possivelmente o cânhamo [*cannabis indica*), além de outras ervas, eram usadas para preparar o soma (semelhante à conhecida receita da bebida de Zaratustra). Uma ilustração da planta indiana aparece junto aos sepulcros dos primeiros cristãos nas catacumbas de Roma. A planta é a *asclepias acida*, uma variedade que produz frutos alongados, e que não é encontrada em nenhum lugar da Europa.

A variedade européia da *asclepias acida* chama-se Celidônia ou erva-andorinha, em latim *vincetoxicum hirundinaria*. *Hirundinaria* significa erva-andorinha e *vincetoxicum* significa vença o veneno (em latim *vince* é uma forma imperativa do verbo vencer e *toxicum* é uma palavra grega que significa veneno), e portanto é o nome de um remédio contra veneno. Claro que, para usar essas plantas corretamente, é preciso saber preparar a poção. Os essênios eram conhecidos como mestres na arte de curar. Uma dose muito forte daquele veneno poria em risco a vida de Jesus. Dioskurides, médico e farmacologista grego do século I d.C, em sua obra intitulada *Matéria Medica*, chamou a planta de "sufoca cão", e escreveu que as folhas, misturadas com carne, podem matar cachorros, lobos e raposas (Mat. Med. 4,80). O veneno poderia ainda ser empregado como

antídoto contra mordidas de animais venenosos (Mat. Med. 3,92). Em um livro de botânica publicado em 1563 (Mattioli, página 337) lemos: "Esta é uma raiz esplêndida contra todos os venenos, e é por isso que é chamada de *vincetoxicum* em latim, isto é, vencedora de todos os venenos. É usada contra a peste e, tomada com vinho, faz suar muito". Muito suor e boca seca ("Tenho sede", João 19,28) são sintomas típicos de envenenamento. Na Suíça, em Zermatt e em Wallis, a Celidônia é conhecida como "erva mestra"; na Áustria, em Linz e no Tirol, como "erva judia", em Caríntia, como "erva cruz branca". Talvez todos esses nomes tragam antigas reminiscências das extraordinárias qualidades da planta.

Tal poção mágica, que provoca em seres vivos um estado cataléptico semelhante à morte, não é absolutamente desconhecida, pois aparece descrita em vários textos literários. O exemplo mais conhecido é aquele de Romeu e Julieta.



A erva-andorinha/Soma/Celidônia (*Asclepias acida*).

Esta morte aparente é um estado de coma semelhante a um sono profundo, em que todos os sinais vitais, como respiração, batidas cardíacas e pulsação, tornam-se imperceptíveis.

A hipótese de que Jesus somente aparentasse estar morto quando "entregou o espírito" foi muitas vezes levantada, mas como a ressurreição nunca foi provada com certeza, Paulo aproveitou-se disso para formular a doutrina pagã da redenção sacrificial, que prometia a salvação através da morte e derramamento de sangue. O sacrifício de Jesus foi sempre apresentado como voluntário, mas, na verdade, os evangelhos demonstram várias vezes que Jesus tinha medo da morte. Na expectativa do que poderia acontecer, Jesus reza no Getsêmani com as seguintes palavras: "Abba, Pai, tudo é possível para ti; afasta de mim este cálice; porém, não se faça o que eu quero, mas o que tu queres" (Marcos 14,36;

Mateus 26,29; Lucas 22,42). "E, estando em agonia, orava com mais insistência ainda e o suor se lhe tornou semelhante a espessas gotas de sangue que caíam por terra" (Lucas 22,44). Um mártir preparado para oferecer sua vida em sacrifício encararia a morte com mais serenidade. No entanto, o apelo final de Jesus — "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" — é prova suficiente de que a crucificação estava longe de representar a realização de seus desejos. Os acontecimentos posteriores irão provar que Jesus não estava tão abandonado, como sua queixa dá a entender. Os três evangelhos sinóticos narram que Jesus, antes de entregar o espírito, deu um grande brado. Ora, é impossível que uma pessoa consiga gritar em estado de absoluta exaustão ou prestes a morrer por asfixia — que foi, na opinião da grande maioria de médicos, a *causa mortis* de Jesus.

Mas voltemos ao sudário, que é um argumento mais tangível que este, pois pode iluminar estas questões históricas 2 000 anos após terem ocorrido. O historiador Wilson finalizou sua obra sobre o sudário de Turim (publicada em 1978) com a seguinte frase: "...não podemos deixar de acreditar que o sudário ainda tem um papel a desempenhar e muito em breve".¹³

Uma inspeção mais acurada da figura do sudário nos revela certos aspectos que exigem um novo enfoque histórico. Um deles, como vimos, é a presença de manchas de sangue no linho; se Jesus tivesse sido enterrado de acordo com o rito judeu, o "cadáver" certamente teria sido, antes de mais nada, lavado com água quente. Em seguida viria a unção com unguento e bálsamo, o fechamento das feridas para retardar o processo de decomposição e finalmente o corpo nu seria vestido. Uma explicação para

tal negligência seria a proximidade do sábado e a proibição da lei de prosseguir com os ritos fúnebres. Porém tal argumento é inválido pois a Mishná, no Tratado sobre o Sábado (XX 111,5), declara expressamente que era permitido fazer "tudo que fosse necessário" pelos mortos mesmo em dia de sábado. É evidente que as pessoas envolvidas no enterro de Jesus não seguiram absolutamente as normas fúnebres judaicas.

A posição peculiar do corpo estampado no sudário dá margem a muita especulação. Em um livro que nega a autenticidade do sudário de Turim, Joseph Blinzler comentou: "...é quase inconcebível que os discípulos, ao enterrarem o Messias, tenham colocado as mãos em uma posição tão desusada e pouco prática, como aquela que se vê no sudário".¹⁴ Duas objeções podem ser apresentadas a Blinzler. Primeira: não existe prova concreta de que os discípulos tenham comparecido ao sepultamento; segunda: a posição do corpo de Jesus é exatamente a dos esqueletos descobertos no cemitério essênico de Qumran, ao lado do Mar Morto. "A posição dos mortos nos sepulcros é, geralmente, a mesma... Via de regra, podemos observar que o corpo está deitado de costas, com a cabeça voltada ao lado do corpo."¹⁵

Supõe-se que Jesus tenha permanecido morto na cruz por três horas. As conseqüências deste fato podem ser descritas com precisão absoluta. Segundo recentes pesquisas em tanatologia (a ciência da morte), trinta minutos após a morte inicia-se um processo de enrijecimento dos músculos (*rigor mortis*), que pode durar de três a seis horas, dependendo da temperatura local; com o calor o processo é acelerado. O *rigor mortis* é causado por um complexo processo bioquímico e, sobretudo, pelo declínio no nível de ATP (trifosfato de adenosina), ao cessarem as batidas cardíacas. Conseqüentemente, todos os músculos que recobrem o esqueleto enrijecem de acordo com a posição do corpo, que só pode ser alterada quatro ou sete dias mais tarde. Experiências com animais têm demonstrado que o *rigor mortis* pode ocorrer poucos segundos após uma morte por envenenamento. Logo após o último suspiro, os animais já se apresentaram completamente rígidos.

Quando Jesus crucificado perdeu a consciência, seu corpo, embora sustentado pelos cravos que lhe traspassavam os pés, pendeu, de forma que suas pernas se dobraram sensivelmente. A partir de então, todo o peso do corpo de Jesus foi sustentado pelos cravos nos pulsos. A cabeça pendeu e o queixo encostou-se-lhe ao peito. Transcorridas de três a quatro horas, seu

corpo deveria normalmente ter enrijecido. Se porém observarmos a imagem estampada no sudário, notaremos que as costas, a cabeça, e as pernas do "cadáver", se ajustam perfeitamente à superfície plana do lençol (*ver ilustração*).



A posição em que Jesus jazia sob o linho. A frente e os pulsos são as partes mais altas do corpo. As pernas encostam diretamente na superfície do sudário.

O mesmo acontece com os braços; os braços de Jesus teriam uma tendência natural a voltar à posição que mantivera quando crucificado. Alguns sindonologistas sugeriram que os braços pudessem ter sido atados pelos pulsos. Se isso tivesse ocorrido, o sangramento dos pulsos teria sido coberto pela atadura. No entanto, o sangue pode ser claramente visto. Monsenhor Giulio Ricci, membro do Centro Romano de Sindonologia, apresentou uma solução semelhante para o problema, ao sugerir que o sudário tivesse sido amarrado ao redor do corpo rígido e deformado, por meio de ataduras¹⁶. Tal solução peca pela lógica: a impressão deixada no lençol mostra, sem sombra de dúvida, que o lençol **foi** simplesmente estendido por cima e por baixo do corpo de Jesus, caso contrário a figura do sudário seria extremamente distorcida. O fato de Jesus não estar enrijecido, ao ser retirado da cruz, é prova suficiente de que não estava morto.

Provas ainda mais convincentes podem ser vistas nas manchas de sangue, visíveis no lençol. Na síndone podemos reconhecer, com clareza, dois tipos distintos de sangramento: um coagulado, que fluiu durante a crucificação; e outro que ocorreu quando Jesus foi colocado sobre o lençol, em posição horizontal.

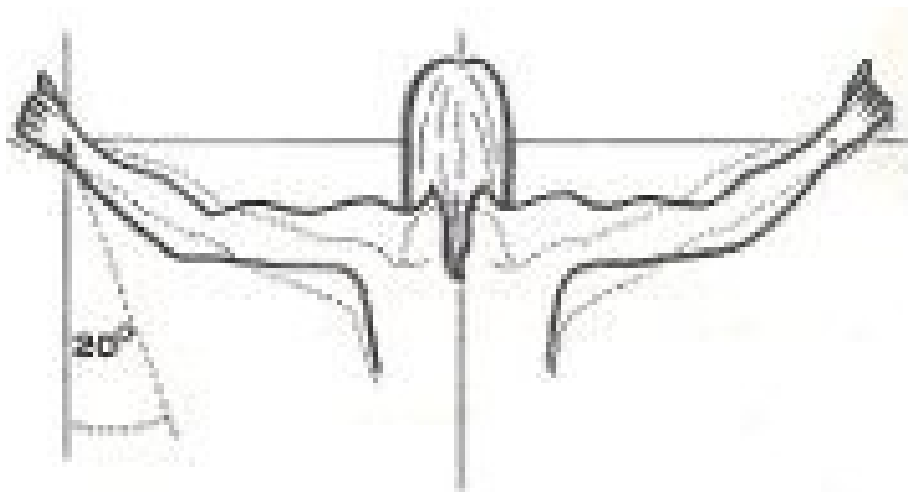
Examinamos, antes, o sangramento da cabeça. A coroa de espinhos deixou poucos mas profundos sinais no couro cabeludo. Enquanto a coroa de espinhos se manteve na cabeça, os pequenos ferimentos de 1 a 2 cm de diâmetro coagularam imediatamente, formando crostas entre os cabelos, como pode ser observado pelas marcas no sudário. A imagem impressa mostra, porém, inúmeros traços de sangue seco espalhados em diversas direções. Este sangue, obviamente, manchou o sudário somente após a remoção da coroa de espinhos, um pouco antes de o corpo ser colocado sobre o lençol. O couro cabeludo é irrigado por vasos sanguíneos muito finos, alimentados por sangue fornecido pelo sistema circulatório. Se o coração pára, o sangue se retira lentamente dos vasos capilares existentes logo abaixo da epiderme, porque, devido à pressão negativa na circulação, não ultrapassa o nível do coração. E nesse momento que o rosto se torna pálido. Ocorrendo a morte, o sangue não tem condições de deixar os pequenos vasos capilares, devido ao processo de coagulação que se instaura.

Se observarmos a imagem de Jesus, vista de frente, notaremos em sua frente traços de sangue que pendem mais para um lado. Esta configuração especial só pode resultar de uma ligeira inclinação da cabeça, quando, por exemplo, ela é colocada sobre uma pequena almofada. O sangue viscoso deslizou pela testa de Jesus, fixou-se em uma primeira ruga, de onde passou a uma segunda, a medida que continuava a fluir. O ferimento da frente, também causado pelos espinhos da coroa, situava-se, naturalmente, na parte mais alta do corpo. Mesmo que haja condições de o sangue escorrer de ferimentos mais profundos em um cadáver, jamais partiria da parte mais alta do corpo. Isso só é possível em caso de circulação ativa.

As mãos, unidas sobre o abdome, estão em uma posição quase tão alta quanto a da cabeça. Nesse lugar temos uma prova impressionante de que o lençol foi manchado tanto por sangue vivo como por sangue coagulado. No pulso nota-se a presença de tres gotas de sangue (*ver ilustração*) que se espalharam em várias direções. Uma simples medida angular nos permite compreender o fenômeno. A mão esquerda repousa sobre a direita, cobrindo a ferida aberta pelo cravo, e esta é a razão pela qual o cálculo só se refere às feridas visíveis da mão esquerda. Parte do sangue penetrou por entre os músculos retesados do antebraço, para finalmente cair, em função da lei da gravidade. As linhas delgadas de sangue coagulado correm quase em paralelo, e isto nos permite calcular o ângulo dos braços em relação à trave horizontal da cruz: cerca de 25°. Dois traços de sangue correm

verticalmente, isto é, caem diretamente dos ferimentos das mãos e estão a uma distância de 20° entre si, e isto indica os diferentes ângulos do antebraço, de um lado com o corpo em posição ereta, e de outro em posição inclinada (*ver ilustração*).

E muito estranho constatar que nenhum dos renomados sindonologistas tenha mencionado um terceiro traço de sangue bastante visível¹⁷. Apesar deste terceiro traço poder ser percebido por todos, ele foi simplesmente ignorado! A razão é a seguinte: este terceiro traço prova, pela sua forma e direção, que se trata de um sangramento que só podia ter ocorrido após a remoção do cravo. O sangue, desta vez, espalhou-se ao redor da mão, que se encontrava em posição horizontal.



Devido à exaustão, o corpo vergou e o sangue escorreu das feridas, abertas pelo cravo, em duas direções, separadas por um ângulo de 20 graus.



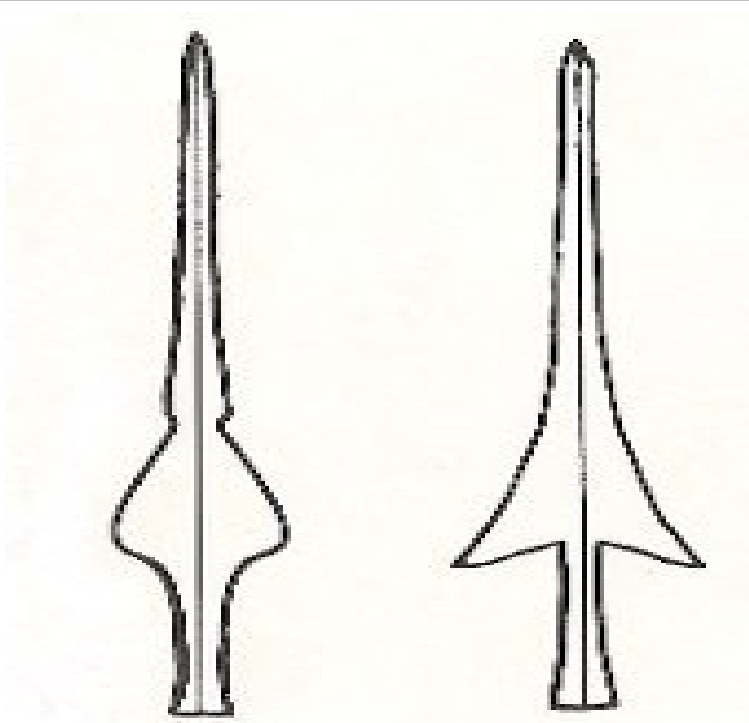
Nota-se, também, que os limites deste terceiro traço são menores que aquele dos dois anteriores, especialmente em relação ao primeiro. Podemos concluir que os dois primeiros traços estavam já secos quando o corpo foi depositado sobre o lençol e que amoleceram em contato com o aloés, ao passo que o terceiro traço acusa a existência de anéis de soro sanguíneo, só produzidos em presença da fibrina, que é um componente de sangue vivo. O sangue coagulado não apresenta estes anéis, e sim uma marca com contornos precisos. Também o sangue que, em circunstâncias especiais, pode correr de um cadáver não contém fibrina ativa. A possibilidade deste tipo de sangramento deve ser totalmente descartada, pois que a mão estava colocada sobre o corpo; somente a circulação ativa, capaz de vencer a lei da gravidade, poderia permitir que o sangue escorresse de uma ferida em tal posição.

No sudário, o braço direito parece um pouco mais longo que o esquerdo. Esta pequena distorção demonstra que o linho não foi apenas estendido sobre o corpo, mas levemente dobrado e premido sobre ele. Não fosse assim, não teria sido possível ver a ferida aberta no flanco e que está bem visível no sudário. No evangelho de São João, ela é atribuída à lança de um soldado: "Mas um dos soldados lhe abriu o lado com uma lança e, imediatamente, saiu sangue e água" (João 19,34). É importante notar que o golpe desferido pelo soldado foi descrito de modo diferente em traduções feitas a partir do original grego. Até os tradutores da Vulgata interpretaram mal o texto, porque, o verbo grego

vuosiv designa simplesmente uma arranhadura, ou escoriação superficial, e não um golpe violento e muito menos um ferimento profundo. A chaga aberta no flanco, com 4,5 cm extensão, dá uma idéia de como ocorreu o ferimento. A lança usada pelos romanos naquele tempo era geralmente a "hasta" ou "pilum", com uma lâmina fina de 25 a 40 cm, alargando-se na base junto à empunhadura (*ver ilustração*). Esse tipo de lança, parecida com um estilete, podia muito bem infligir um golpe de menor gravidade, somente para certificar-se de que a vítima da crucificação não tinha mais reação. Este sistema funcionava como uma certidão de óbito e é provável que tenha sido o centurião mencionado no evangelho quem se encarregou de realizar o teste. Se o golpe fatal tivesse sido desferido por um soldado treinado, ele não iria atingir o coração de Jesus pela direita, mas diretamente pela esquerda.



Os exegetas propuseram uma série de explicações para a presença do "sangue e água" que, segundo o evangelho de São João, jorrou da ferida. A água pode muito bem ser soro sanguíneo,



As lanças usadas pelos romanos, no tempo de Jesus, apresentavam geralmente este formato.



O Buda Maitreya (aquele que há de vir) delimita a fronteira religiosa entre a Caxemira muçulmana e o Ladakh budista.



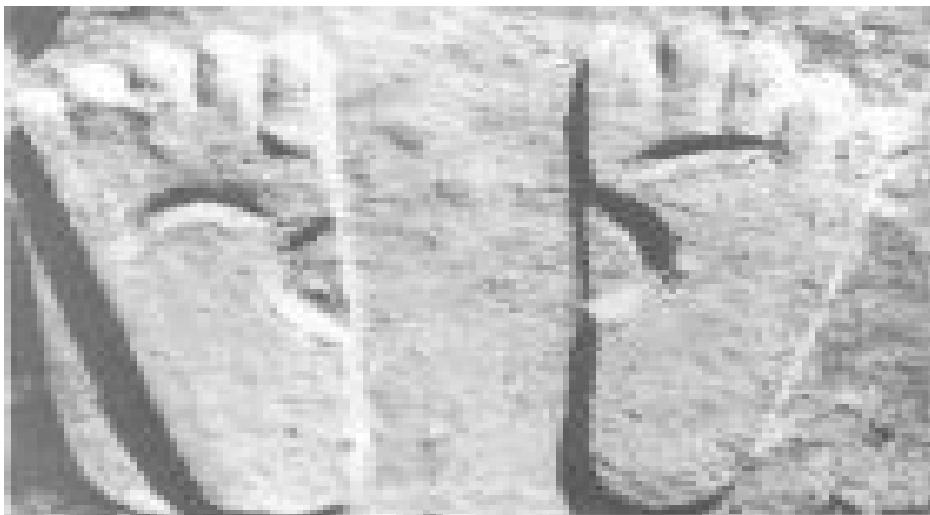
O pequeno rio Sindh, que banha o vale de Caxemira, ao fundo

Abaixo: O templo do sol de Martand (65 quilômetros a sudeste de Srinagar), um típico templo judeu em Caxemira. Seria este o templo mencionado por Ezequiel?





Um Bodhisattva, representado como o bom pastor.



Acima: Molde em relevo das pegadas do profeta Yuz Asaf / Jesus, onde se vê claramente a intenção do escultor: as marcas da crucificação são ilustradas com semicírculos, logo abaixo dos dedos.

Abaixo: Nesta construção, chamada "Rozabal" (= sepultura do profeta) encontra-se o lugar onde Yuz Asaf (= Jesus) está enterrado, no centro da cidade antiga de Srinagar.



que se formou no início da decomposição do sangue; no entanto, esta decomposição só se inicia seis horas após a morte da vítima.

Outra possibilidade é que se trate de fluido edêmico, que se localiza entre o pulmão e a pleura que o reveste. Esta teoria pode também ser esquecida porque, se o peito tivesse sido trans-passado, os pulmões entrariam imediatamente em colapso, criando um vácuo parcial que impediria a vazão de qualquer tipo de líquido. Uma terceira possibilidade é que a água pudesse provir do saco pericárdico quando o coração foi ferido pela lâmina. Estes dois últimos casos implicam que Jesus estivesse muito doente antes de ser martirizado, pois, de outra forma, essa água não se formaria.

Na verdade, os vocábulos "sangue e água" constituem uma expressão idiomática usada para enfatizar o acontecimento. Quando se diz que alguém suou sangue e água, não significa que realmente saiu sangue dos poros. A testemunha ocular, conhecida pelo seu depoimento sobre a crucificação, externou seu espanto diante da grande quantidade de sangue derramada. No começo do século 2 d.C, o autor do evangelho de São João nos fala de uma testemunha desconhecida que estava presente à crucificação: "E aquele que viu, deu testemunho disso e o seu testemunho é verdadeiro" (João 19,35). De fato, da ferida aberta no flanco do "falecido" deve ter corrido muito sangue, como podemos notar com clareza pelas manchas correspondentes no sudário. O sangue da ferida, mesmo após o sepultamento, empoçou-se entre as costas e as nádegas.

Porém, o maior sangramento aconteceu nas feridas dos pés. O sangue que saiu da ferida passou para o calcanhar, correndo em seguida para a direita (*ver ilustração*). O curso do sangue, com 17 cm de comprimento, foi interrompido por uma dobra do lençol, mas em seguida continuou a correr para a direita. Porém, o sangue de um cadáver morto há várias horas não se comporta dessa maneira. O coração e a circulação deveriam estar em per-



Os traços de sangue no pé mostram claramente que o sangue correu em diversas direções sobre a superfície do linho, depois que o corpo foi reterado da cruz.

feitas condições de funcionamento, mesmo que a respiração não fosse perceptível.

Os traços de sangue, que aparecem em "positivo" sobre o pano, mostram, sem sombra de dúvida, que o sangue só entrou em contato com o sudário após o sepultamento. Mas como o linho foi mergulhado em aloés, uma substância resinosa, o sangue não penetrou o tecido, espalhando-se por sua superfície. No processo subsequente de coagulação, os componentes sólidos do sangue se fixaram dentro de uma orla de soro sanguíneo claro. Isto pode ser facilmente observado em uma lâmina de vidro. O soro envolve as partículas sanguíneas, como uma auréola.

O sangue coagulado do corpo, umedecido em contato com

o aloés, deixou uma impressão completamente diferente. Neste caso, não se observou a auréola característica do soro. Isto ficou bem claro em fotografias com luz ultravioleta, luz Wood e luz transparente, processadas eletronicamente. A ação da fibrina deixou um forte contorno ao redor das manchas de sangue.

Todas as provas que aqui apresentei foram extraídas de numerosos artigos científicos sobre o sudário de Turim. O que fiz foi tirar novas conclusões derivadas de pesquisas realizadas por mais de oito anos. O resultado, a princípio, parece um tanto perturbador, mas devo dizer que foram conclusões lógicas, que questionam várias afirmações, sobretudo aquelas em torno da ressurreição. Até hoje os médicos têm dificuldade em estabelecer o momento exato da morte clínica. O uso de drogas, por exemplo, pode ocasionar um estado de coma profundo, capaz de induzir a falso diagnóstico. Um método muito conhecido para determinar efetivamente a morte consiste em fazer uma pequena incisão no pulso e no calcanhar. Se correr sangue arterial, é sinal de que o sistema circulatório ainda funciona. Cadáveres não sangram! No caso de Jesus, 28 ferimentos continuaram a sangrar, após ele ter descido da cruz. Podemos portanto inferir que Jesus, ao ser colocado no sepulcro, não poderia, absolutamente, estar morto.

A Ressurreição na Perspectiva Histórica

Durante a crucificação e sepultura de Jesus, foram envolvidas muitas pessoas que ainda não pertenciam à Nova Aliança. O centurião que deu a Jesus a poção que traria tantas conseqüências, o soldado que abriu o lado de Jesus com a lança para confirmar sua morte, o centurião que pronunciou as seguintes palavras: "De fato, este era o Filho de Deus" (Mateus 27,54; Marcos 15,39; Lucas 23,47) parecem ser uma única pessoa. Na obra apócrifa intitulada *Atos de Pilatos*, ele é apresentado como sendo Longinus, um capitão encarregado de supervisionar as crucificações. Uma lenda grega chamada *Martírio de Longinus* o descreve como o capitão do Gólgota, oriundo de Sandrales, ou Sandiale, na Capadócia, que também comandou os soldados junto ao sepulcro. Após a ressurreição, Longinus recebeu de presente o valioso sudário (ver página 153); mais tarde, de acordo com o texto legado por Gregório de Nissa, ele seria sagrado bispo de Capadócia. Essa mudança radical — de presumido inimigo mortal de

Jesus a bispo cristão — nos leva a crer que o centurião tivesse tido algum tipo de contato com Jesus e seus discípulos, antes da crucificação.

Se aceitarmos a premissa de que a crucificação teve lugar sob a supervisão de um oficial romano que, embora responsável por todos os soldados presentes, alimentava sentimentos favoráveis a Jesus, poderemos explicar os eventos misteriosos que a cercaram, eventos que dessa forma não podem mais ser tachados de produtos de uma imaginação criativa.

Jesus foi removido da cruz e o sepultamento ocorreu sob os auspícios de um muito próspero, distinto e influente mercador de nome José de Arimatéia. Como membro e conselheiro do sinédrio, em vão havia votado contra a condenação de Jesus (ver página 146). O que naquela ocasião não conseguira, por causa do imenso poder político contrário, o podia agora, com seu dinheiro e influência pessoal. Foi ele quem pediu a Pilatos o corpo de Jesus, quem comprou o linho, pagando por ele um alto preço, e quem se encarregou de levar Jesus, em estado de coma, para seu novo sepulcro, escavado numa rocha, nas proximidades do Gólgota. Mais tarde José de Arimatéia acabou sendo canonizado e a Igreja Católica Apostólica Romana o reverencia no dia 17 de março. O evangelho apócrifo de Nicodemos relata que Jose de Arimatéia foi mais tarde libertado de uma prisão judia pelo próprio Jesus (Evang. Nic. 12,15). Nicodemos era amigo de José de Arimatéia, ajudou no enterro de Jesus e foi quem obteve a mistura de aproximadamente 50 quilos de mirra e aloés. O mesmo Nicodemos que é apenas mencionado no evangelho de São João era um escriba fariseu, membro do sinédrio (João 3,1-10) e tinha sido instruído em uma noite por Jesus (João 3,2-12). Ele também defendeu a inocência do Nazareno diante do sinédrio (João 7,50).

Parece estranho que dois membros da Suprema Corte judaica tenham se dado ao trabalho de reclamar o corpo de Jesus, dever que competia, em última análise, a seus parentes mais próximos. E por que não compareceram os discípulos? No evangelho de São Pedro, que só em parte chegou até nós, podemos encontrar uma resposta: "Eu (Pedro) e meus companheiros, penalizados, procuramos um esconderijo, por estarmos sendo acusados de malfeitores e de querer incendiar o templo. Jejuamos todo o tempo, enlutados e chorando dia e noite até o sábado".¹⁸ Os outros "simpatizantes" de Jesus também não ousaram se aproximar da cruz, preferindo observar os acontecimentos a distância.

Se partirmos do pressuposto de que José de Arimatéia e Nicodemos eram, em segredo, membros leigos da Ordem Essênica, seriam, logicamente, as

peessoas mais indicadas para a tarefa de tratar as feridas de Jesus. Como experientes curandeiros, os essênios estavam muito familiarizados com drogas exóticas e invulgares métodos de cura.

Até hoje, tanto a mirra como o aloés são considerados medicação eficaz no tratamento de feridas abertas. O evangelho de São João traz referência expressa ao aloés medicinal, obtido de uma planta de folhas largas, da família das liliáceas, e não ao tipo de aloés que é ralado para ser usado como pó de cheiro, chamado *ahalim* no Antigo Testamento. A resina do aloés medicinal era conhecida na Índia já no terceiro e no segundo milênio a.C. Segundo Dioscurides e Plínio, o Velho, muito do aloés consumido na Palestina era importado da Índia. Na Idade Média, o aloés foi introduzido na Europa como um unguento vulnerário, e continua a ser usado até hoje na medicina homeopática.

A mirra é também uma planta resinosa. Contém até 10% de óleo etérico. Ela continua a ser usada como uma tintura, à base de álcool, no tratamento de inflamações. A mais conhecida forma de mirra é a *bdellium*, extraída, na Índia, da planta *commiphora roxburghii*.

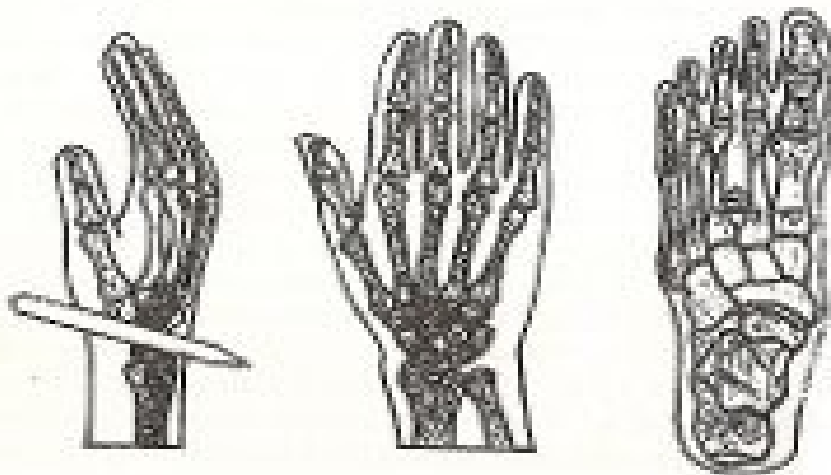
Para entender melhor as propriedades dessas substâncias, fiz algumas experiências com aloés e mirra e obtive algumas interessantes informações a respeito. A aloína, que entra na composição do aloés em uma proporção de até 25%, é sensível à luz e em contato com ela e com o ar, escurece. O aloés reage fortemente a outras substâncias. Descobri que não é fácil dissolver 5 g de resina de aloés em 15 cc de água. Deixei um pedaço dessa resina de molho em um copo de vidro grosseiro. Durante a noite, despertei com um forte ruído. O copo havia se despedaçado e os cacos estavam espalhados num circuito de quatro metros. Ninguém conseguiu explicar o fenômeno.

Em todo caso, esta reação violenta poderia sugerir que a impressão sobre o sudário resultaria de um processo de oxidação, após várias reações bioquímicas (*ver seção anterior*). Pude perceber também que uma peça de tecido mergulhada em aloés e mirra torna-se totalmente impregnada pela resina elástica. Tal impregnação impede qualquer outra absorção, e é por isso que a impressão do corpo e a maior parte dos coágulos de sangue podem ser vistos nitidamente sem terem sido absorvidos pelo lençol. Os produtos químicos reagiram somente na superfície do tecido. E por isso que as impressões se apresentam como um fenômeno de superfície. O sangue vivo, por não poder penetrar as fibras impermeabilizadas, coagulou sobre o sudário, formando círculos de soro secos quando Jesus desceu da

cruz. Mais ainda, a resina tinha transformado o lençol num material duro, quase semelhante a uma tábua. Foi graças a isso que foi possível conservar impressões claras e perfeitas do corpo no sudário.

O calor tem um efeito terapêutico no processo de cicatrização e ele poderia ter resultado da mistura de aloés e mirra (menos forte no sudário — pelas suas dimensões — que em um copo de vidro).

E claro que Jesus estava muito enfraquecido pelas torturas a que fora submetido. No entanto, apesar disso a perda de sangue fora relativamente pequena: pelos sinais encontrados no lençol, talvez tenha sido menos de um litro. Experiências cirúrgicas com cadáveres têm demonstrado que a crucificação por cravos não destrói nem os vasos sanguíneos mais importantes nem qualquer osso. O cravo foi introduzido entre oito ossos do pulso, afastando-os levemente. A perfuração do pé ocorreu no segundo metatarso, ferindo apenas a carne. Depois das feridas maiores terem se fechado, o homem vitimado precisaria apenas de paz e tranquilidade para se restabelecer, o que poderia ter sido conseguido através da bebida narcótica.



Nestes pontos os pregos foram cravados nos pulsos e pés de Jesus.
Nenhum osso ou artéria principal foi atingido.

Três dias mais tarde, algumas mulheres ousaram se aproximar da sepultura. O evangelho de São Marcos menciona Maria Madalena, Maria, mãe de Jacó, e Salomé, que traziam bálsamos para o corpo de Jesus. No evangelho de São Mateus, somente duas mulheres vieram ao túmulo e, segundo São João, apenas Maria Madalena. Porém, todos eles concordam em que o sepulcro estava vazio, e que se notava a presença de um ou mais homens vestidos de branco. Estes "anjos" poderiam muito bem ser membros da Ordem Essênica, que sempre se vestiam de branco (cf. página 117) e provavelmente os únicos inteirados de todo o mistério. Os próprios discípulos pareciam estar completamente perdidos diante dos acontecimentos quando se encontraram mais tarde com seu mestre.

Apesar das contradições e relatos inexplicáveis dos evangelhos sobre os acontecimentos que se seguiram à Paixão, inúmeras testemunhas dizem ter visto Jesus, em carne e osso, após a ressurreição. Maria Madalena, a princípio, pensou que ele era o jardineiro (João 20,14); dois discípulos o encontraram na estrada de Emaús (Marcos 16,9; Lucas 24,19), mas não reconheceram o Nazareno senão na hora da ceia, pela maneira como ele repartiu o pão: "E uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e distribuiu-o a eles. Então, seus olhos se abriram e o reconheceram..." (Lucas 24,30-31).

Toda a fase que se segue à ressurreição é obscura e confusa. Fala-se no transcurso de três dias entre a crucificação e o reaparecimento de Jesus. O número três, porém, é um número místico já presente em anteriores mitos de ressurreição. Talvez o tratamento de Jesus tenha levado mais tempo e assim ele teria se apresentado aos discípulos gradativamente. De qualquer maneira, os encontros parecem ter sido curtos e secretos; de fato não poderia se mostrar em público, caso contrário seria imediatamente preso (se bem que os maus-tratos, ou sua recuperação miraculosa, ou mesmo sua natureza divina, parecem ter-lhe alterado as feições, tanto assim que seus próprios amigos não o reconheceram).

Os discípulos, desalentados, haviam se afastado da vida religiosa e retornado às suas ocupações. Simão Pedro, Tomé, Natanael de Caná e os filhos de Zebedeu voltaram à pesca (João 21,2). O antigo zelo só ressurgiu quando Jesus lhes comunicou o desejo de encontrá-los na Galileia (Mateus 28,10). Porém, quando Jesus apresentou-se no meio deles, eles ficaram perturbados e assustados, pensando ver um espírito. "E ele lhes disse: 'Por

que estais perturbados e por que surgem tais dúvidas em vossos corações?
Vede minhas mãos e meus pés: sou eu! Apalpai e entendei

que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho'. Dizendo isto, mostrou-lhe as mãos e os pés. E como, por causa da alegria, não podiam acreditar ainda e permaneciam surpresos, disse-lhes: 'Tendes aqui alguma coisa que comer?' Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado e um favo de mel. Tomou-os, então, e comeu diante deles." (Lucas 24,38-43). Finalmente, Jesus convidou o "Incrédulo Tomé" a tocar-lhe as chagas, a fim de convencê-lo de sua existência física.

Jesus, entretanto, não podia mais pregar às multidões, pois seria imediatamente perseguido por seus inimigos. Não tinha outra escolha senão fugir aos perigos que corria. "Finalmente, ele se manifestou aos onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e a dureza de coração, por não darem crédito aos que o tinham visto ressuscitado. E disse-lhes: 'Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado. Estes são os sinais que acompanharão aos que tiverem crido: expulsarão os demônios em meu nome, falarão em novas línguas, pegarão em serpentes, e, se beberem qualquer veneno mortífero, nada sofrerão; imporão as mãos sobre os enfermos, e estes ficarão curados.'" (Marcos 16,14-18).

"Depois levou-os para Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os. E, enquanto os abençoava, distanciou-se deles e foi elevado aos céus. Eles se prostraram diante dele e voltaram a Jerusalém com grande alegria louvando a Deus" (Lucas 24,50-52).

E mais fácil reconstruir a cena de despedida no próprio local onde ocorreu. Fora dos limites da cidade de Jerusalém, o caminho para Betânia segue em direção ao sul, nos contrafortes do Monte das Oliveiras, até o Pico da Ascensão, num aclive bastante pronunciado. Quem chega até o pico da montanha, logo é perdido de vista pelos que ficam um pouco mais abaixo. Jesus teve dificuldade em convencer os discípulos de que era uma criatura real. Enfatizou sua natureza material deixando-se tocar e aceitando alimento. Declarou expressamente não ser apenas espírito. Sua reaparição, após a crucificação, não resultou de um erro de identidade, engano ou ilusão, e seu corpo não tinha sofrido uma transformação sobrenatural; enfim, não era nem um fantasma, nem um ser etéreo.

Uma testemunha ocular atesta que Jesus não desapareceu definitivamente. E esta testemunha é confiável, pois trata-se de Paulo, o único que, comprovadamente, escreveu aquilo que lhe é atribuído no Novo Testamento. Ainda que não tivesse participado de nenhum ato ligado à

crucificação, ele encontrou-se com Jesus algum tempo após a Ascensão, um encontro que iria transformar toda sua vida.

Paulo Encontra Jesus em Damasco

Paulo ou Saulo (vide pág. 34) foi um dos mais ardentes e fanáticos opositores da "Nova Aliança". Provavelmente ouvira rumores de que Jesus lograra sobreviver à execução e que continuava, de algum lugar seguro, a conspirar contra os judeus ortodoxos. "Saulo, respirando ainda ameaças de morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo-sacerdote. Foi pedir-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de poder trazer presos para Jerusalém, os que lá encontrasse pertencendo ao Caminho, quer homens, quer mulheres." (Atos 9,1-2).

Após intensa e extensa pesquisa, o psiquiatra Wilhelm Lange-Eichbaum, em sua renomada obra *Gênio, Loucura e Glória*, recriou com detalhes o caráter de Paulo¹⁹. Ele era um homem comum, fraco e pequeno, mas ao mesmo tempo duro, combativo, impetuoso e apaixonado. O ardor que despendeu na perseguição aos cristãos representava uma compensação diante de sua limitação. A grande atração que o paulinismo exerceu derivou e deriva da idéia de redenção e libertação de crises interiores. Paulo era dono de uma energia sem limites e de uma personalidade competitiva. Sofria de fortes ataques que atribuía a demônios. As mais recentes fontes apontam a homossexualidade como a explicação para aquilo que ele chama de "espinho na carne", considerado por ele como sua cruz pessoal. Este problema, de ordem particular, foi a causa da grande repugnância que sentia pela sexualidade em geral, inspirando-lhe a doutrina ascética do matrimônio e a imagem desprezível, quase torpe, do sexo e da mulher, que continuou a dominar o pensamento cristão.

Sob a luz deste novo enfoque, podemos avaliar melhor a maravilhosa experiência de Paulo perto de Damasco: "Estando ele em viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente uma luz vinda do céu o envolveu com sua claridade. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: 'Saulo, Saulo, por que me persegues?' E ele disse: 'Quem és, Senhor?' E a resposta: 'Eu sou Jesus, e quem tu persegues; é duro para ti recalitrar contra o agui-lhão'. Então, trêmulo e atônito, disse ele: 'Senhor, que queres que eu faça?' E respondeu-lhe o Senhor: 'Levanta-te, entra na cidade, e te dirão o que deves fazer' " (Atos 9,3-6).

Damasco situava-se no centro da Síria, onde os judeus, desde a revolta dos Macabeus, eram odiados (165 a.C.) e onde a Ordem dos Essênios tinha seu centro espiritual. Teria a alvura das vestes de Jesus contribuído para ofuscar a Saulo? Chego a admitir que Saulo tivesse participado de uma iniciação ritual e que a cegueira que por três dias o acometeu resultasse da bebida do soma ingerida (ver Atos 9,8-9).

Sossianus Hérocles, um alto oficial romano, governador da Phonécia, do Líbano, Bitínia e Egito, considerado um dos mais cruéis perseguidores das comunidades cristãs primitivas, nos legou um trabalho intitulado *Aos Cristãos*, em que se lê a seguinte passagem: "Após fugir dos judeus, Cristo reuniu cerca de novecentos ladrões"²⁰ (ver nossos comentários sobre os grupos qualificados como "ladrões", pág. 141). É bem possível que a comunidade essênia de Damasco tivesse novecentos membros.

Paulo foi batizado e iniciado na doutrina por um discípulo de Jesus chamado Ananias. De acordo com alguns documentos, Ananias foi incumbido, pelo próprio Cristo, de visitar Saulo; a princípio, temeroso do inimigo, se negou. Jesus, porém, tranqüilizou Ananias com as seguintes palavras: "Vai, porque este é para mim um instrumento de escol para levar meu nome diante das nações pagas, dos reis e dos filhos de Israel. Eu mesmo lhe mostrarei quanto lhe é preciso sofrer em favor do meu nome" (Atos 9,15-16).

A partir desse momento, Paulo é considerado o mais zeloso propagador da nova fé. Ele finalmente cedeu ao fascínio da personalidade de Jesus e reconheceu imediatamente as implicações da missão que o Nazareno lhe confiara. Com maior zelo que durante as perseguições a Jesus e seus adeptos, Saulo encarregou-se de difundir sua própria interpretação da nova doutrina. O encontro entre Paulo e Jesus, na estrada de Damasco, teve lugar, mais ou menos, dois anos após a crucificação.

A uns trezentos quilômetros ao norte de Jerusalém, Jesus estaria relativamente a salvo, sob a proteção dos essênios. Desde que uma comunidade religiosa aceitasse a religião romana, o governo romano local tolerava suas práticas religiosas. Os judeus estavam isentos até mesmo de tomar parte nos rituais cúlticos romanos. A "Nova Aliança", a princípio, beneficiou-se dessa isenção. Quando, porém, os romanos compreenderam que a doutrina de Jesus nada tinha a ver com o judaísmo ortodoxo e que os adeptos da nova fé estavam entre os agitadores políticos, os cristãos perderam o direito de tolerância e o conflito começou. Inicialmente, as comunidades cristãs eram perseguidas somente em nível local, sob a

alegação de perturbarem a paz. A perseguição aberta e generalizada só iria ter início na segunda metade do século 3. Como a crucificação era ainda um fato recente e como continuasse a hostilidade dos judeus, os primeiros cristãos foram obrigados a propagar a fé em distantes regiões do Império Romano.

Em Damasco, Jesus pôde usufruir dos benefícios da proteção essenia. A cinco quilômetros dessa cidade, existe um lugar chamado *Mayuam-i-isa*, "o lugar em que Jesus viveu". O historiador persa Mir Kawand citou várias fontes que atestam que Jesus viveu e ensinou nessa localidade após a crucificação.

Os adeptos da "Nova Doutrina" aumentariam devido, sobre-tudo, ao empenho pessoal de Jesus. Contudo, os rumores de que Jesus estava em Damasco chegou ao conhecimento de Paulo e, provavelmente, até mais longe e por isso foi se tornando perigoso ao Nazareno permanecer por mais tempo na Síria, que fazia parte do Império Romano.

Capítulo 6

Após a Crucificação

Jesus Volta ao Oriente

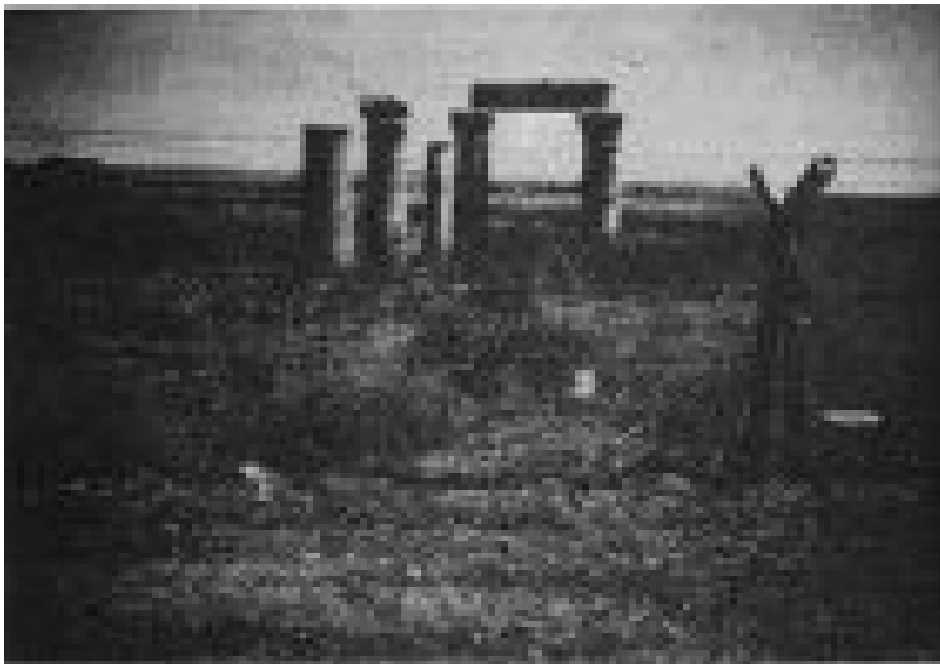
Segundo fontes persas, quando Jesus vivia em Damasco, recebeu uma carta do rei de Nisibis, região próxima a Edessa, hoje Nusaybin, no lado turco da fronteira com a Síria (*ver ilustração*), pedindo-lhe que viesse curá-lo de uma doença. Jesus, ao que consta, enviou, em seu lugar, com a promessa de que não tardaria, um discípulo querido, Tomás. Parece que, logo depois, Jesus, em companhia de sua mãe, seguiu para lá. No *Jamit-ut-Tawarik*, o grande erudito persa Faquir Muhammed relata que, quando Jesus chegou com sua comitiva a Nisibis, o rei já havia sido curado por Tomás. Iman Abu Jafar Muhammed, na sua famosa obra intitulada *Tafsir-*

Ibn-i-Jarir at-Tabri, conta que tornou-se perigosa a estadia do Nazareno em Nisibis pois, expondo-se publicamente, corria perigo de vida (Vol. 3, pág. 197).

Em Leh, conheci um etnólogo de Luxemburgo que passara muitos anos entre tribos curdas, na Anatólia oriental. Ele contou-me que circulam por aqueles lados inúmeras histórias que contam que Jesus, após a ressurreição, habitou na região que é hoje a Turquia oriental. Esse fato, no entanto, nunca despertou muito interesse.

Ao deixar Nisibis, Jesus partiu em direção do noroeste. O apócrifo *Atos de Tomás* afirma que Jesus compareceu inesperadamente aos esponsais da filha do rei de Andrapa. Andrapópolis ficava na Paflagônia, a Iskilip de nossos dias, no extremo norte da Anatólia, e, desde 7 a.C, pertenceu à província romana da Galácia. O apóstolo Tomás e seu Mestre reencontraram-se nessa ocasião.

Tomás foi incumbido por Jesus de ir para a Índia. "Mas ele não queria ir e alegou não poder viajar por falta de condições físicas, e mais ainda: 'Como posso eu, um hebreu, viajar e pregar a verdade aos indianos?' Diante disso, o Messias apareceu-lhe à noite e disse: 'Tomás, não tenha medo de ir à Índia e de lá pregar a palavra, porque minha graça estará contigo'. Tomás, porém, não se convenceu e retrucou: 'Manda-me para onde quiseres, menos para lá, porque não irei para a Índia!'" (A. T. I, pág. 101)¹.



Ruínas do palácio real de Nisibis, hoje Nusabaybin. A fronteira entre a Turquia e a Síria passa exatamente neste lugar histórico (ver mapa).

Segundo os *Atos de Tomás*, Jesus vendeu o relutante discípulo como escravo ao mercador indiano Abban, que havia sido encarregado, por seu rei, Gondapharos, de lhe encontrar um carpinteiro. Velhas moedas confirmam que Gondapharos, no século 1 da era cristã, reinou sobre a Índia e sobre a Partia. Jesus assinou um contrato com Abban, recebendo em troca mais de um quilo de prata pura, assegurando-se de que, graças a este subterfúgio, Tomás chegaria à Índia.

Os *Atos de Tomás*, assim como o evangelho apócrifo de Tomás, ambos de origem síria, datam do tempo em que o próprio Tomás trabalhou em Edessa, em obras missionárias. O falecimento do apóstolo ocorreu nas proximidades de Madras, no sul da Índia e, no século 4 d.C., seus restos mortais foram enviados a Edessa.

Existe uma íntima relação entre os *Atos de Tomás* e o *Evangelho de Tomás*. Ambos são escritos gnósticos de cunho esotérico, adotados em princípios do século 3 pelos maniqueus (Mani nasceu em 217). Um evangelho de Tomás foi citado, pela primeira vez, por Hipólito (*Ref. V 7,20*), em seu relatório sobre os "Naas-senos", de aprox. 230 d.C.

O nome do apóstolo, *Dídimo Judas Tomás*, significa "Judas, o Gêmeo". De fato, *toma* significa "gêmeo" em aramaico, e isto sugere um íntimo relacionamento com Jesus. Em textos coptos, a palavra "gêmeo" é geralmente substituída pela expressão "amigo e companheiro". Os *Atos de Tomás* são um testemunho de seus estreitos laços com Jesus. Como confidente do Mestre, gozou do privilégio de conhecer seus mais recônditos segredos. No capítulo 39 dos *Atos de Tomás*, ele se apresenta como "irmão gêmeo de Cristo, apóstolo das Alturas, partícipe da palavra oculta de Cristo, receptáculo de seus segredos pronunciamentos"². Noutro trecho: "Vós, que partilhastes da palavra secreta do Dispensador da Vida, e receptáculo dos mistérios ocultos do Filho de Deus". Tomás é, pois, o guardião (= Nazareno, ver página 107) das palavras esotéricas mais secretas de Jesus, reveladas somente a ele. No evangelho de Tomás, uma das descobertas de Nag Hammadi, lemos o seguinte: "Jesus disse a seus discípulos: 'comparem-me com alguém e digam-me com quem me pareço'. Simão Pedro adiantou-se: 'Pareceis um anjo justo'. A seguir, Mateus disse: 'Pareceis um filósofo muito sábio'. Depois Tomás: 'Mestre, minha boca é incapaz de dizer com quem pareceis'. Jesus, então, dirigiu-se a ele, com estas palavras: 'Não sou teu mestre, porque bebeste e te embriagaste com água viva que eu lhe dei'. E, tomando-o pelo braço, afastou-se com ele, e lhe disse três coisas. Quando Tomás retornou para junto dos outros discípulos, eles lhe perguntaram: 'O que Jesus te disse?' E Tomás lhes respondeu: 'Se eu disser a vocês apenas uma das coisas que ele me falou, vocês me apedrejarão e estas pedras se transformarão em fogo e vos queimarão' " (II, 2, *Logion* 13)³. Tomás, evidentemente, atingiu um profundo estado de consciência e parecia ser alguém muito semelhante a Jesus.

A conversão dos apóstolos ocupa lugar de destaque nos *Atos de Tomás*. A todo instante deparamos com descrições de ritos de iniciação. A conversão culminava com a cerimônia da unção e com o sacramento da Eucaristia, celebrada, naquele tempo, com pão e água. Na segunda parte dos *Atos de Tomás*, Miadai, um rei indiano, observa que o óleo, juntamente com o pão e a água, fazia parte da magia dos apóstolos. O iniciado, chamado de servo

ou serva de Deus, gozava dos poderes divinos e era considerado um membro do rebanho.

Recapitemos a história de Tomás: Jesus "vendeu" Tomás, como "escravo" a Abban (*Abba* = pai). O iniciado passou da categoria de irmão comum da Ordem Essênica a Nazareno, que era um grau mais elevado, no momento em que derramaram óleo consagrado sobre sua cabeça, e ungiram com bálsamo seu corpo nu.

Era muito fácil confundir os Nazarenos, pois todos usavam vestes brancas e barba e cabelo no mesmo estilo. Daí, é possível que a designação gêmeo aplicada a Tomás advenha dessa similitude entre ele e Jesus. Nos *Atos de Tomás*, as histórias de identidades equivocadas devem ser encaradas como uma comédia de erros, embora Tomás fosse uns dez anos mais jovem que Jesus.

Na noite de núpcias acima referida, o rei de Andrapa encaminhou o apóstolo Tomás aos aposentos dos recém-casados, a fim de convertê-los. Depois que Tomás rezou com o casal, todos se retiraram. "Porém, após terem todos saído e as portas terem sido fechadas, o esposo ergueu as cortinas da câmara nupcial, para unir-se à sua esposa. E viu o Senhor Jesus conversando com a esposa, ele era muito parecido com Judas Tomás que acabara de sair depois de tê-los abençoado. O noivo perguntou a Jesus: 'Não acabastes de sair? Como pudestes voltar?' Mas o Senhor respondeu: 'Não sou Judas Tomás, sou seu irmão'. E, sentando-se sobre a cama, ordenou-lhes que se acomodassem nas cadeiras, e começou a dizer-lhes: 'Lembraí-vos, meus filhos, das palavras e recomendações de meu irmão...!'" (A.T. 8,11). Esta anedota é precedida de uma passagem que conta o encontro de Tomás com a hebréia que tocava flauta, na festa do casamento.

Desde o primeiro exílio em 722 a.C. (ver pág. 66), havia comunidades israelitas esparsas em todo o Oriente Próximo. Por isso podemos presumir que em suas fugas para o Oriente Jesus tinha sempre condições de encontrar refúgio nestes núcleos de israelitas ou entre seus simpatizantes. Segundo o livro de Ester, era na Partia, hoje Iraque e Irã, que se encontravam as maiores concentrações de israelitas. Foram as ligas israelitas que, mais tarde, ofereceram uma forte resistência às tropas de Trajano (115 d.C). Numerosos marcos de lugares, ao longo da Rota da Seda, indicam a passagem de Maria e José. Por exemplo, perto de Efeso, na costa ocidental da atual Turquia, existe uma "Casa de Maria" onde a família de Jesus provavelmente residiu temporariamente antes de seguir

viagem. Várias fontes informam que Jesus partiu, posteriormente, para o ocidente, para instruir congregações afiliadas que provavelmente teriam existido na França e até mesmo na Inglaterra.

Muitos documentos registram a estadia de Jesus na Pérsia. Aqui e preciso lembrar que seu nome, títulos e ocupação variam de



Ruínas do palácio real de Andrapa (hoje Iskilip na Turquia – ver mapa).

lugar para lugar, de língua para língua, de acordo com as condições e tradições do lugar. As denominações das localidades onde Jesus residiu foram preservadas através dos tempos. De acordo com os documentos, passaram-se dezesseis anos entre a crucificação e a chegada de Jesus e sua comitiva a Caxemira. Por essa época, Jesus era conhecido por "Yuz Asaf",

nome que segundo o *Farbang-Asafia* (vol. I) deriva da cura de alguns leprosos que Jesus (Hazrat Isa) realizou e que, após a cura, passaram a ser chamados com o nome de "Asaf", que significa "purificados". "Yuz" quer dizer líder, portanto Yuz Asaf significa "líder dos curados". De forma simbólica, o nome provavelmente aludiria à sua missão de purificar o mundo dos "espíritos imundos", conduzindo-o à verdadeira fé. Com esse nome, Jesus tinha mais facilidade de locomover-se com segurança e fugir de seus perseguidores; além disso é de presumir-se que os sacerdotes persas não tivessem se esquecido de sua presença anterior no lugar (*ver pág. 23*). De acordo com a tradição, Yuz Asaf entrou na Pérsia vindo do ocidente, e o teor de seus sermões em pouco diferia dos sermões de Jesus Cristo. Dizem que Jesus residiu em Mashag, onde visitou a tumba de Sem, filho de Noé (*Jami-uf-Tawarik*, Vol. II), e segundo muitos outros documentos Yuz Asaf pregou por toda a Pérsia (Irã) convertendo um grande número de pessoas. Várias obras, entre elas a *Ahwali Akaliau-i-Paras*, de Agha Mustafai, confirmam que Yuz Asaf e Jesus são a mesma pessoa.

O poeta da corte do imperador Abkar da Índia chamou Jesus de *Ai Ki Nam-ito: Yus o Kristo*, traduzindo: "Vós, cujo nome é Yuz ou Cristo". Enquanto o nome grego *Chrestos* sofreu alterações em várias línguas ocidentais, o nome Yuz Asaf permaneceu intocado através dos séculos. Nomes de localidades ligadas à presença e influência de Jesus podem ser encontrados no Paquistão e no Afeganistão. No Afeganistão oriental, nas proximidades de Ghazni e Jalalabad, duas planícies levam o nome do profeta Yuz Asaf. Segundo a tradição, Jesus esteve lá.

Os *Atos de Tomás* narram a estadia de Jesus e Tomás em Taxila (que hoje pertence ao Paquistão), na corte do rei Gundafor, durante o vigésimo sexto ano de seu reinado (47 d.C). Tomás, incumbido pelo rei de construir um majestoso palácio, não cumpriu sua tarefa, distribuindo entre os pobres todo o dinheiro que lhe fora confiado.

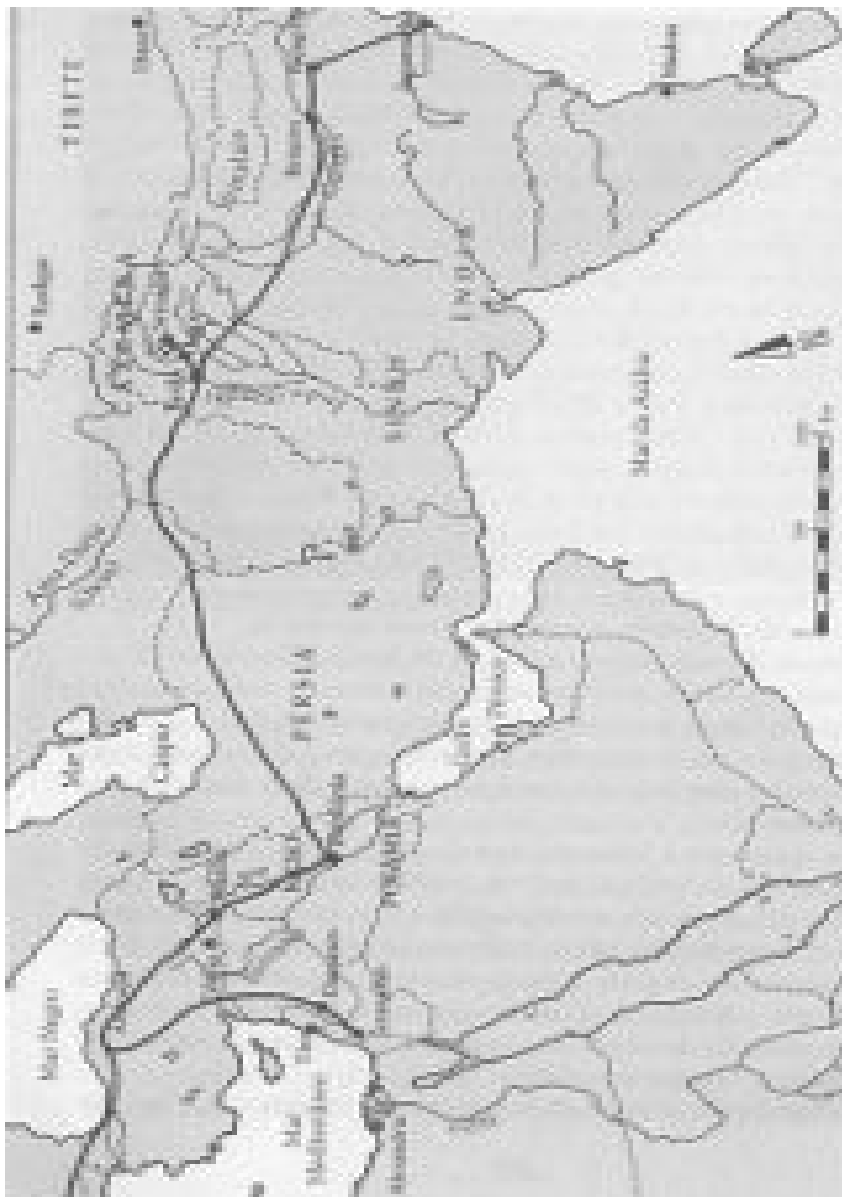
Tomás agradeceu a Jesus por essa oportunidade de fazer o bem: 'Agradeço-vos, ó Senhor, por ter podido morrer por um instante, para viver em vós eternamente; e por me haverdes vendido, para que, através de mim, pudesses libertar a muitos'. E ele não se cansava de ensinar e de levar a paz aos aflitos, dizendo: Isto é o que o Senhor vos dá, assegurando a todos o alimento. Ele é sustentáculo dos órfãos, o protetor das viúvas e o dispensador de paz e consolo aos aflitos" (A.T. 19)⁴.

O rei acabou se convertendo e recebeu, finalmente, "um palácio no céu!" Gundafor e Gad, seu irmão, iniciados por Tomás, foram "marcados" pelo batismo na água, pela crisma com óleo e pela eucaristia, passando a fazer parte do rebanho do Senhor. "Pois ouvimos dizer que o Deus que venerais reconhece suas ovelhas pela marca." Após o rito de iniciação, Jesus apareceu e disse: "A paz esteja convosco, irmãos!"⁵

O texto prossegue: "E depois que ele (Tomás) os abençoou, tomou do pão, do óleo, de vegetais e de sal, abençoou-os e lhes ofereceu. Ele no entanto continuou jejuando, pois o Dia do Senhor se aproximava com a aurora".

Aparentemente, Jesus não vivia na corte do rei, embora fosse para lá com certa frequência. Em todo caso, na noite seguinte, ele veio ao encontro de Tomás que o esperava e lhe disse: "Tomás, levanta-te cedo, abençoa a todos e, após as práticas e orações, segue duas milhas ao longo da senda oriental e lá te mostrarei minha glória. Pois muitos buscarão refúgio em mim por causa da missão que tu estás recebendo de expor a natureza e o poder do inimigo"⁶. No lugar descrito por Jesus, o apóstolo deparou com um rapaz que parecia estar morto e ele o despertou na presença de um grande número de espectadores. O belo jovem disse a Tomás que tinha visto Jesus: "Eu vi esse homem a seu lado, e ele disse: 'Farei muitos milagres e muitas obras através de ti...' "⁷.

A próxima pista nessa estrada em direção do oriente está a setenta quilômetros a leste de Taxila, em uma pequena cidade chamada Mari, na fronteira de Caxemira, onde um túmulo cuidado e venerado desde tempos imemoriais é conhecido como Mai Mari da Asthan: "Lugar do repouso final de mãe Maria".



O caminho que Jesus seguiu para chegar à Índia

Quando Jesus chegou a esta região, Maria teria uns 70 anos, e estaria exausta, devido à longa viagem. É uma vez que em nenhum outro lugar do mundo existem vestígios do túmulo de Mana (que a tradição cristã insiste em dizer que foi levada aos céus pelo milagre da Assunção), é possível que seja realmente este o local, ainda mais se levarmos em conta que Caxemira é sinônimo de paraíso, de céu na terra. Mesmo que Jesus não sentisse por sua mãe terrena uma afinidade muito grande, jamais a deixaria para trás, sem proteção, à mercê de seus inimigos.



A sepultura de Maria, mãe de Jesus, em Mari/Paquistão.

Uma das características marcantes da sepultura é sua orientação. As sepulturas islâmicas apontam do norte para o sul; a sepultura de Maria, segundo costume judeu, aponta do oriente para o ocidente. Está localizada na montanha do Ponto Pindi, nas proximidades de uma pequena cidade, hoje considerada área militar, devido à sua proximidade com a fronteira de Caxemira. No tempo de Maria, esta região estava sob domínio indiano, que, como sabemos, não tinham necessidade de túmulos, pois cremavam seus mortos. Desta forma, a sepultura em questão não era nem islâmica, nem indiana, e continua a ser venerada como o "lugar do repouso final de

Maria, mãe de Jesus" por membros da fé islâmica, pois Jesus (Issa) é também venerado pelos islamitas como um de seus grandes profetas.

Quando o norte da Índia, no século 7 d.C, foi dominado pelos islamitas, os fanáticos conquistadores destruíram todos os monumentos dos infiéis, mas o túmulo de Maria, devido à sua posição leste-oeste, foi reconhecido como uma relíquia israelita ou cristã, sendo poupado e tratado com respeito.

Em 1898, o exército colonial inglês ergueu uma torre de defesa bem ao lado do monumento à Maria, o que não impediu os peregrinos de visitarem aquele lugar sagrado. Em 1917, por ordem de um certo capitão Richardson, a construção que cercava o túmulo foi parcialmente demolida, a fim de manter os fiéis afastados da zona militar. Porém os protestos da população foram tão grandes que os oficiais locais se viram obrigados a intervir no sentido de preservar o monumento. Estes acontecimentos estão registrados nos arquivos da administração local, com data de 30 de julho de 1917. Em 1950, a obra foi restaurada. Após o reconhecimento oficial da fronteira do Paquistão, a torre de defesa foi removida. Em seu lugar uma rede de antenas de uma estação de televisão margeia a sepultura de Maria.

Hoje uma estrada de 170 quilômetros liga Mari a Srinagar, capital da Caxemira, cortando montanhas cobertas de vegetação. A uns quarenta quilômetros ao sul de Srinagar, entre as aldeias de Naugam e Nilmag, encontramos a Yus-Marg, isto é, a planície de Jesus, onde, desde 722 a.C, os Bani-Israel — os filhos de Israel — vivem como pastores; entre eles existe uma tradição que diz que Jesus esteve pregando ali.

Os *Atos de Tomás* contam a vida do apóstolo Tomás na corte do Rajá Misdai, no sul da Índia, onde, como missionário, reuniu muitos fiéis ao redor de si e converteu um grande número de pessoas. Mais tarde caiu em desgraça e foi martirizado. Quando Marco Polo voltou à Europa, após ter vivido 25 anos no Extremo Oriente, relatou que na costa oriental do sul da Índia existiam muitos cristãos que veneravam a sepultura do apóstolo Tomas. Como já dissemos, embora os restos mortais de Tomás fossem levados a Edessa, em princípio do século 4, o túmulo de Tomas continua a ser venerado em Milapore, perto de Madras.

Segundo Marco Polo, os cristãos de Tomás usavam uma terra tingida com o sangue do mártir para curar os doentes. Citou a presença de cristãos também na costa ocidental do sul da Índia, hoje a Costa Malabar de Kerala. Segundo ele, o cristianismo existia naquela região há muito tempo.

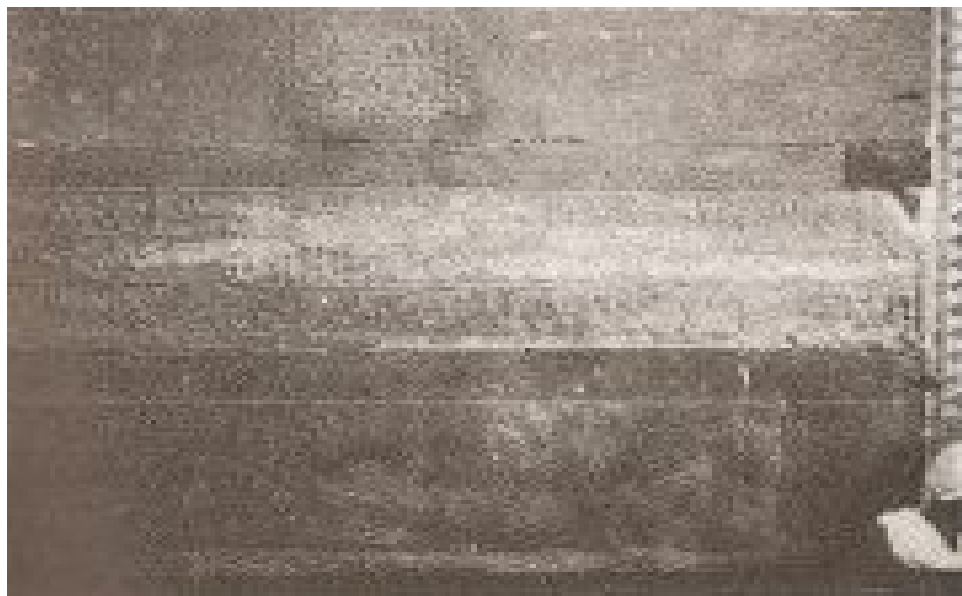
Existem documentos anteriores que atestam a presença do cristianismo na Índia⁸. Tertuliano citou-a como um dos países "sob a égide" do cristianismo. Efraim (aprox. 306-373 d.C.) escreveu sobre as missões de Tomás na Índia, e Anórbio (aprox. 305 d.C.) também citou a Índia entre os países sob influência cristã. Um indivíduo com o título de "João, Bispo de toda a Pérsia e da Grande Índia" tomou parte no nefasto Concílio de Nicéia.

Em 1900, um jornal inglês publicou um pequeno artigo que chamou a atenção de todas as pessoas ligadas ao campo da teologia. Dizia que em Fatehpur Sikri, uma cidade indiana em ruínas (a 175 quilômetros de Nova Délhi e aprox. 25 quilômetros de Agra), foram encontradas palavras de Jesus, completamente desconhecidas no Ocidente, gravadas numa velha muralha. Esta cidade conheceu um breve período de progresso graças ao imperador mongol Abkar, o Grande (1542-1605).

Em maio de 1601, o imperador entrou triunfalmente em Fatehpur Sikri e ordenou que se inscrevessem as referidas palavras no portão sul (Buland Darwaza) da mesquita. Em 1852, numa tentativa de unificar sincrética e harmonicamente (dini-ilahi) as várias religiões da Índia, Abkar havia decretado, como religião, um monoteísmo racional. Ele mesmo procurou se adaptar aos princípios do hinduísmo, do parsismo e do jainismo e aprendera algo do evangelho por intermédio de jesuítas que viviam em sua corte. Queria unir a Índia, então religiosamente fracionada, em uma só religião que contivesse a quintessência de todos os credos. Abkar deve ter escolhido este dito de Jesus por julgá-lo uma síntese perfeita de suas idéias; diversamente seria difícil entender por que teria ocupado um lugar de tanto destaque.

Ao deixarmos a mesquita pelo portão principal, sob os dizeres alusivos à data e dia da ocasião que comemora, lemos no lado esquerdo da enorme arcada a seguinte inscrição:

Jesus (que a paz esteja com ele) disse: 'O mundo é uma ponte. Não pare sobre ela. Atravesse-a'.



O Agraphon, entalhado na parede do palácio de Alchar, em Fatehpur, Sikri.

Uma segunda inscrição, acima do arco da ala norte (Liwan) da mesquita, apresenta a mesma máxima de uma forma um pouco diferente: Jesus (que a paz esteja com ele) disse: "O mundo e a sede do orgulho. Escute meu conselho e não construa sua casa sobre ele".

Os missionários portugueses não poderiam, em absoluto, ter transmitido este *agrapha* (palavra grega que significa "dizeres atribuídos a Jesus e não contidos na Bíblia") a Abkar, pois ele não é encontrado em nenhuma fonte cristã. A exaustiva *Vida de Jesus*, escrita pelo jesuíta Jerônimo Xavier, a pedido de Abkar, não registrou nenhuma dessas citações. Devemos presumir portanto que o *agrapha* deriva dos primeiros cristãos de Tomás. A maneira sempre igual pela qual as máximas são introduzidas encontra-se documentada em posteriores documentos islâmicos sobre Jesus, e muitos orientistas são de opinião que essa máxima chegou à Índia via Islã. De qualquer forma existe uma visível concordância em forma e conteúdo entre estas palavras gravadas na pedra e as palavras de Jesus que o evangelho apócrifo de Tomás nos legou.

Com a sensacional descoberta de Nag Hammadi, em 1945, o evangelho apócrifo de Tomás pôde ser conhecido integralmente. Não se caracteriza, como os sinóticos, pela coerência narrativa; trata-se de uma coletânea de 114 frases de Jesus, colhidas ao acaso, sem preocupação de uma seqüência lógica. A maioria das frases é introduzida pela mesma fórmula: "Jesus disse:"

Assim fala Tomás, na introdução de sua obra: "Estas são as palavras secretas proferidas pelo Jesus vivo e anotadas por Dídimo Judas Tomás. E ele disse: 'Quem compreender estas palavras viverá eternamente' "⁹.

Mesmo que não fosse possível provar que o apóstolo Tomás viveu efetivamente na Índia, há muitos sinais de atividades missionárias em todo esse país, muito antes que os maometanos se apossassem da região. O evangelho aramaico de Mateus, que deve ter surgido pelo ano 180 d.C., relata a viagem missionária de um certo Pantaenus de Alexandria às Índias. A *Crônica de Séert* (I 8,25) conta que o bispo Davi de Basra (um contemporâneo do Papa Metropolitano falecido em 316 d.C.) esteve na Índia e pregou com muito sucesso.

Segundo os textos de Philostorgius, de antes de 433 d.C., pelo ano de 335 o imperador Constantino enviou o bispo Teodófilo à Índia, para reformular o seu sistema eclesiástico.

Em uma narração do fim do século 4, Simão da Mesopotâmia faz menção ao martírio de "bárbaros" indianos, em nome de Cristo.

A *Crônica de Séert* II 9 informa que pelo ano 490 d.C. o bispo persa Ma'an enviou suas obras à Índia.

Nos relatos de Cosmas Indicopleusta, podemos encontrar claras referências geográficas sobre uma viagem que ele fez à Índia por volta de 525 d.C. Ele encontrou cristãos na ilha do Sri Lanka, na Costa ocidental da Índia, "em Male (= Malabar) onde se cultiva a pimenta", e em um lugar chamado Kalliana (= Kalyan, perto de Bombaim)". Conta que em Kalliana, encontrava-se a sede de um bispo que vivera anteriormente na Pérsia¹⁰.

Esta breve enumeração deve bastar para derrubar a teoria, geralmente sustentada por indologistas, de que Jesus era desconhecido na Índia antes de lá ser introduzido através do Islã. No entanto, não podemos nos esquecer de que o Alcorão tem muito a dizer sobre a vida de Jesus na Índia. Segundo ele, Jesus não morreu na cruz, sobreviveu à crucificação e retirou-se para o "Vale da Felicidade".

O "Verdadeiro" Jesus do Islã

Issa (*Isa*), nome pelo qual Jesus é conhecido no Islã, deriva da palavra síria Yeshu, alterada para combinar com *Musa*, que significa Moisés. A forma extensa e completa com que o Alcorão trata sobre o profeta Issa visava, muito provavelmente, a corrigir a "imagem distorcida que dele transparece nos escritos de seus discípulos". Jesus é considerado o último grande profeta de Israel e precursor de Maomé e dizem que pressagiou a vinda do "maior de todos os profetas": "Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis agora suportar. Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à plena verdade, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vos anunciará" (João 16,12-14).

Maomé considerava-se o prometido "Espírito da Verdade", destinado a interpretar os ensinamentos de Jesus de acordo com sua luz e a redimir a honra daquele que a Igreja diz ter morrido na cruz. Após ter escapado à ignomínia da crucificação, Jesus foi recebido de braços abertos no seio da igreja islâmica, como o grande precursor de Maomé. Lemos no Alcorão: "O Messias, o filho de Maria, foi um mensageiro e, certamente, foi precedido por outros mensageiros" (Alcorão V 79).

No Alcorão, encontramos ainda a seguinte passagem sobre a missão de Jesus: "A Moisés, nós (Alá) entregamos as Escrituras e, depois dele, enviamos outros apóstolos. Demos a Jesus, filho de Maria, sinais verdadeiros e o fortificamos com o Espírito Santo" (Alcorão 11,81).

Há, porém, uma certa reserva em toda essa exaltação, porque o Islã rejeita a idéia de que Jesus seja a humana encarnação da divindade: "Povo do Livro, não violem os limites de nossa fé. Falem somente a verdade sobre Alá. O Messias Jesus, filho de Maria, nada mais foi senão um apóstolo de Alá e seu porta-voz, a quem Maria deu a luz: ele foi um seu espírito. Portanto, acreditem em Alá e em seus apóstolos e não digam 'Três'. Será melhor abster-se. Alá é apenas um Deus. Alá proíbe que ele deva ter um filho! Ele é tudo que existe nos céus e na terra. Alá é o Protetor todopoderoso. O Messias não se envergonha de ser um servo de Alá, assim como não se envergonham os anjos que estão a seu lado" (IV, 169). Encontramos, noutra passagem: "...além de Alá eles imitam os infiéis de antigamente... Adoram seus rabinos, seus monges, e o Messias, o filho de Maria, como deuses, apesar de lhes ter sido ordenado de servir a um só

Deus. Não há outro Deus além dele. Exaltado seja sobre todos os que são deificados além Dele!" (IX,30-31).

O Alcorão diz claramente que Jesus não morreu na cruz e que os judeus foram enganados: "E porque eles não acreditaram e caluniaram Maria com crueldade; e porque disseram: 'Matamos o Messias, o filho de Maria, o mensageiro de Deus', se bem que eles nem o mataram de verdade, nem o crucificaram, mas apenas fizeram parecer como tal... portanto nós os amaldiçoamos e, acreditem, aqueles que não pensam como nós a este respeito estão mergulhados em dúvidas; não têm provas, apenas suspeitam; porque, na realidade, eles não o mataram. Deus o elevou a si e Deus é sábio e poderoso". A palavra árabe para crucificação significa morte na cruz. Assim, o fato de Jesus ter sido meramente pregado na cruz sem morrer não é considerado uma crucificação no sentido árabe.

De fato, durante a época em que o Alcorão foi escrito, os próprios judeus pareciam inseguros quanto à morte de Jesus na cruz. O Alcorão também nos diz para onde teria ele ido a seguir: "Nós (= Deus) fizemos do filho de Maria e de sua mãe um símbolo para a humanidade, e lhes demos abrigo junto à tranqüila encosta de uma colina, de onde jorrava uma fonte" (XXIII,52). A semelhança entre esta passagem e Caxemira é impressionante. Numa outra versão, o lugar junto à colina é chamado de "um verde vale".

Hazrat Mirza Ghulam Ahmad, nascido na Índia em 1835, fundador da seita muçulmana Ahmaddiyya, acredita que o Alcorão está certo quando afirma que Jesus foi salvo da morte na cruz, uma morte maldita, indigna dele. O evangelho também confirma a sobrevivência de Jesus, no trecho em que o próprio Jesus estabelece uma comparação entre ele e Jonas, que não pereceu no ventre da baleia que o engoliu. Se Jesus tivesse realmente morrido, que sentido teria tal analogia? "Pois como Jonas esteve no ventre do peixe três dias e três noites, assim ficará o filho do homem, três dias e três noites no seio da terra." (Mateus 12,40).

Segundo os adeptos da seita Ahmaddiyya, popular ainda hoje, a sobrevivência de Jesus à crucificação realiza as profecias do Antigo Testamento. Lemos no livro do profeta Isaías: "Quando quiserdes oferecer sua alma pela remissão dos pecados, ele verá sua semente, prolongará os seus dias e por meio dele o desígnio do Senhor há de triunfar" (Isaías 53,10). Isaías não diz que o prometido servo do Senhor deva morrer. As profecias do Salmo 34 também não indicam que o Messias morreria: "Muitas são as aflições do justo, mas de todas o Senhor o livrará" (Salmo

34,19). Diante disto podemos concluir que não fazia parte dos desígnios de Deus a morte ignominiosa de Jesus. Na tradição árabe, um homem só pode ser amaldiçoado se voltar contra Deus, se tornar "negro", se não o amar, se ficar sempre à espera da misericórdia divina e se perder a percepção de Deus; se, como Satanás, estiver mergulhado no veneno da decepção, e se não estiver mais sendo alcançado por um só raio de luz do amor; se rejeitar qualquer tipo de relacionamento com Deus e, cheio de ressentimento, ódio e sentimentos de vingança para com Deus, tornar-se seu inimigo e dele se afastar, revoltado. Mirza Ghulam é de opinião que os cristãos nunca atinaram com o verdadeiro alcance da expressão "amaldiçoado na cruz", caso contrário jamais teriam dado tanto destaque a essas palavras em seu ensinamento sobre Jesus, o todo virtuoso.

Jesus em Caxemira

Se, de fato, Jesus viveu em Caxemira por muito tempo, deveríamos encontrar alguns indícios na antiga literatura indiana. Uma vez que se presume que o Messias tenha morrido com pelo menos 80 anos de idade, deveriam existir vestígios de seus últimos trinta ou quarenta anos de vida. Entretanto, os autores indianos da antiguidade se opunham a qualquer influência estrangeira sobre sua cultura. Nem mesmo a conquista da Índia por Alexandre, o Grande, é mencionada em qualquer texto. Os hinduólogos são unânimes em concordar que, antes da invasão muçulmana, não existia na Índia uma historiografia sistemática.

As mais antigas narrativas hindus são os Puranas (= velho) que foram sendo continuamente suplementadas por outros textos religiosos, datados do século 5 a.C, ou mesmo anteriores, chegando até ao século 17^o. A coleção completa soma dezoito volumes; o nono, chamado *Bhavishyat Maha-Purana*, contém uma história do século 5 que conta como Jesus chegou à Índia. A descrição é tão rica em detalhes que não se pode duvidar da identidade da pessoa em questão. Narra que os israelitas se estabeleceram na Índia, e, nos versos 17-32, fala de Jesus:

"Shalivahan, neto de Bikrama Jit, assumiu o poder. Venceu as hordas chinesas, partas, citas e bactrianas que ameaçavam seu reino. Traçou uma linha divisória contra arianos e mlecha (= não-hindus) e ordenou a estes que se retirassem para o outro lado da Índia. Um dia, Shalivahan, chefe dos Sakyas, foi até o Himalaia. Lá, na terra do Hun (= Ladakh, então parte do

Império Kushan), o poderoso rei deparou com um homem sentado em uma montanha, um homem que parecia trazer uma promessa de esperança. O rei perguntou ao santo quem ele era. E ele lhe respondeu: 'Sou chamado filho de Deus, nascido de uma virgem, pastor dos descrentes, incansável na busca da verdade'. Então o rei lhe perguntou: 'Qual sua religião?' E ele lhe respondeu: 'O grande rei, venho de um país estrangeiro, onde se alastra a mentira e onde o mal não conhece fronteiras. Nessa terra de incrédulos, fui considerado o Messias. Mas o demônio Ihamasi dos infieis (dasyu) se manifestou sob uma forma terrível. A ele fui entregue pelos infieis e terminei no domínio de Ihamasi. O rei, prestai atenção à religião que quis transmitir aos incrédulos: após a purificação do corpo e da alma, e após buscar refúgio nas orações de Naigama, o homem deve dirigir suas preces ao Eterno. Através da justiça, da verdade, da meditação e da união espiritual, o homem encontrará o caminho que o levará a Isa, no centro da luz. Deus, tão firme quanto o sol, finalmente reunirá em Si os espíritos de todos os seres desgarrados. Assim, ó rei, Ihamasi será destruído; e a bem-aventurada lembrança de Isa, o dispensador da felicidade, permanecerá indelével em todos os corações. Eu fui chamado *Isa-Masib*'. O rei, depois de ouvir estas palavras, enviou o mestre dos incrédulos a essa terra impiedosa".

Nessa história, da qual traduzimos literalmente esse trecho, e muito importante saber que o "mestre dos incrédulos" se autodeterminava *Isa-Masih*, que significa "Jesus, o Messias". "O demônio Ihamasi" parece ser a representação de tudo aquilo que era mal e perverso, se bem que não encontramos essa palavra em nenhum texto. A palavra *Naigama* se refere, evidentemente, a uma escritura(s) sagrada(s), mas também não conseguimos localizá-la. Segundo o professor Hassnain, Shalivahan reinou durante a era Kushan, de 39 a 50 d.C.

Uma outra prova da presença de Jesus no Himalaia é o sepulcro mencionado pelo professor Nicholas Roerich, em sua obra *O Coração da Asia*, publicada em 1930. Este sepulcro está ao norte de Ladakh, na vizinha província tibetana de Sinkiang (Xinjian, na China atual), a uns onze quilômetros da cidade de Kashgar, e acredita-se pertencer a uma certa Maria que fazia parte da cotas?) e Maria Madalena, "conhecida como sua companheira". Assim, a sepultura de Maria, perto de Kashgar, pode muito bem estar relacionada com Jesus.



Texto da obra Bahavishyat Maha Purana (aqui uma nova edição) onde se menciona a presença de Jesus em Caxemira.

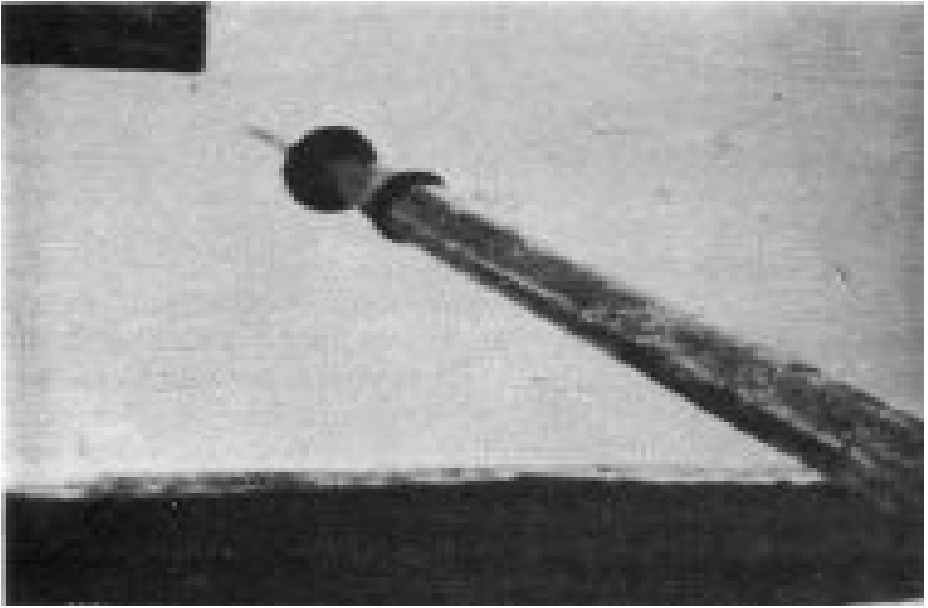
É muito improvável que Jesus tenha se radicado em algum determinado lugar da Índia. É mais correto pensar que ele, como um pastor, tenha andado de um lugar para outro sem teto e sem descanso, enquanto a saúde lhe permitiu. Há numerosas indicações de que ele retornou várias vezes a Caxemira.

Em uma montanha a uns 60 quilômetros a sudeste de Srinagar, e somente a 12 de Bijbihara (onde está a "pedra de Moisés"), existe uma caverna com cerca de 12 metros de comprimento. Na entrada da caverna existe uma construção suntuosa denominada *Aish-muquam*. É um lugar sagrado, onde são conservadas as relíquias de Zainuddin Wali, um santo islamita que viveu nessa gruta durante o reinado do sultão Zaimul Aabidin Budshah

(1408-1461). Este santo possuía um precioso bastão que tinha recebido de Shaikn Noor Din Wali. Este bastão, considerado uma relíquia de valor inestimável e vigiada bem de perto pelos guardiães do túmulo, está sempre coberto com um pano verde. Quando os fiéis da região enfrentam grandes problemas ou sofrem de alguma moléstia contagiosa, fazem uma peregrinação a Aish-muquam, na esperança de que o bastão miraculoso os ajude.

Ele mede 2,5 metros de comprimento por 2,5 cm de diâmetro. Chamado de "bastão de Moisés" ou "bastão de Jesus", é feito de oliveira e tem uma cor marrom escura. Aqueles que veneram esta relíquia acreditam na lenda que diz que este bastão foi usado por Moisés durante sua viagem para Caxemira e mais tarde por Jesus, sendo um símbolo de uma tradição mosaica. Conservado em Khangahi Moulla (Srinagar) foi levado mais tarde para o honroso relicário de Aish-muquam. Este nome parece estar diretamente ligado a Jesus. *Aish* deriva de Isha/Isa e *Muquam* significa lugar de repouso. Ainda que não possamos provar, poderíamos concluir que Jesus se retirou para esse lugar onde, por algum tempo, dedicou-se à meditação.

Nas gravações em pedra que sobreviveram às inundações e redemoinhos dos séculos existem vestígios mais concretos da presença de Jesus em Caxemira. Uma delas é a inscrição no Trono de Salomão que faz alusão a Jesus. Em 1413, Mullah Nadiri, um historiador que viveu durante o reinado do sultão Zainal Aabidin., contou parte da história do Trono. Em seu livro sobre a história de Caxemira (*Tarikh-i-Kashmir*) ele narra que Gopananda, filho do rajá Akh, reinou em Caxemira sob o nome de Gopadatta, e que foi ele que ordenou a restauração do Templo de Salomão a um arquiteto persa, num monumento que, na aurora da era cristã, já contava mil anos. Os hindus observaram que este persa era um infiel, adepto de outra religião. Nesta ocasião, foram gravadas quatro máximas nos degraus do limiar do templo na língua persa antiga:

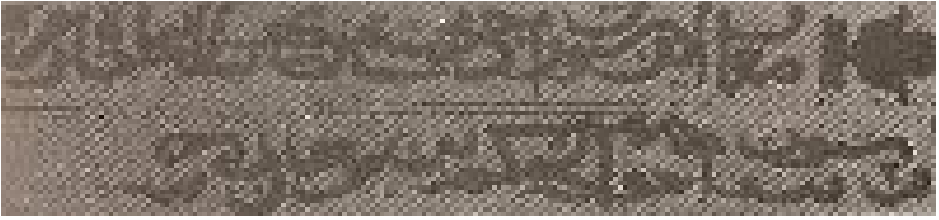


1. *Maimar een satoon raj bihishti zargar, salpanja wa chahar.* "O construtor destas colunas é o humilíssimo Bihishti Zagar, no ano cinquenta e quatro."

1. *Een satoon bardast khwaja rukun bin murjan.* "Khwaja Rukun, filho de Murjan, mandou construir estas colunas."

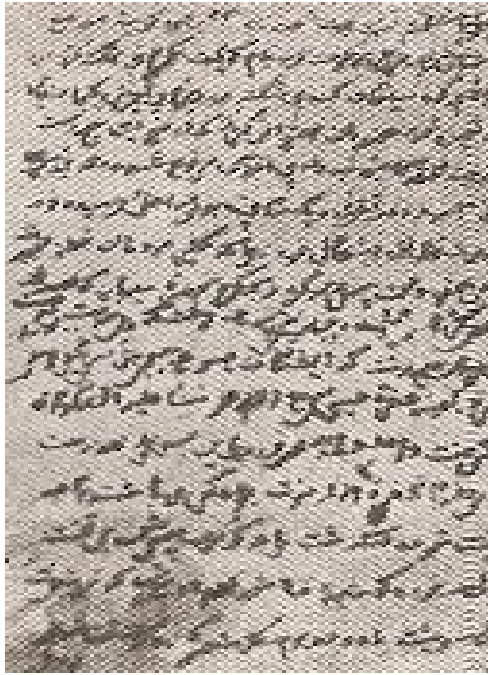
2. *Dar een wagat yuz asaf dawa-i-paighambar-i mikunad. Sal panja wa chahar.* "Nesta época, Yuz Asaf anunciou sua vocação profética. No ano cinquenta e quatro."

3. *Aishan yuzu paighambar-i-bani israil ast.* "Ele é Jesus, profeta dos filhos de Israel."



Uma antiga inscrição persa, no "Trono de Salomão", situado acima da cidade de Srinagar.

O historiador Mullah Nadiri continua em sua narrativa: "Durante o governo de Gopadatta, Yuz Asaf chegou da Terra Santa a este vale e se apresentou como profeta. Encarnava os mais altos graus da virtude e da piedade, e dizia que era a encarnação de sua própria mensagem, que gozava dia e noite da companhia de Deus e que tinha tornado Deus acessível ao povo de Caxemira. Chamou o povo para junto de si, e os habitantes do vale creram nele. Quando os hindus, indignados, procuraram Gopadatta para que interviesse na questão, ele não os recebeu. Li em uma obra hindu que o profeta era realmente Hazrat Isa, o Espírito de Deus (Que a paz e a benevolência de Deus esteja com ele), que adotara o nome de Yuz Asaf. A verdade só Deus sabe. Ele passou o resto de sua vida neste vale. Quando morreu, foi sepultado em Mohalla Anzimarrah e dizem que da sepultura deste profeta emanava a luz profética. Gopadatta reinou durante sessenta anos e dois meses. Após sua morte, subiu ao trono Gokaran, seu filho, que por cinquenta e oito anos manteve-se à frente do poder" (Tarikih-i-Kashmir, pág. 69).



Uma página da história de Mullah Nadiri, datada do ano de 1413

Gopadatta assumiu o poder em 53. O ano 54 a que o texto se refere corresponde ao ano 107 da era cristã. Nesse momento Gopadatta foi submetido ao grande rei Kanishka, da dinastia Kushan. A partir desse texto não podemos afirmar se Jesus estava ainda vivo nessa ocasião.

Em suma, existem, pelo menos, vinte e um documentos que atestam a presença de Jesus em Caxemira; além disso existe um grande número de localidades em Caxemira, que servem como provas geográficas (cf. cap. 2). Por exemplo:

Arya-Issa, Issa-Brari, Yuzu-dha, Yuzu-dhara, Yuzu-gam, Yuzu-haptura, I-yes-Issa, Kal-Issa, Yuzu-kun, Issa-kush, Yus-mangala, Yuzu-maidan, Yus-marg, Aish-Muquam, Issa-mati, Issa-eil, Yus-nag, Ram-Issa, Yuzu-para, Yuzu-rajá, Issa-ta, Yuzu-varman, I-yes-varman, I-yes-th-Issa-vara, Yusu.

Quando Jesus viveu em Caxemira, o "Vale Feliz" era um efervescente centro religioso, cultural, intelectual e político. O reino de Caxemira constituía o centro do imenso império Indo-Cita, sendo governado pelo grande rei Kanishka I (78-103 d.C), da dinastia de Kushan, que, como eminente estadista e sábio e bondoso governante, procurou unificar, por meio de uma política de tolerância e magnanimidade, as diversas raças que compunham a nação. Na cultura Gandhara, a harmonia entre as filosofias grega e indiana atingiu seu auge. O centro acadêmico dessa unidade intercultural localizava-se na velha universidade de Taxila, que gozava de grande renome na época.

Kanishka (como seu antecessor, o grande Ashoka) achou que o melhor caminho para a concretização de suas idéias estava no budismo e, apesar de sua perplexidade diante das várias escolas e seitas que haviam surgido e se bipartido no curso de cinco séculos após a partida de Buda, procurou o conselho e a orientação dos monges budistas.

Seguindo a sugestão do filósofo Parshwa, convocou o grande Concílio de Harã (Harwan), do qual tomaram parte cerca de 1 500 budistas letrados. O Concílio de Harã (em Caxemira) foi o quarto, num período de trezentos anos, e foi ele que mostrou a necessidade de oficializar o budismo Mahayana como a religião do povo. Os monges adeptos do velho budismo Hinayana relutavam em partilhar seus privilégios com as massas, opondo-se ao Concílio. Sua ortodoxia, porém, estava fadada a fracassar diante das reformas do Concílio de Harã, que fez do budismo a religião do povo. A situação geográfica de Harã, a apenas 12 quilômetros de Srinagar, teria tornado possível a presença de Jesus a tão importante evento.

O rei Kanishka impressionou-se tanto com os resultados do Concílio que converteu-se ao budismo e usou de toda sua influência para propagá-lo. Entregou a administração de seu império à comunidade dos monges budistas, sob a liderança espiritual do sábio filósofo Nagarjuna.

A obra *Rajatarangini* fornece mais uma pista sobre a permanência de Jesus na antiga Caxemira. Trata-se da história de Caxemira, escrita em sânscrito por Pandit Kalhana, no século 12. É a mais antiga obra historiográfica conhecida: um conjunto de fatos lendários, transmitidos oralmente. Passando de geração para geração, o núcleo dessas narrativas foi sofrendo alterações e sendo permeado pelo fruto da imaginação. Há uma história sobre um homem-Deus que fazia milagres, muito parecidos com aqueles de Jesus.



Esta placa encontrada em Harã mostra o encontro do rei Kanisha (à esquerda, com o cabelo à moda assíria) e um monge com aparência mongol. O lama budista oferece ao rei uma flor de lótus, símbolo do Budismo.

Este santo se chamava "Isana". Diziam que ele salvou da crucificação o poderoso estadista "Vazir", trazendo-o de volta à vida. Vazir tornou-se o governador da Índia, durante 47 anos. Kalhana relata que o homem-Deus, Isana, foi o último reformador de Caxemira, e que ele gozou de grande influência no século 1 d.C. Parece provável que o Santo Isana e Isa/Jesus foram a mesma pessoa.

O Túmulo de Jesus em Srinagar

Durante a Idade Média, a história de "Barlaão e Josafá" era uma obra literária muito conhecida pelos eruditos. Dela havia numerosas versões e

uma grande variedade de traduções circulando pela Europa e Oriente Próximo. O original era atribuído a João Damasceno, ilustre árabe cristão que viveu em Jerusalém por volta de 700 d.C. Esta história, em alguns países conhecida como "O Príncipe e o Derviche", narra o seguinte: "Abaner, um poderoso rajá indiano, foi informado por um astrólogo que seu sábio e virtuoso filho, Josafá, abjuraria a crença muçulmana, convertendo-se ao cristianismo. Para que tal profecia não se realizasse, mandou construir um palácio maravilhoso onde o príncipe deveria crescer e ser educado num círculo fechado, longe de qualquer contato externo. Apesar de todas as precauções tomadas, Josafá viu, em ocasiões diversas, um cego, um velho e, finalmente, um morto. Estas experiências, para um jovem cercado apenas de belos súditos, representaram um encontro com a verdadeira realidade da vida. Numa oportunidade conheceu o asceta Barlaão, que o converteu ao cristianismo. Abaner tudo faz para dissuadi-lo de abraçar a nova fé. Chegou mesmo a oferecer-lhe a metade de seu império. Mas Josafá, rejeitando a proposta, passou o resto de seus dias isolado como um piedoso asceta".

Esta história é tão comovente e tão profundamente verdadeira que, em 1583, tanto Barlaão como Josafá foram canonizados pela Igreja Católica Romana, e colocados no martirologio cristão. No dia 27 de novembro, a eles consagrado, lemos: "Na Índia, perto da fronteira com a Pérsia, os santos Barlaão e Josafá. Seus feitos maravilhosos foram descritos por São João Damasceno". Até o século 16, ninguém se tinha dado conta que esta história correspondia à lenda do príncipe Sidarta, que viveu sem teto, longe da família, para se tornar Buda. O nome Josafá ou Josefa soa tão judeu que nem parece tratar-se de um príncipe indiano. No entanto, é um nome que encontra seu equivalente no grego, Jodasaph, no árabe, Judasaph e também na língua de Caxemira, Yusasaph. Partindo do princípio de que as letras *j e b* são quase idênticas em sírio, persa e árabe, podemos dizer que o nome Budasaf corresponde a Judasaf. E Budasaf significa nada menos que *Bodhi sattva* (em sânscrito, *budh* = saber; *sattva* = verdade, pureza; *buddha* = iluminado).

Também por via lingüística, podemos chegar às origens do estranho nome Barlaão. Em árabe, Balauhar corresponde à palavra sânscrita *Bhagavan*, que quer dizer "O Sublime". A etimologia de J(B)udasaf indica claramente que o profeta muçulmano Yuz Asaf era, na realidade, um Bodhisattva budista que foi, generosamente, acolhido no Islã, devido à estreita correspondência entre seus respectivos princípios (e se o Bodhisattva, Yuz

Asaf, era o próprio Jesus, então não há dúvida de que os Magos vindos do Oriente encontraram, de fato, a verdadeira encarnação que procuravam).

Os atributos de um Bodhisattva espelham a imagem que temos de Jesus. A principal qualidade de um Bodhisattva é a compaixão, porém num grau tão elevado que o torna capaz de tomar sobre seus ombros os fardos do mundo e ajudar os pecadores a alcançar a salvação. Mesmo que dê a impressão de falhar na compaixão ou no cumprimento do dever, sua missão salvadora permanece intacta. Jesus perseguiu esse ideal com seriedade, aceitando a responsabilidade de arcar com todos os pecados da humanidade, aceitando ser pregado na cruz como o cordeiro imolado. Com isso podemos dizer que Jesus apresenta todas as características de um Bodhisattva.

No budismo, a figura transcendental do Bodhisattva, *Avalo-kitêshvara*, é a encarnação da compaixão ilimitada. Avalokitéshvara é uma palavra que deriva da união de *Isbvara* (= Senhor, soberano) e *ava-lokita* (= aquele que olha para o mundo com compaixão). Avalokitéshvara é quase tão perfeito quanto o Buda, possuindo poderes miraculosos com os quais supera todos os perigos e dificuldades. A partir do século 12, Avalokitéshvara foi retratado com estigmas nas mãos e nos pés, simbolizando a Roda dos Ensinamentos. Muitos autores ocidentais têm reconhecido, no símbolo da roda, os estigmas de Jesus e vêem nisso a prova de que Avalokitéshvara e Jesus eram a mesma pessoa.

Durante o importante quarto Concílio de Caxemira, em Harã, nas proximidades de Srinagar, sob os auspícios de Kanisha, o Grande, Jesus deveria estar com mais de 80 anos se ainda estivesse na terra. E, como já aludimos, Jesus com essa idade seria considerado um santo muito amado e como tal poderia ter participado deste importante Concílio budista. É difícil de comprovar esta suposição, porém todos os fatos conhecidos oferecem elementos a seu favor. De qualquer forma, as reformas introduzidas por esse Concílio estão de pleno acordo com os ensinamentos de Jesus.

Hadrat Fatimah Al-Zahra, um parente de Maomé, contou que o profeta lhe informara que Jesus viveu até a avançada idade de 120 anos¹². Embora essa afirmação não tenha nenhum respaldo arqueológico, existem grandes ascetas que conseguem dominar o corpo com o auxílio da mente, e por isso podem viver muito tempo. No Tibete, os homens santos atingem 130, 150 anos, e até mais. O xeque Al-Sa'id-us-Sadiq, grande historiador oriental falecido em Khurasan em 962 d.C, relata, em seu famoso livro, *Ikmal-ud-Din*, duas viagens de Jesus à Índia e sua morte como Yuz Asaf, em

Caxemira. Esta obra foi reeditada no Irã em 1882 e traduzida para o alemão pelo ilustre orientalista Max Müller.

Este livro contém um trecho dos ensinamentos de Yuz Asaf que em nada difere de uma parábola dos evangelhos:

"Escutai minhas palavras: um fazendeiro saiu a semear seu campo. Os pássaros vieram e comeram a semente. Outra semente caiu pelo caminho. E eis que algumas caíram sobre a rocha, onde não havia terra, e secaram. Outras, entre espinheiros, e não puderam crescer. Porém, a semente que caiu em terra boa, cresceu e frutificou. O fazendeiro é o sábio e a semente as palavras de sabedoria. As sementes comidas pelos pássaros simbolizam as pessoas que não lhe entendem as palavras. As sementes que caíram na rocha são as palavras de sabedoria que entram por um ouvido e saem por outro. As que caíram entre espinheiros representam as pessoas que ouvem e vêem, mas não agem de acordo com elas. As sementes que caíram em terra boa simbolizam aqueles que ouvem e observam as palavras de sabedoria" (Ikmal-ud-Din pág. 327; cf. Mateus 13,1-23; Marcos 4,1-20; Lucas 8,4-15).

A versão árabe da história de Barlaão e Josafá, *O Livro de Balauhar e Budasaf* (pág. 285-286), publicado em Bombaim, assim relata a morte de Yuz Asaf: "E ele chegou a Caxemira, a mais longínqua região em que ensinou, e foi lá que faleceu. Quando deixou o mundo, deixou todos seus bens a um certo discípulo chamado Ababid, que o servia. Tudo o que ele fazia era perfeito. E ele lhe disse o seguinte: 'Encontrei um túmulo digno, decorei-o e trouxe lâmpadas para os agonizantes. Reuni, em torno da verdade, o rebanho disperso. Para isso fui enviado. Minha alma está prestes a ascender do mundo, separando-se do corpo. Obedecei os mandamentos, não vos desvieis do caminho reto, mas nele perseverai com o coração cheio de gratidão. Deus permita que Ababid seja o novo líder'. Pediu, então, que este lhe nivelasse o chão, estirou as pernas e se deitou. A seguir, voltando a cabeça para o norte e o rosto para o leste, morreu"¹³.

A sepultura do profeta Yuz Asaf está hoje no centro da cidade antiga de Srinagar, em Anzimar, no bairro de Khanjar. A construção que se encontra ao redor do sepulcro chama-se "Rozabal", uma abreviação de "Rauza Bal". *Rauza* significa "sepultura de um profeta". A construção é retangular e tem um pequeno pórtico. No alto da porta de entrada da atual câmara mortuária, há uma inscrição. Diz que Yuz Asaf chegara, muitos séculos atrás, ao vale de Caxemira e que dedicara a vida à busca da verdade. Existem, sobre o chão da referida câmara, duas longas lápides, ambas rodeadas por uma grade de madeira e recobertas por um pano grosso. A grade, por sua vez, está dentro de um relicário fixo de madeira. A lápide

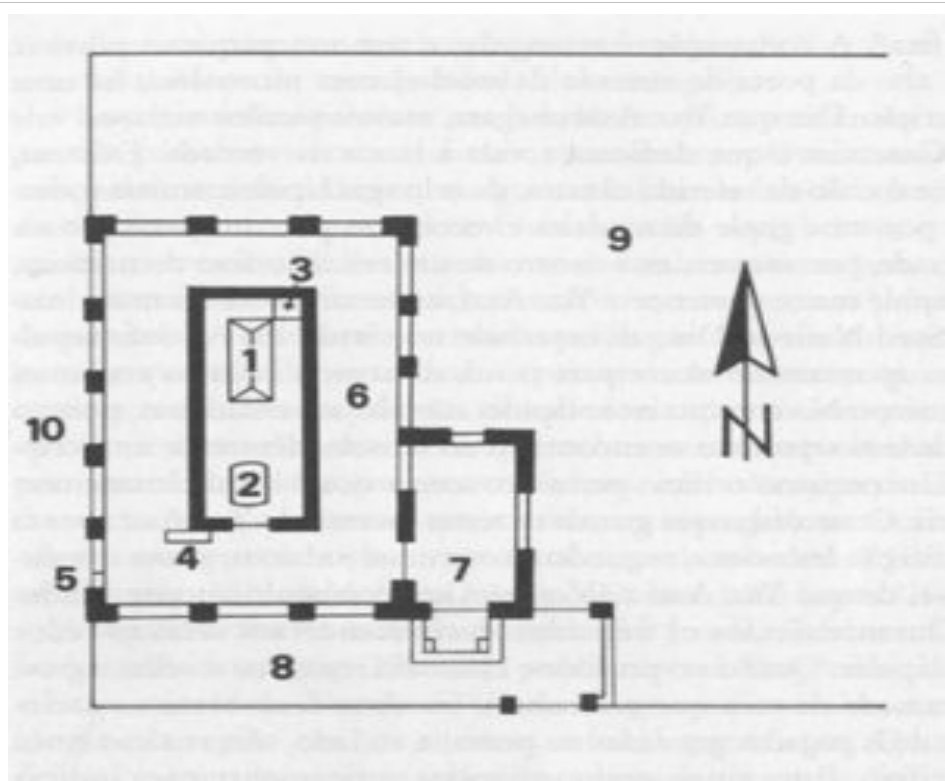
maior pertence a Yuz Asaf, a menor, ao santo muçulmano Syed Nasir-ud-Din, ali enterrado no século 15. As duas sepulturas apontam do norte para o sul, de acordo com os costumes islâmicos. No entanto estas lápides não são as verdadeiras, pois na verdade as sepulturas se encontram no subsolo, dentro de uma cripta. Um pequeno orifício permite o acesso visual à real câmara mortuária. O sarcófago que guarda os restos mortais de Yuz Asaf aponta na direção leste-oeste, segundo os costumes judaicos, prova insofismável de que Yuz Asaf não era um santo muçulmano ou hindu.

Durante séculos os fiéis adoradores acenderam velas ao redor das lápides. Quando o professor Hassnain removeu a velha e grossa camada de cera que a recobria, fez uma descoberta sensacional: duas pegadas gravadas na pedra, e ao lado, um rosário e um crucifixo. Estes sinais eram utilizados antigamente para indicar a identidade do falecido, de forma semelhante às nossas impressões digitais. Como as suásticas dos pés de Buda, nas pegadas de Yuz Asaf encontramos provas inegáveis de sua identidade. O escultor destacou, nitidamente, as feridas da crucificação. A disposição dessa ferida indica mesmo que o pé esquerdo foi colocado por cima do direito, fato confirmado pela análise das manchas de sangue encontradas no sudário de Turim. Considerando que a crucificação era desconhecida na Ásia, como medida punitiva, conclui-se seja este o lugar da sepultura de Jesus.

Existem, em Caxemira, inúmeras fontes históricas que confirmam a identidade entre Yuz Asaf e Jesus. Um antigo manuscrito descreve o monumento como a sepultura de Isa Rooh-u-Ilah¹⁴. O lugar é visitado anualmente por milhares de peregrinos de todos os credos, não apenas muçulmanos, mas hindus, budistas e cristãos.

Os descendentes dos antigos israelitas conheciam o verdadeiro significado daquele modesto monumento, chamavam-no de a "sepultura de Hazrat Isa Sahib", isto é, "a sepultura do Senhor (mestre) Jesus". Antigos documentos dizem que, pelo ano 112 d.C, foi construída uma proteção ao redor do túmulo. Em 1776, os guardiães do lugar receberam um documento oficial atestando o alto significado daquele local sagrado. Neste documento, o grande Mufti (sacerdote muçulmano) Rah-man Mir, declara: "Aqui jaz Yuz Asaf, que, durante o reinado do Rajá Gopadatta, reergueu o Templo de Salomão, e que veio a Caxemira na qualidade de profeta. Ele pregou para o povo e declarou ser uno com o Altíssimo e foi um legislador para o

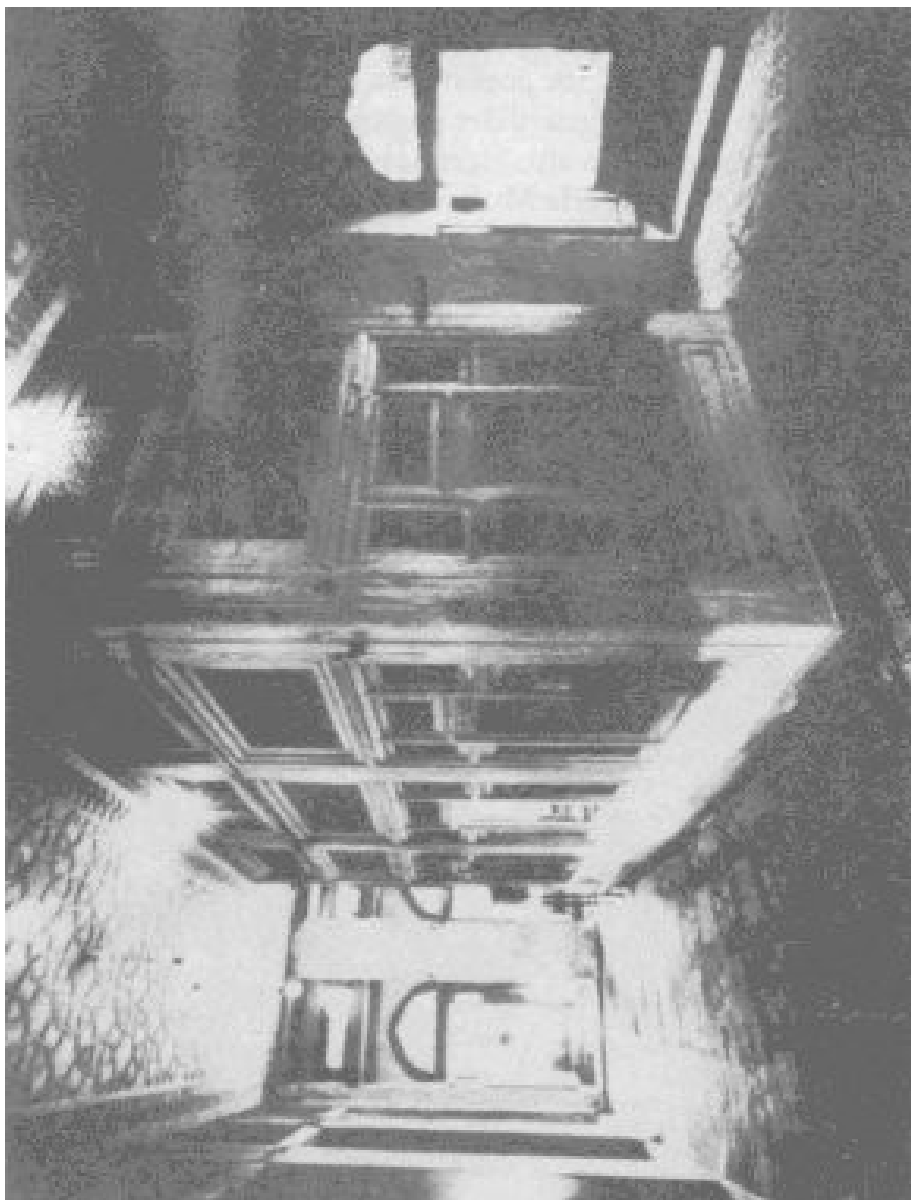
povo. Desde essa época, reis, ministros de Estado, altos dignitários e o povo em geral veneram seu túmulo".



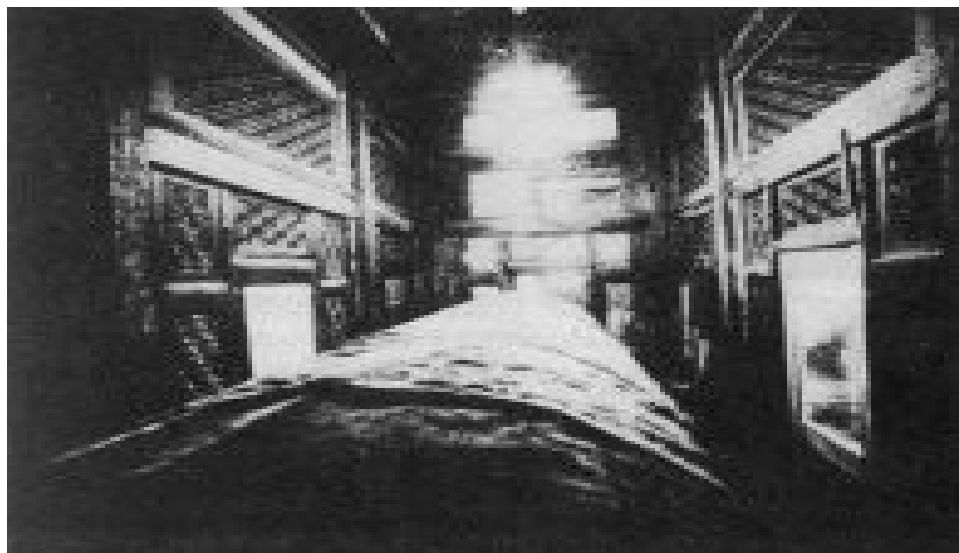
1. Lápide de Jesus/Yuz Asaf
2. Lápide de Syed Nasir-ud-Din
3. Pegadas Cinzeladas
4. Tabuleta
5. Entrada de cripta
6. Corredor
7. Entrada
8. Terraço
9. Cemitério muçulmano
10. Rua



As pegadas originais, iluminadas por velas.



No interior do Rozabal existe um relicário de madeira.



Acima:A lápide é coberta por um pano.

Abaixo: A lápide, também chamada cenotáfio. Embaixo encontra-se a sepultura de Yuz Asaf.



Considerações Finais

A sobrevivência do Ocidente depende da reintrodução do conceito de Carma Na consciência dos povos.

Paul Brunton

Nossa exposição termina aqui, sem termos dito aos nossos leitores como manipular os conhecimentos que adquiriram. Quando publiquei o livro em alemão recebi inúmeras críticas dizendo que eu estava eliminando a consolação final da fé cristã, ou seja, a crença na redenção dos pecados através da cruz. No entanto, quero dizer que esta doutrina tradicional é a doutrina de Paulo e não aquela de Jesus.

Foi Paulo quem centralizou a atividade de Jesus em sua morte, mostrando que é através dela que o homem de fé se liberta de seus pecados, das misérias do mundo e do poder de satanás.

Em suas cartas, Paulo não escreveu uma única palavra sobre o ensinamento atual de Jesus, nem menciona qualquer de suas parábolas; o que ele faz é apresentar sua própria filosofia e suas próprias idéias.

Paulo tende a apresentar todas as pessoas como filhos da ira, isto é, como sujeitos à ira de Deus (ver Efésios 2,3). Tudo, sem exceção, está perdido (ex. Romanos 5,18; 1 Coríntios 15,18), sem esperança e sem Deus (Efésios 2,12), pois satanás subjuga a todos sem exceção (ex. Romanos 3,9; Gálatas 3,22; Colossenses 2,14). A sentença de condenação paira sobre o povo como uma espada de Dâmocles (ex. Romanos 5,16). Assim Paulo transformou as "boas novas" em "novas terríveis", dando a entender que "somente ele" podia mostrar o caminho da salvação. Claro que, diante dessa postura, é muito difícil chegar a uma concepção natural da morte, pois a morte passou a representar uma solução para os pecados.

Em nenhuma outra religião, além do cristianismo de Paulo, nos deparamos com este culto do medo. Com Paulo, os cristãos, dominados pelo medo, docilmente se curvam ao peso de ameaças. A religião perdeu o conceito do Deus amoroso, toda bondade e todo perdão anunciado por Jesus, retrocedendo às crueldades do Deus vingativo do Antigo Testamento, ressuscitado nas palavras de Paulo.

Paulo diz claramente que o homem não pode, por si mesmo, alcançar a salvação (cf. Romanos 3,24; 3,28; 9,11; 9,16; 1 Coríntios 1,29; Gálatas

2,16), pois a salvação depende, única e exclusivamente, da graça de Deus (Efésios 2,8-9).

Assim, a doutrina da salvação de Paulo torna-se um ato unilateral, diante da qual a humanidade se encontra de mãos atadas (cf. Romanos 3,24; 4,16; Efésios 2,5; 2,8-9; 2 Timóteo 1,9; Tito 3,5-7). Esta mensagem de Paulo é pouco atraente, pois não traz conforto. Quem faz parte do rebanho está "automaticamente" salvo. Não há necessidade de um esforço individual para se atingir o principal objetivo da vida, pois todo cristão é salvo através da morte de Jesus, na cruz, no Gólgota.

Em outras palavras, o cristão deve apenas "associar-se", tornar-se um membro da "instituição", pagar a "taxa de sócio" e eis que lhe está garantido um lugar eterno no paraíso. Esta doutrina, pela facilidade apresentada, conquistou muitos adeptos e se difundiu rapidamente.

E, sem dúvida, muito prático acreditar que, através de um simples ato de conversão, um pecador é redimido, transformado em filho de Deus e em um novo ser. De acordo com essa doutrina, qualquer tentativa que o indivíduo faz isoladamente, em prol de sua própria salvação, representa uma afronta a Jesus, constituindo, pois, *pecado mortal*. Assim, por mais exemplar que tenha sido a vida de uma pessoa, se ela não acreditar nos ensinamentos de Paulo, de que sua salvação está diretamente ligada ao sacrifício de Gólgota, é condenada por essa mesma doutrina.

A grande maioria dos cristãos acredita que a grandeza incomparável do cristianismo reside na verdade destes ensinamentos; porém, quando examinados mais de perto, revelam-se bem distantes da verdadeira doutrina ensinada por Jesus. Não encontramos nos evangelhos o menor vestígio da assim chamada doutrina cristã da salvação; nem mesmo no *Sermão da Montanha* — a quintessência da mensagem de Jesus — ou no *Pai Nosso* ou nas parábolas! Se fosse realmente tão importante, Jesus deixaria algum indício de que sua morte na cruz devia ser entendida como o meio de salvação da humanidade. Desconhecer esta postura de Jesus é ir contra sua ética vivencial.

Jesus não teorizou sobre sua missão e sobre sua mensagem, a fim de servirem de substrato a curiosidades acadêmicas. Ele viveu a doutrina que pregou, uma doutrina de tolerância, amor ao próximo, doação e partilha, a capacidade de carregar nos próprios ombros o peso dos outros; em outras palavras, um amor e uma ação ilimitados para com o ser humano. Este o caminho de salvação que nos mostrou!

Pessoalmente, considero Jesus o exemplo ideal de um Bodhi-sattva, com todos os predicados de um Buda, em busca da plena realização, da Iluminação e plenamente consciente da realidade divina; livre de laços individuais e completamente destituído de ambição egoísta. Via "o mundo real" como a raiz de todo o sofrimento e pregava aos seus discípulos a renúncia da vida e dos bens terrenos.

Dentro dos moldes deste ideal budista, no seio dos incontáveis ciclos de reencarnação, o que importa é aperfeiçoar constantemente o Carma através de ações corretas, para que, finalmente, se possa atingir o plano divino. Quando abordei o tema da "Reencarnação no Novo Testamento" (pág. 128) tentei demonstrar que Jesus — e depois dele todas as comunidades cristãs primitivas — aceitavam sem problemas a idéia de metempsicose, tal como exposta pelas crenças orientais da reencarnação. Aqui é interessante esclarecer como foi que o princípio da reencarnação se converteu em um tremendo erro histórico em algum momento do século 4.

Até agora, quase todos os historiadores da Igreja acreditaram que a doutrina da reencarnação foi declarada herética durante o Concílio de Constantinopla em 553. No entanto, a condenação da doutrina se deve a uma ferrenha oposição pessoal do imperador Justiniano, que nunca esteve ligado aos protocolos do Concílio. Segundo Procópio, a ambiciosa esposa de Justiniano, que, na realidade, era quem manejava o poder, era filha de um guardador de ursos do anfiteatro de Bizâncio. Ela iniciou sua rápida ascensão ao poder como cortesã. Para se libertar de um passado que a envergonhava, ordenou, mais tarde, a morte de quinhentas antigas "colegas" e, para não sofrer as conseqüências dessa ordem cruel em uma outra vida como preconizava a lei do Carma, empenhou-se em abolir toda a magnífica doutrina da reencarnação. Estava confiante no sucesso dessa anulação, decretada por "ordem divina"!

Em 543 d.C. o imperador Justiniano, sem levar em conta o ponto de vista papal, declarou guerra frontal aos ensinamentos de Orígenes, condenando-os através de um sínodo especial. Em suas obras *DePrincipiis* e *Contra Celsum*, Orígenes (185-235 d.C), o grande Padre da Igreja, tinha reconhecido, abertamente, a existência da alma antes do nascimento e sua dependência de ações passadas. Ele pensava que certas passagens do Novo Testamento poderiam ser explicadas somente à luz da reencarnação.

Do Concílio convocado pelo imperador Justiniano só participaram bispos do Oriente (ortodoxos). Nenhum de Roma. E o próprio Papa, que estava em Constantinopla naquela ocasião, deixou isso bem claro.

O Concílio de Constantinopla, o quinto dos Concílios, não passou de um encontro, mais ou menos em caráter privado, organizado por Justiniano, que, mancomunado com alguns vassallos, excomungou e maldisse a doutrina da pré-existência da alma, apesar dos protestos da Papa Virgílio, com a publicação de seus *Anathemata*.

A conclusão oficial a que o Concílio chegou após uma discussão de quatro semanas teve que ser submetida ao Papa para ratificação. Na verdade, os documentos que lhe foram apresentados (os assim-chamados "Três Capítulos") versavam apenas sobre a disputa a respeito de três eruditos que Justiniano, há quatro anos, havia por um edito declarado heréticos. Nada continham sobre Orígenes. Os Papas seguintes, Pelágio I (556-561), Pelágio II (579-590) e Gregório (590-604), quando se referiram ao quinto Concílio, nunca tocaram no nome de Orígenes.

A Igreja aceitou o edito de Justiniano — "Todo aquele que ensinar esta fantástica pré-existência da alma e sua monstruosa renovação será condenado" — como parte das conclusões do Concílio. Portanto, a proibição da doutrina da reencarnação não passa de um erro histórico, sem qualquer validade eclesiástica.

Se nos reaproximarmos da doutrina da reencarnação, afastando a crença na ascensão do corpo físico de Jesus crucificado, crescerá no coração de cada um, e mesmo no coração daqueles que se educaram dentro do cristianismo tradicional, a fé nas verdades puras, ensinadas pelo próprio Cristo.

Holger Kersten

Freiburg, setembro de 1986

Cartas para o autor devem ser enviadas **em alemão ou inglês**, incluindo selo para a resposta.

Endereço Postal: Holger Kersten Caixa Postal 961 D-7800 Freiburg
Alemanha Ocidental

Cronologia (área indiana)

Antes da era cristã

antes de 6000 c. 4500 por volta de 2500 século 6	Desenvolvimento do sistema brâmane Origens dos Vedas (cf H. Jacobi) Cultura hindu (Harappa) Instalação das "Tribos Perdidas de Israel"
século 5 563-483 século 4 por volta de 250	no norte da Índia Redação dos Sutras Buda Primeiras Escrituras Budistas O imperador indiano Ashoka envia missionários budistas para o Mediterrâneo
século 1	Origens do Budismo Mahayana com a idéia do Salvador (Bodhisattva)

Na era cristã

antes de 50 Jesus permanece na cidade universitária de Taxila e se apresenta na corte do rei indo-parto Gondophares após 50 Jesus viaja com o nome de Yuz Asaf em Caxemira e regiões circunvizinhas após 70 Jesus encontra o rei local Shalivahan c. 49-109 Reinado do rei local Godapatta (Gopananda)

78 Inscrição no Templo de Salomão em Srinagar

78-103 Reinado do rei Kanishka **por** volta de 80 4? Concílio Budista em Harã (Harvan), Caxemira

após 80 Jesus é enterrado em Caxemira

Cronologia (área do Oriente Próximo)

Antes da era crista

c. 1750 Abraão deixa Harã com sua tribo c. 1730 As tribos hebraicas (José) entram no Egito após 1560 Fim do império do hicsos; início de opressão c. 1250 Moisés; êxodo do Egito c. 1200 Ocupação da Palestina 965-926 Rei Salomão após 926 Separação entre Israel (norte) e Judá (sul) c. 870 Profeta Elias

722 Israel é conquistado pelo rei assírio Sargão II; as dez tribos de Israel desaparecem para sempre

600-540 O profeta Ezequiel descreve o Templo em Caxemira

587 Fim do reino de Judá; exílio babilônico (aprox. 50 anos) 7

Nascimento de Jesus 4 Morte de Herodes, o Grande

Na era cristã

Arquelau deixa o cargo, Jesus volta de Alexandria; aos 12 anos, no templo
6-30 A primeira viagem de Jesus à Índia c. 30 Volta da Índia, entrada em
Jerusalém 31 Assassinato de João Batista
33 Crucificação de Jesus (dia 7 de abril?)
34 Paulo encontra-se com Jesus em Damasco e se converte
c. 35 Jesus permanece com o rei de Andrapa após 35 Jesus em Nisibis
(permanece com o rei de Edessa?)

Notas

Capítulo 1

1. Nicolas Notovitch, The Unknown Life of Jesus Christ
2. Issa é um dos muitos nomes árabes de Jesus
3. Em sânscrito: pancha; em grego: pente = cinco
4. Palácio Real do Dalai Lama, em Lhasa, capital do Tibete
5. Levi, The Aquarian Gospel of Jesus Christ
6. Akasha = substância primordial (Skt)
7. In Notovitch, Orsis, cidade da Índia
8. In Notovitch, Djagguernat, cidade da Índia (ver mapa)
9. Tácito, Anais 15,44

10. Suetônio, Nero 16 e Cláudio 25,4
11. Plínio, o Moço, Cartas 10, 96s
12. Flávio Josefo, Antiguidades Judaicas 18; 3,3 e 20; 9,1
13. Orígenes, Contra Celsum
14. Arthur Drews, Die Christusmythe, 1911; 3
15. Extratos editados e traduzidos por Wilh. Reeb (Alemanha), Leipzig, 1923
16. Clemente de Alexandria, Stromateis 7; 89, 2s
17. Orígenes, Contra Celsum
18. Der Spiegel n? 14, 1966
19. J. Jeremias, 1951

20. Der Spiegel n? 14, 1966
21. Wilh. Nestle, Krisis des Christentums 1947, p. 89
22. F. Overbeck, Christentum und Kultur — aus dem Nachlas, 1919
23. H. Ackermann, Entstellung und Klärung der Botschaft Jesu, 1961
- 24.A. Deismann, Paulo, 2? ed., 1925
24. E. Grimm, Die Ethik Jesu, 1917
25. A. Schweitzer, Geschichte der Leben-Jesu-Forschung, Tübingen 1913, p. 512
26. Der Spiegel n? 14, 1966
27. Der Stern n? 16, 1973
28. Nirad C. Chaudhuri, Scholar Extraordinary, p. 32
29. Anagarika Govinda, The Way of the White Clouds

Capitulo 2

1. H. P. Blavatsky, The Secret Doctrine, Vol. II, P. 210
2. Jens Juergens, Der Biblische Moses, 1928
3. W. F. Ireland, Die Memoiren David Rizzios, Kollmann, Leipzig, 1852
4. Dummelow, Commentary on the Holy Bible, p. 115
5. H. P. Blavatsky, Isis Unveiled, Vol. II, p. 135
6. Travancore-Cochin pertence a provincia de Kerala, no sul da India
7. Blavatsky, Isis Unveiled, p. 136
8. Bernier, Francois, Travels in the Mogul Empire, Londres 1891, p. 432
9. G. Konzelmann, Aufbruch der Hebraer, Berlim, 1976, p. 37
10. Joseph Wolff (John W. Parker, Londres 1845)
11. G. T. Vigne, Whittaker & Co., Londres 1840, p. 166
12. Publ. por William Collins, Londres e Glasgow, 1880
13. G. Moore, The Lost Tribes, Longman and Green, Londres, 1861
14. Abdul Ahad Azad, Kashmiri Zaban Aur Shairi, Vol. I, p. 10 (Academia de Cultura de Jammu e Caxemira)

Capítulo 3

1. G. Kroll, Auf den Spuren Jesu, Leipzig 1964, p. 63
2. P. Schnabel, Der jüngste Keilschrifttext, in Zeitschrift f. Assyrologie, NF 2 (36), p. 66
3. Ver intertítulo "A Reencarnação no Novo Testamento"
4. Orígenes, Gen. hom. XIV 3
5. Hennecke-Schneemelcher, Neutestamentliche Apokryphen Vol. I, 4ª ed. Tübingen 1968, p. 98
- 6.

6. Dalai Lama, My Country and My People
7. Heinrich Harrer, Seven Years in Tibet
8. Ernst J. Eitel, Handbook of Chinese Buddhism, Tóquio 1904
9. Robertson, John M., Die Evangelienmythen, Jena 1910, p. 51
10. Antiguidades Judaicas XVIII, 5,2
11. H. P. Blavatsky, op. cit., p. 142
12. J. Klausner, Jesus von Nazareth, 1952, p. 144
13. No calendário judeu, o ano tem 12 meses com 29 ou 30 dias, portanto, 354 dias ou 50,33 semanas, cada uma com sete dias. Para compensar o tempo tomado de cada ano é necessário intercalar, a cada dezenove anos, um 13º mês no 3º, no 8º, no 11º e no 18º ano. Este 13º mês é chamado "segundo Adar". O calendário judeu começa com a "Criação do Mundo" no dia 20 de setembro do ano 3760 a.C.
14. A. Hilgenfeld (Zeitschrift f. wissenschaftliche Theologie 1860-1882) ou W. Bauer (Essener, in Pauly-Wissowa, Supplementband IV, Sp. 4

Capítulo 4

1. Friedrich Weinreb, Das Buch Jonah (Zurique 1970), p. 90
2. J. M. Pryse, Reinkarnation im NT (Ansata 1980)
3. Bhagvan Dass, Krishna and the Theory of Avatars
4. Sri. Yukteswar, The Holy Science (Self-Realization Fellowship, Los Angeles)
5. F. Hitching, Die letzten Rätsel unserer Welt (Umschau-Verlag, 1982), p. 118

Capítulo 5

1. Willi Marxsen, Die Auferstehung Jesu, Gütersloh 1960
2. Ian Wilson, Eine Spur von Jesus, Freiburg 1980
3. Hennecke-Schneemelcher, op. cit., p. 104
4. Doctrina Addai, século 4, antiga Biblioteca Nacional de São Petesburgo (Leningrado)

5. Euagrus, *Historia Ecclesiastica*, Migne, *Patrologia graeca*, LXXX, VI/2, Sp. 2748-49
6. W. Bulst, *Das Grabtuch von Turin*, Karlsruhe 1978, p. 111
7. Ian Wilson, *op. cit.*, p. 191
7. H. Thurston, *The Holy Shroud...*, in *The Month*, 101, p. 19
8. John Reban, *Christus wurde lebendig begraden*, Inter-Found Zurich, 1982
10. W. Bulst *op. cit.*, p. 123
11. *Applied Optics*, Vol. 19, n? 12, 1980; *X-Ray Spectrometry*, vol. 9, n? 2, 1980
12. R. Seydel, *Das Evangelium von Jesus*, Leipzig 1882, p. 273
13. Ian Wilson, *op. cit.*, p. 279
14. J. Blinzler, *Das Turiner Grablinnen and die Wissenschaft*, Ettal 1952, p. 31
15. H. Bardtke, *Die Handschriftenfunde am Toten Meer*, Berlin 1958, p. 42
16. Giulio Ricci, *Kreuzweg nach dem Leichentuch von Turin*, Roma 1971, p. 68
17. Cf. John Reban, *op. cit.*
18. Hennecke-Scheemelcher, *op. cit.*, p. 27
19. Wilh. Lang-Eichbaum, *Genie, Irrsinn, Ruhm* (6? ed., Munique 1967) p. 496
20. Lactantius, *Institutiones*, 5,3

Capitolo 6

1. Hennecke-Schneemelcher, *op. cit.*, Vol. II, p. 299 ss
2. *Ibid.*, Vol. I, p. 199
3. *Ibid.*, Vol. I, p. 206 s
4. *Ibid.*, Vol. II, p. 316
5. *Ibid.*, Vol. II, p. 319
6. *Ibid.*, Vol. II, p. 320
7. *Ibid.*, Vol. II, p. 322

8. Joaquim Jeremias, Essay in Nachrichten aus der Akad, d. Wiss. Göttingen, I. Phil. Hist. Kl. 1953, p. 95
9. Hennecke-Schneemelcher, op. cit., Vol. I, p. 199
10. Cf. Joaquim Jeremias, op. cit., p. 99
11. Cf. H.v. Glasenapp, Die Literatur Indiens, Stuttgart 1961, p. 129-135
12. Fönte: Kans-ul Ammal, Vol. II, p. 34
13. D. W. Lang, The Wisdom of Balahar, Nova York 1957, p. 37
14. M. Yasin, Mysteries of Kashmir, Srinagar 1972

Bibliografia

Aron, R., Jesus of Nazareth: The hidden years, Nova York, 1962. Abbot, S., The Fourfold Gospels, C.U.P., Cambridge 1917. Abdul Hag Vidyarthi, M., Rohi Islam, Lahore 1966. Abdul Qadir bin Qazi-ul Qazzat Wasil Ali Khan, Hashmat-i Kashmir, MS. N? 42, Asiatic Society of Bengal, Calcuta. Ackermann, H., Entstellung und Klärung der Botschaft Jesu, Göttingen 1961.

Albright, W.F., The Archeology of Palestine, Londres 1951. Allegro, J.M., The Dead Sea Scrolls and the Christian Myth, Newton Abbey 1979.

, The Treasure of the Copper Scroll. The opening and decipherment of the most mysterious of the Dead Sea Scrolls. A unique inventory of buried Treasure, Londres 1960.

Allen, Bernard M., The Story behind the Gospels, Methuen, Londres 1919.

Ansault, Abate, La Croix avant Jesus-Christ, Paris 1894.

Apuleius, L., The Transformations of Lucius, otherwise known as the Golden Ass, tr. de R. Graves, 1958.

Augstein, R., Jesus, Son of Man, Nova York, 1972.

At-Tabri, Iman Abu Ja'far Muhammad, Tafsir Ibn-i-Jarir at-Tabri, Kubr-ul-Mar'a Press, Cairo.

Bardtke, H., Die Handschriftenfunde am Toten Meer, Berlin 1952.
 , Die Handschriftenfunde am Toten Meer: Die Sekte von Qumran, Berlin 1958.
 , Die Handschriftenfunde in der Wüste Juda, Berlin 1962.

Barth, M., Israel und die Kirche im Brief an die Epheser (= Theologische Existenz heute, N.F., Nr. 75), Munique 1959.
 , Jesus, Paulus und die Juden, Zuriqe 1967.

Barth, F., Die Hauptprobleme des Lebens Jesu, Gütersloh 1918. Bartsch, G., ed. De tribus impostoribus, nova ed.: Berum 1962. Basharat Ahmad, Dr., Birth of Jesus, Dar-ul-Kutab-i-Islamia, Lahore 1929.

Bauer, F.C., Kritische Untersuchungen über die Kanonischen Evangelien, Tübingen 1847.

Baus, K., Von der Urgemeinde zur frühchristlichen Großkirche, Freiburg 1973.

Bell, Major A.W., Tribes of Afghanistan, Bell, Londres 1897. Bellew, H.W., The New Afghan Question, or Are the Afghans Israelites?, Croddock, Simla 1880.
 , The Races of Afghanistan, Thacker, Spink and Co., Calcuta.

Ben-Chorin, Sch., Bruder Jesus, der Nazarener in jüd. Sicht, Munique 1967.

Bengalee, Sufi Matiur Rahman, The Tomb of Jesus, Muslim Sunrise Press, Chicago 1946.

Bergh van Eysinga, G.A. van den, Indische Einflüsse auf evangelische Erzählungen, Göttingen 1904.

Berna, Kurt, Jesus ist nicht am Kreuz gestorben, Hans Naber, Stuttgart 1957.
 , John Reban's Facts: Christus wurde lebendig begraben, Inter-Found, Zuriqe 1982.

Bernier, Francois, Travels in the Moghul Empire, tr. de Archibald Constable, Londres 1891.

Betz, Otto, Offenbarung und Schriftforschung der Qumran-Texte, Mohr, Tübingen.

Bhavishya, Mahapurana, ver Sutta, Pandit.

Blank, J., Der Christus des Glaubens und der historische Jesus, in Der Mann aus Galiläa, ed. por E. Lessing, Freiburg 1977.
 , Paulus und Jesus. Eine theologische Grundlegung, Munique 1968.

- Blavatsky, H.P., Isis Unveiled, Vols. I & II, Nova York 1891.
 , The Secret Doctrine, Londres 1908.
- Blinzler, J., Das Turiner Grablinden und die Wissenschaft, Ettal 1952.
 , Der Prozess Jesu. Das jüdische und das römische Gerichtsverfahren gegen Jesus Christus auf Grund der ältesten Zeugnisse dargestellt und beurteilt, Regensburg 1955.
- Bock, E., Kindheit u. Jugend Jesu, Stuttgart 1940.
- Bock, J., The Jesus Mystery, Aura Books, Los Angeles 1980.
- Bomann, Th., Die Jesusüberlieferung im Lichte der neueren Volkskunde, 1967-69.
- Bornkamm, G., Die Bibel. Das Neue Testament. Eine Einführung in seine Schriften im Rahmen der Geschichte des Urschristentums. Stuttgart/Berlin 1971.
 , Das Ende des Gesetzes, Paulus-Studien, Munique 1952.
 , Geschichte und Glaube, I & II, Munique 1969-1971.
 , Jesus von Nazareth, Stuttgart 1968.
 , Paul, Londres 1971.
 , The New Testament, Filadélfia 1973.
- Braun, H. Qumran und das Neue Testament, I & II, Tübingen 1966.
 , Spätjüdischer-häretischer und frühchristlicher Radikalismus. Jesus von Nazareth und die essenische Qumran-Sekte, 1969.
- Brühl, Rev. J.H., The Lost Ten Tribes, Where are They?, Operative Jewish Converts Institution Press, Londres 1893.
- Bryce, J. and Johnson K., Umfassende Beschreibung der Erdkunde, Londres 1880.
 , The Library Gazetteer, Londres 1859.
- Bultmann, R., History and Eschatology, Edinborough 1957.
 , Jesus and the Word, Nova York 1958.
 , Jesus Christ and Mythology, Nova York 1958.
 , Primitive Christianity, Londres 1956.
 , Theology of the New Testament, SCM Press, 1958.
 , This World and the Beyond, Londres 1960.
- Bulst, W., The Shroud of Turin, Milwaukee 1957. Burdach, K., Der Gral, Darmstadt 1974. Burrows, M., The Dead Sea Scrolls, Londres 1956.
 , More Light on the Dead Sea Scrolls and new interpretations with translations of important recent discoveries, Londres 1958.

Campenhausen, H. von, Der Ablauf der Osterereignisse und das leere Grab, Heidelberg 1958.

, Aus der Frühzeit des Christentums, Studien zur Kirchengeschichte des ersten und zweiten Jahrhunderts, Tübingen 1963.

, Die Entstehung der Christlichen Bibel (Beiträge zur Historischen Theologie, Nr. 39), Tübingen 1968.

Carmichael, J., The Death of Jesus, Londres 1963.

, Steh auf und rufe Seinen Namen. Paulus, Erwecker der Christen und Prophet der Heiden, Munique 1980.

Chadurah, Khwaja Haidar Malik, Waqiat-i-Kashmir or Tarikh-i-Kashmir, Muhammadi Press, Lahore.

Chandra Kak, Ram, Ancient Monuments of Kashmir, Sagar, Nova Delhi 1971.

Clemens Alexandrinus, ed. Loeb, Cambridge (Mass.) 1968. Cohn, H., The Trial and Death of Jesus, Londres 1972. Cole, Major H.H., Illustrations of Ancient Buildings in Kashmir, W.H. Allen, Londres 1869.

Danielov, Jean, Qumran und der Ursprung des Christentums, Mainz 1959.

Deissmann, A., Paul, Londres 1926. Deschner, K., Abermals krähte der Hahn, Reinbek 1978. Dautzenberg, Gerhard, Der Jesus-Report und die neutestamentliche Forschung, Müller, Würzburg 1970.

Dibelius, M., A fresh approach to the NT and early Christian Literature, Nova York 1936.

, Botschaft und Geschichte. Gesammelte Aufsätze, I & II, Tübingen 1953-1956.

Dietz, M., Die Zeugnisseheidnischer Schriftsteller des zweiten Jahrhunderts über Christus, Sigmaringen 1874.

Docker, M.A., If Jesus did not Die on the Cross, A Study in Evidence, Roland Scott, Londres 1920.

Doughty, Marion, Through the Kashmir Valley, Sands, Londres 1902.

Drews, A., The Christ myth, The open court publ. 1911. Drower, E.S., The Mandaeans of Iraq and Iran. Their cults, customs, magic legends and folklore, Leiden 1962.

, The secret Adam. A study of Nasoraean Gnosis, Oxford 1960.

, Water into Wine. A study of Ritual Idiom in the Middle East, Londres 1956.

Dummelow, Rev. J.R., Commentary on the Holy Bible, Macmillan, Londres 1917.

Dutt, Jagdish Chandra, *The Kings of Kashmir*, Bose, Calcutá 1879.

Eckert, W.P., et al., *AntiJudaismus im Neuen Testament? Exegetische und systematische Beiträge*, ed. por W. P. Eckert, N. P. Levinson und Martin Stohr, Munique 1967.

Edmunds, A.J., *Buddhist and Christian Gospels*, Innes, Filadélfia 1908-1909.

, *Gospel Parallels from Pali Texts*, Open Court Publishing, Chicago 1900-1901.

Eifel, E.J., *Three Lectures on Buddhism*, Trubner, Londres 1873.

, *Handbook of Chinese Buddhism*, Tóquio 1904.

Eliot, Sir H.N., *History of India as Told by its Own Historians*, 8 vols. Thakker, Spink and Co., Calcutá 1849.

Epiktet, *Discourses I & II*, ed. Loeb, Cambridge (Mass.) 1967. Epiphanius, *Adversus Haereses*, Basel 1545 (British Museum). Epstein, L.M., *Sex Laws and Customs in Judaism*, Nova York 1948.

Faber-Kaiser, A., *Jesus died in Kashmir*, Londres 1978. Farquhar, Dr. J.N., *The Apostle Thomas in South India*, Manchester University Press, Manchester 1927. Ferrari, K., *Der Stern der Weisen*, Viena 1977. Ferrier, J.E., *History of the Afghans*, John Murray, Londres 1858. Fiebig, P., *Die Umwelt des NT*, Göttingen 1926. Finkel, A., *The Pharisees and the Teacher of Nazareth. A study of their background, their halachic and midrashi Teachings. The similarities and differences*, Londres 1964.

Flusser, D., *The Last Supper and the Essenes*, in: *Immanuel*, Jerusalem 1973.

, *Jesu und die Synagoge*, in: *Der Mann aus Galiläa*, ed. por E.

Lessing, Freiburg 1977.

, *Jesus*, tr. de Ronald Walls, Nova York 1969.

Ghulam Ahmad, Hazrat Mirza, *Jesus in India*, Ahmadiyya Muslim Foreign Missions Departament, Rabwah, Paquistão 1962.

, *Masih Hindustan mein (Urdu)*, Qadian, Paquistão 1908.

Gillibert, Emile, *Rôles de Jesus et pensée orientale*, Edition Metanoia, Marsanne, Montelimar 1974.

v. Glasenapp, H., *Die nichtchristlichen Religionen*, Frankfurt 1957.

Goddard, Dwight, *Was Jesus Influenced by Buddhism?* Thetford, Vermont 1927.

Goldstein, M., *Jesus in the Jewish tradition*, Nova York 1959. Govinda, A., *The Way of the White Clouds*, Londres 1966. Graetz, H. *Geschichte der Juden von del ältesten Zeiten bis auf die Gegenwart. Aus den Quellen neubearbeitet*, III & IV, Leipzig 1888ss. Grant, M., *Jesus*, London 1977.

, *The Jews in the Roman world*, Londres 1973.

, *Saint Paul*, Londres 1976.

Graves, R., and Podro, J., *The Nazarene Gospel Restored*, Londres 1953.

Grimm, E., *Die Ethik Jesu*, Leipzig 1917. Grönbold, G., *Jesus in Indien*, Munique 1985.

Haig, Sir T.W., *The Kingdom of Kashmir*, Cambridge University Press, Cambridge 1928.

Handbuch der Kirchengeschichte, Freiburg 1962.

Harnack, A. von, *Das Wesen des Christentums*, Munique 1964.

, *Die Mission und die Ausbreitung des Christentums in den ersten drei Jahrhunderten*, Leipzig 1924.

Harrer, H., *Seven Years in Tibet*, Londres 1957.

Headland, A.C., *The Miracles of the New Testament*, Longman Green, Londres 1914.

Heiler, F., *Christlicher Glaube und indisches Geistesleben*, Munique 1926.

Hennecke, E., *New Testament Apocrypha*, Filadélfia 1963-1966.

Hennecke, E. and Schneemelcher, W., *Neutestamentliche Apokryphen*, I & II Tübingen 1959/64.

Herford, R.T., *Christianity in Talmud and Midrash*, Londres 1903.

Herodot, *The Histories*, tr. de A. de Selincourt, Londres 1959. Hitching, F.,

The World Atlas of Mysteries, Londres 1978. Holl, A., *Jesus in bad company*, Londres 1972. Hollis, Chr. and Brownrigg, R., *Heilige Stätten im Heiligen Land*, Hamburgo 1969.

Hugh, Rev. James, *History of Christians in India from the Commencement for the Christian Era*, Seeley and Burnside, Londres 1839.

Instinsky, H.U., *Das Jahr der Geburt Jesu*, Munique 1957. Irland, W.F., *Die Memoiren David Rizzios*, Leipzig 1852.

Jaccoliot, L., *Le spiritisme dans le monde*, reimpr. Nova York 1966. James, E.O., *Myth and Ritual in the Ancient Near East. An Archeological and Documentary Study*, Londres 1958. Jeremias, J., *Unknown sayings of Jesus*, Londres 1957.

, The eucharistic words of Jesus, Nova York 1955.

, Studienzurneutestamentlichen Theologieund Zeitgeschichte, Göttingen 1966.

, The parables of Jesus, Londres 1957.

, Jerusalem zur Zeit Jesu, Eine Untersuchung der wirtschaftlichen und sozialen Verhältnisse zur neutestamentlichen Zeit, Göttingen 1958.

, Jerusalem und seine grosse Zeit... z.Z. Christi, Würzburg 1977.

John, Sir William, "Journey to Kashmir", in Asiatic Researches, Baptist Mission Press, Calcutá 1895.

Josefo, Fl. Antiquities of the Jews, ed. W. Whiston, Londres 1872.

, Jewish War, ed. W. Whiston, Londres 1872.

, Against Apion, ed. W. Whiston, Londres 1872. , Biography, ed. W. Whiston, Londres 1872.

, Antiquities of the Jews, ed. Loeb, Londres/Cambridge (Mass.) 1924ss.

Juergens, J., Derbiblische Moses als Pulver-und Dynamitfabrikant, Munique 1928.

Jung, E., Die Herkunft Jesu, Munique 1920.

Kahler, Martin, Der songenannte historische Jesus und der geschichtliche, biblische Christus, Wolf, Munique 1969. Kak, R.B. Pandit Ram Chand, Ancient Monuments of Kashmir, India Society, Londres 1933.

Kamal-ud-Din, Al-Haj Hazrat Khwaja, A Running Commentary on the Holy Qur'an, MM and L Trust, Woking, Surrey 1932.

, Islam and Christianity, MM and L Trust, Woking, Surrey 1921.

, The Sources of Christianity, MM and L Trust, Woking, Surrey 1922.

Käsemann, E., Exegetische Versuche und Besinnung, Göttingen 1964.

, A Testament of Jesus, Philadelphia Fortress Press 1968.

Kaul, Pandit Ghawasha, A Short History of Kashmir, Srinagar 1929. Kaul, Pandit Anand, The Geography of Jammu and Kashmir, Thacker, Spink & Co., Calcuta 1913. Kappstein, Th., Buddha u. Christus, Berlin 1906.

Kautsch, E., Die Apokryphen und Pseudoepigraphen des Alten Testaments, I & II, Tübingen 1900.

Kehimkar, H.S., Bani Israel of India, Dayag Press, Telavive 1937. Keller, W., Und wurden zerstreut unter alle Völker. Die nachbiblische Geschichte

des jüdischen Volkes, Munique 1966. Kenyon, Sir Frederick, *Our Bible and the Ancient Manuscripts, being a History of the Texts and Translations*, Eyre and Spottiswoode, Londres 1939.

Khaniyari, Mufti Ghulam Mohammed Nabi, *Wajeez-ut-Tawarikh*, Research Library, Srinagar.

Klausner, J., *Jesus of Nazareth*, Nova York 1935. Klijn, A.F.J., *The Acts of Thomas*, Brill, Leiden 1962. Kissener, Hermann (ed.), *Der Essäerbrief*, Munique 1968. Konzelmann, G., *Aufbruch der Hebräer*, Munique 1976. Koran, Reclam edition, Stuttgart 1960. Kosmala, H., *Hebräer, Essener*, Christen, Leiden 1959. Kroll, G., *Auf den Spuren Jesu*, Leipzig 1974. Küng, Hans, *On being a christian*, Nova York 1976.

Lang, D.W., *The Wisdom of Balahar*, Nova York 1957. Lange-Eichbaum, Wilh. and Kurth, Wolfram, *Genie, Irrsinn und Ruhm*, Munique 1967.

Lawrence, Sir Walter, *The Valley of Kashmir*, Froude, Londres 1895. Lehmann, Johannes, *The Jesus Report*, Londres 1972.

, *The Jesus establishment*, Nova York 1974.

, *Buddha*, Munique 1980.

Levi, *The Aquarian Gospel of Jesus Christ*, Londres 1908. Lewis, Spencer, H., *Mystical Life of Jesus*, Supreme Grand Lodge AMORC, San José, California 1929. *Lexikon der Symbole*, Fourier Verlag, Wiesbaden 1972. Loewenthal, Rev.L, *Some Persian Inscriptions Found in Kashmir*, Asiatic Society of Bengal, Calcutâ 1895. Lohse, E., *Die Texte aus Qumran*, Kösel 1964. Lord, Rev. James Henry, *The Jews in in India and the Far East*, SPCK, Bombaim 1907.

Maier, J., *Die Texte vom Toten Meer, I & II*, Munique 1960.

, *Jesus von Nazareth in der talmudischen Überlieferung*, Darmstadt 1978.

Marxsen, Willi, *Einleitung in das NT*, Gütersloh, Munique 1964.

, *Die Aufersteheung Jesu also historisches und theologisches Problem*, Gütersloh, Munique 1965.

Marzell, *Wörterbuch der deutschen Pflanzennamen*, Stuttgart 1979.

Mensching, G., *Leben und Legende der grossen Religionsstifter*, Darmstadt 1955.

, *Buddha and Christus*, Stuttgart 1978.

Merrick, Lady Henrietta S., *In the Word's Attic*, Putnam, Londres 1931.

Mir Khwand, *Rauzat-us-Safa*, tr. E. Rehatsek, Arbuthnot, MRAS, Londres 1891.

Moore, George, *The Lost Tribes*, Longman Green, Londres 1861.
Mozundar, A.K., *Hindu History (3000 BC to 1200 AD)*, Daca 1917.
Mumtaz Ahmad Faruqi, Al-Haj, *The Crumbling of the Cross*, Ahmadiyya Anjuman Isha'at-i-Islam, Lahore 1973.
Murphet, H., *Sai Baba: man of miracles*, Müller, Londres 1971.

Naber, Hans ver Berna, Kurt

Narain, A.K., *The Indo-Greeks*, Oxford 1962.

Nazir Ahmad, Al-Haj Khwaja, *Jesus in Heaven on Earth*, Azeez Manzil, Lahore 1973.

Nestle, Wilh. *Krisis des Christentums*, Stuttgart 1947.

Noelinger, Henry S., *Moses und Ägypten*, Heidelberg 1957.

Notovitch, N., *Die Lücke im Leben Jesu*, Stuttgart 1894.

, *The Unknown Life of Jesus Christ*, tr. do francês ed. por He-yina Loranger, Rand McNally, Chicago 1894.

Nyawang, Lobsang Yishey Tenzing Gyatso (XIV Dalai Lama) *My Land and My People*, Nova York 1962.

Origen, *Origen against Celsus*, tr. de James Bellamy, Londres 1660.

, *Origen of first principles*, Londres 1936.

Overbeck, F., *Christentum und Kultur*, Basel 1919.

Pageis, E., *The Gnostic Gospels*, Londres 1979. Pannenberg, Wolfhart, *Grundzüge der Christologie*, Gütersloh, Munique 1964.

Pesch., R., *Jesu ureigene Taten?* Freiburg 1970.

Philon, *The Contemplative Life*, ed. Loeb, Londres/Cambridge (Mass.) 1962.

, *The Embassy to Gaius*, ed. Loeb, Londres/Cambridge (Mass.) 1962.

, *Every Good Man is Free*, ed. Loeb, Londres/Cambridge (Mass.) 1962.

, *Flaccus*, ed. Loeb, Londres/Cambridge (Mass.) 1962.

, *Special Laws*, ed. Loeb, Londres/Cambridge (Mass.) 1962.

Philostratus, *The Life of Apollonius*, tr. de CP. Jones, ed. G. W. Bowersock, Londres 1970.

Plange, Th.J., *Christus - ein Inder?* Stuttgart 1907.

Plinius, S.G., *The Letters of the Younger Pliny*, tr. by Betty Radice, Londres 1977.

- , Epistulae, ed. Loeb, Londres/Cambridge (Mass.) 1969.
- Potter, Ch. F., The lost Years of Jesus Revealed, Greenwich, Conn. 1958.
- Prause, G., Herodes der Grosse, König der Juden, Hamburgo 1977.
- Prophet, E. C., The Lost Years of J esus, Malibu 1984. Pryse, J.M., Reincarnation in the New Testament, Theosophical Society, Nova York 1904.
- Rahn, O., Kreuzzug gegen den Gral, Stuttgart 1974.
- Ramsay, Sir William, Was Christ Born in Bethlehem? Hodder and Stoughton, Londres 1905.
- Rangacharya, V., History of Pre-Musulman India, Indian Publishing House, Madras 1937.
- Rapson, Prof. E.J., Ancient India, C.U.P Cambridge 1911.
- Rau, Wilh, Indiens Beitrag zur Kultur, Wiesbaden 1975.
- Ray, Dr. Sunil Chandra, Early History and Culture of Kashmir, Muns-hiram Manoharlal, Nova Delhi 1969.
- Ray, H.C., The Dynastie History of Northern India, 2 vols., Thacker, Spink and Co., Calcuta 1931. Reban, John, ver Berna, Kurt.
- Reilson, Col. W., History of Afghanistan, J. Ryland's Library Bulletin, 1927.
- Ricci, G., Kreuzweg nach dem Leichentuch von Turin, Roma 1971.
- Rihbani, A., Morgenländische Sitten im Leben Jesu, Basel 1962. Ristow, H, and Matthiae, K., Der geschichtliche Jesus und der keryg-matische Christus, Berlim 1961. Robertson, J.M., Die Evangelienmythen, Jena 1910. Rockhill, W.W., The Life of Buddha, Trubner, Londres. Rodgers, Robert William, A History of Ancient India, Scribner, Londres 1929.
- Rose, Rt. Hon. Sir George H, The Afghans: The Ten Tribes and the Kings of the East, Operative Jewish Converts Institution Press, Londres 1852.
- Schelkle, K.H., Die Gemeinde von Qumran und die Kirche des NT, in: Die Welt der Bibel, Düsseldorf 1960.
- , Die Passion Jesu in der Verkündigung des NT, Heidelberg 1949.
- Scheuermann, O., Das Tuch, Regensburg 1982. Schoeps, HJ., Aus frühchristlicher Zeit, religionsgeschichtliche Untersuchungen, Tübingen 1950.
- Schräge, W., Das Verhältnis des Thomas-Evangeliums zur synoptischen Tradition und zu den koptischen Evangelien-Übersetzungen. Zugleich ein

Beitrag zur gnostischen Synoptikerdeutung, Berlin 1964. Schröder, H., Jesus und das Geld, Karlsruhe 1979. Schubert, K., Die Gemeinde vom Toten Meer, Munique 1958.

, Der historische Jesus und der Christus unseres Glaubens, Vienna and Freiburg 1962.

, Vom Messias zum Christus, Viena and Freiburg 1964.

, Jesus in Lichte der Religionsgeschichte des Judentums, Viena 1973.

Schulz, P., Ist Gott eine mathematische Formel? Reinbek bei Hamburg 1977.

, Weltliche Predigten, Reinbek bei Hamburg 1978.

Schure, E., Die grossen Eingeweihten, Paris 1927.

Schweitzer, A., The quest of the historical Jesus, Londres 1945. Schweizer, E., Jesus Christus im vielfältigen Zeugnis des Neuen Testaments, Munique and Hamburgo 1968.

Seydel, R., Das Evangelium von Jesus in seinem Verhältnis zu Buddha-Sage und Buddha-Lehre, Leipzig 1882.

Shams, J.D., Where did Jesus Die? Baker and Witt, Londres 1945. Smith,

R.G., Early Relations between India and Iran, Londres 1937. Smith, V.A.,

The Early History of India, Clarendon Press, Oxford 1904. Speicher, G.,

Doch sie können ihn nicht töten, Düsseldorf 1966. Sri Yukteswar, The

Holly Science, Self-Realization Fellowship, Los Angeles 1949.

Stauffer, Ethelbert, Jesus, Gestalt und Geschichte, Berna 1957. Stein,

M.A., (tr.) Kalhana's Chronicle of the Kings of Kashmir, 2 vols., Londres

1900.

Strack, H.L. and Billerbeck, P., Kommentar zum NT aus Talmud und

Midrasch, I-V, Munique 1956.

Strauss, D.F., The life of Jesus, London 1906.

Stroud, William, On the Physical Cause of Death of Christ, Hamilton and

Adams, Londres 1905.

Suetonius, G.T., The Twelve Caesars, tr. de R. Graves, Harmonds-worth

1957.

, The Twelve Caesars, ed. Loeb, Londres/Cambridge (Mass.)

1970.

Sutta, Pandit, Bhavishya Mahapurana (MS in State Library, Srinagar),

Venkateshvaria Press, Bombaim 1917.

Tacitus, P.C., *The Annals of Imperial Rome*, tr. M. Grant, Harmondsworth 1956.

, *The Histories*, r. de Kenneth Wellesley, Harmondsworth 1964.

, *Annales*, ed. Loeb, Londres 1968-1970.

, *Historiae*, ed. Loeb, Londres 1968-1970.

Thomas, P., *Epics, Myths and Legends of India*, 13th ed. Taraporevala, Bombaim 1973.

Vigne, G.T., *A personal narrative of a visit to Ghuzni, Kabul and Afghanistan*, Londres 1843.

Vielhauer, P., *Geschichte der urchristliche Literatur. Einleitung in das NT, die Apokryphen und die Apostolischen Väter*, Berum 1975. Vögtle, A., *Exegetische Erwägungen über das Wissen und Selbstbewußtsein Jesu*, Freiburg in Breisgau 1964.

Waddell, L.A., *Lhasa and its Mysteries*, Sanskaran Prakashak, Nova Delhi 1975.

Walsh, J. *The Shroud*, Nova York 1963.

Warechaner, J., *The Historical Life of Christ*, Londres 1927.

Watzinger C, *Denkmäler Palästinas, Eine Einführung in die Archäologie des Heiligen Landes. I & II*, Berlin 1911.

Weinreb, F., *Das Buch Jonah*, Zuriq 1970.

Wheeler, M., *Alt-Indien*, Colônia 1959.

Widengren, G., *Die Religionen Irans*, Stuttgart 1965.

Wilcox, R.K., *Shroud*, Nova York 1977.

Williams, Sir Monier, *Buddhism*, Macmillan, Nova York 1889. Wilson, H.H., *History of Kashmir*, in *Asiatic Researches*, Baptist Mission Press, Calcutá 1841. Wilson, I., *The Shroud of Turin*, 1978. Wilson, W.R., *The Execution of Jesus*, Nova York 1970. Wolff, J., *Erzählung einer Mission nach Bokhara*, Londres 1845. Wright, Dudley, *Studies in Islam and Christianity*, MM and L Trust, Woking, Surrey 1943.

Wuenshel, Edward, *Seif Portrait of Christ*, Nova York 1954.

Yadin, Y., *Bar Kokhba, the rediscovery of the legendary hero of the last Jewish revolt against Imp. Rome*, Londres 1971.

_, *Masada. Der letzte Kampf um die Festung des Herodes*, Hamburg 1972.

Yasin, Mohammed, *Mysteries of Kashmir*, Kesar Srinagar 1972.

Younghusband, Sir Francis, *Kashmir*, Black, Londres 1909.

Zahrnt, H., Es begann mit Jesus von Nazareth. Zur Frage des historischen Jesus, Stuttgart 1960.

Zimmermann, H, Jesus Christus: Geschichte und Verkündigung, Stuttgart 1973.

Zimmern, H, Zum Streit um die "Christus Mythe", Berlim 1910. Zöckler, Otto(ed.), Die Apokryphen des Alten Testaments, Munique 1891.

Créditos

Pág. 6: S. Lettow; pág. 20: do livro de N. Notovitch; pág. 44: F. M. Hassnain; págs. 51 e 52: Arquivos; pág. 57: Arquivos; pág. 73: F. M. Hassnain; pág. 114: Arquivos; pág. 118: A. D. Thomas; págs. 155 e 159: G. Enrie; pág. 157: Lateran Museum, Roma; pág. 178: Desenho de Alexander Schönfeld; págs. 181 e 189: The National Geographie Society; pág. 186: Ars Mundi; págs. 220, 222, 223: F. M. Hassnain; pág. 232: K. Dümmer; págs. 233, 234, 235 e 236: E. Mörck, *Bunte Illustrierte*.

Fotos do Autor

Págs. 40, 48, 65, 76, 89, 90, 91, 92, 175, 180, 182, 183, 184, 185, 187, 194, 202, 206, 210, 213, 224, 226.

Mapas de Klaus Dümmer.

